

UMA RUA CHAMADA BORBOLETAS PSICODÉLICAS

E outras histórias do projeto Viva São Paulo



Organizado por **Juliano Spyer**

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

E outras histórias reais do projeto Viva São Paulo

Queridos leitores, queridas leitoras,
Recebam um abraço carinhoso em nome
de todas e de todos que contribuíram para
este livro ter ficado tão bonito por
dentro e por fora.

Juliano Spyer
SP, junho 2020

Este exemplar faz parte da edição especial deste livro, feita
para o evento online de lançamento no dia 21 de junho de
2020 no **Museu da Imagem e do Som de São Paulo**.

© 2020 Juliano Spyer et al, registro Creative Commons

Esse livro foi publicado sob Atribuição da Creative Commons. Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Você tem o direito de: Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato; Adaptar - remixar, transformar, e criar a partir do material. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença. De acordo com os termos seguintes: Atribuição - Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso. Não Comercial - Você não pode usar o material para fins comerciais. Compartilha Igual - Se você remixar, transformar, ou criar a partir do material, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença que o original. Sem restrições adicionais - Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas : e outras histórias reais do projeto Viva São Paulo /
Juliano Spyer (organizador). -- 1. ed. --
São Paulo : PerSe, 2020.

Vários autores.

ISBN 978-65-86045-12-3

1. Bairros - (São Paulo, SP) - História 2. Crônicas brasileiras 3. Projeto Viva São Paulo 4. Relatos pessoais 5. São Paulo (Cidade) - História
I. Spyer, Juliano.

20-35347

CDD-869.93

Índices para Catálogo Sistemático

1. Crônicas biográficas: Literatura brasileira - 869.93

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

E outras histórias reais do projeto Viva São Paulo

Primeira Edição

Juliano Spyer (Organizador)

2020
São Paulo



Créditos

Edição Executiva: Juliano Spyer
Edição: Rosângela Silva Ducati
Assistência Editorial: Isabela Casellato
Projeto Gráfico e Diagramação: PerSe Editora
Revisão: Rosângela Silva Ducati
Capa: Pedro Albuquerque
Consultoria Tipográfica: Cosimo Lupo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editora PerSe
Rua Lincoln Albuquerque, 259, conj. 118
Perdizes, CEP 05004-010
São Paulo – SP – Brasil

Patrocinadores

Hector Albertazzi



Este livro é dedicado a Geraldo Nunes e José Carlos Sebe
Bom Meihy. E a Carmen Mattos, *in memoriam*.

A memória vivia não na posse inicial, mas nas mãos livres, perdoadas e libertas, e no coração que pode se esvaziar, mas se encher novamente, nos padrões restaurados pelos sonhos.

Eudora Welty, *The Optimist's Daughter*

[Sampa] é uma mulher (ou um homem) belíssima(o) que se oferece, tentador(a), como se amasse, te envolve, te seduz – e na hora em que você não suporta mais de tesão e faria qualquer negócio, ela(e) te diz o preço. Que é muito alto.

Caio Fernando Abreu, “A Luciano Alabarse”, em *Cartas*

Sumário

SOBRE ESTE LIVRO 17

Brevíssima apresentação 19

São Paulo é uma viagem 21

ANOS 1920 23

Recordações de São Paulo 25

O turco bobo 26

Vovó e a revolução 27

Minha rua 28

Uma história de amor 29

ANOS 1930 31

Piracema no Ipiranga 33

Corrida de aviões 34

Estouro da boiada no Paraíso 35

Com a boca na botija 37

Comprinhas em 35 39

Escola na Ilha dos Sapos 40

Os compadres da Lapa 42

Férias em Interlagos 44

Vim ao mundo no Instituto Butantan 46

Andarilhos da Vital Brasil – os músicos 48
Andarilhos da Vital Brasil– os mascates 50

ANOS 1940 53

O melancólico final do autor de *Macunaíma* 55
Ano-Velho, Ano-Novo 57
Lembranças do Mappin 59
O primeiro porre 60
Vizinhos espiões 63
Memórias do vendedor de *lingerie* 64
Atropelamento em 1946 66
A várzea do Tietê 67
A grande família 70
A chácara 72
A mestra do dedinho torto 74
Saltar do bonde 75
A velha “Cidade Nova” 76
Rego Freitas na década de 40 78
A Esquina do Pecado 79
Nossa rotina dominical 80
Os passeios da minha mãe 82
Ladeira quebra-bunda 84

ANOS 1950 87

Passarinhada de pardais 89
As calçolas da *mamma* 91

Velório na Esquina do Pecado	93
O respeitado guarda civil	95
Maravilhosa década de 50	97
Memórias da Vila Nova Conceição	100
Sequestro do televisinho	102
Para, Cosme!	104
Mulher de calça comprida	105
A montanha-russa	106
O soldado constitucionalista	107
Rachas no Ibirapuera	108
Rã à milanesa	109
Vovô Zacharias	110
Piquenique nos anos 50	112
Passeiozinho!	113
A história de N.	115
Não tive a mínima culpa	117
Hoje a garotada diz que agita	119
O tarado se deu mal	122
Nas tardes quentes	123
Banho no Tietê	125
Uma gaúcha no Bom Retiro	126
O velho Mappin	128
A derrota	129
Ribeiro de Barros asfaltada	131
Vila Carmem, sem luz nem água	133

Maria Louca 135

O frango de domingo 136

ANOS 1960 137

Teje preso! 139

Travessuras e balas de coco 142

Moleque de rua 144

A Turma do Tarantão 145

Dia dos Pais 146

Meu cunhado e Os Mutantes na Avenida Paulista 147

Circo-Teatro do Zé Coqueiro 149

A brincadeira do fogareiro 152

A *lasagna* da Cantina Veneto 153

O frangueiro, o “compra roupa”, o amolador
de facas e outros heróis quixotescos 155

O ladrão fica na delegacia 156

O passeio até a Galeria Prestes Maia 157

Procissões da Sexta-Feira Santa 158

Roda-Viva 161

O mooquês que vocês mi qué, non? 163

A Seleção de 70 treinou na Mooca, meu! 164

Uma deferência 166

O imortal na pizzeria 167

Frustrações de imigrante 168

Os guerrilheiros da Faculdade de Direito 170

Memórias cavалares 172

O velho Brooklin Novo	175
Solidariedade no trabalho	177
Pelos corredores do Martinelli	178
Um cego de visão no Martinelli	180
Festa junina	182
O rádio e a televisão de casa	183
Carrinhos de rolimã na Vila Sônia	185
A Casa do Ator	186
Cuidado com o Peniquinho!	188
Missa na TV Record	189
Meu colega Parker	190
O Homem-Cavalo	192
Aquele barulho agressor	193
Olho Vivo Erontex	195
A lasanha do Pelicano	196
Interlagos	197
Um pouco de saudosismo	199
Bolão	201
Cidade Dutra, 1966	203

ANOS 1970 205

Papai Noel no Brás	207
O suicida na 23 de Maio	209
No tempo da delicadeza	210
Augusta acarpetada	211
História da prisão do nosso amigo	212

A repressão	214
Os domingos em Congonhas	215
O caso do Vitório	216
O abacateiro e a taturana	217
Tiroteio nas alturas	219
Joan Baez no Tuca	221
Era uma vez uma avenida...	222
Roleta russa na Rebouças	226
Nasce um palmeirense	228
O resgate de objetos roubados	230
Uma história “king-size”	232
Praça Roosevelt	233
Até o ponto final do ônibus Veleiros	235
O Geisel está chegando	236
Marrom, apelido do Elpídio	237
Anos de chumbo grosso	239
ANOS 1980	241
Fusquinha táxi	243
Um peso na cabeça	244
Os fliperamas: do submundo à glória	245
O Ponto Chic e a blitz	246
O santo vai dar uma força	248
Miss Minhocão	250
Vila Brasília vai virar condomínio de luxo	251
Uma canção iluminada	252

Dona Ana Maria 254
A pescada boa do Ipiranga 258
Rodeada de pássaros e árvores 259
A Vó e o pinheiro 260

ANOS 1990 261

Felizes Anos-Novos 263
Um amigo soropositivo 264
O Palácio das Princesas 266
Um ato heroico 268
Uma arma desconhecida 270
Polícia, 190! 271
Galos na madrugada 273
Natal na casa da sogra 274
Jammal, um brasileiro 275
Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas 278
Meu amigo Marajá 279

ANOS 2000 281

25 de Março ontem e hoje 283
A feira do rolo 285
Comidinhas indigestas 286
Uma cena lastimável, ou: Como meu personagem
vigia a praça da Biblioteca Municipal 288
Psiu! 290
O menino cor de cola 292
Batizado boliviano em SP 293

Vizinhos: uma convivência primitiva?	295
Coisas que acontecem nas metrópoles	296
Meu último tiquinho do Ibirapuera	297
Uma vizinha muito especial	299
Casamento na ZêLê	300
Mais festa na Zona Leste	303
Cruzando a cidade	305
A muralha	307
Malucos e maluquices	308
Ruas mortas	310

A HISTÓRIA DESTE LIVRO 311

Nota sobre direitos autorais e sobre opiniões dos autores	316
--	-----

ÍNDICE DE LUGARES RETRATADOS EM NOSSAS CRÔNICAS 316

ÍNDICE TEMÁTICO 323

CRÉDITOS E AGRADECIMENTOS 329

NOSSOS AUTORES E SEUS TEXTOS 332

Sobre este livro

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Brevíssima apresentação

No final do livro há um relato detalhado sobre a história deste projeto, mas, para você entender de onde vêm as contribuições que compõem esta coletânea e por que elas foram escritas, basta saber o que está a seguir.

Eu desenvolvi o projeto **Viva São Paulo** para produzir uma “biografia viva” da cidade a partir da reunião de relatos de memória de seus moradores. Estávamos em 2003, no período em que a internet se popularizava no Brasil, e um site criado para o projeto permitia que qualquer pessoa contribuísse enviando suas lembranças de maneira fácil e rápida. Uma parceria com as rádios Eldorado AM e FM possibilitou que os melhores registros se tornassem boletins transmitidos diariamente como parte da programação dessas emissoras para celebrar os 450 anos da cidade de São Paulo. A divulgação ampliou o alcance do site e o número de participações.

O site permitia também que os interessados comentassem os textos, e essas conversas rapidamente levaram à organização de encontros presenciais rotineiros abertos ao público. As atividades consistiam de passeios pela cidade e reuniões para a contação de histórias ao vivo. Esses eventos consolidaram o vínculo entre aproximadamente 50 participantes de origens diversas, moradores de todas as regiões da cidade, que partilhavam entre si a vontade de conhecer São Paulo por meio de histórias e experiências de pessoas comuns.

A ambição de encerrar o projeto com a publicação de um livro levou 15 anos para se consumir, e isso aconteceu graças ao esforço desse grupo formado em torno do site. Os participantes mais assíduos do **VivaSP** primeiro colaboraram para selecionar, entre mais de 8 mil registros, os 164 textos incluídos aqui. Mais recentemente, abraçaram a campanha de financiamento coletivo realizada para contratar profissionais experientes da área editorial. Com eles, a qualidade estética da publicação ficou à altura da beleza singela das histórias que compõem a coletânea.

Em virtude desses esforços, a versão impressa e o e-book deste livro podem ser adquiridos nos melhores sites de venda online do Brasil, e a versão em PDF estará para sempre disponível gratuitamente para download e compartilhamento online.

As lembranças que constituem este livro estão organizadas cronologicamente para que o leitor, acompanhando as histórias do início ao fim, perceba a gradual transformação da cidade entre 1920 e 2000 narrada por pessoas em diferentes estágios da vida. No final há dois índices alternativos: um geográfico e outro temático. Usando o primeiro, você encontrará as histórias reunidas por regiões de São Paulo e por bairros onde os eventos narrados aconteceram. Quem quiser saber mais sobre uma parte da cidade – por exemplo: Pirituba, Pinheiros, Zona Leste, Vila Iório, Jardim Lusitânia – localizará ali o conteúdo organizado por esse critério. Ou, se preferir ler textos sobre assuntos semelhantes, o índice temático reúne as participações que discorrem sobre, por exemplo, amor, comida e conflitos até trabalho e vizinhança. Finalmente, você pode encontrar as contribuições reunidas por nome do autor.

Boa leitura!

Juliano Spyer

São Paulo é uma viagem

Este livro reúne histórias de amor, de humor, de dor, de ironia, de paixões, de gratidão, de melancolia, de muitos outros sentimentos, matizes e raízes, passadas em São Paulo, frutos da escrita de paulistanos por nascimento ou por escolha, de várias origens e formações, que retratam o dia a dia na cidade controversa e apaixonante em épocas diversas.

Há desde textos curiosos por seu humor perspicaz até relatos pungentes de eventos que se traduzem em consternação e saudade. Produzidos a partir das contribuições de 85 participantes do projeto radiofônico **VivaSP**, constituem um mosaico único que reflete a riqueza das relações que se podem estabelecer entre as pessoas e seu espaço de vivência.

Sem a pretensão de parecer escritores profissionais, esses homens e mulheres contam histórias únicas com a intenção de partilhar sua experiência nessa metrópole singular e de múltiplos humores; para uns a mãe de todas as oportunidades, para outros um monstro que a tudo e todos devora; complexa, desafiadora, doce e cruel ao mesmo tempo.

O resultado é um mosaico de produções textuais que ousou denominar de literatura ingênua. Por sua pureza de propósito, por sua singeleza ímpar, por sua autenticidade, esta coletânea traz um retrato multifacetado da cidade desde a década de 1920 até os anos 2000. Cada um a seu modo, nossos cronistas convidam a uma viagem pela história paulistana ancorada em fatos reais experimentados por pessoas reais. É uma jornada instigante e surpreendente em muitos momentos. Embarque conosco.

Rosângela Silva Ducati

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Anos 1920

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Recordações de São Paulo

Yonne Sophia Forcellini

Paraíso/Cerqueira César, zonas Sul e Oeste

[sem data definida]

Tarde amena, inundada de luz. Céu azul. A Avenida Paulista, cortada pelos trilhos dos bondes camarões, deslizando da Rua da Consolação à Praça Oswaldo Cruz entre casarões antigos. Arquiteturas de estilos contrastantes, mas, em comum, a imponência das mansões e os jardins floridos. Renques de ipês pontilhando de ouro às calçadas.

A mão de mamãe, coberta por delicada luva de renda, segurando a minha. A meio caminho, uma parada.

À direita, o Parque Trianon, ultrapassando a Alameda Santos para morrer diante do Colégio Dante Alighieri, na Alameda Jaú.

À esquerda, o Belvedere. Lembrança vaga de vidros transparentes. No terraço panorâmico, clientes desfilando a elegância de seus trajes de verão. Sobre as mesinhas, taças de sorvete despertando a gula. O olhar perdido na amplidão, alongando-se, como a sombra do entardecer, por sobre o casario, até a linha distante do horizonte.

ERA SÃO PAULO.

Noite escura e fria. Sentinelas da paz e do silêncio, as árvores da Praça da República exibindo, altaneiras, suas copas, como soberbas coroas reais.

Papai sorrindo, os olhos brilhantes sob o chapéu de feltro e o braço amigo envolvendo-me os ombros.

Através da gaze fina da névoa, a luz dos lampiões transformando em fios dourados a garoa miudinha.

Alamedas desertas. Repousando, na Rua Barão de Itapetininga, o Fasano, ponto de encontro de personalidades ilustres (ah, a emoção adolescente do aperto de mão de Monteiro Lobato!). Da Avenida São João, sons abafados de raros e retardatários carros. Na Avenida Ipiranga e nas ruas que se irradiavam da praça, o asfalto molhado virando espelho.

Capotes úmidos. Felicidade vibrando no ar sereno. Ausência total de medo ou de preocupação. Plenitude de vida cantando no coração da cidade.

AINDA SÃO PAULO.

O turco bobo

Jorge Zodbi

Pari, Zona Leste

[sem data definida]

No bairro do Pari, na esquina da Rua Mendes Gonçalves com a Rua Silva Telles, em um grande terreno, nos idos de 1920, ficava na esquina a loja de tecidos e armarinhos de meu avô. Nos fundos, dando para a Mendes Gonçalves, a grande casa da família, no estilo oriental, com um amplo quintal, em cujo centro, por cima do poço de água, ficava um chafariz e bebedouro.

O personagem era um tal de senhor Medeiros, leiteiro do bairro, com sua carroça com vários galões, que percorria o bairro, atendendo as mulheres, com suas vasilhas, que compravam tostões de canecas de leite.

O último cliente que o senhor Medeiros atendia era o meu avô, no final do dia, após chacoalhar o leite na carroça o dia inteiro. Ele se dirigia para o quintal da casa, onde dava de beber ao seu cavalo, e comia um lanche que minha avó lhe preparava.

O que sobrava do leite, já meio azedo nos latões, era dado para minha avó, que, em troca, os entregava lavados e limpos.

No bairro, o português Medeiros comentava:

– Ah, o leite que me resta eu dou “praquele” turco bobo... Eles bebem leite estragado!

O leite que sobrava, minha avó e minhas tias ferviam, e dali faziam manteiga e creme, coalhada fresca e seca, quimeche, o pão de leite, que o português comia no lanche que lhe era servido.

Vovó e a revolução

Esther Saba

Mooca, Zona Leste

1924

Recordo-me de minha mãe sentada na sala, e minhas filhas pedindo: “Vó, conta a história da revolução!” E ela, mais uma vez, começava:

– Eu era menina e frequentava um ateliê na Rua Barão de Itapetininga, onde aprendia costura, bordado, enfim, coisas da época. Um dia, creio que no mês de julho, o marido da “madame” dona da escola chegou da rua muito nervoso e dispensou as alunas. Estourava a Revolução Paulista de 1924.

Morávamos na Mooca, um dos bairros mais atingidos. Para chegar em casa era preciso atravessar o Viaduto do Chá - que naquela altura já havia sido ocupado por soldados - para tomar o bonde.

Depois de uma espera que pareceu interminável, finalmente peguei o bonde. Ao chegar à Mooca, meu pai aguardava aflito, assim como outras pessoas. Todos respiraram aliviados quando chegamos da “cidade”, como era chamado o Centro naquele tempo.

Meu pai, chefe de família com nove filhos, logo percebeu que seria difícil permanecer em casa e resolveu nos levar para a casa de sua irmã na Rua Minas Gerais, onde ficaríamos mais protegidos.

Antes, porém, soltou os animais no pasto, escondeu nosso dinheiro dentro de um saco de ração e deixou dois empregados que não tinham para onde ir escondidos no porão de casa. Minha mãe queria levar joias e outros objetos, mas meu pai não deixou.

Permanecemos em Higienópolis até o final da revolução. Ao retornarmos, encontramos a casa semidestruída, saqueada e, o mais triste, a notícia de muitas mortes.

Reconstruímos a vida com dificuldades, e minhas aulas de costura serviram para coser novas roupas para meus irmãozinhos.

Este episódio é desconhecido pelos mais novos, que se surpreendem ao saber que muitos bairros foram bombardeados e saqueados. Os paulistas queriam a convocação de uma nova Assembleia Constituinte e voto secreto e lutaram por seus anseios.

Minha mãe faleceu em 1993, sem nunca ter esquecido esse episódio. Agora, sou eu que conto a mesma história para meu neto, como minhas filhas contarão a seus netos, para que a memória deste povo valente não se perca.

Minha rua

Roberto Pereira da Fonseca

Perdizes, Zona Oeste

[sem data definida]

Era uma via de um só quarteirão. Ligava a Rua Cardoso de Almeida à Rua Monte Alegre, no alto das Perdizes. Chamava-se Rua Dr. Estevam de Almeida (nome do pai do poeta Guilherme de Almeida).

Eu disse “chamava-se” porque ainda hoje existe uma rua no mesmo lugar, mas não é nem de longe a de minha infância.

Era um lugar cheio de vida. Logo cedo vinham o Turco Verdureiro, com sua carroça multicolorida de verduras e legumes, e a Cabreira, anunciada pelos guizos de suas cabras, vendendo leite tirado na hora, seguidos do padeiro português em sua carrocinha, oferecendo pães para todos os gostos, arrumados em uma cesta de vime.

No fim da tarde era o alarido da criançada. Pega-pegas, pi-que, queimada, bola. De vez em quando as meninas pulavam corda. Mas não uma corda qualquer: ela ia de um lado ao outro da rua, e pulavam juntas oito, dez garotas.

Começava a escurecer. As mães surgiam nos portões chamando para o banho. “Só mais um pouquinho!” Era nessa hora também que vez por outra passavam dois personagens marcantes: um negro alto e forte apregoando “Olha o pinhão! Pinhão cozido!”, e um tipo caipira, balaio na cabeça, “A pamonha! Pamonha quentinha!”

Nos domingos, no meio da tarde, ao ouvirmos o “tec-tec” da matraca, saíamos à rua. O dono da matraca arriava das costas um pequeno tambor em cuja tampa havia uma espécie de roleta rústica. Pagávamos 200 réis e girávamos o ponteiro da roleta. Deu o número 6! E o felizardo recebia 6 “canudos”. Mais tarde fiquei sabendo que o nome do tal canudo era biju, e ainda hoje, quando paro em um sinal e alguém me oferece aquela delícia, não deixo de comprar. Sigo em frente enchendo meu colo e o banco do carro de farelo.

Será que ainda existe por aí uma rua como aquela Estevam de Almeida?

Uma história de amor

Ricardo Ferreira

Freguesia do Ó, Zona Norte

[sem data definida]

Vale a pena repetir a bela história de amor de seu Alexandre e dona Therezinha.

Velhos conhecidos da família, eles eram dos moradores mais antigos do Guaimim. Como bons filhos de portugueses, possuíam uma chácara onde plantavam hortaliças, que ele vendia nas feiras de São Paulo. A chácara fazia frente para a Estrada do Congo (Atual Elísio Teixeira Leite) e era cortada pelo Córrego Guaimim.

O progresso foi mudando as feições dos bairros, e a Freguesia do Ó deixou de fazer parte do cinturão verde da capital, tendo suas chácaras retalhadas em loteamentos, os córregos canalizados e as várzeas aterradas. Com a chácara do seu Alexandre não foi diferente: a abertura da Avenida Ministro Petrônio Portela exigiu a desapropriação de grande parte de sua propriedade. Mesmo assim, ele manteve um grande terreno na frente de casa no qual cultivava uma bela horta e vendia as verduras aos vizinhos.

Muitas vezes fui até lá a fim de comprar almeirão para os passarinhos e pacientemente respondia às perguntas sobre a saúde de avós, pais e tios. Dona Therezinha, já vítima de leve esclerose, às vezes se confundia com as gerações e me tomava por meu pai. Noutras ia mais longe e perguntava se eu me lembrava de seu casamento. Apesar dos mais de sessenta anos que nos separavam, eu dizia que sim, e, enquanto seu Alexandre fazia os maços de almeirão e couve, ela relembrava:

– Sabe, um dia eu estava na janela, lá na casa de meu pai, e um rapaz passou a cavalo. Ele me olhou e tirou o chapéu. No dia seguinte, passou de novo e perguntou se podia namorar comigo. Eu disse que ele tinha de falar com meu pai, ele é que resolvia. Pois não é que o danado sumiu? Aí, um dia, eu estava de novo na janela, e o Alexandre passou em cima da carroça com o pai dele. Ficou me olhando, olhando... E passou outro dia, e mais outro, até que um dia parou e disse que queria namorar comigo. Eu falei que só pedindo pro meu pai, e ele não fugiu, não! Foi lá, conversou com meu pai, e logo nós casamos. E você lembra como o Alexandre era bonito?

Ela baixou o tom de voz, olhou de rabo de olho para o marido e confidenciou:

– Pois é, ele era bonito. Quando ele ia pra feira, vender as verduras aqui da chácara, eu pedia pra ir junto, pra ajudar. Mas era

mentira, eu ia junto pra vigiar ele, pra nenhuma sirigaita tomá-lo de mim. Mas ele não sabe disso, ele acha que eu ia ajudar.

E ria, achando graça de seu ciúme.

Sempre que saíam à rua, era de braços dados. Nunca vi nenhum passar desacompanhado. Quando chegavam em frente à casa da tia Celina, paravam e lá do outro lado da avenida acenavam. Depois seguiam até a padaria, aí iam dar um dedo de prosa com o Amâncio e a Nilda, passando pela Nena do Zé Demétrio. Todos os chamavam de “pombinhos”, tal era o amor que os unia.

Mas a saúde de dona Therezinha estava abalada, e me lembro do dia em que meu primo trouxe a triste notícia: ela estava com câncer. Eu sempre perguntava sobre seu estado aos parentes e vizinhos mais chegados, até que, um dia, o inevitável: ela havia morrido.

No velório, seu Alexandre estava alquebrado, e parecia que as rugas se acentuavam em seu rosto. Ao me ver, ele começou a chorar, dizendo que sua pombinha havia morrido. Uma sobrinha contou que na madrugada ele chamava pela esposa, dizendo: “Acorda, sua preguiçosa”, mas ela não abriu os olhos. Foi então que essa sobrinha o abraçou e disse: “Não adianta, tio. Ela não vai mais acordar”.

Com mais de 90 anos, ninguém achava que ele fosse resistir por muito tempo àquela separação, mas, contra todos os prognósticos, ele ainda viveu mais um ano. Triste, mas viveu. E, numa das vezes em que passei em sua casa para um bate-papo, ele me contou sua versão da história tantas vezes ouvida da boca de dona Therezinha.

– Você sabe que eu trabalhava na feira, não é? Pois então, foi assim que conheci a Therezinha. Logo que nos casamos, ela insistia pra ir junto comigo, me ajudar na barraca. Eu dizia que não, que não precisava. Afinal, naquele tempo saíamos daqui às 4 da manhã, no carroção puxado por burros, nessas estradas sem luz, de terra. Mas ela era teimosa e ia junto. Só que ela pensava que me enganava; ela não ia pra ajudar, ia, sim, pra me vigiar. Tinha medo que eu arrumasse alguma amiga.

Nesse momento seus olhos se encheram de lágrimas, e ele finalizou sua história:

– Ela ia me vigiar, mas não precisava. Eu nunca ia olhar pra outra. Ela que era o amor da minha vida. Só a ela que eu amava...

Anos 1930

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Piracema no Ipiranga

Oscar Munhoz

Ipiranga, Zona Sul

[sem data definida]

Meados da década de 30.

Eu, com meus 8 ou 9 anos de idade, caminhava em direção à escola, como fazia todos os dias, pela Avenida Tereza Cristina [atual Ricardo Jafet], então sem calçamento e desabitada, ladeada por grandes chácaras de hortaliças que abasteciam as quitandas da região.

Seguia margeando o famoso Córrego do Ipiranga, já canalizado por ocasião dos festejos do Centenário da Independência, em 1922.

Cerca de 100 metros antes da desembocadura daquele córrego no Rio Tamanduateí terminava sua parte canalizada, formando assim uma pequena queda-d'água e uma bacia de águas tranquilas.

Foi quando me deparei com um espetáculo inesquecível para qualquer criança: centenas de peixes se agitavam freneticamente na pequena bacia e, em saltos espetaculares, tentavam vencer aquela barreira. Jamais esqueci aquela agitação dos peixes de tamanhos variados, cujo brilho metálico faiscava sob o sol de dezembro.

Mais tarde vim a saber que o fenômeno tinha o nome de piracema. Sim, senhor, piracema no Córrego do Ipiranga...

Creio que poucos podem relatar tamanho privilégio.

Ao longo da vida, assisti em grandes rios a piracemas muito maiores, mas a que me ficou na memória foi aquela no famoso córrego, e, até hoje, ao me lembrar, sinto uma doce emoção e, por que não dizer?, uma pontinha de orgulho, repito, pelo privilégio.

Corrida de aviões

Roberto Pereira da Fonseca

Perdizes, Zona Oeste

1938

O ano talvez fosse 1938. Alguém resolveu promover em São Paulo uma corrida de... aviões!

De minha casa, no alto das Perdizes, divisava-se todo o conjunto de colinas a que se dava o nome de Sumaré. Lá no topo, as duas únicas construções: a caixa-d'água e a torre da Rádio Difusora.

Uma bela tarde, meu avô me chama: “Vamos lá para o terraço que vai começar a corrida de aviões! Não demorou muito, e o primeiro avião, saindo do Campo de Marte, passou zunindo em voo rasante sobre nossa casa e, contornando em manobra arriscada a torre da Difusora, voltou ao ponto de partida.

A ele se seguiram muitos outros, numa atordoada de fazer inveja, do ponto de vista sonoro, ao melhor dos forrós. Quem ganhou? Não sei dizer, já que passaram sobre minha cabeça desde velozes monoplanos de asa baixa até velhos biplanos e teco-tecos.

Estouro da boiada no Paraíso

Célio Debes

Paraíso, Distrito da Vila Mariana, Zona Sul
1937/38

Em 1937, ou 1938, eu morava na Rua Sampaio Viana, no Paraíso, no primeiro quarteirão, entre a Rua Cubatão e a antiga Rua Bispo, atual Desembargador Eliseu Guilherme. Em prosseguimento a essa via, em direção à Rafael de Barros, existia um trecho conhecido como “bequinho”, em cuja extremidade, na confluência com essa rua, havia uma armação de ferro constituída por duas colunas que sustentavam uma trave do mesmo material, em forma de V, tendo coisa de 1 centímetro de espessura, com a abertura voltada para baixo. Era um obstáculo que impedia o tráfego de veículos.

Numa manhã de domingo, vários adolescentes e crianças, como de costume, brincavam e conversavam na rua quando o tropel de animais interrompeu os folguedos e estancou o alarido.

Aproximando-se a disparada, constatou-se que eram bois que, em desabalada carreira, ocupavam todo o espaço entre as casas da Rua do Bispo e enveredavam pelo bequinho. Nada impedia aquela marcha. Nem mesmo o obstáculo conseguiu conter a manada desembestada. Pelo contrário, não suportando o peso dos animais, envergou, formando uma barreira.

Era o estouro da boiada, verificado em plena área urbana, num bairro eminentemente residencial! Àquela altura, os animais ainda percorriam as ruas da cidade para o abate em direção ao matadouro – ao que parece, o localizado na Vila Clementino, hoje sede da Cinemateca.

O gado prosseguiu na estripulia, espalhando-se por várias artérias do bairro, invadindo imóveis abertos, entre eles o Cine Paraíso, situado na via de igual nome. O prédio que o abrigara, bem como o casarão fronteiro, o presídio do Paraíso, ao qual eram recolhidos presos políticos ao tempo do Estado Novo, foram demolidos, dando passagem à Avenida 23 de Maio.

A cavalaria da Força Pública – a Polícia Militar de nossos dias – incumbiu-se de acabar com a confusão. Falava-se que nesse empenho abatera várias reses a tiros de fuzil.

Tempos depois, a trupe de um circo, fazendo propaganda de seus espetáculos, desfilava pela Rua do Bispo, encabeçada por um

elefante acompanhado de seu domador. A marcha enveredou pelo bequinho, e o paquiderme, envolvendo na tromba a barra recurva-da, recolocou-a praticamente em sua posição primitiva. Agora o bequinho alargado e desprovido daquele obstáculo faz parte da Rua Desembargador Eliseu Guilherme.

O episódio aqui narrado retrata um aspecto da cidade ainda presente nas primeiras décadas do século XX.

Com a boca na botija

Manoel Valente Barbas

Jardim Paulista, Zona Oeste

[sem data definida]

A casa da Rua Maestro Chiaffarelli, no Jardim Paulista, onde morávamos, por um capricho do construtor era bem maior no andar de cima do que no de baixo. Fizera o piso superior todo cheio de terraços e balanços por razões arquitetônicas. Eu tinha a mania, nessa ocasião, de pular, pelo lado de fora, do terraço da frente, a 3 metros e meio de altura, para outro terraço que ficava na parte lateral da casa, sobre a passagem do carro.

Ora, cada terraço ficava em uma das paredes externas, a 90 graus um do outro. Não eram contínuos, havendo mesmo uns 40 centímetros de separação entre eles. O canto do prédio que os separava era arredondado, revestido com um chapisco áspero de argamassa rústica que o espírito criativo do arquiteto fizera misturar com malacacheta para dar rebrilhos de dia, à luz do sol, e à noite, à luz do luar.

Era uma tarde de sábado. Todos da família estavam ocupados em seus afazeres. E eu, trepado do lado de fora da casa, nas alturas, sobre o jardim, feito um macaco, arriscando a vida, somente pela sensação de perigo, pulando de um terraço para outro. Tanto se me dava que isso fosse à vista dos transeuntes que passavam na calçada e me enxergavam através do jardim. Nisso ouço tocar a campainha da rua. Olho para o portão e vejo, ali parado, com o ar mais transtornado possível, o meu professor de Ciências do então Ginásio Bandeirantes, que foi logo me dando voz de comando: “Saí daí, menino! Isso que você está fazendo é um perigo! Pode cair e quebrar o pescoço!”

O pior é que eu acabara de pular para o terraço lateral, que estava fechado a chave. Teria de pular mais uma vez de volta para poder me livrar daquela aparição malfadada. Foi o que fiz, agora com medo de cometer uma burrada, dado o susto que havia levado ao ser surpreendido por tal figura. O professor vociferava lá do portão, devido à minha desobediência.

Voltei ao terraço da frente e entrei para o quarto, sumindo dos olhos do professor. Ele insistia na campainha. Não sei quem o atendeu à porta; três dos meus irmãos eram alunos desse mestre. Ele mandou um recado à minha mãe, que estava ocupada na hora

e não pudera recebê-lo. Para que me vigiasse, que eu estava pondo a minha vida em risco.

Logo vieram me procurar, contando o ocorrido. Eu achava que não estava fazendo nada de mais. O brinquedo era emocionante e por isso mesmo muito gostoso. Quase apanhei naquele dia – me fizeram jurar que não faria mais. Eu me desculpava, dizendo que sabia muito bem o que estava fazendo. Minha mãe retrucava que “o diabo atenta” e que quando menos se espera a gente pisa em falso e cai. Eu não fiquei nada impressionado com isso; o que me deixou perplexo foi o azar de estar fazendo minhas artes bem na hora em que o dito professor ia passando despreocupadamente pela rua. Coincidência maior não poderia existir.

E, o pior de tudo, se hoje em dia eu for passando na rua e vir um menino de 11 anos se arriscando da mesma maneira, faria o mesmo que o professor fizera. Tocaria a campainha da casa e procuraria interceptar o maluco. O que o povo chama de anjo da guarda são essas pessoas que estão sempre atentas, enquanto maluquinhos praticam suas diabruras perigosas. Deus sabe o que faz.

Comprinhas em 35

Nelly Bolliger Lane

República, Zona Central

1935

De “manteau” branco, boina e luvinhas brancas, a paulistana de 4 anos estava pronta para ir com a mãe ao Centro para fazer umas comprinhas... Não sei bem onde pegávamos, mas íamos de bonde “camarão”.

Rua Direita, Barão de Itapetininga, lindas lojas! Entramos na Casa Alemã. Minha mãe sentava-se numa das elegantes cadeiras à frente do balcão e logo vinha um educado “caixeiro” atendê-la. Com toda gentileza, trazia para a menininha uma linda bola colorida, cheia de gás.

De repente: oops! A bola escapa das mãozinhas! O gerente aparece e imediatamente pede ao funcionário que vá apanhá-la; já estava lá no teto, pé-direito bem alto.

A pequenina está alegriinha com sua bola especial tão gentilmente recuperada. A mãe, com sua sacolinha de compras, trançada, cuja alça tinha uma pequena peça de madeira que se colocava entre os dedos para não escapar das mãos, agora rumo ao chá do Mappin.

Festa para os olhos: linho, porcelana, prata, senhoras elegantes, com suas arrojadadas piteiras, saboreavam o “five o'clock”, com requinte.

Talvez por isso até hoje gosto do meu chá preto com leite, torradas “loiras” não-queimadas, cortadas em três longos retângulos... Bolos, doces, “scones”, bolachinhas...

Bem, esses tempos se foram, hoje habitam apenas a memória bem saudosa. Ah, São Paulo de 1935, com neblina e garoa!

Escola na Ilha dos Sapos

Oscar Munhoz

Vila Prudente, Zona Leste

1936

Fim do ano de 1936. Eu, com meus 8 anos de idade, como fazia todos os dias, caminhava pela poeirenta ou barrenta – conforme o tempo – Avenida Tereza Cristina, ladeada por grandes terrenos baldios, muitas chácaras de hortaliças e umas poucas casas simples.

Seguia beirando o Córrego do Ipiranga, em direção à 2ª Escola Mista da Vila Prudente, na famosa Ilha dos Sapos, pequeno bairro situado entre o Rio Tamanduateí e a Avenida Presidente Wilson, isolado e ignorado pelas autoridades de então, onde eu cursava os últimos dias do meu primeiro ano da escola.

Nome pomposo para uma única sala de aula, nos fundos de um terreno com muitas árvores frutíferas, cujos frutos eram muito cobiçados, mas jamais tocados por nós, alunos. Talvez pela pouca idade que tínhamos...

Depois de percorrer a Avenida Tereza Cristina em quase toda a sua extensão, eu cruzava o córrego por uma ponte de madeira e dali em diante seguia pela várzea do Rio Tamanduateí por mais ou menos 400 metros, entre capoeiras e pequenas lagoas formadas pelas chuvas de verão que, com o transbordamento do rio, ficavam abarrotadas de peixes. Quando as águas baixavam, era uma festa; moleques e adultos, de peneira ou com qualquer outro apetrecho, pegavam muitos peixes, desde os espertos lambaris às enormes traíras, bagres e outros.

Transposto esse trecho que povoava a imaginação daquele menino de 8 anos, com suas capoeiras, seus pequenos bandos de anus pretos, tico-ticos, sanhaços e outros, suas lagoas e seus peixes, seus sapos, pequenos lagartos verdes e uma variedade de insetos, existia uma precária passarela de madeira, por onde cruzava o Rio Tamanduateí, chegando à Ilha do Sapo, e então caminhando por mais três quadras até a escola.

Nossa escola era comandada por duas irmãs: a severa e competente Dona Ondina, sóbria na maneira de vestir e no tratamento com os alunos; e Dona Antonieta, que se esmerava nas roupas. Chegava à classe sempre elegante, com vestidos bonitos, chapéus de abas largas (sim, naquele tempo as mulheres usavam chapéus...), de fala e gestos suaves. Ela também muito bonita, enchia os olhos e os sentidos de todos nós, crianças de origem simples.

Fiz estas caminhadas durante dois anos. Quando chovia muito, ia pela Avenida Dom Pedro I. Entretanto, preferia caminhar pelas várzeas, uma grande aventura... Dois anos sem nenhum sobressalto. Claro que deixava minha mãe, em casa, preocupada. Sua preocupação, porém, era: “Cuidado para atravessar a ponte”. E só.

Assim, pelas visões daquele menino de 8 anos, saindo sozinho pelas ruas, dando seus primeiros passos fora de casa, suas primeiras relações fora do lar, sem sustos, sem sobressaltos, vislumbro uma São Paulo já fantástica, linda, pura, que ficou no passado.

Mas a vida continuou...

Os compadres da Lapa

Carmen F. Lino de Mattos

Lapa, Zona Oeste

A partir de 1939

Meus pais conheceram Eligio e Sergia muito antes de eu nascer. Eram espanhóis e tornaram-se grandes amigos e compadres.

Era natural que a amizade que os unia fosse transmitida a nós, seus filhos. Tínhamos quase a mesma idade e nos encontrávamos, juntamente com nossos pais, todos os domingos. Morávamos na Rua 24 de Maio, e os compadres, no bairro da Lapa.

As visitas dominicais eram intercaladas: um domingo era na nossa casa, e, no outro, na casa deles, sem nenhuma combinação prévia. Apenas davam um espaço entre o estar junto e a saudade.

Para irmos à Lapa, tomávamos o ônibus Lapa 36, quase na esquina da Rua Dom José de Barros, e íamos passando pelo Largo do Arouche, Rua das Palmeiras, Praça Marechal Deodoro, Largo Padre Péricles. O percurso era de uns 40 minutos, e dava tempo para eu sonhar. Na Avenida Água Branca (atual Avenida Francisco Matarazzo), só se via o imenso paredão branco das Indústrias Reunidas F. Matarazzo (IRFM), todo pintado com os nomes de seus produtos. Porém, ao entrarmos na Rua Clélia, eu me encantava com aquelas casas bonitas, com jardim na frente, bem diferentes dos edifícios de apartamentos do Centro da cidade. Ficava sonhando ter um dia um daqueles lindos sobrados, casada com um homem maravilhoso e com muitos filhos. Uma família! Esse sonho eu realizei. Moramos por 21 anos numa linda casa no Alto da Lapa.

Absorta em meus devaneios, eu nem notava que havíamos chegado à Rua Monteiro de Melo, onde moravam os compadres da Lapa. Enquanto nossos pais se entretinham com biscoito, um jogo espanhol que tem um lindo baralho, nós inventávamos todo tipo de brincadeiras. Essas visitas começavam às 4 da tarde e terminavam quase sempre entre 10 e 10 e meia da noite. O duro era voltar para casa de ônibus e morrendo de sono. Mas compensava. O dia tinha sido muito bom.

Nas férias, depois de passarmos o dia inteiro brincando, Helena e Isabel, atiradas por mim e por Lola, minha irmã, pediam para minha mãe que nos deixasse ficar mais um dia – que acabavam se transformando em três ou quatro. Eu adorava essas férias. A Lapa era ainda periferia e parecia uma cidade do interior. As pessoas eram simples. Carroças trafegavam pela Rua Monteiro de

Melo, que ainda não era asfaltada, e eu, de tão emocionada, não pregava os olhos a noite inteira.

Logo cedinho, eu escutava o sino da carrocinha, que vendia leite de cabra de porta em porta, e ficava ouvindo o balir das cabritas, enquanto seu dono tirava e vendia seu leite. Ele já ia longe, mas eu ainda escutava o *mééé* daquelas cabritinhas.

Quando havia circo, ali no Largo São Crispim, ao lado da Rua Tito, era uma delícia. Acostumadas que éramos com o luxo dos cinemas e dos teatros do Centro, aqueles cirquinhos mambembes, com arquibancadas de tábuas ásperas (chamadas de “calma, que o leão é manso”), os palhaços grotescos e malvestidos, a bandinha tocando aquelas marchinhas desafinadas, a pipoca comprada ainda com 1 tostão, tudo nos levava para um mundo diferente e cheio de novas fantasias.

Quando chovia e o circo não funcionava, a gente ia ao Cine Carlos Gomes, na Rua Guaicurus, onde passavam seriados – e não entendíamos nada, pois eram capítulos semanais, e nós só assistíamos de vez em quando. Valia pela algazarra que não víamos nos cinemas da cidade. Era frequentado pela molecada do bairro, que fazia do espaço uma continuação do quintal de suas casas.

À tarde, dona Sergia nos mandava comprar uns pãezinhos, que chamávamos de corninhos, lá na Padaria Balalaika (hoje Laika), no Largo Tito. Até chegarmos à casa, já havíamos comido quase meio saco de pão. O café com leite bem quentinho nos esperava na mesa da cozinha simples daquela gente que para nós representava uma família. Havia união, amizade, carinho, fidelidade. Não havia ciúme nem falta de respeito. Todos se amavam, e eu não entendia por que aquilo não era considerado como nossa família. Afinal, o que era família?

Férias em Interlagos

Helena Lenzi

Interlagos, Distrito de Cidade Dutra, Zona Sul

1939

Férias escolares, junho de 1939. Naquele tempo as férias eram em junho, e não em julho. Mamãe e Dona Léia, sua amiga, estavam procurando algum lugar próximo a São Paulo para levar as crianças por 15 dias. Não queriam ir longe porque os maridos não poderiam se ausentar e só iriam nos fins de semana.

As crianças éramos nós três, Lygia, Rafael e eu, e as meninas de dona Léia, Guita, da minha idade, e Geni, da idade da Lygia. Rafael, com 6 anos, era o caçula da turma.

Mamãe viu no *Estadão* o anúncio de um hotel, cercado por um parque e junto de um loteamento que estava sendo lançado para os lados de Santo Amaro. Telefonou, soube que ficava junto da represa, que o preço era conveniente; procurou se informar com os amigos, mas ninguém conhecia ou mesmo ouvira falar nesse tal de Interlagos. Resolveram arriscar, e, no fim de semana seguinte, mamãe, papai, dona Léia, criança e bagagem, amontoados no Ford do sr. Simão, marido de dona Léia, todos partimos para a descoberta desse Interlagos desconhecido.

O hotel era térreo, amplo, com jeito de casa de campo. Na frente, a grande área gramada se estendia até bem longe, junto da represa. A entrada, no centro da fachada, era cercada por terraços que acompanhavam toda a frente da construção. Não me lembro do interior, dos dormitórios nem se havia salas, porque a lembrança se concentra nesses terraços, onde tomávamos as refeições e onde, nas horas de descanso ou se chovia, jogávamos carteados, os jogos que tínhamos levado, como Bolsa de Imóveis, damas, xadrez chinês, palavras cruzadas, e líamos muito.

Foi um período de pouco sol, típico do inverno paulista, com temperatura agradável e pouca chuva. Logo depois do café da manhã e do café com bolo da tarde, fazíamos longas caminhadas à beira da represa e brincadeiras de bola, corda, esconde-esconde. Dormíamos e levantávamos cedo. Tudo era simples, confortável, sem luxo; a comida, desprovida de requintes, era farta e saborosa.

Foram férias dignas de ser lembradas, infelizmente encurtadas por um incidente triste.

Numa tarde em que brincávamos no gramado, Rafael saiu correndo atrás da bola, que tinha rolado entre as plantas, junto ao terraço. Elas eram cercadas e protegidas por um fio de arame que ele não viu. Tropeçou e caiu, com tanto azar que quebrou a perna, encerrando a temporada.

Anos depois fui com amigos tomar chá num local que estava na moda, por aqueles lados, mas nada mais do que conhecera criança existia. Mais tarde ainda, construiu-se o autódromo, onde estive algumas vezes. De resto, fui muito pouco para aqueles lados, mas guardei a imagem de um Interlagos que bem poucos conheceram.

Vim ao mundo no Instituto Butantan

Maria do Carmo de Medeiros

Butantã, Zona Oeste

Por volta de 1936

Nasci no Instituto Butantan. Calma, eu explico: o dr. Vital Brasil fez amizade com meu avô quando morava na Rua da Consolação e, ao ir para a Fazenda do Butantã, convidou-o para trabalhar com ele, tornando-o colaborador na confecção do soro antiofídico.

Da fazenda escolhida para transformar-se em um pilar da ciência foram aproveitadas algumas construções existentes e construídas casas para abrigar os primeiros servidores, por não haver moradias por perto (ainda nem existia o bairro).

Assim meu avô, Vitor Salcedo Garcia, imigrante espanhol – que nomeia uma rua vizinha ao museu do Instituto –, passou a morar no local, onde criou os filhos, os quais, na medida em que constituíam família, lá também ficavam trabalhando e morando numa das casas.

Ali me criei, fiz o jardim de infância e o primário. Dessa época é que me vêm as saudosas reminiscências.

No grupo escolar em que se transformou a escolinha da professora Dinorah e de suas filhas, ensinavam-nos as primeiras letras, a lidar com os números, a conhecer a história e a geografia e, o mais importante, lições de vivência bucólica. Aprendíamos a plantar verduras numa vasta horta e a criar galinhas e coelhos.

Até hoje me recordo da criação do bicho-da-seda: a gente alimentava as lagartas com folhas de amoreira e acompanhava a formação do casulo. Alguns deles eram deixados para transformar-se em crisálidas, para tornar-se borboletas, a fim de promover a reprodução da espécie.

Lembro-me bem de uma exposição havida no Parque da Água Branca, para a qual construímos uma bandeira nacional feita com os casulos do bicho da seda, os quais têm variada coloração.

Foi feita uma fotografia da equipe que concluiu a feitura da obra, que no todo foi executada por várias equipes. Infelizmente, ela se encontra em local incerto e não sabido – também, lá se vão mais de 70 anos!

Relembro-me ainda que, após nos mudarmos para uma chácara que meu avô comprou no início da atual Avenida Vital

Brasil, fazíamos o retorno a pé desde a escola, no Instituto Butantan. Para isso, devíamos utilizar a ponte existente sobre o Ribeirão Pirajuçara, a qual desapareceu quando ele foi canalizado, tragado pela voracidade do progresso.

O Pirajuçara, nos períodos de chuva, tornava-se caudaloso, mas, nos períodos de seca, deixava à vista as pedras e os seixos que forravam seu leito.

A garotada, nessas ocasiões, eu inclusive, em lugar de passar pela ponte, o fazia a vau, pulando de pedra em pedra.

Às vezes uma escorregadela fazia com que chegássemos em casa pingando água e levássemos aquela repreensão.

Oh! Que saudade eu tenho...

Andarilhos da Vital Brasil – os músicos

Maria do Carmo Medeiros

Butantã, Zona Oeste

[sem data definida]

Quem atravessasse a ponte de madeira sobre o Rio Pinheiros, lá pelo terceiro decênio do século passado, desembocava na Rua Dr. Lemos Monteiro (agora com edificações só do lado par) e dava de frente com o entroncamento da então Estrada de Itapequerica (hoje Avenida Professor Francisco Morato) com a Avenida Vital Brasil e com um casarão de dois andares da família Prestia (atualmente uma agência do Banco Itaú).

Por essa época, a avenida, cujo nome homenageia o cientista brasileiro que criou o benemérito Instituto Butantan, era de apenas duas vias de rolamento, e não as atuais seis, e com uma calçada entre as duas mãos de direção.

O trânsito de veículos era escasso, e a garotada brincava livremente pelo passeio, com incursões em segurança até pela via carroçável.

Era costume que quem visse primeiro os dois caminantes se pusesse a gritar: “Os ceguinhos estão chegando!”

Nunca descobrimos de onde vinham, pois surgiam de trás da mansão. Vestidos com fatos surrados, devidamente engravatados, chapéus amassados na cabeça e sapatos cambaios, cada um carregando sua caixa de violino.

Eram músicos andantes que costumeiramente vinham tocar no bairro. Um, de baixa estatura, apresentava sua esclerótica totalmente esbranquiçada sem o menor sinal de existência da íris; o outro, mais alto, dava a impressão de que tinha uma deficiência visual menos agressiva, pois servia de guia para o companheiro, que se apoiava em seu ombro com uma das mãos.

Era comum chegarem com uma chusma de meninos e meninas em sua cola. A primeira parada era no nº 57 da avenida, residência dos Salcedo – o patriarca Vítor e seus filhos, com seus familiares, cada um em sua própria residência. A essa altura os moradores já os esperavam e convidavam para entrar e alojar-se num pátio à sombra de soberbo limoeiro. Imediatamente os musicistas eram rodeados pela criança, que abandonava seus folguedos, e

pelas donas de casa, que deixavam seus afazeres, que se achegavam para ouvir a audição musical que eles sempre ofereciam.

Tateando, retiravam os violinos das caixas dos instrumentos e os afinavam. Passavam então a executar as músicas que lhes fossem solicitadas.

Não sei como era possível a comunicação, pois eles usavam um idioma desconhecido para todos. Seriam polacos, ciganos, romenos, ou de algum outro país báltico? Nunca se descobriu.

O repertório que apresentavam era bem variado. Lembro-me de valsas, operetas, músicas eruditas e até algumas mais em voga na ocasião, todas escutadas em absoluto e respeitoso silêncio, pois ficávamos enlevados em face da maestria.

Terminada a apresentação, os músicos recolhiam os dinheirinhos que eram depositados nas caixas dos instrumentos musicais e nelas guardavam seus amados violinos.

Antes que se despedissem, para continuar suas audições em outros locais da avenida, minha avó lhes oferecia um lanche, avidamente consumido.

Era então que chegava a hora do até breve, do retorno tão esperado por todos. Eta, São Paulo de todos os tempos!

Andarilhos da Vital Brasil– os mascates

Maria do Carmo Medeiros

Butantã, Zona Oeste

[sem data definida]

Início da Avenida Vital Brasil. A garotada, a mesma, mas o grito era outro: “Lá vêm os russos da prestação!”

Há várias versões da razão pela qual eram conhecidos como “russos” os mascates que vendiam de tudo, principalmente tecidos para confecção de roupas e outros apetrechos de pouco tamanho, muito requisitados pela freguesia.

Também, saídos sabe-se lá de onde, eram dois os personagens, vestindo trajes menos desgastados em relação aos dos cegui-nhos violonistas, ambos carregando pesadas malas.

A primeira parada era a mesma: nº 57 da Vital Brasil.

As moradoras do local, prevenidas pela gritaria da guri-zada, vinham esperá-los no portão.

Eles entravam e depositavam as malas no chão, sob a sombra do mesmo frondoso limoeiro, antes de abri-las para mostrar seu conteúdo. A matriarca da família lá residente, oferecia-lhes um copo de limonada, aceito de bom grado, pois iria minorar-lhes a sede e dar uma pausa no cansaço por carregarem os pesados fardos, para em seguida iniciarem a tarefa de atender às ávidas compradoras.

O grupo que os rodeava era composto apenas de donas de casa, uma vez que só a elas interessava o que tinham para oferecer – eu, muito xereta, sempre permanecia escondidinha por lá, curiosa para ver o que ia acontecer, embora nem sequer pudesse dar palpite.

Sempre foi reconhecida a acuidade dos mascates para entender o gosto e descobrir o alcance da bolsa das interessadas. Embora falassem entre si em idioma arrevesado, faziam-se compreender empregando umas poucas palavras em português com forte sotaque e alguns trejeitos.

Apesar disso, sempre conseguiam convencer a clientela, no que eram ajudados sem dúvida pela carência de lojas na redondeza e pelas facilidades de pagamento que ofereciam.

Pegavam um tecido, por exemplo, e diziam, dirigindo-se a determinada freguesa: “Isto é como a senhora gosta e está na medida certa”. E vendiam.

Não carregavam os tecidos em peças, mas em retalhos adrede separados, e, por incrível que pareça, acertavam sempre. Uma ou outra freguesa mais desconfiada fazia medição própria, esticando o tecido entre a ponta do nariz e o braço estendido e segurando-o com as pontas dos dedos. Minha mãe era uma delas. (Diz-se que essa distância equivale a 1 metro.)

Outras clientes ajeitavam o tecido sobre o corpo para verificar se lhes ficava bem, e então recebiam incentivos das amigas quanto à escolha.

Depois que todas tivessem sido atendidas, numa espécie de código que somente os mascates podiam entender, anotavam num papel o valor da compra e quem comprara – jamais perguntavam o nome da pessoa –, o que fora adquirido e as parcelas de pagamento, cuja data de vencimento coincidiria com aquela de quando eles voltassem para “fazer a freguesia”, como diziam.

Passavam então a fazer o recebimento das prestações correspondentes às vendas anteriores, de conformidade com aquelas anotações criptografadas, mas, honra lhes seja feita, eram muito corretos; jamais se ouviu uma reclamação sobre eventual erro na cobrança.

Terminado o encontro, repunham nas malas o que não fora vendido, ajeitavam-nas nos ombros com as respectivas correias e punham-se a caminho para atender outra ávida freguesia, mais adiante.

Eta, São Paulo de muitos tempos...

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Anos 1940

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

O melancólico final do autor de *Macunaíma*

Manoel Valente Barbas

Barra Funda, Zona Oeste

[sem data definida]

Meu primo, moço de Caçapava, veio para São Paulo, após concluir o curso ginasial, para ganhar a vida. Trabalhou alguns anos em redação de jornal e ali conheceu a fina flor da vida boêmia da cidade, classificação que incluía a intelectualidade paulistana. Uma das figuras que lhe ficaram familiares foi a de Mário de Andrade.

Uma noite, anos depois, estava ele passando pela Avenida Paulista, já 10 horas da noite passadas, quando se encontrou com o escritor, bastante entrado na dosagem alcoólica, em um bonde da linha Angélica. Mário, que quase não conseguia se sustentar em pé de tão embriagado, reconheceu o amigo e lhe segredou: “Me ajude; estou meio perdido! Não consigo achar a minha casa!”

Esse personagem que era conhecido como homem elegante estava fisicamente decadente. O que mais chamou a atenção de meu primo foi que o escritor, para amarrar a calça à cintura, em vez de cinto de couro, se utilizara de uma gravata enfiada pelos passadores da veste e amarrada com um nó na frente do abdome. Estava amarrotado e de aparência nada condizente.

O primo, educado e solícito, sabedor de onde morava o escritor, acalmou-o dizendo que ele poderia se tranquilizar, pois o conduziria até lá. O escritor ainda acrescentou: “É só dizer a hora que eu devo descer”.

O primo entendeu tudo: a linha Angélica era praticamente circular. Saía da Praça da Sé, eu acho, subia a Rua da Liberdade e a Vergueiro, mudava de direção no Paraíso, indo pela Avenida Paulista até o final, descia pela Avenida Angélica, dobrava à direita na Avenida São João e ia por esta até a Praça do Correio. E, depois, voltava pelo mesmo caminho, sem parar, o dia e a noite todos. Ao que parecia, Mário de Andrade, dado o alto teor alcoólico, já estava nesse ir e vir havia muito tempo, sem saber onde descer para alcançar sua casa. Esta ficava na Rua Lopes Chaves, na Barra Funda. O escritor teria de descer no entroncamento das avenidas Angélica e São João e dali tomar um outro bonde na direção de Perdizes ou Lapa, ou caminhar uns quatro ou cinco

quarteirões até alcançar sua rua. Era desse roteiro que o grande escritor não conseguia se lembrar.

O primo acompanhou o pobre homem, dirigindo-lhe palavras que procuravam ganhar sua confiança. Levou-o até a porta de sua casa e despediu-se. O escritor agradeceu, reconhecido. O jovem afastou-se, olhando de vez em quando para trás para ver se conseguiria entrar em casa. Ele esgrimou-se durante alguns segundos com a chave e a fechadura da porta de entrada. Depois, sumiu na escuridão do lar. Foi a última vez que viu o escritor vivo, pois ele morreu poucos anos depois.

Essa cena se deu no início da década de 40 do século passado. A Segunda Grande Guerra estava em curso. São Paulo, à noite, era triste e garoenta. As ruas arborizadas, lançando compridas sombras, o frio, a umidade do sereno, os poucos carros trafegando, o ruído monótono dos bondes deslizando em seus trilhos, tudo fazia aumentar a sensação de tristeza que uma guerra distante, relatada passo a passo pelo rádio e pelos jornais, trazia à população.

Uma atmosfera sombria para completar o melancólico quadro final da vida de um grande intelectual. Sem as fotos ensolelhadas de sua biografia oficial, sem as palmas ou mesmo as vaías barulhentas da Semana de Arte Moderna de 22, sem os ruidosos saraus de dona Olívia Guedes Penteado, ou os desenhos arrojados das gravuras, dos programas e dos impressos. Somente um toque real, humano, nada romântico, mas verdadeiro.

Ano-Velho, Ano-Novo

Lidia Walder

Moema, Zona Sul

1949

Quando eu era criança, o Ano-Novo tinha um significado todo especial e místico para mim. No dia 31 de dezembro, logo ao me levantar, minha mãe já falava que naquela noite veríamos o novo ano chegar, e eu ficava o dia inteiro esperando ansiosamente pelo escurecer. E como demorava a começar aquela noite!

À tardinha, íamos para a casa de minha avó, na Rua Arapanés, quase esquina com a Macuco, em Moema, pois era lá que esperávamos o Réveillon.

Não se fazia festa. Reuníamos-nos na sala de jantar, comendo petiscos e bebendo sucos e vinho. A conversa prolongava-se animada até a meia-noite.

Nessa hora, íamos todos para o portão. Meu pai me colocava sentada sobre o pilar de sustentação do muro, e eu, curiosa, fixava meu olhar no breu da rua, à espera do momento em que o Ano-Velho apareceria lá no topo da ladeira, carregando nas costas o Ano-Novo, pois, como diziam meus pais, ele era ainda muito novo e não sabia andar.

Quando os fogos começavam a pipocar nas alturas, lá vinham eles: um senhor de certa idade, longas barbas grisalhas, carregando nos ombros um jovem, que, animado, se agitava admirando os fogos de artifício.

Na escuridão da noite, iluminada somente pelo eventual brilho dos fogos, a imagem daqueles dois vultos se tornava mágica.

Ao passar pelos portões repletos de curiosos, acenavam cordialmente com as mãos, em um cumprimento silencioso. Nesse momento, meu coração disparava. Aquele era o ápice da festa: o Ano-Velho se despedindo e apresentando-nos o Ano-Novo.

E eles nos saudavam! Éramos personagens atuantes daquele rito místico de passagem de ano!

Em dezembro de 1949, aos 4 anos, mudei-me de bairro. Nunca mais vi o Ano-Velho e o Ano-Novo. Acho que meus pais até se esqueceram deles.

Ah, quase me esquecia! O Ano-Velho era um senhor de meia idade que, na noite da passagem, colocava sobre os ombros o filho, um jovem paralítico, e saía pelas ruas de Moema para que ele pudesse participar das festividades daquela noite especial e assistir à queima de fogos.

Ainda hoje me pergunto de onde meus pais teriam tirado a ideia de me fazer acreditar naquela fantasia de fim de ano. Uma coisa, porém, é certa: todos os anos, ao se aproximar a meia-noite do dia 31 de dezembro, esteja eu onde estiver, lembro-me do vulto simbiótico emoldurado pela luz dos fogos, sinto saudade da minha inocência e me emociono com a certeza de ser eu a única pessoa no mundo a ter o privilégio da lembrança dessa fantasia particular.

Lembranças do Mappin

Rosa Aquino Pereira

República, Zona Central

[sem data definida]

Quando pequena, nos idos anos 1940, lembro-me que minha tia ia buscar a mim e ao meu primo em casa, no Dia de São Cosme e São Damião, para nos levar ao Mappin Stores, na época a loja de departamentos mais conceituada de São Paulo.

Pois, nesse dia, o famoso chá do Mappin era dedicado aos pequenos. Era completo: salgados, doces, sucos, sorvetes, balões, que nós, crianças, adorávamos.

O ponto alto da festa era a apresentação do teatrinho de bonecos do “João Minhoca”. Era uma fuzarca só, e, no final da apresentação, cada criança ganhava um brinquedo.

O Mappin continuou a fazer parte da minha vida, pois, em muitos dos meus aniversários de adolescente, ia com amigas lá para comemorar, não esquecendo nunca de usar minhas luvas de crochê. Era uma delícia!

O tempo foi passando, e aí, já normalista, vim a conhecer o homem que hoje é meu marido, em um baile de formatura no Club Homs, na Avenida Paulista, onde dançávamos, ao som da orquestra de Sylvio Mazzuca, as inesquecíveis músicas de Glenn Miller.

Adivinhem então onde foi nosso primeiro encontro? No Mappin, naturalmente – na entrada principal, na Praça Ramos de Azevedo, em frente ao Theatro Municipal. Eu, de coque banana, saia plissada, uma listrinha verde e outra branca, “na última moda”, com um suéter verde-garrafa de gola olímpica e brincos de jade “só para combinar”.

Coisas da época!

O primeiro porre

Miguel Chammas

Consolação, Zona Central

1940

Lá vou eu novamente cutucar a saudade com vara curta! Então, que seja. Fecho os olhos e vejo um casarão enorme, pé-direito de 3 metros mais ou menos, situado na Rua Augusta, no número 291. Olho para dentro dele e vejo, depois de uma escada de mármore, uma porta de madeira maciça; ao lado, uma janela grande com a veneziana fechada.

Abro a porta e entro. Estou em um pequeno corredor, do lado esquerdo, e uma porta leva ao quarto da frente. O pequeno corredor dobra-se para a direita e continua levando à sala de jantar, mas, antes, passando pelas portas de mais dois quartos, um deles o da entrada e o outro imediatamente contíguo. Depois da sala de jantar, ainda na continuidade do corredor, fica um pequeno quartinho, depois o banheiro e, finalmente, a cozinha. Nessa cozinha, uma porta de madeira nos apresenta um enorme quintal, o qual só termina nos muros da Gráfica Siqueira, devidamente instalada na Rua Frei Caneca.

Forço mais a visão e vejo, então, três meninos. Reconheço-os de imediato. São eles o Miguelzinho, com mais ou menos 8 anos de idade, seu irmão, o Carlinhos, com 6 anos, e seu primo, Robertinho, com a mesma idade de seu irmão.

Estão sozinhos, já que a dona Tereza, mãe do Miguel, teve de sair, e a dona Neide, mãe do Roberto, indisposta, está repousando em seus aposentos.

Crianças aparentemente sozinhas têm a tendência de querer “aprontar”, e pressinto isso nas expressões faciais dos três moleques, principalmente na cara do maior. Vamos nos imiscuir e ouvir o que conversam:

– Gente, vamos brincar de pic-nic?

– Vamos.

– Eu também vou.

Interesso-me pelo assunto e continuo na oitiva.

– Então, Carlinhos, você e o Robertinho ficam encarregados de conseguir as comidas, e eu, as bebidas. O local do pic-nic será atrás da moita de hortênsias, lá no fundo do quintal.

– O que pode servir de comida?

– Tem muita coisa, pão torrado, laranja... Vocês resolvem.

– Então, vamos.

Agora eles se separam para cumprir suas tarefas. Penso um pouco e resolvo acompanhar o Miguelzinho. Ele sobe as escadas, vai em direção ao primeiro quarto do corredor, aquele em que a janela fica em frente à escada de entrada.

Abre a porta, entra, passa por cima de uma cama de casal, alcança um grande guarda-roupas, abre uma folha de suas portas, enfia a mão e, quando a retira, tem entre seus dedos uma garrafa. Imediatamente a esconde dentro do calção e sob a camisa, sai sorrivelmente e, quase correndo, se dirige para o fundo do quintal.

Lá já estão os dois comparsas.

– O que vocês trouxeram? – pergunta.

Eles, sorridentes e orgulhosos, mostram o produto de suas pilhagens: três laranjas, três cebolas grandes e uma boa quantidade de pão torrado (em forno de carvão).

– Ótimo! Eu trouxe isto para bebermos! – orgulhosamente retira de dentro do calção uma garrafa de Biotônico Fontoura (tamanho-família, recentemente lançada pelo laboratório do mesmo nome).

É necessário que eu faça um pequeno parágrafo para explicar que o líquido apresentado no pic-nic de última hora era um estimulante de apetite infanto-juvenil que ainda hoje existe nas boas farmácias e drogarias.

Sem mais delongas, sentam-se os três e começam a comer. Pão torrado com cebola crua e goles de Biotônico. Os dois menores moderam um pouco na bebida, pois engasgaram com ela no primeiro gole, mas o Miguelzinho deita e rola, dando grandes goladas.

Ao término do pic-nic, que coincide com o esgotamento do “líquido inebriante”, percebo que o Miguel está tontinho.

Agora a coisa deve esquentar de vez: dona Tereza voltou. Vê o filho naquele estado, corre até a cristaleira da sala para ver se falta alguma garrafa de bebida. Não dando pela falta de nenhuma

garrafa, começa a inquisição, que parece infrutífera... Sem mais argumentos ou quesitos, solta um aviso em voz mais autoritária:

– Conta o que você bebeu ou então leva uma surra daquelas!

Miguelzinho percebe que não dá mais para ficar calado e diz, com voz pastosa e língua enrolada:

– Foi só um golezinho de Biotônico Fontoura... – e mostra a garrafa vazia.

Dona Tereza não precisa ouvir mais nada. Levanta a mão e começa a surra. Mais uma das memoráveis surras!

Até hoje, quando exagero na bebida, lembro-me daquela cena e do castigo. Então sei que está na hora de parar.

Nem toda lembrança é alegre. Muitas vezes ela é doída.

Vizinhos espiões

Oswaldo Sansone Rodrigues

Paraíso, Distrito da Vila Mariana, Zona Sul

[sem data definida]

Na década de 40, em plena Segunda Guerra, São Paulo tinha ao redor de 800 mil habitantes. Era uma cidade provinciana, a segunda do Brasil, pois o Rio de Janeiro tinha cerca de 1 milhão de habitantes e era a capital da República.

O fato de estarmos em guerra a tornava mais provinciana. Ruas vazias (forte racionamento, inclusive de combustíveis), havia falta de tudo e muito mercado negro. Para comprar certos gêneros alimentícios, recebíamos cupons específicos, limitando a quantidade por pessoa.

Eu, na época com pouco mais de 10 anos, morava no bairro do Paraíso, na Rua Carlos Steinen, travessa da Rua Abílio Soares. Na casa vizinha da esquerda, vivia uma família de japoneses.

Certa noite de junho, por volta das 22 horas, eu estava no jardim, de olho nos céus, na esperança de ver algum balão e ir atrás dele. Subitamente chegaram cerca de quatro carros de polícia. Descem uns dez policiais, cercam e invadem a casa do vizinho e apreendem cerca de 30 japoneses.

Eles foram saindo em fila indiana, todos algemados, e foram colocados nos carros de presos.

Fiquei apreciando todo esse alvoroço junto ao portão de minha casa. Aproximou-se de mim um policial e me perguntou: “O que você está fazendo fora de casa às 10 horas da noite?” Disse-lhe que estava esperando os balões caírem para ir atrás. Naquela época, soltavam-se muitos balões e não eram proibidos.

Aproveitei a oportunidade e perguntei o que estava acontecendo no vizinho. Ele primeiramente disse que eu não saísse do jardim naquele momento, pois podia ser perigoso, e em seguida me explicou: os moradores dali haviam dado parte de que estavam sendo obrigados, por um grupo de fanáticos patricios e espiões, a deixar que instalassem na sua casa um radiotransmissor para poderem se comunicar com os navios que passavam pelo litoral de Santos. Tratava-se do grupo radical japonês denominado Shindo Renmei, e estavam todos sendo presos e levados dali.

Quando entrei de volta em casa, narrei o ocorrido, e meus familiares não acreditaram; só foram confirmar no dia seguinte, quando a notícia saiu nos jornais.

Memórias do vendedor de *lingerie*

Miguel Chammas

Bom Retiro, Zona Central

1942

Histórias de um neto de imigrantes.

Desde que vim ao mundo morei embaixo do mesmo teto que meus avós paternos, o senhor José e a dona Laura, que eu, na minha inocência infantil, chamava de Vovô Gidi e Vovó Siti.

Meu avô era um imigrante sírio-libanês que, nestas terras de São Paulo, exercia a honrosa e milenar profissão de mascate, ou, como se dizia na época, “braço fixo”, em referência a uma grande loja denominada “Preço Fixo”.

Lembro-me da sua figura altaneira, sempre vestido de preto, já meio curvado pelos anos, que, antes de sair para buscar o pão de cada dia, me chamava e perguntava:

– Miguelzinho, *haram*, que bicho vai dar hoje?

Eu nunca deixei de responder e, ao fim de cada dia, vendendo entrar em casa carregando, além da sua pasta, um cacho de bananas ou um saco de laranjas, já sabia que meu palpite tinha ganhado e o presente era para mim.

Sempre me orgulhei daquele homem, muito mais quando soube que exercia sua profissão junto a um mercado comprador de ultrarrejeição perante a sociedade e o comércio varejista.

Meu avô vendia *lingerie* para as moças trabalhadoras na antiga zona de meretrício paulistana, que ficava ali pelas ruas Itaboca, Aimorés e adjacências. E mais: vendia-lhes a prazo, sem cobrança de juros, e controlando seus débitos apenas numa caderneta de capa preta igual àquela em que anotava diariamente o resultado do jogo do bicho.

Quando Gidi adoeceu, era eu quem lhe fazia companhia, lia as notícias de jornal e enrolava seu cigarro de palha da maneira que ele sempre gostou.

Um certo dia vi todo mundo chorando lá em casa e fiquei sabendo que vovô Gidi partira. Tinha ido se encontrar com a vovó Siti. Chorei muito também.

Nos dias seguintes eu ouvia meu tio Elias e meu pai conversando sobre as dívidas que as moçoilas tinham com vovô,

apesar de não haver documentação hábil para cobrá-las. Assim, o prejuízo era fatal.

Passados alguns dias, comecei a perceber que, toda vez que a campainha da casa tocava, eu era proibido de atender à porta e a tarefa era realizada por minha tia Neide ou por minha mãe.

Essas ocorrências se repetiram por diversas vezes nos meses que se seguiram. Só muito tempo depois, questionando meu pai, fiquei sabendo da “honestidade” das prostitutas clientes do vovô, que quitaram suas dívidas sem nenhuma falha ou inadimplência e, principalmente, sem ser instadas a isso por ninguém da família. Pagaram por livre e espontânea vontade, indo até a nossa porta para fazer tais pagamentos.

Lembrando essas passagens e confrontando-as com os dias atuais é que vejo quão estão mudadas, para pior, a nossa consciência e a nossa dignidade.

Atropelamento em 1946

Marcia Lawant Atik

Vila Mariana, Zona Sul

1946

Em 27 de março daquele ano, Edmon foi atropelado no Jardim Ivone, uma travessa da Rua Vergueiro, por um Ford verde com detalhes prateados. Do motorista ele não lembrava nada.

Tinha só 8 anos, era esperto, moleque, gostava de jogar bola e roubar jabuticabas da casa do tio que morava perto, abonado e ranzinza. Existe coisa mais gostosa do que roubar jabuticabas doces e graúdas? Principalmente irritando o tio mais velho?

Nos dias atuais, ser atropelado se reveste de quase um drama, mas naquela altura os motores de carro não eram tão potentes, então esse acidente, mais do que um drama, era uma aventura.

Tudo aconteceu quando sua mãe o mandou comprar fósforos no Armazém Tamoio, onde por outras vezes se servia de arroz, feijão, café, batata e pé de moleque.

Ao voltar correndo para casa, o carro o arremessou longe. Por milagre, nenhum osso quebrado, nenhum órgão lacerado, apenas uns riscos na pele e um grande susto no coração.

Tanto não se machucou que, à tarde, foi jogar futebol com a molecada e novamente chupou as jabuticabas mais pretas e doces do universo, que sempre lhe valiam muitas surras. Mas naquele dia, ao subir a rua, avistou sua mãe na janela, abatida e de roupão, coisa que raramente acontecia, pois, aos 26 anos, era linda e vaidosa.

Ontem o garoto peralta, mais tarde o médico. São 50 anos de um dia muito especial, que será sempre inesquecível porque foi a última visão que o filho teve da mãe.

A várzea do Tietê

Walter Santos Macedo

Água Branca, Distrito da Barra Funda, Zona Oeste
[sem data definida]

Minha casa na Rua Carlos Vicari ficava logo depois do grande muro do Curtume Franco Brasileiro, hoje substituído pela Igreja Universal e por uma revendedora de carros. Na rua seguinte, a Joaquim Ferreira, só o trecho inicial era calçado. A continuação dela até a porteira e a cabine da Estrada de Ferro Sorocabana era de terra batida e mato na calçada, palco ideal para brincadeiras, brigas, correrias e sacanagens da molecada da rua e da vizinhança.

A iluminação, à noite, era de um só ponto de luz na esquina, o que deixava o restante da rua às escuras, palco ideal para brincar de “esconde-esconde”, “barra manteiga” e tantas correrias próprias dos meninos e meninas da época. Os compadres e as comadres ficavam batendo papo sentados em cadeiras ou nos degraus da porta das casas, mas de olho vivo para que suas filhas não fossem brincar com algum garoto no lado escuro da rua...

A E.F. Sorocabana já era toda eletrificada, com os grandes comboios de carga e os de passageiros, chamados “Ouro Verde”, com cabine-dormitório, indo ou voltando do interior em grande velocidade. Atravessando a porteira da Sorocabana, havia, à esquerda, o portão de entrada e saída do pessoal e dos caminhões-tanque ou de carga da Esso, e, fazendo corredor com a cabine de controle e o muro do depósito da empresa norte-americana, via-se uma chácara cuja frente alcançava a linha da São Paulo Railway (SPR). Esse trecho fora “trancado” com perfis de ferro e tinha um aviso de que era proibido a pedestres atravessar a linha do trem.

O movimento de trens era maior que o da Sorocabana, pois a “inglesa” cobria uma quilometragem bem menor. Trens de carga, de passageiros ou de “manobra” cruzavam aquele trecho a cada 2 minutos. Com o hábito da desobediência, muita gente já tinha se assustado ou morrido naquele trecho, especialmente à noite...

Quando precisávamos de alguns tostões para comprar “bala futebol” ou ir à matinê do Cine São Carlos, costumávamos percorrer a linha do trem recolhendo sucata, que levávamos ao depósito de ferro-velho, onde nos pagavam uns bons trocados. Atravessando as linhas da SPR (cujo nome mudou para Santos–Jundiaí depois de nacionalizada), chegávamos à vila do pessoal da

Manutenção, constituída de famílias portuguesas que, além do trabalho diário nas vias permanentes, cultivavam suas hortas de legumes e verduras. Depois de prover suas casas, sobrava para vender às famílias da Joaquim Ferreira, da Carlos Vicari e vizinhança. Quando meu pai desistiu de cultivar a hortinha no fundo do quintal de casa – coisa comum naquele tempo –, nós passamos a comprar verde do pessoal da Manutenção, o que era bem mais prático.

Logo depois das hortas dos portugueses, começava a grande várzea do Tietê, que se espalhava a perder de vista e que nossa turma costumava percorrer, chapinhando a água à procura de rãs, ovos de codorna, passarinhos, preás, bananas-do-brejo, morangos-silvestres, mangas, goiabas, amoras, enfim, tudo que se encontrava num “safári urbano”. A exceção eram as cobras-d’água, das quais a gente “se pelava” de medo.

Quando chovia, o Tietê inundava aqueles campos, e então acrescentávamos ao nosso safári de caça a temporada de natação. Nossa turminha procurava o poço que ficava próximo da Cia. Viadraria Santa Marina. Não era raro algum garoto mais “metido” pagar com a vida o excesso de arrojo nas águas barrentas das chamadas “lagooas”. Por isso, a fábrica chamava a polícia quando os moleques se mostravam incautos e exagerados, arrebatando suas roupas e levando-as até o posto onde tinham de apanhá-las, em companhia da mãe ou do pai, assinando um termo de compromisso para não mais nadar na lagoa. O problema dos garotos era encontrar folhas de arbustos com que cobrir as vergonhas dos “adões” para percorrer os 2 quilômetros até o posto policial, na Rua Comendador Sousa, e resgatar as roupas.

Numa dessas temporadas, um mocinho morreu afogado naquela lagoa, e, como sempre acontece, a sinistra notícia se espalhou rápido como um raio e chegou até os ouvidos da minha mãe de que o morto era eu. Desesperada, ela saiu em disparada pela rua e, na altura da Avenida Santa Marina com a Rua Carijós, me encontrou voltando para casa, pensativo sobre a morte do meu xará. Eu nunca tinha visto minha mãe sair de casa que não fosse toda arrumadinha para tomar condução para o Centro, e, naquele dia, naquele momento, ela não tinha tirado o avental nem o chinelo para sair à rua. E mais espantado fiquei quando me abraçou com força, chorando e gritando: “Meu filho, meu filho! Graças a Deus!” Num relance, percebi o que estava acontecendo...

Aqueles fatos ocorriam pelos eternos motivos em lugares de água: não saber nadar e se meter a campeão; não conhecer a fundura dos locais e ignorar que podem existir pedras, troncos, estacas e outros obstáculos trazidos pela enxurrada e que se tornam fatais para os mais apressadinhos.

No meio daquele panorama verde de alegrias, aventuras e desventuras, localizava-se o estádio do S.P.R. – atual Nacional Atlético Clube –, cercado por vários campos de futebol, inclusive o da Esso, que era o único com vestiário para jogadores. Algumas vezes se conseguia o campo emprestado para jogos da nossa escola, o Ginásio São Paulo, na Rua Gabriel dos Santos, onde estudou e foi orador da turma o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Entre o campo do S.P.R. e o da Esso ficava um magnífico campo de polo, de tamanho bem maior que o de um campo de futebol, todo com cercas vivas de grandes eucaliptos australianos e esguios pinheirais nativos, em torno de um gramado impecável, onde o pessoal da “inglesa” e alguns brasileiros vinham com seus lindos e vistosos cavalos de raça, quase todo fim de semana pela manhã, para disputar os jogos de polo. Usavam uma bola de madeira branca, e o ponto era obtido colocando-a de tacada no gol, protegido com palha de vime para evitar que algum cavaleiro se machucasse. A assistência era composta de homens, senhoras e crianças, quase todos loiros, falando inglês e português, na maior torcida, exultando e gritando “Goal!” quando algum jogador conseguia “tacar” a bola entre os mastros.

De muitas histórias ainda iríamos participar em nossa infância feliz e despreocupada na várzea do Tietê. Depois o transformaram em um canal de esgoto, criando um problema infeliz e insolúvel para tantas gerações. Até quando?

A grande família

Esther Saba

Mooca, Zona Leste

De 1940 a 1945

Meus avós maternos tiveram nove filhos, que, depois de casados e com a chegada dos netos, formaram uma família grande.

Em todas as festas, como Páscoa e Natal, o almoço era na Mooca, onde residiam meus avós. A casa não era muito espaçosa, mas era rodeada por um terreno de bom tamanho, com um pequeno jardim e um quintal amplo. Sob a copa das árvores e a sombra de um caramanchão se acomodavam cerca de 40 pessoas, entre tios, sobrinhos, cunhadas, filhos, noras, genros, netos e agregados, que formavam, como minha *nonna* os chamava, o “batalhão”.

Minha avó comandava a cozinha desde a véspera, auxiliada pelas irmãs e filhas. A preparação do molho para o macarrão começava cedo, pois era preciso deixar apurando por 6 horas para ser o legítimo *sugo napolitano*. As carnes assando no forno a lenha exalavam um aroma especial que se espalhava pela vizinhança. Tudo pronto, todos a postos, começava a comilança.

Meu avô, sentado à cabeceira da mesa, servia o vinho para os adultos e um tipo de sangria para as crianças. O pão italiano, de formato redondo, da *Di Cunto*, é claro, era servido por ele de maneira especial. Cobria o peito com um guardanapo, prendia o pão entre o peito e o braço e cortava as fatias; por isso que os italianos chamavam esse alimento de “pão de peito”. Só muito tempo depois atentei para o que poderiam significar esses gestos corriqueiros, a figura patriarcal repartindo o pão e o vinho, materializando a partilha, a comunhão familiar, que transcendia meu entendimento infantil.

Ilação à parte, aflora aos meus sentidos o aroma divino dos pratos que eram servidos: ravióli com massa feita em casa, aves assadas e, ocupando o centro da mesa, cabrito, prato preferido de meu avô.

As sobremesas eram um capítulo à parte: *zeppola* de São José, *pastiera di grano*, *sfogliatella*, que coroavam a verdadeira festa de Babette que foram esses almoços inesquecíveis.

Ao final da refeição, os homens, já um tanto “altos” pelo consumo do vinho, entoavam canções napolitanas. As mulheres conversavam, as crianças jogavam tômbola e exibiam os presentes recebidos.

Sem saudosismo, mas com alegria, recordo os dias de minha infância. E parece que, enquanto escrevo estas mal traçadas linhas, sinto a presença de meus familiares que já se foram dizendo ao pé do meu ouvido: “Continue com as tradições. Não deixe que elas acabem”.

Difícil cumprir o que eles pedem. A família diminuiu, não tenho quintal nem jardim e não conto com ajuda na cozinha, como minha avó e minha mãe. Então optamos por almoçar fora – e restaurante de comida italiana é o que não falta em São Paulo!

Assim, por vias tortas, eu e minha pequena família cumprimos em parte a tradição dos almoços festivos de outrora, pelo menos na sobremesa, saboreando a *sfogliatella* da Di Cunto, que não pode faltar à mesa de paulistanos *oriundi*.

A chácara

Esther Saba

Itaim Paulista, Zona Leste

De 1943 a 1975

Aproveito o feriado para organizar gavetas e encontro uma caixa de fotografias antigas que trazem à tona lembranças há muito adormecidas.

Como em todos os sábados, minha mãe aprontava a bagagem, meu pai as acomodava no porta-malas do carro, meu irmão se empoleirava no banco traseiro, o cachorro latia pressentindo o passeio. Todos a postos, rumávamos para a chácara, distante uns 40 quilômetros do Centro de São Paulo, próximo à cidade de Suzano.

Na ocasião não existiam a Rodovia Dutra nem a Ayrton Senna; a opção era a Estrada Velha São Paulo–Rio, estreita, de mão única, com muito trânsito de caminhões e curvas – uma delas conhecida como Curva da Morte.

Para chegar à estrada o caminho era a Avenida Celso Garcia, depois passávamos em frente à Igreja Matriz da Penha, e com mais alguns quilômetros chegávamos à Capela de São Miguel Arcanjo, a igreja mais antiga de São Paulo, construída com taipa de pilão. Após algum tempo de percurso, podia-se avistar o portão em arco, circundado por uma trepadeira de flores amarelas, passaporte para mais um fim de semana de aventuras.

Durante a viagem, meu irmão, com uma latinha de pastilhas Valda fazendo as vezes de microfone, irradiava hipotéticos jogos do São Paulo F.C. (tanto que até hoje me lembro de alguns nomes da escalação: Poy, De Sordi e Mauro, Pé de Valsa...). E tome transmissão esportiva, na ida e na volta, acompanhada pelos latidos do cão a cada grito de gol!

Na chácara não havia luz elétrica nem água encanada. A luz era produzida por um gerador que funcionava com motor a explosão e que quase sempre “pifava”, para tristeza de meu pai, que abandonava o prato para tentar consertá-lo, e de minha mãe, que via o jantar esfriar.

O fogão a lenha, que tinha penduradas sobre ele cascas de laranja, que eram o combustível para acendê-lo, conferia um sabor especial às refeições. A chapa permanecia aquecida por horas, e sempre havia um bule de café quente para acompanhar as conversas no aconchego da cozinha.

A água de poço era distribuída para a casa por meio de um moinho a vento, que acionava o motor e, em solidariedade ao gerador, encarecia nas horas mais inoportunas.

A horta, o pomar e o galinheiro garantiam alimentos frescos. O leite vinha diretamente da fonte, a vaca Estrela. O pão, quando não era feito em casa, era comprado na venda, distante uns 4 quilômetros, percorridos de charrete puxada pelo cavalo Corisco.

Nas noites de verão, o terraço era palco para seu Dito, o caiseiro, contar “causos” e histórias de saci, que, segundo ele, trançava a crina dos cavalos. E não é que na manhã seguinte a crina dos animais aparecia trançada? A molecada acreditava piamente e morria de medo!

Na época das festas juninas, o mastro era levantado com a bandeira do santo; no caso, Santo Antônio – nome de meu pai. A fogueira montada em frente à casa e o terreiro enfeitado com bandeiras coloridas eram o cenário para a festança.

No sábado de Aleluia, o boneco representando Judas era pendurado em uma árvore e a malhação começava ao meio dia; depois era só ansiedade para esperar o coelho da Páscoa.

No Natal, o pinheiro, de tão grande, fazia com que os enfeites sumissem entre as folhagens; para compensar a falta de enfeites, usávamos algodão e pipoca. Sob a árvore, o presépio a cada ano ganhava uma nova imagem.

Anos depois, o lugar foi se povoando, virou periferia. Já havia luz elétrica e água encanada, mas faltava o encanto dos velhos tempos. O homem se apropriava, pouco a pouco, do espaço dos bichos, e não se ouvia mais nos brejos do Tietê o coaxar dos sapos, que durante anos embalou nosso sono. Mesmo assim, mais uma geração, a de minhas filhas, conheceu dias memoráveis, graças ao avô, um homem que nunca esqueceu seu lado criança.

Ele plantou uma árvore para cada uma das netas, em frente à casa de bonecas, que também construiu, e nos fins de semana as meninas observavam o progresso das plantinhas, que, como elas, cresceram com muito amor e carinho.

A chácara foi vendida no final dos anos 70. Hoje, com a fotografia nas mãos, relembro a última vez em que lá estivemos e me emociono, não sei se pelas belas lembranças que permanecem ou pelo tempo em que éramos felizes e não sabíamos.

A mestra do dedinho torto

Ismael Leite Penteado

Vila Mariana, Zona Sul

[sem data definida]

Quando atingi a idade escolar, meu pai matriculou-me no Grupo Escolar Marechal Floriano, no bairro de Vila Mariana. Note-se que nós morávamos no bairro do Ipiranga e, para chegar à escola, eu fazia uma caminhada de aproximadamente 1 hora, com direito a uma parada na casa de minha bisavó, de onde saía com um suculento sanduíche e uma fruta, que seriam minha merenda escolar.

Nós, os alunos, tínhamos o maior respeito e admiração pela nossa professora, cujo nome jamais esquecerei. Dona Anita Jarussi Ferreira de Noronha, professora enérgica e muito competente, pois, quando passei de ano, meu pai matriculou-me no Grupo Escolar José Bonifácio, na Rua Costa Aguiar, no bairro do Ipiranga, mais próximo de minha casa, e eu estava bem mais adiantado em conhecimentos do currículo escolar do que os demais alunos.

Nenhum dos alunos de dona Anita ousava dizer-lhe mentiras quando interpelados por ela sobre peraltices cometidas longe da escola, pois, como ela sempre fazia questão de afirmar, “possuía um dedinho torto” na sua mão esquerda que lhe contava tudo que fazíamos quando estávamos longe de suas vistas, e todos acreditávamos piamente nisso. Eu, por exemplo, fiquei por muito tempo imaginando como aquele dedinho torto podia saber que eu, usando um estilingue, acertei a perna do galo de estimação da minha vizinha, pois eu morava bem longe da escola.

Hoje vejo que, além de professora, dona Anita era excelente psicóloga. O que nós, alunos, não sabíamos é que ela tomava conhecimento de nosso dia a dia por meio de contatos e reuniões periódicas com nossos pais.

Saltar do bonde

Jair de Alencar Freire

Santa Cecília, Zona Central

1949

Meu irmão, cinco anos mais velho do que eu, conseguiu um “bico” de lanterninha e baleiro do Circo Piolin. Sua tarefa era acomodar os espectadores em seus assentos numerados e depois pendurar um tabuleiro no pescoço e sair gritando “Bala! Baleiro! Goma!” por entre as cadeiras.

O circo ficava na Avenida General Olímpio da Silveira. Era famoso. E a figura principal era o próprio Piolin, pragmático, gordíssimo, adorado pelas crianças. Ganhava todo mundo. Eu ia junto com meu irmão e assistia de graça aos espetáculos.

Morávamos na Rua dos Pirineus, uma travessa da Praça Marechal Deodoro. Íamos para o “trabalho” tomando sempre os bondes abertos naquele ponto da esquina da Avenida Angélica.

A malandragem estava em subir no estribo no extremo oposto de onde ficava o cobrador, para ir apenas da Avenida Angélica até a frente do circo. Só que não tinha ponto de parada naquele local, e o negócio era saltar do bonde andando, o que requeria muita habilidade.

Fazíamos isso todos os dias. Não pagávamos a passagem, sempre fugindo do cobrador.

A partir da Praça Marechal Deodoro até a frente do circo, era um plano inclinado, suficiente para fazer o bonde ganhar velocidade. Um belo dia, saltamos, eu e meu irmão, como de costume. Só que ele caiu, bateu a cabeça no chão, cortou o couro cabeludo, e foi uma sangueira danada.

Voltamos para casa, e ainda apanhamos da nossa mãe, que nos proibiu de voltar lá. Foram-se o “emprego” do meu irmão e meus espetáculos gratuitos também.

A velha “Cidade Nova”

Luiz Simões

Barra Funda, Zona Oeste

1946

Nosso pai vivia sendo transferido. Em 1946, viemos de Campinas para São Paulo, pois ele iria ficar um tempo no Instituto Biológico. Instalamo-nos numa pensão da Rua Vitorino Carmilo. Era um quarteirão de casinhas, das quais muitas existem até hoje, inclusive a da pensão.

Para nós era um ponto estratégico: ficava a poucos passos de minha tia Zilda, defronte ao Teatro São Pedro. Na sua casa, um sobrado, era realizada a festa de Natal da família. E mais perto ainda do Colégio Eduardo Prado, onde fiz meu 1º ano do primário.

Ficamos por ali um ano. Com isso, aprofundamos nossos passeios ao Centro. Pudemos conhecer bem a região do Triângulo, onde devo acrescentar às vitrinas memoráveis uma de uma casa de aves, ovos e rações que existia no Largo São Francisco. Vimos ali, com espanto, uma vitrina com jacarezinhos vivos, nadando num aquário! Essa casa era a mais famosa em seu ramo, na época.

Passemos agora ao outro lado do Viaduto do Chá. Não faltavam lojas fascinantes. Creio que foi num andar superior do Mappin que encontrei um “brinquedo” que mexe até hoje com minha imaginação: um carro de corrida, como as baratinhas usadas por Fangio, Ascari e Nuvolari, mas em escala infantil. Nem por isso deixava de ter tudo de direito: motor, freios, câmbio por fora da cabine, pneus verdadeiros de borracha. Vermelho, era de enlouquecer um precoce admirador de carros como eu. Era só ligar a chave e sair por aí, se houvesse dinheiro para tanto. Não havia, é claro. Ficou para lembrança, pois nunca mais vi algo parecido em nenhum lugar até hoje.

O bonde subia a Conselheiro Crispiniano e contornava o Mappin. Na Sete de Abril, logo a seguir, outro deslumbramento: a Casa Aero-Brás [hoje na Major Sertório], com seus aeromodelos e suas miniaturas. Não demos sossego a nossos pais enquanto não compraram dois aviões. O de meu irmão era mais simples, mas voava, movido a elástico. Acabou se arrebatando no arvoredo da Chácara Carvalho, atrás da pensão. O meu, um AT-6 da FAB, era incrementado e decorado, mas o tempo também se encarregou de destruí-lo, mesmo não voando.

A guerra havia terminado havia pouco, e muitos dos brinquedos eram jipes, tanques, capacetes, metralhadoras. Isso se via

em todas as casas de brinquedos. Outra loja que chamava atenção era a Drogadada, na Barão de Itapetininga, ao lado do Theatro Municipal.

Do Biológico, lembro-me subindo as escadarias de sua solene fachada. Dentro podia consultar a biblioteca, livros imensos com extraordinárias fotos de animais raros, gorilas gigantes, tubarões, narvais.

Do seu terraço com seteiras, via-se o descampado que viria se tornar o Parque Ibirapuera. Atrás do Instituto havia um terreno com macacos, cercado com arame eletrificado, para que não escapassem.

No fim do ano voltamos para Campinas. Meu pai não havia se adaptado ao trabalho e retornava ao Instituto de Sericicultura, cuja sede era lá. Mas nunca esqueci o pitoresco ano na boa Pauliceia da época.

Rego Freitas na década de 40

Luiz Correia da Fonseca

Vila Buarque, Distrito República, Zona Central

[sem data definida]

Na década de 40, fui proprietário de um empório na Rua Rego Freitas, esquina com a Rua Santa Isabel, na Vila Buarque.

A Rego Freitas era uma rua de paralelepípedos, com predominância de casas residenciais, na maioria térreas, com muros baixos e portões de ferro. Em cada esquina ao longo da rua havia um empório. Em frente ao meu, que ficava no nº 104, destacava-se já um edifício de 14 andares de apartamentos residenciais, o único da rua, com um açougue embaixo, cujo proprietário era o sr. Romano. Ao lado desse edifício havia outro menor, conhecido como “Chalé de Bicho”. No andar de cima funcionava a escola de ballet da conhecida Madame Olenewa, minha freguesa, aonde fui muitas vezes entregar lanches para as alunas e aproveitava para espiar embevecido aquelas belas jovens que dançavam.

Dentre as casas dessa rua havia uma térrea (nº 124), com um pequeno jardim na frente, de muro baixo gradeado, onde moravam as irmãs Novaes. Eram três: de uma, infelizmente, não recordo o nome; outra, a quem sou reconhecido, chamava-se Amália, distinta professora, que encaminhou minha filha para o melhor colégio da época, o Caetano de Campos, onde só estudavam os filhos dos ricos; a terceira era a renomada pianista Guiomar Novaes.

Era uma honra para mim, um português de poucas letras, tê-las como freguesas de meu modesto estabelecimento.

Como elas, outros fregueses, talvez não tão ilustres, mas igualmente amigos e solidários, conheci naquela São Paulo do passado, que me acolheu e onde criei meus filhos e vivo até hoje.

A Esquina do Pecado

Carmen F. Lino de Mattos

Centro, Zona Central

[sem data definida]

Uma das coisas que marcaram nossa vida escolar foi a existência da Esquina do Pecado. Ela ficava na Avenida Cásper Líbero com a Rua da Beneficência Portuguesa, rua do Colégio Alfredo Pucca, onde Caetano Bifoni, marido da Maria de Lourdes (também colaboradores deste projeto), e eu fizemos o ginásio.

Naquela esquina, santa inocência, eram cometidos os “terríveis” pecados, como encontrar com os namorados, tramar como fugir da primeira aula para ir jogar sinuca no Bar e Bilhar Paratodos, no Largo de Santa Ifigênia, ou a estratégia para a guerra contra os meninos do Colégio São Bento.

Para nós, meninas, apenas o encontro com um namoradinho, mais para fazer “farol” para as colegas, ou então juntávamos uma turma e fugíamos da aula para ouvir música nas cabines das lojas de discos. Depois de ouvir muitos discos, a gente saía com a maior cara de pau, sem comprar nada.

Inúmeros outros pecadilhos aconteceram que não poderiam ser tão perigosos. Éramos adolescentes, anos 40, onde o maior e mais terrível vício era o cigarro. E um beijinho só depois de *muuuuuuuu*uito tempo.

Havia, sim, uma outra Esquina do Pecado, e essa não era nem um pouco inocente, mas também não era para nós, pobres impúberes crianças.

Ficava na esquina da Avenida São João com a Avenida Ipiranga. Era ali, no café Juca Pato, que se reuniam os boêmios para um delicioso cafezinho, já madrugada, depois de uma noite no cabaret OK ou nos *taxi dancings* Avenida e Maravilhoso, ou vindo de outras aventuras mais sofisticadas, como Boate Oásis, Boite Lord, Boate Excelsior, ou do Gigetto, Spadoni, Telêmaco.

Ali se reuniam artistas, escritores, boêmios de todas as classes e de todos os pecados.

Hoje a esquina continua do pecado, degradação total, o avesso do avesso do avesso, como diz Caetano.

Nossa rotina dominical

Neuza Guerreiro de Carvalho

Ipiranga, Zona Sul

Início dos anos 1940

Era o começo da década de 40. Eu, nos meus 11, 12 anos. Todos os domingos eu e meus pais tínhamos um passeio certo.

Morávamos no Ipiranga, bem lá em cima, perto do Sacomã, e aos domingos nós três saíamos pela manhã, tomávamos o bonde Fábrica nº 20, atravessando o Ipiranga todo, o Cambuci, a Rua do Lavapés e a Rua da Glória, chegando à Praça da Sé. Era então uma praça pequena, cinzenta, com a Catedral em construção, o belo prédio Santa Helena, o relógio central e o abrigo de bondes bem no meio.

Da Praça da Sé seguíamos para a Rua Direita, uma rua de lojas boas e chiques. Chegávamos à Praça do Patriarca e nos encaminhávamos para o Viaduto do Chá. Para mim, menina, um lugar imenso, altíssimo, assustador. Na Rua Xavier de Toledo tomávamos o bonde, ou íamos a pé. Bonde, podia ser o Vila Buarque ou qualquer um que subisse a Rua da Consolação. O bonde Vila Buarque passava na Rua Marquês de Itu (ou Major Sertório?), rente à janela de um dos quartos, que quase se debruçava na calçada. Fazia tremer tudo à sua passagem e uma vez descarrilou, invadiu o quarto de minha avó. Felizmente não havia ninguém dormindo.

Descíamos em frente à igreja e depois pegávamos a Rua Rego Freitas, indo até a casa de minha avó e minhas tias para comer a tradicional macarronada italiana e o frango assado com ervilhas, dos quais nunca me esqueci. Frango com ervilha é sinônimo da casa da avó e das tias.

À tarde, muitas vezes eu, como a mais velha dos cinco primos, os levava ao Cine Odeon, na Rua da Consolação, um pouco abaixo da igreja, na calçada oposta. Tinha duas salas, Vermelha e Azul, com filmes diferentes. Lembro-me de uma vez em que tive que mudar de lugar com a tropa toda porque o menor fez xixi na cadeira e alagou o chão.

Eu e meus pais saíamos de lá à noite, e a volta era um pouco diferente. Ao chegarmos à Praça do Patriarca, desviávamos da Rua Direita porque nos domingos à noite ela era dos pretos. Lotavam literalmente a rua. O preconceito era mútuo – nem os brancos queriam atravessar o mar negro nem os pretos gostavam da intromis-

são dos brancos na “sua” rua. Assim, desviávamos pela Rua São Bento e pela José Bonifácio para chegar pela Benjamin Constant ou pela Senador Feijó até a Praça da Sé e aos abrigos cinzentos e feios onde faziam ponto os bondes. O Fábrika n° 20 nos levava de novo para o Ipiranga, para o fim do domingo em família.

Nota da autora: era a década de 1940, e afro-brasileiros ainda eram chamados de “pretos”.

Os passeios da minha mãe

Carmen F. Lino de Mattos

República, Zona Central

1941

Morávamos na Rua 24 de Maio, no número 113, onde meus pais tinham um hotel com 22 quartos. Estava sempre lotado, principalmente com artistas e funcionários das companhias que se apresentavam no Teatro Santana, que ficava ao lado.

Minha mãe trabalhava muito, mas sempre arranjava tempo para nos dar um pouco mais da sua companhia. Claro, para nós seria um prazer estar mais com ela, se o que ela planejava para esses momentos fossem realmente do nosso agrado. Ela decidia, e pronto. Nem sempre, porém, era ruim.

Nossos programas no fim de semana eram divertidos. Minha irmã e eu, crianças de pouco mais de 7 anos, tínhamos uma atividade intensa aos sábados e domingos.

Aos sábados, íamos ao teatro. Como morávamos ao lado do Santana e muitos artistas moravam no nosso hotel, não pagávamos ingresso. O mesmo acontecia com os outros teatros: o Casino Antártica, no Anhangabaú, o Boa Vista, na Rua Boa Vista, e algumas vezes o Municipal, para ver o balé da professora Maria Olenewa.

Aos domingos, cinema da sessão das 14 horas, porque era mais vazio, e depois ainda um pulinho na Praça da República para encontrar nossa turminha. De vez em quando, porém, vinha o temível convite: “Vamos dar uma volta?” Logo imaginávamos: um passeio de bonde. E era: bonde Pinheiros ou Vila Buarque.

Quando ela escolhia o bonde Vila Buarque, eu ficava mais contente. O “passeio” seria mais agradável. O trajeto do bonde passava pelo bairro de Vila Buarque e entrava em Higienópolis. O bonde, por ser domingo, passava lentamente pelas ruas do bairro, e era muito bonito ver aqueles casarões antigos; eu, uma romântica incorrigível, me imaginava nos bailes, nas festas, nos saraus daqueles palacetes, com um lindo vestido de tule azul, que variava conforme o dia. Avenida Angélica, Avenida Higienópolis, Rua Maria Antônia, o caminho da volta do nosso passeio, que a princípio parecia um sacrifício, mas que no final me dava sempre uma chance para sonhar.

O “passeio” no bonde Pinheiros era detestável. Primeiro porque era o meu bonde diário. Eu estudava no Grupo Escolar São Paulo, hoje E.E. Professora Marina Cintra, na Rua da Consolação,

esquina com a Rua Dona Antônia de Queirós. O roteiro já estava saturado e ainda tinha um inconveniente: passava por dois cemitérios, o da Consolação e o do Araçá. Eu morria de medo e passava por eles de olhos fechados. Quando o bonde entrava na Avenida Doutor Arnaldo, já era noite, e meu coração começava a disparar. De um lado, o cemitério; do outro, o Hospital de Isolamento, de triste memória. O bonde, antes de entrar na Rua Teodoro Sampaio, dava uma paradinha maior, exatamente na porta do cemitério. Para me distrair, eu lia em voz alta os anúncios que havia nos bondes. Lia em voz alta para mostrar que sabia ler.

“Prevenir acidentes é dever de todos.”

“Colírio Moura Brasil. Duas gotas, dois minutos, dois olhos claros e bonitos.”

“A boa luz é a vida dos seus olhos.”

“Tosse, bronquite e rouquidão, Xarope São João.”

“Polvilho Antisséptico Granado.”

“Dor - Gripe - Resfriado, Rhodine Cafeinada, a boa enfermeira.”

“Tosse? Bromil.”

Aumentando a voz e quase gritando, eu lia: “Regulador Xavier, o remédio de confiança da mulher. Duas fórmulas diferentes para dois males diferentes: nº 1 - excesso, nº 2 - falta ou escassez”.

Nessa altura, minha mãe, envergonhada, me dava um beliscão. Eu ria interiormente, pois havia feito de propósito para me vingar do passeio que tanto temia. Continuava lendo para ela não desconfiar:

“Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado...”

Ladeira quebra-bunda

Wilma Maria Anna Romano

Bela Vista, Zona Central

1946

Todas as tardes a garoa surgia, presença obrigatória para marcar com personalidade as tardes de São Paulo.

Meu pai e minha mãe, italianos de Nápoles, viram o terreno que estava à venda na esquina das ruas Barata Ribeiro e Dr. Penaforte Mendes. Meu pai não se interessou; para ele a região era de brejo e mato. Mas minha mãe gostou, insistiu, e eles acabaram comprando a propriedade. Com carinho, meu pai construiu três casas geminadas e um pequeno armazém. Ele sempre se orgulhou das portas de pinho de riga, dizia que eram para durar a vida toda. Tudo foi alugado até 1946, quando fomos morar lá.

A subida era tão íngreme que era chamada de “ladeira quebra-bunda”. Nela, todo dia alguém ia ao chão.

Meu primo Mário e eu subíamos diariamente a Barata Ribeiro para ir ao Colégio Dante Alighieri, onde estudávamos e tínhamos aula de Geografia com o professor Jânio Quadros. Ele falava muito e não deixava seus alunos conversarem em aula. Certo dia, no recreio, vimos quando um avião de pequeno porte passou rente às casas e ao colégio, perdendo altura. Todos previram sua queda, que acabou acontecendo. Ele passou raspando pelas nossas casas geminadas e caiu de bico na Praça 14 Bis, bem na esquina com a Barata Ribeiro. Seus três ocupantes tiveram morte instantânea.

Minha família sempre contou que, quando o presidente Getúlio Vargas inaugurou a Avenida Nove de Julho, de terno e chapéu branco, imponente em um carro conversível branco, que naquele tempo se chamava de “barata”, ele apanhou no colo uma pequena menina que estava na calçada. Era eu. Os mais velhos lembram ainda que, na festa do presidente, só se podia agitar a bandeira brasileira. A de São Paulo não podia. Afinal, Nove de Julho marca a Revolução de 1932, de São Paulo contra o Estado Novo.

Em 1948 realizaram um concurso na Barata Ribeiro, a nossa rua, para escolher a garota mais querida do bairro. Eu fui a escolhida, com direito a baile de coroação de Miss Barata Ribeiro no Clube Arakan, naquela época um dos mais chiques de São Paulo.

Em 1954, São Paulo fez sua grande festa de aniversário de 400 anos, data comemorada durante o ano inteiro. A prefeitura distribuiu placas comemorativas do quadricentenário aos mora-

dores que colaboraram com os festejos. Essas placas foram colocadas nas portas das casas. Lembro que nesse mesmo ano foram inaugurados o Parque do Ibirapuera, o Monumento às Bandeiras e a nova Catedral da Sé.

Em dezembro daquele ano eu me casei. Criei meus dois filhos na mesma casa. Hoje, quase não há garoa nesta terra. Mas as três casas e o armazém construídos por meu pai continuam desafiando o tempo na esquina da Barata Ribeiro com a Dr. Penaforte Mendes – desafiando o tempo com suas paredes fortes e suas portas de pinho de riga.

Agora eu acredito que essas portas vão durar para sempre.

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Anos 1950

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Passarinhada de pardais

Miguel Chammas

Rio Pequeno, Zona Oeste

[sem data definida]

O título é insólito, mas a memória é real. Os anos são da década de 50, os personagens são meus amigos da época e que hoje andam pelos caminhos do mundo, tentando achar uma encruzilhada para nos encontrarmos novamente.

Esses amigos são o Zilando, o Juca Batista, o Sérgio. O cenário é a chácara do “seu” Freitas (pai do Zilando), que ficava no Rio Pequeno.

Para chegar a essa chácara era bastante difícil naquela época. Apanhávamos o bonde Pinheiros na Rua da Consolação e íamos até o ponto final, que era no Largo de Pinheiros, em frente à igreja; descíamos do bonde e nos encaminhávamos para a Rua Butantã, onde pegávamos o ônibus para Osasco.

Assim que o ônibus passava o local chamado “Mercadinho”, tínhamos de descer e fazer uma caminhada enorme, subindo dois morros com um intervalo de descida entre eles.

Estávamos, então, na porta da casa, depois da subida do segundo morro, de termos passado pela piscina (Santa Terezinha) e depois por todo o pomar onde laranjeiras, limoeiros, caramboleiras dispersas nos ofereciam seus frutos e saciavam nossa sede até a chegada definitiva.

Nós, jovens e inconsequentes, queríamos aproveitar todas as oportunidades surgidas para aproveitar aquele lugar delicioso, e para lá íamos sempre que tínhamos chance, com ou sem dinheiro.

Aliás, dinheiro só para passagens e mantimentos que comprávamos para levar. Todos sabíamos cozinhar e dividíamos as tarefas com coerência e responsabilidade.

Certa ocasião, fomos com a ideia de ficar um fim de semana. Levamos, lógico, mantimentos suficientes para sexta-feira, sábado e domingo, mas o domingo transcorreu tão bem, o sol foi tão dadivoso e a piscina, tão refrescante, que fomos adiando a hora da saída.

Adiamos tanto que a tarde ia terminando e nós ainda estávamos nadando. Naquele tempo não havia as facilidades de hoje. Não dispúnhamos de condução constante, não tínhamos telefones celulares nem comunicações imediatas, mas, para jovens, tudo se

torna fácil quando eles decidem, e nós deliberamos naquele exato momento que pernoitaríamos por lá mesmo.

Sáimos da piscina, decidimos no “palitinho” quem iria fazer o percurso de mais ou menos 3 quilômetros para telefonar a uma das mães avisando-a de nossa decisão e pedindo que informasse às outras mães.

Foi, então, que nos lembramos de que não havia sobrado nada dos mantimentos levados e, pior, não tínhamos dinheiro suficiente para comprar comida.

Fizemos um levantamento na cozinha e encontramos 1 cabeça de cebola, 5 dentes de alho, ¼ lata de óleo, 2 tomates, 1 lata de massa de tomate, sal e 1 quilo de arroz.

Olhamos-nos indagadoramente, já imaginando qual seria a grande janta. Arroz seco.

Foi então que, ao ouvir um barulho muito conhecido e, até então, nada significativo, este amigo teve a ideia salvadora da noite.

Coloquei de imediato uma panela grande cheia de água no fogo e comecei a esperar pela sua fervura. No mesmo instante, convoquei o Zilando e o Juca Batista para entrarem no forro da casa pela claraboia da cozinha e começarem a caçar todos os pardais que encontrassem.

A tarefa era muito fácil, já que o forro era repleto de ninhos de pardais. Sugestão formalizada e imediatamente cumprida.

Lá se foram os dois pela claraboia, e, momentos depois, uma chuva de pardais com o pescoço destroncado caía por sobre mim, que, de imediato, os jogava na água fervente, depenava-os, extraía suas vísceras e reservava o pequeno montículo de carne e ossos que sobrava de cada um deles.

Ao final de algum tempo, tínhamos uma enorme baciada de pardais que foram cozidos no molho dos tomates engrossado com a massa de tomate (não me lembro se a marca era Elefante).

Foi uma excelente passarinhada de pardais com arroz que nos alimentou naquela noite, provando que, com imaginação e vontade, sempre se consegue dar a volta por cima.

Viva os pardais! Ou será a abençoada FOME?

As calçolas da *mamma*

Zuleide Oliveira Monteiro de Castro

Tatuapé, Zona Leste

Aproximadamente 1956

Esta o meu cunhado mandou contar.

O sr. Antonio Daminello tinha sua alfaiataria na região da 25 de Março. Às vezes, levava seu filho com ele; às vezes, sua mulher, dona Anita Giannechine Daminello, se fazia acompanhar da menina Cleide para lá realizar “umas comprinhas”.

Era de lá, também, que o “seu” Antonio trazia uma resma de papel de seda para o garoto Zé Roberto fabricar seus balões para as festas de junho. Não esquecia os demais apetrechos para confeccionar os maravilhosos balões que enfeitavam os céus do Tatuapé na década de 50: breu, estopa e arame fininho para as tochas; cola não podia faltar.

Quase sempre havia companheiros para esse mister. Assim, foram muitos os balões que subiram do quintal do sobradinho da Rua A, a primeira a ser construída no Conjunto Acrópole.

Certa feita, junho já chegava ao fim, e o material para as tochas também. Enquanto dona Anita repousava à tarde e a Cleide havia saído, o Zé Roberto, sozinho em casa, teve uma vontade incontrolável de soltar alguns balões.

Foi para o quintal com o que havia de munição. Recortou e colocou. Tomou do que havia de arame fino, mas, e a tocha? Ficou ali um pouco matutando, e eis que, de repente, olhou para o varal: as “calçolas” coloridas da *mamma* lá estavam. O tamanho das peças íntimas favorecia – dona Anita, afinal, era realmente uma bela *mamma* italiana, forte e redondinha, de quadris um tanto largos.

Descobriu a solução. Recolheu uma calçola cor-de-rosa, enrolou direitinho. Como combustível, usou inseticida Detefon. Foi o maior malabarismo para acender a tocha sozinho, aproveitou os varais e um cabo de vassoura. Mais um pouquinho de tempo, e lá estava o balão tremulando ao encontro do infinito. Experiência de sucesso.

Nos dias que se seguiram, nosso amiguinho travesso foi fabricando seus balões com as calçolas da *mamma*. Um dia a azul, outro a amarela, e assim por diante, o estoque de calçolas foi sendo consumido em tochas de balão.

Sentindo a falta de suas peças íntimas, dona Anita disse para a filha, com aquele sotaque característico dos italianos da São

Paulo do Leste: “Cleide, vamo lá na 25. Preciso me comprar mais *umas calcinha*. Não sei o que aconteceu; as que nós compramos da última vez estão desaparecendo!”

Essa história, contada quase 50 anos depois, entre os corretores da Clássica Empreendimentos, causou uma onda de gargalhadas. Um deles comentou: “Já pensou fazer tocha de balão com as calcinhas da minha mulher?” Meu cunhado Zé Roberto, já adulto e experiente, concluiu: “Com as modernas não dá nem para soltar um chinesinho!”

Velório na Esquina do Pecado

Luiz C.S. Dutra

Liberdade, Zona Central

[sem data definida]

A história que vou contar situa-se na década de 50. Local: esquina da Rua Castro Alves com a Rua Vergueiro, no bairro da Liberdade. Ali havia o Cine Paulistano, já em decadência. No seu subsolo funcionava uma gafeira cujos frequentadores usavam armas e entravam no salão sem ser incomodados. Em frente, um bar; ao lado, outro bar; mais ao lado... outro bar. Este último, conhecido como Bar dos Artistas, pois que cada freguês era um. Havia ainda uma casa de jogos que bancava até corrida de cavalos. Nas proximidades, um dos maiores cortiços de São Paulo naqueles tempos: o Navio Negroiro. Por tudo isso, a intersecção da Castro Alves com a Vergueiro era mui sugestivamente chamada Esquina do Pecado. Foi palco de tragédias e comédias, e é justamente um desses eventos hilários que passo a narrar.

Como todo local de encontro de malandros e desocupados, havia ali um bêbado de nome Basílio, que era motivo de gozações. O pessoal financiava maldosamente suas cachaças para depois divertir-se com ele. Em uma dessas ocasiões, estando o nosso herói “pra lá de Bagdá” – o que o impedia de manter o prumo, malgrado todos os seus esforços –, resolveu a galera improvisar uma espécie de velório. Como por um passe de mágica surgiram flores, um lençol velho, um travesseiro idem, velas e alguns tijolos e caixotões que serviriam como pedestal. Pronto! Em alguns minutos o nosso herói foi “arrumado” na horizontal, com as mãos cruzadas sobre a barriga, as velas acesas e um cartaz pendurado bem acima do corpo, com os dizeres: “Basílio de Tal, nascido aos tantos e falecido nesta data, vítima de afogamento em água-que-passarinho-não-bebe”. Tudo isso na esquina, a famosa do Pecado.

Acontece que pela Rua Vergueiro trafegava uma respeitável quantidade de bondes, com os mais variados destinos: Angélica, Vila Mariana, Praça da Árvore, Brooklin, Santo Amaro, Vila Clementino e outros mais em que a memória não me socorre. Advinhem o que aconteceu? Cada motorneiro, ao ver o “cadáver” bem ao lado dos trilhos, diminuía a velocidade de seu veículo, atraído (dir-se-ia até embasbacado) pela cena inusitada.

Consequência: congestionamento total ao longo das ruas Vergueiro e Liberdade, com reflexos até na Praça João Mendes, que era o ponto inicial das citadas linhas de bonde. Presença do pessoal da 5ª Delegacia (que ficava logo ali, na Rua José Getúlio), ajuntamento de curiosos, risos etc. etc.

A Esquina do Pecado cumpria ali, naquele momento insólito, mais um capítulo de sua longa, duradoura e gloriosa existência! São Paulo, naqueles tempos, divertia-se sem maldade. E seus malandros também.

O respeitado guarda civil

Manoel J. Maria

Vila Gumerindo, Zona Sul

[sem data definida]

Quando adolescente, presenciei um fato que ficou muito marcado na minha vida e ainda hoje tomo como exemplo e tenho contado para muita gente.

Eu estava no ônibus que fazia a linha do meu bairro (Vila Gumerindo) até o Centro da cidade. Como era de manhã, o ônibus estava com muita gente, pessoas que iam para o trabalho e estudantes que iam para a escola.

A viagem transcorria normalmente, até que um passageiro de feições humildes deu ao cobrador uma nota esfarrapada de tanto uso, a fim de pagar a passagem, e que correspondia a seu valor. Hoje seria algo em torno de 1 real. Naquela época a passagem não custava tanto como agora (bons tempos!).

O cobrador não aceitou a nota, e o passageiro só tinha aquele dinheiro. O impasse estava criado. O passageiro tentava passar na roleta, e o cobrador não deixava, travando-a. O cobrador então pediu ao motorista que parasse o ônibus para que o passageiro descesse. Os passageiros presenciaram tudo em silêncio, porém com certa irritação, preocupados com seus horários.

O motorista parou o ônibus; porém, como o passageiro se recusava a descer, o cobrador pediu a ajuda de um guarda civil que ocasionalmente passava na calçada.

O guarda dirigiu-se até a janela em que estava o cobrador, que lhe relatou o que ocorria, pedindo sua ajuda para que o passageiro descesse do ônibus.

O guarda, *incontinenti*, enfiou a mão no bolso, tirou uma nota igual à esfarrapada, pagou a passagem do homem e, sem dizer uma palavra, seguiu seu destino. O ônibus continuou a viagem, e os passageiros permaneceram calados, certamente meditando sobre a atitude sábia do guarda, que poderia ter sido tomada por qualquer uma das pessoas que estavam a bordo, o que evitaria aquela situação.

Bons tempos da Guarda Civil. Era uma composição de elite. Seus integrantes usavam farda azul com botões dourados e

quepe azul, sempre em estado impecável, e eram benquistos pela população.

Eram conceituados a ponto de, nos bairros onde moravam, serem chamados para resolver conflitos de casais e/ou familiares. As crianças gostavam muito deles, principalmente dos que ajudavam na travessia da rua, em frente às escolas, como o guarda Miranda, da minha época, que, por ser tão respeitado, era convidado pela escola para dar palestras sobre educação no trânsito.

Maravilhosa década de 50

Mario Escobar Marmo

Alto de Pinheiros, Zona Oeste

1954

Eu era apenas um garoto, vindo do interior, depois de estudar em dois colégios religiosos, um das freiras do Sagrado Coração de Jesus e outro dos irmãos Maristas, na Vila Mariana. Foi um processo de quebra de tabus e descobertas.

A Rua Jubiabá, número 75, no Alto de Pinheiros, era tranquila e isenta de ruídos; bem, isso até o dia em que me mudei para lá. Começava uma nova etapa em minha vida de completo desconhecimento e celibato.

Saí com minha lambreta, escondido de minha mãe, pois iria fazer arte, e, meio longe de casa, passei pela Rua Cardeal Arco-verde, quase na esquina da Capote Valente. Por assobio combinado (como na primeira estrofe da música Tequila, de Willian Forneau), chamei minha namorada.

Vilma é seu nome, e foi a primeira. Eu nunca havia namorado com alguém; tinha apenas 13 anos de idade, mas pilotava um carro ou uma motoneta e, por incrível que pareça, um avião Cessna 140 com maestria (se houver culpa nisso, falem com meu pai).

Bem, Vilma veio sorrateiramente, saindo pela porta dos fundos de sua casa, já de uniforme escolar, uma gracinha de menina, saía azul-marinho plissada e blusa branca. Era aluna do colégio de freiras Stella Maris, aquele em frente ao Cemitério São Paulo.

Ela subiu na garupa, e rumamos para participar da inauguração do Parque Ibirapuera. Que emoção, meu Jesus! Hoje vejo como foi bom ter vivido esses momentos.

O parque era um monumento à grande São Paulo que amo. Pavilhões e pavilhões de conhecimento e cultura; o grande lago, repleto de barquinhos a motor alugados por hora e que se comunicava com dois outros menores; em seu centro, um grande deque de ipê que abrigava um bar-lanchonete maravilhoso; ao redor, luzes e chafarizes faziam parte da iluminação costeira, de lindas e variadas cores.

Que posso mais desejar, caros leitores? Hummm... Lá estávamos nós, no Pavilhão Japonês, bem em cima da ponte em arco, curtindo nossos primeiros beijos; eram meio desajeitados e

estudados, mas em poucos minutos se tornaram cinematográficos, para o espanto das pessoas que ali passavam.

Meu coração não batia mais, levava uma surra de galope, e o dela eu sentia no meu peito, acompanhava o ritmo do meu.

Alugamos um barquinho e desaparecemos no mapa do parque; precisou o encarregado ir à nossa captura. Depois de aportar, fomos tomar um sorvete Kibon na Sorveteria do Italiano; foi uma enorme *banana split* com todas as coberturas a que tínhamos direito.

Sáímos dali para o Museu de História do Brasil, bem onde existe aquela abóbada que mais parece um disco voador apeado. Entrando, ficamos maravilhados com os conhecimentos ali expostos, nos prendemos por algum tempo às cartas de Pero Vaz de Caminha e ao 14-Bis, do nosso pai da aviação Alberto Santos Dumont; aproveitamos para nos beijar mais ali e fomos surpreendidos por um guarda civil, todo empombado em traje de gala, com aqueles ridículos cordões brancos espalhados pelo corpo todo.

Claro que o atendemos; ele estava certo, pois naquele tempo ninguém se beijava em público daquela maneira, nem muito menos dois piás de 13 anos.

O dia estava passando, e pensamos em nossos pais, mas ainda tínhamos tempo para visitar a Bienal, depois fomos ver o Mario Zan tocar sua sanfona e cantar o São Paulo Quatrocentão.

Esquentei minha lambreta standard, e fomos ao Estádio Municipal do Pacaembu para assistir ao jogo em que o Corinthians se sagrou campeão paulista de 1954. Na preliminar jogaram as vedetes paulistas contra as cariocas, quando pude ver de pertinho a Marli Marlei e a Virginia Lane, pelas quais cultivava lindos pensamentos de guri.

Já estava na hora de voltar para casa, após esse dia incrível e inesquecível, do qual os detalhes de cada minuto ainda estão vivos em minha mente. É só acionar a memória como hoje eu o fiz.

Vilma foi meu primeiro amor. Aprendemos juntos muitas coisas da vida, principalmente o companheirismo e a troca espontânea e verdadeira dos sentimentos, o que hoje está ficando raro.

Fizemos juntos mil passeios, e eles estão em nossa memória. Até para Santos fugimos uma vez, e para Valinhos, para a festa do Figo, em outra aventura.

Namorávamos em lugares absurdos. O nosso preferido era bem em frente ao Colégio Stella Maris, mas dentro do Cemitério São Paulo. Há um túmulo bem grandioso, no qual estão sentados a uma mesa de bronze um casal e um menino, em suas respectivas cadeiras, mas há uma cadeira vazia, e esta é que aproveitamos para o namoro (com a licença dos proprietários sepultados, claro).

Na verdade, nem o coveiro, que estava vivo, poderia impedir nosso romance.

Este relato está contido no novo livro que ainda escrevo. Espero que tenham gostado, pela oportunidade de falar do Parque Ibirapuera, com um temperinho meio infantil, mas verídico.

Memórias da Vila Nova Conceição

Roberto Machado de Campos Filho

Vila Nova Conceição, Zona Sul

[sem data definida]

Antes de passar para o Dante, na época da Mena Barreto, eu estudei no Externato Jardim Europa (quem não estudou lá?). Depois veio o Externato Elvira Brandão, na Alameda Jaú (um horror, tínhamos que subir para a sala da dona Marina para ela marcar a falta num “livro negro”), e então fui para a escolinha A Primavera, da dona Laura.

Só depois fui para o Dante Alighieri, com o Mariano de vigilante, Paulo de História, Lina de Português e, a pior de todas, a Piera de Latim (por causa dela e por Francês, repeti a 2ª série, por 0,25 ponto – só que as duas matérias deixaram de ser obrigatórias no ano seguinte). O Porta era o diretor.

Nos dias de briga entre os meninos, todos iam ao Parque Trianon para ver e jogar o perdedor no laguinho da fonte. Descíamos até a Avenida Nove de Julho para pegar o ônibus que ia pela Avenida Santo Amaro. Isso quando eu não ia de carro, pois as minhas duas irmãs estudavam no Colégio Sion, em Higienópolis, onde as aulas terminavam um pouco antes das do Dante.

Chegando de ônibus, eu descia na Santo Amaro, no ponto quase em frente à Los Angeles, e comprava uma revistinha de quadrinhos (nas terças O Pato Donald, O Super Homem, Fantasma, Bolinha). Também comprava um doce na padaria e subia a Professor Filadelfo.

Nossa principal loja era a Casa Prata, comandada pelo seu Rubens. Lá tinha de tudo. O cinema era o Radar, suntuoso, mil e tantos lugares. Acabou virando Mirafiori e, mais recentemente, a Itavema. Coitado! O outro cinema (sem ser o Vila Rica) era o Guarujá. Em cima dele ficava o Instituto de Ginástica Jorge Amaral. O Jorge Amaral era médico e um homem muito forte e caipira que algumas vezes vinha a cavalo de Itapeverica da Serra, onde morava.

Fazíamos corridas com carrinho de rolimã na Rua Canário, esquina com a República do Líbano. Era uma descidona e terminava num córrego. Do outro lado da rua ficava um palacete com a fachada como a do filme E o Vento Levou (acho que era a casa dos Figueiredo). Essa casa, aliás, foi implodida no ano passado, e construíram no lugar um pirulito com não sei quantos metros quadra-

dos por andar e não sei quantas vagas na garagem. Tudo “com vista eterna para o parque”.

Íamos até a Avenida Ibirapuera para amassar moedas do General Dutra quando o bonde passava por cima delas. Ficávamos escondidos no mato. Esse bonde vinha não sei de onde e seguia até o Brooklyn.

Não existia a avenida. Para um dos lados era Moema, com suas ruas com nomes de pássaros, e, para o outro, Indianópolis (que quer dizer “cidade dos índios”). Nhambiquaras, Maracatins, Carinás, Jurema e Jurupis são nomes indígenas. A ganância imobiliária fez tudo virar Moema. Afinal, é considerado mais chique morar em Moema do que em Indianópolis, não?

Sequestro do televisinho

Carmen F. Lino de Mattos

Vila Guilherme, Zona Leste

1952

Televisinhos eram aqueles que assistiam a um programa através da nossa janela aberta, depois de, humildemente, pedir a nossa licença. Quando não queríamos televisinhos, deixávamos a janela fechada.

Casamos em 1952 e fomos morar na Vila Guilherme, num sobradinho com um pequeno jardim na frente. Morando a vida inteira no centro da cidade e em apartamento, eu não estava habituada a ter vizinhos tão próximos.

De um lado, morava uma família carioca com vários filhos. O marido tocava numa orquestra de uma boate famosa. Do outro lado, morava um casal, ele famoso jogador da Portuguesa de Desportos, e tinham um filho de 3 anos que era uma graça. Logo fizemos amizade. Eles viram quando chegou a minha TV e ficaram encantados, principalmente o molequinho, que sempre subia no nosso muro para assistir aos desenhos e se tornou nosso televisinho mirim.

Uma tarde, estando sozinha, escuto um leve toque na porta da frente. Estranhei que não tivessem tocado a campainha. Abri a porta, meio receosa, e dei de cara com o garotinho da vizinha. Era tão pequeno que ainda não alcançava a campainha. “Posso assistir o Pica Pau? Lá em casa ainda não temos televisão”, disse o garotinho, todo envergonhado.

Com pena e com muito carinho, levei-o para a sala e o acomodei no sofá. Liguei a TV, e lá estava o Pica Pau. O garoto, encantado, nem piscava para não perder nenhum detalhe daquele desenho. Fechei a porta da rua e fui até a cozinha para buscar uns biscoitinhos e refrigerantes para meu visitante.

De repente vi que já era noite. O Mattos ainda não chegara, por isso não havia notado o tempo passar. Comecei então a ouvir vozes, gente chorando, falando, e a sirene da radiopatrulha, que acabava de parar na minha porta. Intrigada, abri a janela e vi toda a vizinhança na rua. Perguntei o que estava acontecendo e vi a cena dantesca. A mãe do meu visitante estava chorando desesperadamente, toda desgrenhada, ela, que andava sempre impecável, amparada pelo marido, também desesperado. Aí me dei conta da bobagem que havia feito. Um sequestro. Jamais deveria ter ficado

com a criança sem primeiro avisar à mãe. Nem me passou pela ideia esse detalhe.

Então me contaram o que tinha acontecido. Deram pela falta do garoto logo que ele entrou em nossa casa. Imediatamente começaram as buscas nas redondezas. Como havia muitas lagoas por ali, o desespero tomou conta de todos. Resolveram chamar a polícia. Não havia telefone por perto, e um vizinho se prontificou a ir até a delegacia da Vila Maria, a seis quarteirões, e pedir socorro. E então eu abri a janela.

O garoto, percebendo a confusão, saiu calmamente da sala e disse apenas: “Eu só queria ver o Pica Pau, mamãe. Não fica brava nem chora. A dona Carminha até me deu biscoito com guaraná”.

A dona Carminha naquele exato momento queria mais era estar num buraco bem fundo, para que ninguém visse a vergonha que estava sentindo.

Eu nunca soube quanto tempo durou esse dramático episódio, mas posso avaliar o sofrimento daquele casal.

Depois de tudo explicado e esclarecido, pedi mil desculpas, e eles, já mais calmos, entenderam e perdoaram. Sabiam que, apesar de eu ter 18 anos, ainda era muito inexperiente. A lição valeu para o resto da minha vida.

Eram também outros tempos. Hoje nada disso teria acontecido porque:

1. O menino não estaria sozinho na rua;
2. Sua casa teria grades altas, e ele não poderia sair;
3. A nossa casa teria também grades altas, e ele não entraria.
4. Televisão? Coisa mais sem graça!
5. Televizinhos ou telejurássicos?
6. Vizinhos? O que é isso mesmo?!?

Para, Cosme!

Evaldo Xavier da Cunha

Brás, Zona Central

[sem data definida]

No final dos anos 50, eu era criança e morava na Rua João Teodoro, quase na esquina com a Rua Canindé. Próximo da minha casa havia o Bar do Boi – nome que fazia referência ao porte físico de seu proprietário. Ali os homens se reuniam, em especial nos sábados à noite, para jogar conversa fora, enquanto bebericavam Fernet, rabo de galo, Fogo Paulista, Campari, cerveja e até pinga com groselha!

Numa noite de sábado, enquanto brincava de pegador na calçada com outros moleques, percebi que alguma coisa diferente estava acontecendo dentro do boteco. E, cautelosamente, já que ali não era lugar para criança, fui me esgueirando por entre os adultos e adentrei o recinto.

A cena que presenciei, e que até hoje me emociona, permaneceu para sempre em minha memória afetiva. Um violinista, que provavelmente já havia morado por ali, pois quase todos o conheciam, tocava em seu violino músicas como *E o Destino Desfolhou*, *Saudades de Matão*, *Rapaziada do Brás*... O silêncio era absoluto.

Os homens, comovidos, apenas bebiam. Ninguém falava. E tão apaixonadamente esse violinista tocava que uma mulher, única presença feminina no grupo, já que naquele tempo mulheres não frequentavam botecos, com as mãos superpostas, comprimindo o lado esquerdo do peito e chamando o violinista pelo nome, de olhos fechados choramingava: “Paaara, Cosme, paaara, assim você machuuuca o coração da gente!”

Ah, quanto mais ela implorava, mais sentimento o danado do Cosme punha em suas pungentes interpretações!

Certamente o amor que tenho pelo violino começou a brotar naquela mágica e longínqua noite paulistana...

Mulher de calça comprida

Neusa Longo

República, Zona Central

1956

Nasci em São Paulo, na pequena Rua Dona Júlia, no coração da Vila Mariana, não muito longe do Paraíso.

Nos meus 20 anos sentia que a cidade era toda minha, conhecia todos os seus limites... Vi serem construídos os prédios da Rua Marconi e a Barão de Itapetininga se tornar o centro “chic” da cidade, que se deslocou da Rua Direita, da Rua São Bento e da Praça do Patriarca da minha infância para depois do Viaduto do Chá, onde se reuniam rapazes e moças em tardes de domingo, na frente das confeitarias Fasano e Viena.

Em 1956, depois de terminar a USP, fui para o Texas, com uma bolsa Fulbright, famosa na época. Voltei um ano depois, com hábitos um pouco diferentes, mais “arrojados”. Entrei para a Associação Cristã de Moços, recém-inaugurada na Nestor Pestana, onde nadava aos domingos. Durante a semana, trabalhava duro, dando de oito a 12 aulas de inglês por dia.

Naquele domingo de céu azul (eu morava nas Perdizes), resolvi vestir uma calça comprida (imaginem!) e um top discreto. No ônibus, percebia o desconforto das pessoas. Calça comprida era para ser usada por mulheres só no inverno, durante as férias, em lugares distantes como Campos do Jordão.

Voltei a pé até a Praça da República, para tomar meu ônibus, o João Ramalho, que parava em frente ao Cine Marabá (o máximo), quase na esquina da Ipiranga com a São João.

Não ficou por menos. Foram contar à minha mãe que me viram, em plena Praça da República (que era linda e bem-cuidada), num domingo, ao meio-dia, de calça comprida!

Eu havia desafiado minha São Paulo querida!

A montanha-russa

Jair de Alencar Freire

Vila Mariana, Zona Sul

1954

Na festa do 4º centenário de São Paulo, em janeiro, quando eu tinha 14 anos de idade, foi inaugurado o Parque do Ibirapuera. Havia realmente um enorme e moderno parque de diversões. Uma montanha-russa belíssima, brinquedo em que eu nunca tinha andado na vida.

Lá me fui todo machão, camisa de manga curta aberta no peito, cigarro e isqueiro Zippo (última moda) no bolso da camisa, fazendo o maior “farol”, como se dizia na época, para a menina ao lado.

Em movimento, rezei para todos os santos para que aquilo parasse o mais rápido possível, pois nunca me senti tão mal na vida. Cheguei lá embaixo sem isqueiro, sem o maço de cigarros, simplesmente verde e botando os bofes pra fora.

A menina, toda faceira, ria muito, alegremente querendo embarcar para mais uma voltinha. Não precisa dizer que a tentativa de conquista morreu ali mesmo, naquele instante.

O soldado constitucionalista

Nivaldo Godoy

Freguesia do Ó, Zona Norte

1958

Seu apelido era “Pracinha”. Andava pelas ruas de Vila Cruz das Almas, na Freguesia do Ó, onde residia, na “subida” da Estrada do Congo, falando consigo próprio, batendo continência para imaginários superiores oficiais, ou, quem sabe, respeitosamente, cumprimentando seus irmãos paulistas que deram a própria vida pelo Brasil na causa constitucionalista de 1932.

Hoje, melhor dizendo, acredito que ele cumprimentava também as almas de irmãos brasileiros que se viu na contingência de ceifar, pois fora soldado da linha de frente, lá pelos lados de Silveiras, no Vale do Paraíba. O dia 9 de julho de cada ano lhe era todo especial. Altaneiro e com a postura grandiosa de nossos soldados paulistas, ele se fazia imponente, apesar dos traços de insanidade que já o abatiam. Vestido com um velho, mas impecável sobretudo militar recheado de galões e medalhas, de boina na cabeça e lenço no pescoço, era uma figura admirada na vila depois de sua volta da parada festiva.

Com desenvoltura, ele por ali circulava, sabendo de sua importância e dando exemplo de fidalguia. Só se despia de seu uniforme no fim do dia, guardando-o para a próxima data comemorativa. Sei seu nome e o de seus filhos. Conheci sua história. Vi suas fotos desbotadas e suas notícias recortadas de jornais e revistas da época. Na parede defronte à sua casa existia uma placa com a silhueta recortada de um soldado, de capacete, sobreposta à bandeira de São Paulo, em movimento tremulante. Muitas vezes, quando menino, visitei sua residência. Ele colocava sua boina sobre a minha cabeça, o que me deixava orgulhoso, assim como ao “Pracinha”, pois era perceptível o brilho de seus verdes olhos.

Depois de tantos anos, no meu imaginário de criança, ainda me vejo com meus amigos de infância batendo continência em resposta ao gesto de sempre alerta do “Pracinha”. Viva São Paulo!

Rachas no Ibirapuera

Sylvio Cimino

Vila Mariana, Zona Sul

1958/1959

No final de 1958 e começo de 59, era permitido a menores de idade dirigir ciclomotores de até 50 cc. Isso provocou uma onda de pilotos *teenagers*. Jovens de diversos bairros de classe média de São Paulo iam ao Ibirapuera, onde, nas tardes das férias de verão, tiravam rachas nessas motonetas.

Como o escapamento era aberto e fazia muito barulho, quando eles passavam em frente ao gabinete do prefeito no Parque do Ibirapuera (hoje o Museu Afro Brasil), o Dr. Adhemar de Barros determinou que os ciclomotores fossem apreendidos e conduzidos ao pátio do Detran.

Quando isso aconteceu, os jovens pilotos foram ao gabinete do prefeito e, depois de falarem pessoalmente com ele, prometeram não mais perturbar o sossego do parque. Então as motonetas foram liberadas.

Tempos românticos em que se resolviam os problemas com um diálogo direto com o mandatário da cidade.

O curioso é que uma certa rádio noticiou o fato no dia seguinte. Mal sabia o locutor dessa emissora que um dos jovens que estavam na confusão era seu filho, futuro bicampeão mundial de Fórmula 1 [Emerson Fittipaldi].

Rã à milanesa

Lidia Walder

Brooklin Velho, Zona Sul

[sem data definida]

A década de 50 foi uma das melhores fases da minha vida, e isso se deve ao fato de, naquela época, morarmos na Rua do Níquel, no Brooklin Velho, e nosso quintal dar fundos para o brejo do Córrego do Cordeiro.

O córrego era limpo, quase não havia casas por ali. Nadávamos, pescávamos com peneira e, o melhor de tudo: nas noites quentes, saíamos meu pai e eu para caçar rãs.

O brejo devia ter uma extensão de mais ou menos 100 metros de minha casa até o rio. Eu calçava botas de borracha, calças compridas, pegava uma fisga e atravessava aquela distância, atolando, tropeçando, desviando da vegetação mais alta, sem me preocupar com aranhas, cobras, corujas e morcegos que viviam por ali.

Entrávamos no córrego e, com lanternas de carbureto, iluminávamos os buracos no barranco das margens, à procura das cobijadas rãs-pimenta. Com a claridade da luz em seus olhos, a pobre rã ficava imobilizada e, zás! Eu a fisgava e jogava dentro de uma sacola de pano, tipo piquá. Hoje mal posso acreditar que fazia aquilo, mas fazia, e, quando chegava em casa com os batráquios, cortava-lhes a cabeça, espetava a coluna com um palitinho para que parassem de tremer e tirava-lhes o couro inteirinho. Depois de limpas, temperava bem com limão, sal e alho, passava na farinha e fritava. Estava ganha a mistura para o almoço do dia seguinte.

É quase impossível imaginar que isso se passou comigo em pleno Brooklin, próximo de onde hoje está a fonte da Água Mineral Petrópolis, rodeada de belas mansões e avenidas. Meus pais moram na mesma casa, mas o brejo não existe. O córrego está canalizado debaixo da Avenida Vicente Rao e de vez em quando causa uma enchente que deixa debaixo d'água as ruas e alguns quintais até a marginal do Rio Pinheiros.

Rãs, hoje, só as compradas no Mercado da Cantareira, mas que não têm o sabor de aventura das de outrora.

Vovô Zacharias

Maria de Lourdes M. Bifoni

Vila Pirituba, Zona Norte

[sem data definida]

Figura austera, ele provocava mais medo do que simpatia, mas tinha seu lado terno.

Seu nome completo era Zacharias Pereira Baptista (de uma casa portuguesa, com certeza), filho de Manuel e Maria Ave-lina, irmão de Antônio (Tio Nenê), Miguel e Esther. Tenho uma foto deles e posso afirmar que eram lindos. Os homens com suas camisas de colarinho alto engomado e as mulheres com seus vestidos repletos de rendas e fitas. Eram elegantes demais!

Casou-se duas vezes. A primeira mulher, Joanne Demange, mãe de minha mãe, lhe deu quatro filhos e morreu muito jovem. Com a segunda mulher, Julieta Demange (irmã de Joanne), teve três filhos.

Trabalhou na São Paulo Railway como mecânico de máquinas e pertenceu à Guarda Nacional, corporação há muitos anos extinta. Ele parecia um príncipe naquela farda, portando sua espada.

Gostava do campo e mudou-se para a Vila Pirituba, onde tinha uma chácara com um panorama esplendoroso do Pico do Jaraguá. A viagem até lá era uma aventura!

Íamos de trem até Pirituba, depois embarcávamos em uma jardineira até um trecho da atual Avenida Mutinga. Em seguida caminhávamos por uma rua de terra (ou barro), atual Rua Jurubim. A casa não tinha luz elétrica, e a água era de poço.

Nas noites de inverno, íamos para o alpendre da casa, onde vovô reunia os netos e falava sobre as estrelas, como bom conhecedor de astronomia que era. Mostrava as constelações, dizia quantos anos-luz tal estrela estava distante da Terra, e os netos ficavam “babando” com tanta sabedoria. Eu adorava passar as férias escolares na casa dele.

Muitas vezes o ajudei a cortar a grama do jardim, sempre bem-cuidado por ele. No começo, não deixava que eu cortasse a grama; por fim, chegou até a comprar um tesourão e me instruía onde e como cortar a grama. Quando ia cuidar das galinhas, limpar o pomar com aquela vassoura engraçada ou cuidar do jardim, eu estava sempre atrás dele. Só não gostava que eu subisse em árvores ou assobiasse. “Isso é coisa de menino”, dizia.

Os almoços de domingo em sua casa eram diversão total. Os netos, inclusive eu, faziam a festa no pomar. Ele só advertia para não comermos as mexericas verdes, o que nem sempre era acatado. A infração era facilmente detectada pelo cheiro que ficava no ar e nas nossas mãos.

Eu disse que era um homem terno, e uma carta que mandou para minha mãe comprova seu lado sentimental. Ela tinha 15 anos, estava prometida para um fazendeiro da região de Santa Bárbara d'Oeste e foi para lá, a fim de se acostumar com a vida da fazenda. Porém, não se adaptou à vida do campo e tinha muita saudade dos familiares, escrevendo ao meu avô para ir buscá-la. Ele respondeu por carta, com muito carinho, pedindo que ela tivesse paciência, pois ele iria buscá-la assim que fosse possível e terminava a carta dizendo: "...de seu pai, que a quer feliz". O noivado foi desfeito, e minha mãe voltou para casa.

Ele faleceu em 1959, mas sua figura elegante está guardada em minha memória e a conservo com muito carinho.

Piquenique nos anos 50

Maria de Lourdes M. Bifoni

Jaraguá, Zona Norte

[sem data definida]

Quando os tios de minha mãe já estavam com certa idade, organizávamos um piquenique na Serra da Cantareira, ou Horto Florestal, ou Morro do Jaraguá. Íamos de trem, na maior animação.

Toda a família gostava de estar em contato com a natureza, e era uma oportunidade de comemorarmos os aniversários deles sem dar trabalho às suas esposas.

Minha mãe fazia a torta de palmito e o bolo do aniversariante; minha tia Helena preparava um cuscuz maravilhoso e outras guloseimas; tia Ivone era ótima na maionese; tia Marta caprichava na torta de banana ou ameixa. Todos levavam frutas, guaraná, soda limonada, cervejinha e a famosa *champagne* (Veuve Clicquot, de preferência), para a hora de cortarmos o bolo e cantarmos *Parabéns*.

Certa vez, era aniversário do tio Adolphe e o tio Júlio (irmão dele) quis lhe dar um presente. Fez um pacote bonito e, com cara de malandro, entregou ao irmão. Tio Adolphe, que conhecia muito bem o irmão, abriu o pacote com cuidado. Enrolada em papel de seda, em uma caixa aveludada, lá estava uma reluzente dentadura! Tio Júlio era o irmão caçula, o mais alegre de todos, e sempre garantia ruidosas gargalhadas.

Meu pai levava uma vitrola de dar corda, e tocávamos todos os sucessos da época. Dançávamos e cantávamos, e as pessoas à nossa volta ficavam estimuladas a entrar na brincadeira, que era sempre sadia e com todo o respeito. Alguns ficavam admirados com a hospitalidade e acabavam por juntar suas refeições às nossas.

Geralmente os parques tinham suas próprias atrações; assim, meus primos e eu sempre dávamos uma escapada para apreciar o coreto, o lago com os cisnes, os museus etc. Eu tinha preferência pelo Morro do Jaraguá, pois a Casa da Fazenda despertava em mim mil histórias da senzala, da sinhá moça, da plantação e outras. Cheguei a escalar o morro umas três vezes. Hoje, não sei se teria coragem. Os homens iam apreciar o jogo de futebol, que rolava durante a tarde.

Muitos vão dizer que era “programa de índio”, mas não era. Tudo era planejado para não incomodar ninguém. Procurávamos um lugar discreto e, ao final do piquenique, recolhíamos toda a sujeira e não deixávamos lixo algum para não degradar a natureza.

Voltávamos para casa contentes e ansiosos para realizar o próximo passeio.

Passeiozinho!

Rubens Cano de Medeiros

Vila Mariana, Zona Sul

1958

Em 1958, eu então com 10 anos, nas manhãs de domingo, ia com meu pai passear no aeroporto. Como morava na Vila Mariana, tomava o bonde 66-São Judas Tadeu e ia até o ponto final. De onde, andando um pouco, se chegava “próximo” à cabeceira da pista. Nesse percurso, passava em frente ao então Grupo Escolar Marechal Floriano (na Rua Dona Júlia), onde fiz o curso primário.

Como não me lembrar da figura simpática de “seu” Osvaldo, um esguio guarda civil, baiano, que ficava incansavelmente zelando pela segurança das crianças, na travessia em frente à escola, parando carros, ônibus e bondes.

Àquela época, raríssimos eram os semáforos. Muitos se lembrarão dos guardas civis, com seus fardamentos azuis, que cuidavam do trânsito, usavam um quepe diferente do tradicional: era aquele em forma de calota, branco, com abas.

Desde a Domingos de Morais até o final da Avenida Jabaquara, os bondes trafegavam por um largo corredor central, lembram-se? E dos meninos (de rua?), que neles se dependuravam, perigosamente, como se falava, “chocando” os bondes? Muitas vezes, final trágico!

A Praça da Árvore, pela qual necessariamente se passava, ainda era conhecida como a Primeira Seção, muito longe de ser o grande universo de lojas da atualidade.

Outro modo, também, de chegar ao lindo Congonhas era com o ônibus 48-Paraíso, até o Anhangabaú, e então tomar o 113-Aeroporto. No caminho, passávamos, na Rua Curitiba, pelo então Parque Infantil do Ibirapuera (como se chamavam os precursores das atuais EMEIs), no qual passei um pouquinho da infância. Os parquinhos, naquele tempo, dispunham, para a garotada, de assistência médica e odontológica!

Retomando, pois, a viagem, o 113-Aeroporto, via Avenida Nove de Julho, me proporcionava uma surpresa: na altura da Praça 14-Bis, numa encosta, um curioso tapume de outdoor; era uma propaganda, creio que da Studebaker, um caminhão (em tamanho real!) incrustado no tapume! Com motorista na boleia e a caçamba basculante, intermitentemente, baixando e subindo! Esse anúncio lá permaneceu por muito tempo.

Chegando ao Aeroporto, era desfrutar não só do “espetáculo” de pousos e aterrissagens, como do próprio logradouro: simplesmente lindo! E como não me lembrar daquele possante farol, de auxílio à navegação, no topo de um dos hangares: girava 360 graus, lançando dois facho diametralmente opostos, um de cor branca, outro meio verde, meio azulado...

Embora moleque, os traços arquitetônicos do Aeroporto e seus equipamentos me chamavam a atenção. Por exemplo, muitos se recordarão dos postes de ferro, do tipo ornamental, que orlavam toda a calçada à frente de Congonhas. E como esquecer dos relevos que maravilhavam a parede exterior do Aeroporto, glorificando a conquista do ar – e que, infelizmente, foram reduzidos (a parede e os relevos) a pó...

É isso: um simples passeiozinho era o suficiente para encantar um paulistano de 10 anos. Saudade!

A história de N.

Nivaldo Godoy

Vila Iório, Zona Norte

1958

Olhando uma fotografia antiga, do ano de 1958, ainda o vejo, no meio dos demais colegas da Escola Municipal Agrupada de Vila Cruz das Almas, que ficava na Vila Guaimim, na Estrada do Gongo, hoje Elísio Teixeira Leite, que foi fechada pela construção do prédio novo do Grupo Escolar Marquês de Tamandaré, obra do governador Carvalho Pinto, a pedido e conquista da Associação dos Moradores do Bairro.

No aguardo da inauguração, para lá fomos transferidos, no ano de 1960, para cursar o 3º ano primário.

Depois de um mês, a pedido da diretora, Dona Iná, fui transferido para o Grupo Escolar de Vila Iório, onde terminei o primário, sempre passando em primeiro lugar, como já tinha acontecido antes, no 1º e no 2º ano.

Não sei por que a Dona Iná não gostou de mim. Segundo disse ela à minha mãe, eu conversava muito durante a aula, e ela já tinha problemas demais com outros alunos para me manter em sua escola.

Seu desprezo teve doce vingança, no Ginásio Jácomo Stávale, pois sua filha estudava em minha classe, e, modéstia à parte, minhas notas eram bem melhores.

Voltando ao tema, terminado o 4º ano primário, fui fazer o 5º, chamado de admissão, no Marquês de Tamandaré, onde me reencontrei com o colega de classe N., que sempre de mim teve respeito.

Não era o que acontecia com os demais colegas, pois eles viviam a persegui-lo por seu jeito de ser.

De fato, ele era diferente, e, que eu saiba, desde os 7 anos, quando juntos fizemos o 1º e o 2º anos primários.

Ele gostava de ficar entre as meninas e, com elas, no pátio, participar das cantigas de roda, de mãos dadas, a cirandar.

No ano de 1962, após as aulas, fui para minha casa, quase ao lado do Grupo Escolar Marquês de Tamandaré, na Rua Rio Verde; porém, a maioria da turma foi em direção ao centro da Vila Cruz das Almas, na Avenida Elísio Teixeira Leite, antiga Estrada

do Gongo, e a notícia veio rápido, bem na hora em que o almoço estava sendo servido.

N., tentando fugir dos que o atazanavam, atravessou repentinamente a avenida, não viu o caminhão da Pedreira Morro Grande que o atropelou e ceifou sua vida.

A., segundo soube, era o culpado, vez que, mesmo dois anos mais velho, foi quem perseguiu N. para passar as mãos em suas nádegas.

Ainda pude ver o franzino corpo de N. estirado no asfalto, coberto de jornais, e o vermelhão do sangue, em coágulos, esparramado, como numa pintura, imagem tétrica de que não me esqueço, de quem era dócil e educado.

N., sei que sua alma está no céu, em forma de anjo que você sempre foi. Pena que outros colegas não souberam assim ver e te respeitar.

Não tive a mínima culpa

Miguel Chammas

Consolação, Zona Central

[sem data definida]

Sou, orgulhosamente, brasileiro e paulistano, mas minha ascendência ajudou a forjar minha personalidade. Sou neto de sírios por parte de pai, e meu avô por parte de mãe era italiano, melhor ainda, napolitano. A nacionalidade da minha avó materna, que não cheguei a conhecer, era russa, e ela foi criada desde muito pequena na França.

Assim sendo, sou uma salada internacional em se tratando de formação sanguínea. Vai daí que a minha característica artística deve ter vindo da parte italiana, e a minha queda comercial, da parte síria. Todo esse preâmbulo eu fiz para iniciar o relato desta minha memória.

Os anos eram os primeiros da década de 50. Eu morava na Rua Augusta, número 291, de pé-direito muito alto – e agora acrescento uma informação: tinha um porão com mais de 1 metro de altura, utilizado para guardar tranqueiras, coisas obsoletas, livros antigos, garrafas e litros vazios, que eram bastante importantes naquela época. O porão ocupava a totalidade da área construída e, na sua parte fronteira, tinha pequenas janelas resguardadas por grades de ferro e que ficavam a pouco mais de 30 centímetros do piso da calçada.

Nos primeiros compartimentos desse porão, eu, meu irmão e meu primo havíamos delimitado o nosso reino de fantasia. Ali brincávamos, guardávamos nossos poucos brinquedos oficiais e os muitos brinquedos de faz de conta que construíamos.

Como um verdadeiro rei, por ser o mais velho, eu não permitia aos demais componentes do reino a ultrapassagem para as demais dependências daquele escuro porão. Para lá, só um verdadeiro e heroico rei poderia fazer incursões, e eu as fazia e, nessas minhas explorações, dava vazão não só ao meu espírito aventureiro, mas também ao meu espírito de comerciante.

No meio desse porão ficava o depósito de garrafas e litros vazios.

A mim cabia, então, a importante tarefa de transportar essas preciosidades até as janelinhas frontais do porão e, depois, na primeira oportunidade, já na calçada, resgatá-las com cuidado e oferecê-las no empório que ficava na esquina da Rua Caio Prado com

a Rua Augusta, para o seu José, proprietário do estabelecimento, que as comprava de muito bom grado.

As verbas obtidas nessas transações eram aplicadas em doces, sorvetes e ingressos nas matinês do Cine Odeon para assistir aos seriados de Dick Tracy, O Cobra e aos filmes de Esther Williams, Doris Day, Fred Astaire e muitas outras celebridades.

Essas aventuras financeiras duraram muito tempo, e eu até pensava que elas não teriam mais fim. Um dia, sem mais nem menos, minha fonte de renda foi descoberta. As garrafas já em fase terminal assustaram minha mãe, minha tia e meu avô.

A falta das garrafas transacionadas promoveu uma grande surra neste que lhes escreve e, como castigo, um mês sem cinema nem guloseimas.

Hoje, ao me lembrar do caso, carrego ainda a mais convicta certeza de que não tive a mínima culpa em toda a história. A culpa é devida totalmente à minha descendência oriental.

Hoje a garotada diz que agita

Mario Escobar Marmo

Alto de Pinheiros, Zona Oeste

[sem data definida]

Casa nova, vida nova, assim que minha família se mudou para a Rua Jubiabá, 75, no Alto de Pinheiros. Da janela do sobradão, eu tirava minhas primeiras impressões, oculto pelas cortinas. Quais meninas seriam minhas vizinhas? E a casa do lado, era habitada por quem?

Logo estava eu enturmado jogando bola no balãozinho da rua, e com quem? Luiz David e seu primo, o agora ator Antonio Fagundes; os dois eram meio pó de arroz, como se dizia na época, meio delicados, mas homens, apesar da delicadeza, e vejam o que deu hoje o Antonio Fagundes – grande ator, galã e de papéis bem másculos.

Mais um vem jogar na pracinha, o Pochito, filho do maestro Rubens Pérez (O Pocho). Assim fui me envolvendo com pessoas ligadas às artes e à música.

Num fim de semana, caminhei até o final da rua sem saída, pois escutava um belo som lá de minha casa e fui averiguar. Vinha da casa do Pochito; havia muita gente no muro e no jardim; bem à vontade, fui adentrando e deparei-me com umas meninas lindas. Foram rápidas as apresentações: a filha do diretor da gravadora RGE. Meu Deus, onde vim parar? E pensar que sonhava tanto com música, teatro e banda de rock, lá estava eu, com todas as oportunidades necessárias para um início. Bendita a hora em que meu pai comprou a casa!

A Rua Jubiabá fazia esquina com a Macunis, conhecida como Estrada da Boiada. Ali as ruas são como em Moema, a maior parte tem nome de índios e tribos. Passei a comprar pão e leite na padaria Pioneira e logo me entrosei com a turma da Estrada; eles eram bem mais rudes e, alguns, ignorantes e mal-educados, mas sempre me dei bem com qualquer classe social, talvez por minha astúcia e minha simplicidade.

O tempo foi passando, eu já tinha amigos íntimos, todos da família Romano, donos de um bar e das floriculturas do cemitério Araçá e da loja na Macunis, chamada City Flores.

Começa outra fase, a do futebol e da escola de samba Coração de Bronze, da Vila Madalena, onde fui um dos participantes, junto ao Macalé, seu fundador, por mentira que pareça. O brancão

aqui ensinava os negões a tocar. Inventei umas batidas diferentes e alternadas nos surdos, coloquei os treme-terras nas pontas com batida carioca e rolos prolongados nas caixas. Inventei os sinos amarrados nas canelas e coloquei chocalhos nos cajados dos figurantes de uma ala posterior à bateria. Conclusão: no desfile, na época ainda na Avenida São João, tiramos nota 10 na bateria.

Nunca fui bom de bola, sempre jogava no segundo time. Éramos todos varzeanos. Fiz partidas no Fernão Dias Futebol Clube e no famoso Leão do Morro Futebol Clube – famoso porque nunca perdia (quando estava perdendo, geralmente do Sete de Setembro, começava um “pau” homérico e o juiz encerrava o jogo por falta de participantes; bem, isso quando o juiz não era “desmaiado”).

Caros leitores, tempos bons que não retornam, mas que valorizam nossas vidas. Após os encontros esportivos, já à noite, em trios ou em duplas, partíamos para as quermesses ou bailinhos. Ali aprontávamos nossas artes, como um leitão vivo arrematado só para fazer barulho nas ruas no retorno aos lares. Garrafas de Martini, Cinzano, Fogo Paulista etc... Entornávamos até o gargalo.

Mais para o meio do ano, um pedido dos Romano: “Pardal, o Janjão está te chamando para fazer um balão”. Bem... Pardal já era meu apelido, e Janjão, o apelido de Roberto. Atendendo ao chamado, fui ver o que era e deparei-me com a turma fazendo cada qual um gomo do balão. Perguntei: “Que balão é esse, cara?” Roberto disse: “É pro jogo da seleção. Vai tê 280 folhas, tudinho xadrez, branco, azul, verde e amarelo”. Eu retruquei: “Mas é perigoso, é um monstro. Vamos ser presos se souberem”. “Num faiz mal, o Brasil merece, e o Pelé vai estreá *cum* Garrincha. Pega um gomo e faz. Tem que colocá cordonê nas juntas e colá bem. A boca vai sê de arco de barril e vai tê 70 lanterna.”

Ponte que caiu (para não dizer um palavrão), eu nunca vi na vida um balão assim! Nem muito menos hoje em dia, que somos mais esclarecidos. Para encurtar, uma vez pronto, e na ocasião certa, estávamos lá, subindo no telhado de um sobrado em uma vilinha particular. Casa de quem? Da Sonia Braga, a atriz, hoje famosa, na época uma menina. Eu não disse que a coisa estava me perseguindo? Acabei sendo também amigo dela e de seus irmãos.

Quando o balão foi esticado, de cima do sobrado, com um bambu bem comprido, aí é que deu para notar seu tamanho descomunal. Para enchê-lo, fizeram uma fogueira embaixo dele, e, depois de estufado, quase não passava na vilinha, raspava nas casas. Realmente fiquei com medo, mas entrei na onda. Dizem os que tiveram a burrice de segui-lo que caiu em Jundiá. Eu preferi escutar

o jogo pelo rádio e depois comemorar com uma grande batucada, que varou noite afora.

O Carnaval nos clubes era uma boa pedida. Embora menor de idade, eu sempre achava uma brecha entre meus amigos e entrava. Uma vez, no CMTC, do Parque Ibirapuera; outra no Pinheiros; outra mais na Casa de Portugal ou no Palácio Mauá. Dancei também no Clube Homs, no Aleppo, no Som de Cristal, No Táxi Danças, Taxi-Girls, no Tangará de Pinheiros, no Butantã, no Marechal, na Vila Sônia, no C.A.C.; enfim, com 14 anos de idade, eu já conhecia todas as boates de São Paulo. Tocava, cantava, representava. Houve uma desenfreada total. Claro que eu estudava, mas até no Colégio Paes Leme, na Avenida Paulista com Augusta, fazia meu som no pátio e na aula de canto orfeônico.

Ganhei uma lambreta, depois de uma Gulivette que tive. Aí o bicho pegou, eu não parava mais em casa nem na vila, queria novos ares e novas meninas. Foi quando conheci Vilma, minha primeira namorada, mas aí é uma outra longa história. Continuando as versatilidades, comecei a correr de kart, pela Jodora, um fornecedor de Pinheiros, e iniciei então uma vida de velocidade.

Levava escondido o Ford 48 de meu pai a Interlagos, pois o velho viajava bastante e o carro ficava na garagem. Transformei-o em uma carreteira, inspirado no Chico Landi. Pobre pai e pobre mãe, Deus os tenha em bom lugar. Nessa época eu não fazia roleta russa na esquina da Paulista com a Augusta nem entrava no túnel da 9 de Julho na contramão, mas confesso que estava lá. Preferia ficar paquerando no Frevinho na Rua Augusta, ou no Simbad e no Barzinho, que possuía uma vitrola a fichas, com muito rock.

Os ídolos estavam apenas começando a surgir; até o Elvis, com seus dois primeiros filmes. Eu assisti a eles no Cine Paulista e no Majestic, e dançamos também durante o filme, enquanto os guardas civis não interferiram. Que bom, caros leitores! Como foi ótimo tomar o primeiro sorvete Kibon, vestir a primeira calça Lee, saborear o primeiro hot dog, beber a primeira Coca-Cola, mastigar o primeiro chiclete de bola Bazzuka, fumar o primeiro cigarro com filtro nacional, Kingston, calçar a primeira botinha de bico quadrado Roy Rogers, e com salto carrapeta, escutar o primeiro radinho a pilha, o Spica, ver a primeira televisão e o primeiro canal, a Tupi Difusora Canal 3... E vou parar por aqui, pois quem viveu sabe que fomos os primeiros nessa onda de mudar e quebrar os tabus.

O tarado se deu mal

Anna Boni

Jardim Lusitânia, Zona Sul

1957

Devíamos ter, eu, uns 8 anos, a Silvana, 6, e a amiga Paula, 7. O quarto da Paula, nossa vizinha de muro no Largo da Batalha, no segundo andar da casa, dava de frente para a rua.

Era um dia de semana à tarde, e brincávamos sei lá do quê. A rua, sempre muito deserta, estava mais calma e silenciosa do que de costume. Ao olharmos pela janela, ouvimos um “Psiu!” Levamos um tremendo susto! Um homem, tranquilamente, exibia sua anatomia para nós! Assustadíssimas, fomos chamar a mãe da Paula, dona Dora, que à época devia ter no máximo uns 22 anos, mas era uma mulher resoluta! Ela estava fazendo a sesta no quarto e pulou da cama quando contamos o que estava acontecendo.

Muito decidida, pegou o “tresoitão” que estava guardado e foi para a janela, arma em punho, gritando para o tarado:

– Vai querer levar chumbo, vagabundo?!?

O infeliz saiu correndo que nem doido. Não sabia se fechava as calças ou se corria!

E nós ficamos rindo muito e festejando a nossa vitória.

Nas tardes quentes

Marcos H. Valenti

Lapa, Zona Oeste

[sem data definida]

Na década de 50 eu morava na Rua Húngara, uma rua de terra no bairro da Lapa, no número 348. Minha casa tinha um terreno grande nos fundos, de aproximadamente 50 metros de comprimento.

A casa era amurada nos fundos com o Grupo Escolar Romeu de Moraes, da Rua Tonelero, que existe até hoje. Nessa escola fiz o primário.

Nas noites claras de 1954, meu pai pegava um telescópio e, com o vizinho do lado, ficávamos bisbilhotando as casas, as outras ruas da Lapa, onde hoje está a Cerro Corá. Era muito divertido.

O vizinho tinha um galinheiro e uma plantação de verduras. Quando não havia ninguém na casa, eu pulava o muro e soltava as galinhas para que elas pudessem comer das verduras. Levava sempre umas palmadas por causa disso. Era uma traquinagem anos 50, mas que tinha muita emoção e humildade. Cresci nesse lugar, não saía na rua, mas brincava muito no meu quintal, que tinha abacateiro, goiabeira e também uma horta de verduras e um pau de sebo que meu pai fez.

Sempre tive dois cachorros. Em uma determinada época, o Joi e o Perdigueiro, vira-latas que me davam muitas alegrias. Tomava banho de bacia. Ouvia, nas tardes quentes, junto com minha mãe, as radionovelas da Rádio São Paulo.

Um belo sábado, nunca me esqueço, passou um caminhão tocando a música *Diana*. Enquanto eu brincava com meus carrinhos de madeira e de lata, naquela tarde, essa música embalava meus sonhos de criança.

Tinha também o caminhão de frutas do Geraldo. Ele, com um cone de metal, anunciava as ofertas do dia. Que tempo bom!

Havia um bar ao lado de casa que vendia de tudo, mas eu pegava dinheiro da minha mãe e ia comprar paçoca Amor. O dono desse bar possuía um carro Morris preto que eu adorava e ficava estacionado sempre em frente ao bar – e eu ficava lá, passando a mão nesse carro.

Perto da minha casa ficava a enorme residência dos Bacareli. Era para mim, na época, um sonho de, no futuro, ter uma casa igual.

Existia também a Sociedade Amigos de Vila Ipojuca (SAVI), da qual meu pai fazia parte, não sei bem como, acho que como colaborador. Eu ia com ele às reuniões e achava tudo muito chato...

Havia também um médico clínico geral (até hoje tem o consultório dele na Tonelero) que me curou de bronquite, catapora etc. Seu nome é Max Berezovsky, e ele ia atender os doentes em casa.

Ah, tinha uma viela que ligava a Rua Húngara com a Tonelero e, numa bela manhã de domingo, vindo não sei de onde, com roupa de marinheiro, toda branca, soltei da mão da minha mãe e fui correndo na frente... Escorreguei no limo verde do cimentado dessa viela e me sujei todo. Apanhei muito, mas no fundo tinha a alegria de poder estar verde de limo.

As lâmpadas incandescentes da época tornavam as casas românticas, e pelas janelas iluminadas de amarelo por essas lâmpadas víamos o tempo passar para um futuro Deus sabe qual... Hoje eu sei.

Enfim, neste resumido relato procurei relembrar um pouco da São Paulo dos anos 1950.

Tenho tanta saudade desse tempo simples, de pés descalços, muita energia, TV na casa do vizinho, tempo bom...

Banho no Tietê

Jair de Alencar Freire

Ponte Pequena, Zona Norte

1953

Lá por volta dos meus 14 anos de idade, a alegria da molecada da minha idade, a minha turminha, era a chegada do sábado, para irmos todos ao Clube de Regatas Tietê a fim de passar o dia.

Uma turminha da pesada, no bom sentido, claro. A malandragem era bem outra.

Tomávamos o bonde logo cedo no Largo de São Bento e descíamos na porta do clube, na Ponte Grande. Só a visão dos dois clubes que ladeavam a ponte, o Tietê de um lado e o Floresta do outro, já era motivo de excitação.

Lá chegando, um dos programas favoritos era pegar a “ca-traia”, um barcão enorme, nos estaleiros do clube e botá-lo no rio, debaixo de mil recomendações do encarregado, que entre outras coisas nos proibia terminantemente que mergulhássemos no rio. Claro que, na primeira curva, todos nós, na maior algazarra, pulávamos dentro d’água.

Odiávamos o encarregado (e não éramos menos odiados por ele), o qual, sabendo de nossas artimanhas, colocava-se num ponto acima na margem e nos surpreendia nadando e nos “entregava” para a diretoria. Levávamos então sérias desconposturas, que entravam por um ouvido e saíam pelo outro.

Na volta, no final do dia, mortos de cansaço e famintos, ainda dávamos uma paradinha num boteco existente na Rua Líbero Badaró, pouco abaixo do Largo de São Bento, para tomar um aperitivo de nome “passarela”, numa cantina cujo nome não me lembro, e que servia também uns bolinhos de bacalhau enormes. Beber esse aperitivo era a maior das nossas transgressões. Se nossos pais nos vissem, era “morte certa”.

Uma gaúcha no Bom Retiro

Ida Grunspan

Bom Retiro, Zona Central

[sem data definida]

Sou da capital do Rio Grande do Sul. Casei-me e vim para São Paulo em 1951. Moro no Bom Retiro desde então.

Lembro-me do bonde que passava na Rua José Paulino. Era do tipo camarão, como chamavam, aberto dos dois lados. Costumava arrancar os trilhos, o que tornava difícil dormir.

Depois de um ano tive o primeiro bebê e comecei a frequentar o Jardim da Luz. Certas coisas marcaram minha memória, como os bichos-preguiça que faziam as crianças ficarem por horas curiosas seguindo seus movimentos; o lago cercado de estátuas gregas, com um caramanchão no meio e patos. Havia um coreto para as apresentações musicais e os famosos fotógrafos de família que marcavam esses momentos com fotos em lunetas. O ambiente era familiar, e fiz amizade com outras mães que vinham com seus bebês.

Essa época era o tempo da garoa; era necessário sair sempre com malha e guarda-chuva. O bairro não era bonito, mas muito acolhedor. As pessoas se cumprimentavam e mostravam respeito umas pelas outras. Era uma época em que fazia muito frio, com um inverno de verdade. Havia muitas malharias que produziam malhas de pura lã. Usavam-se casacos de pele. Chapéus e luvas, tanto para as mulheres como para os homens, davam um clima romântico.

Lembro-me também de quando morávamos numa casa na Rua Prates. As janelas davam para uma vila, e outras, para a frente da rua. As chuvas fortes caíam e alagavam a rua. Os meninos da rua improvisavam barquinhos para as pessoas poderem entrar em suas casas. Meus filhos ficavam pendurados nas janelas, encantados de ver tudo isso. Divertiam-se um bocado.

O bairro era privilegiado, com fábricas e lojas de ótimo atendimento, dirigidas por imigrantes de várias nacionalidades. Italianos, judeus, gregos, todos vivendo em grande harmonia. Tínhamos colégios ótimos e de grande reputação: Colégio Santa Inês, Renascença, Grupo Escolar Prudente de Moraes, Faculdades de Odontologia (hoje Centro Cultural Mário de Andrade), a muito famosa Politécnica.

A localização era excelente, próxima ao Centro, para onde íamos a pé. A famosa Barão de Itapetininga e a Dom José de Barros eram um belo passeio para ver as vitrines, tomar chá no Salão Vi-enense ou fazer compras no Mappin no sábado à noite.

Nos domingos de manhã, eu levava meus filhos ao Theatro Municipal para que apreciassem concertos de música clássica. Eram tempos maravilhosos. Na Avenida São João, assistíamos à Corrida de São Silvestre. No Centro havia muitas salas de cinema que fizeram época. Depois tudo mudou.

Temos saudade desse tempo encantador de nossas vidas. Assim como São Paulo nos marcou, trazendo memórias agradáveis e marcantes, desejo a todos os paulistanos, assim como a meus descendentes, uma vida plena e feliz nesta cidade abençoada.

O velho Mappin

Helena Lenzi

Centro, Zona Central

[sem data definida]

Antes do período em que a Avenida Ipiranga foi aberta (antes era Rua Ipiranga) e a Barão de Itapetininga se tornou o centro da elegância e da moda, o Mappin Stores, que ainda não era as Lojas Mappin, ficava do outro lado do Viaduto do Chá, na Praça do Patriarca. Esta era então, junto com as ruas que nela desembocavam, o Centro, o fulcro do bom comércio.

Quem, saindo do viaduto, atravessasse a Praça veria bem em frente o Mappin, localizado em um venerável e majestoso prédio de vários andares, contendo tudo que a moda ditava de mais fino e elegante. E, acima e em cima de tudo, isto é, no último andar, e o ponto mais requisitado num certo horário, o salão de chá: lindamente mobiliado, orquestrinha ao vivo, doces e canapés deliciosos.

Quando, impulsionado pelo assim chamado progresso, mudou-se para o outro lado do viaduto, o pânico dos velhos frequentadores foi enorme. Mas logo viram, aliviados, que nada no funcionamento da casa mudara. Era questão, e isso veio aos poucos, de irem deixando de lado os preconceitos contra aquela arquitetura tão moderna. Quase todos vieram a apreciá-la, e os poucos recalitrantes se consolavam com o fato de o chá continuar igualzinho.

Pouco tempo depois, mais uma novidade: o Mappin apresentou, pela primeira vez, um desfile de moda com manequins vivos – isto é, lindas moças! Nessa época (Carnaval de 1953, eu casada havia pouco), todo o nosso grupo estava indo a São Sebastião para passar os feriados. No caminho, paramos num restaurante muito grande, onde também se dançava.

Uma das moças do grupo encontrou uma conhecida, que, para escândalo da família, pertencente à alta sociedade, resolvera desfilar no Mappin. Notem bem que nesse tempo ainda não existiam os biquínis e as moças nem desfilavam maiôs, mas vestidos muito recatados! Essa moça se interessou por um dos rapazes do grupo, o mais velho de nós todos, e pediu à conhecida que a apresentasse. Esta foi consultar o moço, que respondeu:

– Aquela magrela? Eu gosto de mulher, não de cabide de roupa!

A derrota

Esther Saba

Paraíso, Distrito da Vila Mariana, Zona Sul

Aproximadamente 1957

No final dos anos 50, entrei para a autoescola. Gasolina era o apelido do instrutor, gordinho, baixinho e superdivertido. O carro de treinamento, um Ford Prefect. Judiado e velho.

Durante as aulas, dirigir em linha reta, de preferência no plano, mesmo o carro dando pinotes, não chegava a ser problema, mas, em subidas e para estacionar, aí já era outra história. Quando comecei a treinar baliza, Gasolina ligava o rádio do carro e ficava do lado de fora, cantando e dançando, e eu suando frio para conseguir estacionar sem derrubar os cones. E ele nem aí!

Por um golpe de sorte, e só por isso, consegui passar no primeiro exame, que na época era realizado em frente ao Estádio do Pacaembu, na Praça Charles Miller.

De posse da carteira e de um Ford Consul novinho em folha, começou o drama. Um domingo, resolvi ir à casa de amigas na região da Avenida Paulista. Para chegar, era preciso subir a íngreme ladeira da Rua do Paraíso. Meu irmão me acompanhou. Mais novo do que eu, aprendeu a dirigir sozinho e guiava muito bem, apesar de não ter idade para tirar a habilitação. Aliás, qualquer um dirigia melhor do que eu, o típico caso de alguns cavalos no motor e um burro (no caso, uma mula) na direção. Administrar embreagem, acelerador, câmbio, breque de pé e breque de mão era muito para a minha cabeça. Chegava até a metade da ladeira, na troca de marcha o carro voltava para o início, e assim, em tentativa e erro, apesar da insistência, eu não conseguia chegar ao topo. Meu irmão, irritado, passou para o banco do motorista e levou o carro até o final da ladeira.

O segundo vexame não demorou a acontecer. Entrei na traseira de um táxi em plena Avenida São João, e dessa vez não tinha ninguém para me ajudar.

Já nos anos 60, após meu casamento, tínhamos apenas um automóvel, e meu marido reclamava que eu segurava muito a embreagem, raspava nas colunas da garagem, entre outras barbeiragens; então, decidiu comprar um Fusca só para mim e, ao me entregar as chaves, disse: “Pode sair por aí batendo; o carro é seu”.

Dirigi por algum tempo, mas só quando não chovia. À noite, nem pensar. Viajar, de jeito nenhum. Nem as crianças

acreditavam em minha habilidade de motorista, tanto que, quando íamos sair, ninguém queria ir se eu fosse “pilotando”. Para mim era um sacrifício sentar diante da direção; tremia como vara verde, a boca secava, mas eu insistia, até que, finalmente, vencida pelo cansaço, admiti que não tinha capacidade nenhuma para conduzir um automóvel.

Antes que acontecesse algo mais grave, desacreditada, traumatizada, derrotada, decidi: vou a pé, de táxi, de busão ou de metrô. Dirigir, nunca mais.

E assim o trânsito de São Paulo se livrou de uma motorista “navalha” e o transporte coletivo ganhou mais uma passageira!

Ribeiro de Barros asfaltada

Edson Toscano

Pompeia, Zona Oeste

Aproximadamente 1953

Nasci na capital de São Paulo, em uma maternidade no bairro de Vila Romana, colado à Vila Pompeia. Sou, portanto, 100% paulistano. A Pompeia foi o bairro em que mais residi durante minha infância. Hoje, passados quase 50 anos, moro num local totalmente diferente, nas Perdizes, que fica do outro lado. E descobri que bairro é um vício.

Morava na Rua Ribeiro de Barros, uma rua cujo comprimento não passava de 1.200 metros, plana, de terra amarela, e que recebeu de presente do prefeito uma capa de asfalto. Daí em diante a nossa rua numa mais foi a mesma. Emergimos e tomamos posse de sua honestidade. Migraram para a nossa rua outras tribos, tudo por causa do piso.

Ela estava vestida com a mais nobre das coberturas. E nós a invadimos! Ela nos desafiava para as mais inocentes e engenhosas aventuras. Era como se pudéssemos escutar a rua com sua nova roupa nos chamando: “Quem quer brincar comigo?”

E as primeiras coisas que fizemos em nossa rua asfaltada foi dar-lhe de presente uma bola de capotão, novinha em folha. Com tinta a cal, pintamos algumas marcas de campo, e começaram a acontecer jogos de futebol de uma geração – que só não foi tricampeã porque o Ademar de Barros não conhecia o futebol que se jogava na Ribeiro de Barros.

Resolvi inovar nos esportes assim que ganhei um par de patins. Aquela “pista de gelo” era apropriada para os patins. Não demorou muito eram os carrinhos de rolimã, que cantavam pneu, em meios às brincadeiras de queimada, amarelinha, e, ao fim de cada dia, a nossa rua só não era mais nossa por falta de certificado. Tudo nela estava demarcado e sendo 100% utilizado.

No outro dia a Ribeiro de Barros acordava cheia de saúde, nos provocando a mais outros desafios. No Carnaval, dávamos um banho de água sem racionamento, fazíamos guerra com os balões de aniversário. Tudo e todos se molhavam ou eram batizados.

Chegando as festas juninas, decorávamos a nossa rua com bandeiras, pipoca e quentão. Soltar balão era uma obrigação; correr atrás deles, um dever. Afinal, qual era o prazer de ter uma bicicleta se não podíamos ter uma rua para nos chamar por pedaladas?

Foi aí que descobrimos que a rua não era plana, tinha uma leve inclinação. Então começamos a jogar bola só de um lado. Disputas eram travadas com a convivência da Ribeira. Íamos colecionando só vitórias.

Entretanto, chegaram novos vizinhos, e nós, como habitantes da rua, incomodávamos. Fomos todos denunciados por fazer muito barulho. Na delegacia do bairro, nossos pais foram chamados, mas levamos a rua do nosso lado. Tomamos um pito daqueles, mas a rua nos aliciava, pois ela tinha os poderes.

Quando a rua ficava cansada do nosso peso, ela tratava de deixar as suas marcas em nossos joelhos, e assim, depois de um tempo, ela nos chamava de volta, pois sabíamos que sentia a nossa falta.

Vieram os cursinhos, os primeiros empregos, e a rua ficou semiabandonada. Só nas noites de sexta é que a nossa bagunça recomeçava. Vieram as primeiras namoradas, e a rua tornou-se mais romântica, ficou em meio à luz de velas, para atender aos anseios dos mancebos e das gazelas.

Brigas ocorreram, mas a rua nos perdoou. Maldissemos as guias, o chão, os postes, e mesmo assim a rua nos oferecia a compaixão. Aparecemos com nossos carros, aprendemos com ela o que é a contramão. Cantamos pneus, estouramos seus tímpanos com o som alto dos rádios. Aceleramos em bando sobre uma jovem senhora chamada Ribeira de Barros.

Casamos e sumimos. Hoje eu tenho a oportunidade de passar de carro deslizando como se estivesse em meus patins sobre ela. Ficou estreita com a chegada dos prédios. Os cantos onde fazíamos nossas reuniões ou declamávamos nossas intenções ainda estão lá. As casas ficaram sem ninguém em sua frente. Tornaram-se pálidas e pequenas, mas aquelas árvores que tanto resistiram às nossas investidas batem seus galhos, como se fossem palmas, pois elas cresceram, e eu, e todos, também.

Vila Carmem, sem luz nem água

Lidia Walder

Brooklin, Zona Sul

1950

Não havia luz, água encanada nem benfeitorias nas ruas da Vila Carmen, no Brooklin.

Nossa casa, construída por meu avô e meu pai, ainda não estava terminada. A água era tirada do poço, como na roça, com corda e sarilho. Para iluminar havia lampiões a querosene que faziam uma fumaceira e não clareavam direito. O ferro de passar roupa e o fogão eram a carvão.

Poder brincar num quintal com terra, entrar no córrego no fundo do quintal, fazer panelinhas de barro colorido, retirado dos barrancos, tudo me proporcionava uma vida tão nova e diferente que não me permitia sentir as agruras daquele momento difícil que minha família passava para realizar o sonho da casa própria. Eu era uma criança feliz.

Na rua moravam somente quatro famílias. A nossa casa era geminada com a casa de meus tios; seu Coelho e dona Meireles, moradores da casa vizinha, com seus cinco filhos, nossos amigos para sempre; a casa da leiteira, dona Querubina, que morava num quintal grande, onde havia duas casas: uma em que ela vivia e a outra do marido, o padeiro.

Dona Querubina, muito branca e de olhos azuis, devia ser descendente de alemães; tinha uma vaca e fornecia leite para os poucos moradores do bairro. Era comum vê-la logo cedo, carregada de vasilhas, fazendo suas entregas. À tarde, às margens do Córrego do Cordeiro, cortava capim para a vaca e voltava com enormes feixes sobre a cabeça.

Alimentava um grande ódio pelo marido, pois, segundo ela, fora muito maltratada por ele durante a convivência conjugal.

Com os muitos filhos já criados, recolhera um bebê órfão, o Zezé, na época com uns 12 anos. Menino arteiro que, quando não estava matando passarinhos com estilingue ou roubando peras de uma chácara próxima, pegava cavalo sem autorização do dono e galopava pelos campos rosados de barba de bode. Mas era tudo farra de garoto travesso. Cresceu e se tornou um pai de família honesto e trabalhador.

Seu Manoel, um português moreno e baixo, tinha uma carrocinha puxada a cavalo, igual à de tantos outros padeiros

daquela época. Passava pela manhã e à tarde, tocando uma buzina que anunciava sua chegada. Lembro-me até hoje do delicioso cheiro do pão doce com creme de baunilha e cobertura de *fondant*. Era o meu favorito.

Uma vez por mês, vinha um carvoeiro fazer a entrega do carvão. Era um japonês pequeno e engraçado. Todo sujo de pó de carvão, parecia uma figura saída dos becos daqueles filmes de *Oliver Twist*.

Certo dia chuvoso, escorregou e rolou junto com o saco de carvão por toda a ribanceira do quintal. Chegou na porta da cozinha ofegante, gesticulando muito, falando para minha mãe: “*Japon tombô e rorô, rorô, rorô...*”

Dois anos mais tarde, a Light instalou os postes e finalmente a energia elétrica chegou até nós. Foi o primeiro sinal de progresso. Seguiu-se a compra de um rádio, do liquidificador e do fogão a gás, que, com seu chiado, me mantinha fora da cozinha.

Logo depois, o DAE, Departamento de Águas e Esgotos, deu início à colocação da tubulação para trazer água encanada ao bairro. Era uma delícia correr por dentro daqueles tubos enormes, antes e durante a instalação. Brincávamos ali de pega-pega e esconde-esconde, para desespero dos pais, que achavam que iríamos nos perder lá dentro.

Hoje a Vila Carmem se chama Jardim Petrópolis. Um bairro residencial com as benfeitorias devidas, bem arborizado, com flores e pássaros que alegam os moradores. E, como nada neste mundo é perfeito, tem ali uma esquina onde frequentemente ocorrem assaltos.

Maria Louca

Lidia Walder

Brooklin, Zona Sul

[sem data definida]

Brooklin, década de 50. Maria Louca anda apressadamente de um lado para o outro na Rua Joaquim Nabuco e arredores. Branca, estatura mediana, forte, de modos grosseiros. Pouco mais de 30 anos. Gesticula o tempo todo.

Esperávamos o bonde no balão do Brooklyn, quando ela se aproxima, arranca minha irmã de 1 ano e pouco dos braços de minha mãe, ergue-a e a exhibe aos passantes como um troféu. Sorriso terno e olhar brilhante expressam seu encantamento com aquela bonequinha de vestido cor de rosa e chapéu de abinha.

O bonde chega, ela entrega delicadamente a criança e segue seu caminho.

De outra feita, na porta do GE Mário de Andrade, no horário de saída do período da manhã, muito agitada, Maria Louca exhibe uma garrafa cheia d'água, murmurando: “Nossa Senhora, Tambaú, Padre Donizetti”.

O sol brilhando intensamente produz um reflexo azul e dourado naquela garrafa incolor – o espectro solar, talvez.

Junto-me à pequena multidão à sua volta e, como a maioria das crianças, com espanto, também vejo naquela garrafa que Maria Louca aperta contra o rosto sujo, banhado em lágrimas, a imagem de Nossa Senhora Aparecida. E aí de quem disser o contrário!

Como tantos outros personagens da infância, Maria Louca desapareceu de minha vida, não sei como nem quando, mas ela existiu. Todos no Brooklin a conheciam, e essas cenas jamais sairão da minha memória.

O frango de domingo

Madalena Garcia Lima

Jardim Paulista, Zona Oeste

1958

As jovens gerações nem sequer imaginam como era trabalhoso comer um franguinho aos domingos... Vou contar-lhes!

Em 1958, filhos de sergipanos pobres, éramos uma família com 15 pessoas e morávamos em uma casa alugada na Rua Haddock Lobo. Lembro-me bem de um vendedor de frangos vivos que se chamava Pacetti (possivelmente descendente de imigrantes italianos). Por não possuir mãos, percorria a rua com os frangos amarrados nos antebraços.

Ficávamos na janela da casa e, quando o avistávamos, chamávamos meu pai, que, todos os sábados à tarde, comprava dois frangos. Naturalmente, precisávamos matá-los e depená-los antes de cozinhá-los. Assim, meu pai, com muita comiseração, des-troncava-lhes o pescoço, enquanto eu, uma menina de apenas 12 anos, fervia água em uma grande panela de duas alças. Depois, meu pai mergulhava os frangos nessa panela e retirava-os rapidamente. Passávamos, então, a depená-los, o que precisava ser feito rapidamente, enquanto ainda estavam quentes. Em seguida, passávamos os frangos na chama do gás para queimar-lhes a penugem. Feito isso, retalhávamos a carne e a deixávamos temperada para o dia seguinte.

Esses procedimentos repetiam-se todas as semanas, e, hoje, quando vejo os frangos limpos e embalados nos supermercados, lembro-me de como era trabalhoso o preparo do almoço de domingo!

Anos 1960

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Teje preso!

Armando Boni

Ibirapuera, Zona Sul
1966

O ano? Não me lembro mais; devia ser 1966, mas com certeza durante o período das férias de julho. Se fossemos índios chamaríamos de Tempo da Lua da Garoa!

Aquele misterioso triângulo (não o das bermudas, mas o das calças curtas e dos shorts) compreendido pelas avenidas IV Centenário, República do Líbano e pela linha do bonde, depois Avenida Ibirapuera, formava nosso reduto, o Jardim Lusitânia.

Cercado de árvores e belas casas, de uma tranquilidade quase interiorana, famílias de classe, algumas mais médias do que outras, e com algumas ruas asfaltadas, era cortado ao meio pela Rua Pedro de Toledo, artéria que nos ligava ao mundo exterior por meio das duas linhas de ônibus que passavam por lá: Cidade Vargas e Ibirapuera, ambas originárias do Anhangabaú.

O ponto de ônibus mais próximo ficava em frente a um terreno baldio, a uma quadra da padaria, ponto de encontro da meninada do bairro. Debaixo de uma árvore frondosa, o que, à noite, junto à ineficiente iluminação pública, servia para definir a expressão exata do quase breu total em que ficava esse ponto.

Juro que a ideia não foi minha, mas alguém se lembrou de um manequim, uma “moça” dessas de loja, já a coitada sem peruca, que o João “Melancia” havia “emprestado” da loja do pai. Alguém trouxe uma capa de chuva, daquelas abotoadas na frente, e um lenço de cabeça, ainda em moda naqueles tempos. Vestida o manequim, a brincadeira consistia em deixá-lo apoiado no poste do ponto a esperar o ônibus, naquela área escura, não sem ficar desabotoada a parte de baixo da capa, deixando à mostra uma sugestão assanhada de um belo par de pernas, atitude pouco recomendada para uma moça de família. Nós nos escondíamos atrás do muro do terreno baldio, e cada um dos escassos motoristas que passavam era brindado com um “psiu!” insinuante e convidativo.

A maioria seguia reto, nem dava bola, mas sempre havia aquele que parava, engatava a marcha à ré e, munido de seu melhor argumento, tentava convencer a incauta exposta à fria garoa de inverno a trocar algumas palavras e, quem sabe?, por que não?, aceitar uma carona, claro que apenas para preservar sua abun-

dante saúde, e, lógico, sem segundas intenções! Só quando as pupilas do incauto se acostumavam com a escuridão é que ele se dava conta do engodo, recebia nossos apupos e gargalhadas, o que invariavelmente produzia uma chuva de impropérios vinda da vítima. O homem então arrancava com o possante, talvez mais irritado com ele mesmo do que conosco!

E assim passávamos os dias, ou melhor, as noites, até que...

– Psiu!!!

E o Karmann-Ghia, vermelho, eu acho, rodas de tala larga, parou, deu ré e...

– Olá! Tudo joia? Quer uma carona?

E a garota, nada! Muda, olhar lânguido, frio e perdido no horizonte.

O motorista insistiu, abrindo a porta do passageiro:

– Está muito frio para ficar aí fora. Entra aqui pra gente bater um papo!

Diante da imobilidade da caça, em algo inédito para nós, o galã, por volta dos 30 anos, como último recurso de seu manual de paquera, saltou do veículo e partiu para um tête-à-tête com a moça. Quando a nossa vítima percebeu a armação, caímos na gargalhada.

Em vez de voltar para o carro, como era costume, saltou por cima do muro e, como uma boa corrida é salutar e preserva os dentes, debandamos mato adentro!

Quando o motorista se identificou como policial, já era tarde – havíamos pulado o muro dos fundos, porém a tempo de ouvir a ameaça junto aos últimos opróbrios dirigidos a nossas progenitoras:

– Molecada %@#@#! (Ou algo parecido...) – Se quiserem a boneca de volta vão ter que buscar na delegacia!

E, atirando aquela que era antes seu objeto de desejo no banco do carro, arrancou cantando pneu.

Passado o susto, nós nos reunimos e buscamos ajuda e conselho dos irmãos mais velhos, que estavam na padaria ali perto.

E lá fomos em comitiva à 15ª Delegacia de Polícia, naquele tempo situada na Rua Macuco, em Moema, para tentar um “habeas corpus” de nossa imóvel cúmplice!

O delegado nos recebeu inicialmente com uma bela bronca, mas, depois de algum tempo, diante dos apelos e das piadas

de todos os investigadores e escrivães de plantão, ele admitiu que o queixoso, um tenente da Polícia Militar, havia feito uma prisão no mínimo invulgar e, com nossa solene promessa de não repetirmos a brincadeira, concedeu o alvará de soltura da manequim.

Voltamos para o nosso reduto com direito a desfile da vitória em frente à padaria...

Nunca mais se viu aquela bela moça nas noites escuras do bairro. Ela andava um pouco pálida. Talvez tenha adoecido...

Travessuras e balas de coco

Maria Heloísa da Silva Ramos

Jardim Paulista, Zona Oeste

Início dos anos 1960

Em minha casa na Alameda Lorena, vivia conosco a Cici, nossa fiel escudeira cuiabana, cozinheira de mão cheia, uma fada do Centro-Oeste que, com generosidade, cuidava de nossos estômagos e de nossas vidas, sob os olhares aprovadores de minha mãe. Duas paixões a dominavam: futebol e Carnaval.

Além dos deliciosos quitutes, responsabilizava-se também pela limpeza e arrumação de nosso doce lar. Atualmente com mais de 70 anos, ainda trabalha como banqueira em Mato Grosso, sua terra natal.

Éramos três crianças a sujar roupas. Como não tínhamos “nenhuma Brastemp” (aliás, nenhuma outra máquina que fizesse esse papel), e para não sobrecarregar a já tão ocupada Cici, quem assumia tão árdua tarefa era a Lota, apelido da Leontina, uma senhora negra, gorda, de sorriso largo e simpatia rara.

Trabalhava em nossa família desde quando minha mãe era criança. Personagem felliniana, fazia minúsculas trancinhas nos cabelos, amarrando-as com lacinhos; usava vestidos de chita de florzinhas coloridas, sapatos pretos do tipo boneca, enfim, compunha um visual completamente impróprio para sua idade. Mas exatamente aí é que estava a graça da coisa.

Outra característica *sui generis* dessa criatura havia muito intrigava nossa família. Desde o tempo em que trabalhava na casa de minha avó, nunca se sentou. Jamais alguém presenciou sua volumosa região glútea acomodada sobre alguma cadeira, sofá, chão ou qualquer outro lugar. Nunca soubemos a razão de tão inusitado fato.

Além de não se sentar para descansar, não se deitava para cochilar. Fazia-o em pé mesmo, de preferência diante da mesa de passar ferro ou engomando as alvas anáguas de algodão e bordado inglês (que pinicavam nossas entranhas) usadas por mim e por minha irmã debaixo dos vestidos de festa.

Certa vez, quando eu tinha uns 8 anos, meu irmão e eu, extasiados pela visão da obesa Lota a ressonar, enquanto o ferro descansava em seu suporte (não sobre alguma roupa, felizmente!), e armados com um comprido pedaço de barbante, às gargalhadas, decidimos amarrar uma das roliças pernocas da adormecida criatura a uma das pernas da mesa de passar.

Escondidos, aguardamos ansiosamente o despertar da pobre, que se viu inexplicavelmente presa. Até hoje seus gritos ecoam em meus ouvidos! Minha mãe, assustada com o berreiro da boa senhora, vem em seu socorro e nos repreende, obrigando-nos a desamarrar sua volumosa gamba, juntamente com o inescapável pedido de desculpas.

A sonora gargalhada da compreensiva Leontina simbolizou seu perdão, além da promessa de fazer o que para nós era a maior das delícias: bala de coco. E que bala de coco! A melhor que comi em toda a minha vida!

Festa de aniversário sem as balas de coco da Lota? Nem pensar! Podia até faltar brigadeiro, mas as balas, nunca!

O ritual que se desenrolava era acompanhado por nossos olhos atentos, curiosos, maravilhados! Tirar a água de cada coco para quebrá-lo jogando-o ao chão já era motivo para aumentar nossa excitada alegria. O tacho de cobre bem areado ia ao fogo com o açúcar branquinho. A água para fazer a calda. Os alvíssimos flocos dos cocos, devidamente ralados e adicionados em seguida, iam cozinhando aos poucos, dando corpo à massa, que, esticada no mármore, depois de algum tempo, era retirada ainda quente e trabalhada com as mãos em ritmado puxa-puxa, puxa que puxa, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá...

Aquela cena me encantava e intrigava. Como a Lota não queimava suas mãos gorduchas pegando a massa ainda tão quente? “Preocupa, não, fia, minhas mão é grossa...” Realmente! Aquelas mãos calejadas e grossas eram, no entanto, as mãos da alquimista que, com arte, magia e carinho, transformava aquele puxa-puxa incessante em serpentes brancas adormecidas sobre o mármore. “Engraçado, as balas de coco eram cortadas do mesmo jeito que a Cici cortava a massa pra fazer nhoque”, pensava eu.

Magia feita, um pouco de massa era dada a cada um de nós, e daí se iniciava a brincadeira com as formas que iam surgindo em nossas mãos: patinhos, bolinhas, florzinhas, enfim, tudo que nossa imaginação quisesse criar.

A mesma ladainha era ouvida: “Tem qui isperá a bala isfriá bem i ficá dura, sinão ocês fica cum dô di barriga”.

Obedecíamos. Salivando, mas obedecíamos! Especialmente naquele dia, seria um modo de nos desculparmos, mais uma vez, pela travessura da amarração de sua perna à da mesa de passar roupa.

Saudade da Lota!

Moleque de rua

Nivaldo Godoy

Freguesia do Ó, Zona Norte

[sem data definida]

Não minto, fui um moleque trigueiro, pequeno, magro e bom de briga, sempre pronto para trocar socos, dando e recebendo, cuspiendo seco, mas nunca fugi da raia.

Nasci em Vila Cruz das Almas, na Freguesia do Ó, lugar onde cada um sabia de sua posição e tinha de ser bom em algum atributo para ser respeitado.

Quem era de dança dançava. Quem era de jogo jogava. Quem era de briga brigava. Quem era de estudo estudava. Quem nada sabia batia palmas.

Sair da pequena Vila Cruz das Almas, nos anos 60, para estudar na Freguesia do Ó, no Padre Manoel da Nóbrega, e fazer o curso de admissão (5º ano), não era fácil, e todo dia o “pau” comia, depois da aula, um pouco distante da escola, em frente ao Cemitério.

A turma da Freguesia era elitista e metia medo; mas não para mim, pois que eu sabia dançar, jogar, brigar, estudar e bater palmas.

Aqueles meninos botavam fé em um tal de “Caveirinha”, engraxate que, na Avenida Itaberaba, defronte à Delegacia, ficava a perturbar a molecada que vinha de outras vilas e para a turma da Freguesia dava cobertura.

Foi o meu primeiro desafio, vez que o mesmo era metido a dar tapas na cara dos meninos que lhe eram alheios.

A briga nem foi marcada. E, à frente da minha turma de Vila Cruz das Almas, não dei chance ao temido “Caveirinha”, pois, tão logo dele me aproximei, dei um chute em sua caixa de engraxate, arremessando-a para a pista da Avenida Itaberaba, e, quando ele pensou no que estava ocorrendo, modéstia à parte, “quebrei-lhe a cara”.

Nunca mais a molecada da turma da Vila Cruz das Almas foi molestada, e assim, com méritos de cada um deles, foram aprovados para estudar no único ginásio da região até então, o Jácomo Stávale, sem mais perturbações nem desafios.

Eu não queria contar essa passagem da minha vida, mas os meus antigos colegas de ginásio, que até hoje se reúnem para a prática de futebol de salão, não me deixam esquecer-la.

E dou vivas aos meus amigos, aos quais respeito, com os quais sempre me encontro e para os quais bato palmas.

A Turma do Tarantão

Nivaldo Godoy

Vila Iório, Zona Norte

Início dos anos 1960

A Turma do Tarantão, formada por Wilson, Ismael e seu irmão Joel, Tião, Nilton, Miltinho, Pereira e outros mais, ocupava o espaço dos altos da Rua Rio Verde, na confluência com a Rua Carlos Moretti, próximo da Vila Iório, e gostava de caçar passarinhos, construindo e armando arapucas, porém por vezes esquecia a linha imaginária que a separava da Turma do Santo Antônio, a nossa, que ocupava o começo da Rua Rio Verde até os limites da Rua Jacaré Copaíba.

Do lado esquerdo, em direção a Pirituba, havia na Rua Rio Verde uma área de mata inóspita, controlada pela nossa Turma, e poucos eram os moleques que dominavam suas trilhas, entre eles eu, o Gato e o Salim.

De uma árvore do quintal da minha casa era possível ver a Turma do Tarantão em um morrinho, lá no fim da mata, na espreita, vigiando de longe suas armadilhas, feitas em nosso território, em uma pequena clareira, próximo ao barranco da Rua Martins Junior.

Um assobio meu, característico, logo era respondido e repassado para convocar a Turma, a qual, de imediato, esgueirando-se pela mata em plano calculado, destruía todas as arapucas, libertando tizius, bicos-de-lacre, canários-da-terra, rolinhas e outros.

Era o início da guerra de estilingues entre as duas turmas, com pedras pra cá e pedras pra lá.

Por um bom tempo ficávamos sem conversar, até que um jogo de bola contra, valendo flâmula, em nosso campinho ou no deles, selava a paz entre as duas Turmas, mas sem abrir mão, cada uma, de seus domínios.

Viva as turmas de moleques, que, sem malandragem, apenas viviam a infância, defendendo seu espaço.

Dia dos Pais

Nivaldo Godoy

Freguesia do Ó, Zona Norte

1964

Na semana que antecedeu o Dia dos Pais, nossa professora de Português, da 1ª série ginásial do Colégio Estadual e Escola Normal Professor Jácomo Stávale, na Freguesia do Ó, ordenou aos alunos que fizessem uma redação sobre o dia festivo, valendo nota, para um concurso interclasses. Somente uma delas seria escolhida por uma comissão de mestres para ser fixada no mural da escola.

Órfão desde os 10 meses de idade, o que tinha eu para esquecer se nunca pude comemorar esse dia?

Nunca tive lembrança de afagos de meu pai, e com ele não pude compartilhar minha vida.

Nunca o beijei, e dele nunca recebi um abraço ou uma bronca, um conselho... Nunca o tive para me defender ou repreender, ou ainda com ele comemorar datas festivas.

Que falta fazia meu pai, ainda mais naquela hora em que eu tanto dele precisava, até como fonte de inspiração para redigir a redação!

Dizer que foi ele um simples fiscal da CMTC, da linha 67, Freguesia do Ó-Cidade, e revelar ainda sua morte precoce aos 35 anos de idade, e que eu precisava sempre ser um forte para vencer na vida?

Não, eu não tinha nada a dizer ou festejar. Eu tinha ódio desse dia, revolta justa para quem foi criado sem pai, e só quem não tem pode assim falar.

Mas a realidade era dura, nua e crua, meu pai era minha mãe, que com a mesma mão que me acariciava com ela podia me bater.

Foi sobre o que eu escrevi, de forma emocionada, em lágrimas.

Não tinha pretensão alguma de vencer o concurso e temia pela minha nota.

Duas redações, em vez de uma, foram escolhidas, com nota máxima – uma de meu colega Wagner, um dos melhores alunos do ginásio; e, a outra, eu lia e relia orgulhosamente fixada no mural da escola.

Meu cunhado e Os Mutantes na Avenida Paulista

Manoel Valente Barbas

Paraíso/Cerqueira César, zonas Sul e Oeste

[sem data definida]

Meu cunhado mais velho, advogado e professor de Geografia, era autor de uma série de livros didáticos dessa matéria. Lecionara, quando jovem, no Dante Alighieri; substituíra ali Jânio Quadros, de quem fora colega na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, pois esse ex-presidente da República, além de professor de Português, também, em certa época, lecionara Geografia.

Meu cunhado, filho de polonês e italiana, era alto, magro, excessivamente branco. Tinha os dedos das mãos ossudos, finos e compridos e os movimentava no ar quando se comunicava. Usava óculos e fora de casa sempre trazia na cabeça um chapéu panamá branco com fita preta. Seria um bom modelo, por seus traços, para caricatura, no bom sentido da palavra, é claro. Na parede de sua casa havia e ainda há um pequeno quadro que o retrata, no tempo em que advogava, no júri, defendendo uma viúva que matara o marido. O artista pegou bem os traços que descrevo acima. Embora sem o chapéu que quase nunca largava, de beca, lá estava ele com sua fisionomia inconfundível. Para um caricaturista empregar sua arte com um tipo de pessoa é porque seus traços chamam atenção pelas peculiaridades.

O povo diz que, no trânsito, deve-se temer motorista maduro de chapéu e de óculos. Pois bem, estávamos em plena década de 60. Um dia, já à noitinha, seguia meu cunhado pela Avenida Paulista, magro, branco, dirigindo seu Volkswagen, mãos agarradas ao volante, com seus dedos longos e finos de aracnídeo, chapéu e óculos firmes na cabeça, quando topou com os Mutantes, que iam alegremente em um jipe.

Esse conjunto musical, ao qual pertencia a famosa compositora e cantora Rita Lee, estava em pleno sucesso. A cena chamou a atenção dos jovens irreverentes, ainda mais com a cara de aturido que o motorista assustado fez. Caminharam um longo percurso, em plena Paulista, fazendo evoluções, com o jipe em torno do Volkswagen do meu cunhado, como em um curso carnavalesco. Depois se desinteressaram e sumiram no espaço e no tempo. Conta

minha irmã que o marido, desde a ocorrência, evitou sair de carro à noite, temeroso de outra ofensiva igual a essa.

Cena hilariante na avenida que é um símbolo de nossa cidade de São Paulo, envolvendo uma banda das mais famosas de nosso passado musical.

Circo-Teatro do Zé Coqueiro

Zulmira Carvalho

Vila Diva, Zona Leste

1966

Uma vez, lá pelo início da década de 60, aconteceu a coisa mais estranha deste mundo: um circo se instalou na nossa rua!

A estranheza está no fato de que era uma rua residencial, estreita, com pouco movimento de pedestres, quase nenhum trânsito de veículos, e além de tudo ficava numa baixada, portanto sem nenhuma visibilidade. Aquele era o pior lugar possível para um circo, o que era evidente para todo mundo, menos para uma figura chamada Zé Coqueiro.

Ele instalou seu espaço de espetáculos em um terreno baldio não muito grande que havia em frente à casa da dona Luzia, nossa vizinha de cima. Era um circo-teatro, significando que, além das outras atrações (poucas), eram apresentadas pecinhas teatrais como *Chapeuzinho Vermelho*, *Zé Coqueiro contra o Lobisomem*, *O Casamento de Saca-Rolhas* (Saca-Rolhas era o palhaço). Obras mais elaboradas, como *A Paixão de Cristo* e *Branca de Neve e os Sete Anões* (que precisam de muitos figurantes), não podiam ser apresentadas porque a trupe era pequena.

O circo não tinha lona: era coberto por um desbotado tecido de qualidade inferior (naquela época muito usado para revestir colchões), que servia apenas para preservar a privacidade dos espetáculos. Quando chovia, a água passava com facilidade e caía livremente sobre os espectadores, que saíam correndo com total desconsideração pelo trabalho dos artistas (os quais também saíam correndo).

De qualquer modo, mesmo que a cobertura fosse boa, não seria possível permanecer lá dentro quando chovia, pois nos fundos do terreno havia um morro do qual descia uma verdadeira enxurrada de lama que inundava tudo. Aquele lugar não era mesmo o ideal para um circo...

Para prover eletricidade, Zé Coqueiro pediu à dona Luzia que deixasse puxar uma extensão a partir de sua casa, e ele pagaria a diferença na conta de luz. Depois, para demonstrar gratidão, sempre que algum dos filhos da dona Luzia participava do curso de calouros, nas matinês de domingo, era certo que ganharia

o primeiro lugar e o correspondente prêmio (uma entrada), em prejuízo de eventuais concorrentes mais qualificados.

Zé Coqueiro não era apenas dono de circo: também fazia parte de um trio de música sertaneja chamado “Zé Coqueiro, Deise e Magrão”, no qual cantava e tocava violão. Magrão tocava sanfona, e Deise, que era mulher do Zé, cantava e dançava, batendo palmas e “rodando a saia”.

Não me lembro muito bem das outras pessoas da trupe, mas nunca me esqueci de uma moça magrinha, de longos cabelos ruivos e cacheados, que usava saltos muito altos e enchimento nos quadris, e de um rapaz que adorava passar as tardes cantando pelo alto-falante. Ele cantava à capela músicas horrorosas de autoria desconhecida que felizmente nunca foram gravadas.

Todas aquelas pessoas tinham seus empregos regulares; o trabalho no circo era apenas uma atividade extra. De manhã cedo, às 5 e meia ou 6 horas, quando eu pegava o ônibus para ir ao ginásio, via de vez em quando o Magrão, que pegava o mesmo ônibus para ir trabalhar. Eu não deixava de sentir um certo espanto por estar na presença de um artista!

Havia outros tipos de concursos além daquele de canto. Por exemplo, se uma pecinha ia ser apresentada à noite, o Zé Coqueiro, pelo alto-falante, pedia às pessoas que levassem bilhetes ao circo respondendo à pergunta: “Quem vai casar com a Deise no final da peça?” Quem acertasse ganharia uma entrada. Todo mundo respondia: “Zé Coqueiro”, todo mundo acertava, e ele acabava sorteando a tal entrada entre os participantes.

Uma vez a nossa amiga Lurdinha respondeu assim: “Quem vai casar com a Deise é o Zé Coqueiro. Assinado: Anônimo sem pai nem mãe”. O Zé Coqueiro ficou totalmente escandalizado com tal bilhete e passou mais de 1 hora fazendo discurso pelo alto-falante, favorecendo toda a vizinhança com pérolas filosóficas deste tipo:

– Meus amigos, como é possível que essa pessoa seja um anônimo sem pai nem mãe? Todo mundo tem pai e mãe! Até o mais pobre dos mendigos de rua! Como foi então que essa pessoa veio ao mundo? Terá nascido das pedras?!? Não, meus amigos, isso é completamente impossível!

Aquele era mesmo um circo cheio de peculiaridades. Sua permanência no local foi inexplicavelmente longa, e, como os espectadores eram sempre os mesmos (os moradores daquela rua), o

interesse pelos espetáculos às vezes arrefecia e a plateia acabava ficando quase deserta. Nessas ocasiões, o Zé Coqueiro suspendia o espetáculo e devolvia o dinheiro das entradas.

Finalmente, um dia, após três ou quatro meses de sua chegada, o circo baixou a lona – ou melhor, o pano de colchão – e foi-se embora para local ignorado.

Não tendo pago as diferenças nas contas de luz da dona Luzia, Zé Coqueiro, que não era ingrato, quis recompensá-la de outra maneira: convidou-a para ser madrinha de seu primeiro filho, que tinha acabado de nascer.

A brincadeira do fogareiro

Osnir Geraldo Santa Rosa

Vila Jaguará, Zona Oeste

1965

Era estranha e perigosa. Ocorria nos meses mais frios. Os moleques preparavam o fogareiro com latas de óleo de cozinha usadas, evidentemente. Retiravam uma das tampas, faziam uma portinhola do lado oposto. Furavam a base em vários pontos, bem como as laterais. No lado sem tampa colocavam um bom pedaço de arame. Punham carvão, ateavam fogo e passavam a rodar as latas! Rodavam-na primeiro para que o fogo pegasse de vez, depois para fazer coreografias.

É forçoso admitir que, nos locais escuros, um punhado de meninos girando aquelas engenhocas formava um visual até que interessante. Às vezes as latas se encontravam. Era brasa que saía por todos os lados. Ora os adolescentes brigavam acusando-se pelo acidente, ora riam gostosamente com o ocorrido.

Com a diminuição das áreas livres; com o aumento da população, com a vinda da iluminação pública, a brincadeira tornou-se inviável, impraticável. Desapareceu.

A *lasagna* da Cantina Veneto

Miguel Chammas

Bixiga, Bela Vista, Zona Central

A partir de 1960

A memória é uma coisa engraçada. Ontem me sentei à frente do meu laptop, o Word aberto, e busquei um fato qualquer para iniciar um relato e ter, então, um novo texto. E nada, nenhuma coisa importante veio povoar meus pensamentos.

Hoje, sem nada preparado, como se chegasse do nada, um paladar conhecido veio aticar minha memória gustativa.

Hummm... Era o gosto acre do molho de tomate que cobria uma deliciosa lasanha degustada muitas e muitas vezes no passado – e ainda hoje, de quando em vez.

Tempos atrás, os componentes de nosso grupo de amigos Duques de Piu-Piu, a maioria descendente de italianos, eram adeptos da mesa farta e pródiga. Então, aos sábados, antes de colocarmos nossos pesinhos nas pistas de dança, costumávamos calçar nossos esqueletos (termo usado na época para definir o verbo “comer”). Normalmente íamos a alguma pizzaria, entre elas O Morais, a Cantina Speranza ou qualquer outra boa cantina do Bixiga.

Porém, quando o Paschoal, um agregado muito querido dos Duques que trabalhava como mecânico da Equipe Tubularte, vinha motorizado para casa, o programa era mais do que certo: Cantina Veneto, na Estrada de M’Boi Mirim. Essa cantina, diga-se de passagem, era de propriedade de duas famílias italianas e tinha como especialidade a *lasagna* montada e cuias de barro e gratinada em forno a lenha.

Essas noites eram programadas com alguns dias de antecedência, e, no sábado, por volta das 17 horas, nos encontrávamos no Bar e Bilhar Rex, devidamente vestidos com nossos ternos de tropical, sapatos de bico fino, camisas de punho duplo e gravatas com belos nós. Então, no carro do Paschoal, ou melhor, da Equipe Tubularte, nos dirigíamos para a cantina.

Lá chegávamos por volta das 18 horas, nos colocávamos à vontade, ou seja, tirávamos paletós e gravatas, arregaçávamos as mangas das camisas e, então, cada um com seu copo de “limonada”, íamos para os fundos, onde existia a quadra de bocha. Jogávamos e bebíamos até as 20 horas.

Lembro-me que, no verão, admirar o pôr do sol lá da Cantina era qualquer coisa de sensacional.

Depois de jogar e beber à vontade, o jantar era servido. A comida era sempre a mesma, lasanha, frango com molho de salsa (simplesmente fabuloso) e polenta frita. Bebidas? No verão, cerveja (muitas); no inverno, vinho.

O jantar era cheio de brincadeiras e jogos, mas, por volta das 22 horas, os Duques de Piu-Piu se recompunham, lavavam os rostos, penteavam os cabelos (na época, três andares), limpavam os sapatos, colocavam as gravatas e os paletós, e então a noite era nossa – nos dirigíamos normalmente para o Recreio das Carpas (o nome certo tinha de ser Recreio dos Duques), mas às vezes parávamos na metade do caminho e entrávamos no Cassino Vila Sofia (cassino só no nome, pois era um salão de baile, uma das mais tradicionais gafieiras de Sampa). Dançávamos até as 4 da madrugada e voltávamos para casa alegres e descontraídos para enfrentar o domingo.

A Cantina Veneto foi desde os tempos de solteiro a minha preferida. Eu a frequentei com minha família antes e depois de casado, e ainda hoje, sempre que uma oportunidade aparece, é para lá que me dirijo. Os proprietários ainda são os mesmos, e eu me sinto como parte do lugar.

O frangueiro, o “compra roupa”, o amolador de facas e outros heróis quixotescos

Jose Luiz Batista da Fonseca

Pinheiros, Zona Oeste

Início dos anos 1960

Mana, lembra daquele senhor negro que passava vendendo frangos numa carroça puxada a cavalo? Percorria de carroça as ruas do bairro, quiçá a cidade toda, e com altivez anunciava sua mercadoria. Quanto frango nossa mãe comprou dele! Ela, que era uma exímia exterminadora de aves para os assados que enfeitavam nossas mesas nas datas especiais. Quanta pena eu tive dos bichos que morriam depenados nas mãos de nossa mãe...

Mas tinha também o “compra roupa”, aquele senhor judeu, baixote, de chapéu enterrado na cabeça, com um terno cinza surrado de tanto sol e tantos quilômetros, que percorria a pé as ruas da cidade. A garganta era o único recurso de mídia que utilizava para propagar sua atividade, num sotaque típico e inconfundível.

Diferentemente, outro empresário informal das ruas da época era o amolador de facas e tesouras, que utilizava um apito de notas escalonadas, ida e volta, dó, ré, mi... mi, ré, dó... Quantas freguesas cativava! É, na época éramos fregueses, e não consumidores.

Havia ainda o reparador de guarda-chuvas, que batia de porta em porta oferecendo seus préstimos. Tinha muito trabalho, pois não existiam os guarda-chuvas importados da China, dobráveis e descartáveis a cada tromba-d'água. Os antigos eram resistentes, e alguns passavam de geração a geração. Lembro-me de um guarda-chuva do meu pai que era patrimônio familiar. Minha mãe checava seu retorno a cada uso, emprestado pelos membros da família. Salve os chineses...

Mana, e aquele vendedor de bijoux com o contêiner cilíndrico às costas, que mais parecia um tocador de atabaque? Alegria das crianças, terror dos pais.

São todos personagens de um tempo passado, da minha infância. Pequenos grandes heróis quixotescos, vencedores da batalha diária da vida nas ruas e vielas da Sampa da minha memória.

A eles, a minha lembrança e o meu respeito...

O ladrão fica na delegacia

Douglas Fabretti

Próximo à Praça Cosmorama, Alto da Vila Maria

1960

Cada época tem suas peculiaridades. Nos anos 60, não havia violência empregada pelos bandidos, mas havia bandidos. Uma das categorias mais comuns de bandido naqueles anos era a do batedor de carteiras, que, ao se aproveitar da distração de alguém, lhe subtraía a carteira de dinheiro, sempre de forma rápida e quase sempre imperceptível.

Para os padrões de hoje, eles poderiam quase ser canonizados. Na verdade, eram mestres no que faziam. Alguns, mais grotescos, chegavam a utilizar lâminas de barbear para cortar bolsos de paletós masculinos ou bolsas femininas, mas isso já foi mais recentemente.

Acontece que, vez por outra, alguém percebia o movimento do meliante que atuasse dentro de algum ônibus e denunciava. Na melhor das hipóteses o gatuno era “gentilmente convidado” a descer do coletivo, sob vaias e ofensas dos passageiros. Não raro também ganhava algum sopapo ou pontapé no traseiro.

Uma vez, ainda criança, devia ter uns 5 anos de idade, eu viajava num ônibus em que um batedor de carteiras foi descoberto. O motorista, bravamente, não permitiu qualquer tipo de violência contra o pobre diabo e perguntou aos passageiros se alguém se opunha a uma pequena mudança de itinerário. Diante da concordância, ele pediu calma e que ninguém descesse naquele momento, dirigiu o veículo até uma delegacia de polícia que ficava nos arredores, e o infrator ficou detido.

Alguém imaginaria algo semelhante nos dias atuais?

O passeio até a Galeria Prestes Maia

Sergio Darcy Munhoz

Sé, Zona Central

1961/1962

No início da década de 60, eu morava na Penha e estudava em São Miguel Paulista.

Naquela época, nós recebíamos uma carteira, com foto e tudo, para poder comprar os passes escolares, que custavam 50% do valor da passagem. Tais passes deveriam ser adquiridos em todos os meses do ano letivo, e a compra deveria ser feita na Galeria Prestes Maia, na Praça do Patriarca.

Eu e meu amigo Celso Trigo Jorge combinávamos de ir juntos comprar os passes. Pegávamos o bonde na Praça 8 de Setembro, na Penha, com destino à Praça Clóvis Beviláqua, que hoje não existe mais (foi agregada à Praça da Sé, com as obras do metrô). Chegando, seguíamos a pé pela Praça Clóvis, Praça da Sé, Rua Direita, e chegávamos à Praça do Patriarca. Ali, nova aventura e lazer: subir e descer pelas escadas rolantes da Galeria Prestes Maia. Desconheço se à época havia outro local em São Paulo com as tais escadas rolantes.

Enfim, depois de subir e descer as escadas rolantes por quatro ou cinco vezes, descíamos até o saguão que ficava na saída da Galeria Prestes Maia para o Vale do Anhangabaú e comprávamos os passes. E, depois, de novo a diversão das escadas rolantes.

No caminho de volta, havia uma pequenina lanchonete na esquina da Rua São Bento com a Rua direita, onde comíamos, invariavelmente, todos os meses, um cachorro-quente assado, acompanhado de um suco de laranja. Novamente a travessia da Rua Direita, cheia de gente (naquela época não havia camelôs), e, na Praça Clóvis Beviláqua, pegávamos o bonde com destino à Penha.

Era assim que nos divertíamos uma vez por mês, na hora de comprar os passes escolares.

Procissões da Sexta-Feira Santa

Jose Luiz Batista da Fonseca

Pinheiros, Zona Oeste

Início e meados dos anos 1960

Mais uma Semana Santa se passou. E, como em toda Semana Santa, a televisão mostrou um monte de filmes relacionados à vida de Cristo, seus apóstolos e outros temas bíblicos.

Muitos seguem seus preceitos religiosos e aplicam essas práticas, inclusive culinárias, como citou meu amigo Gaspar, na tremenda bacalhoadade de sua esposa, que me deu inveja, ou a Helena falando dos costumes hebraicos.

É o momento de reflexão de nossa religiosidade. É um renovar de esperanças para quem é cristão.

E, neste ano, o assunto na mídia foi reforçado com toda a polêmica sobre o filme do Mel Gibson, *A Paixão de Cristo*. Todo o aspecto de veracidade do filme, a questão do antissemitismo, o realismo ou a acentuação das cenas do martírio etc. A polêmica foi tanta que nós, levados pela curiosidade, não nos eximimos de assisti-lo.

Lembro-me de outros tempos, na minha infância, em que minha mãe dizia que não podíamos comer carne não apenas na Sexta-Feira, mas durante toda a Semana Santa. Tínhamos de fazer jejum. Peixe, sim; carne vermelha, não. Com o tempo a Igreja foi ficando mais benevolente. E parece que, num decreto do papa, passaram a permitir que a gente apenas evitasse a carne na Sexta-Feira. Acho que foi um lobby das churrascarias e do McDonald's que conseguiu isso. Hoje muitos não respeitam mais essa limitação nem na própria sexta. Não vou discutir, é uma decisão individual. Vai de cada um, mesmo porque acho que os preceitos religiosos e os ensinamentos de Cristo estão no nosso dia a dia, e não no prato que se come.

É curioso ver nos noticiários da tevê como, em algumas cidades do interior e de outros estados, a população se envolve de corpo e alma na religiosidade, nos preparativos da grande festa da ressurreição de Cristo, dessa festa de renovação espiritual. Como esse espírito permanece vivo e forte e como ele se perdeu aqui na nossa Capital.

Acho que é consequência do nosso crescimento, da nossa miscigenação cultural e da perda de uma identidade maior dominante que de princípio existia com os imigrantes, mas que agora já não tem mais grande significado.

Lembro-me das procissões das igrejas do meu bairro, ou melhor, do meu pedaço no bairro. Eram duas: a do Calvário e a do Nosso Senhor dos Passos. Só pelos nomes dessas igrejas se pode deduzir que essa data da Semana Santa era a mais representativa para elas. E parece que até disputavam a preferência dos devotos. Cada qual queria sair mais bonita e mais cheia de seguidores. Acho que a disputa ia além da vaidade dos padres responsáveis pela organização dessas manifestações religiosas, que tentavam seduzir sutilmente os devotos, durante os sermões das missas nos domingos antecessores, para que comparecessem à procissão da sua respectiva igreja na Sexta-Feira Santa. Essa disputa contava também com toda a participação de um batalhão de beatas colaboradoras, que tentavam garantir a presença dos fiéis. Era um verdadeiro trabalho de convencimento, um legítimo trabalho de boca de urna, digo, de boca de altar. Parece que pediam o comprometimento do devoto em troca de alguma graça a ser alcançada, tipo: “Vá à nossa procissão, pois assim sua netinha será curada da bronquite, seu marido terá o emprego garantido por mais um ano, seu genro resolverá o problema do alcoolismo etc. A nossa procissão tem mais força junto ao Senhor. Fique conosco e não se arrependerá!”

Entretanto, apesar da grande disputa, as igrejas se respeitavam. Talvez pela própria característica da atividade, pois, no fundo, a fé é sempre a mesma, independentemente do caminho, e ali todos levavam à Cúria Metropolitana. E imagina só se houvesse uma guerra velada entre as igrejas pelos fiéis! Já pensou nas manchetes dos jornais? “Tropas beatas da Igreja do Calvário, comandadas pelo padre Inocêncio (*nome fantasia*), apreenderam na noite de ontem, em operação-relâmpago, 22 fiéis a caminho da Igreja de Nosso Senhor dos Passos. Em represália, esta promete invadir a sacristia e tomar de assalto todas as urnas de esmolas da Igreja do Calvário. Em nota à imprensa, o Vaticano informou seu descontentamento com a situação e enviará um representante para intermediar as negociações.”

Bem, brincadeira à parte, as igrejas dali do meu pedaço acabavam se sintonizando não apenas pelos fiéis, mas até mesmo pelo percurso a ser percorrido. E, às 19 horas, religiosamente, saíam ambas às ruas do bairro. Sincronizavam horário e percurso de forma a se encontrarem em um determinado ponto intermediário. Nesse ponto as duas procissões se aglutinavam, e todos rezavam uma única oração: o Pai Nosso.

Eu, que era pequeno, geralmente levado pelas mãos da minha avó, beatíssima, me emocionava bastante ao ver toda aquela manifestação de profunda religiosidade. Muitas pessoas chega-

vam a chorar copiosamente com aquela atmosfera e com a própria dramatização dos sofrimentos de Cristo.

Havia muitas crianças vestidas de anjo. Anjos de todos os tipos, de asas pequenas, de asas longas, azul-celeste, brancos, com auréolas ou sem. Todas as pessoas carregavam velas protegidas por um aparador de papel, que dava um efeito de abajur. Muitos homens de terno escuro e com uma faixa atravessando o peito. As mulheres todas de vestido escuro também, igualmente com as faixas. Faziam-se duas fileiras que andavam paralelas.

Mais para o final da procissão surgiam os andores com a imagem de Jesus Cristo. A da procissão do Senhor dos Passos era a mesma imagem que ficava no altar. Jesus carregando a cruz. Barba e cabelos pretos, uma túnica preta, contrastando com o rosto alvo expressando muita dor. A do Calvário não era a mesma que ficava no altar. Era outra, especial para a procissão.

Os andores eram carregados somente por homens. E parecia que eram escolhidos com critério, pois parecia ser um lugar de honra e poucos mereceriam estar ali. Os escolhidos talvez tivessem feito algo especial para a igreja, ou quem sabe seriam amigos do padre.

Ao fim da procissão, eu sempre via os bêbados conhecidos do bairro (todo bairro tem seus botecos com esses personagens característicos) tentando acompanhá-la. Parece que recebiam uma graça especial nesse dia. Uma benevolência da igreja para com esses seus singelos devotos, que durante o ano todo nunca deixaram de oferecer a primeira dose para o santo.

Após o breve encontro e a oração comum, cada procissão seguia em retorno à sua igreja. A do Senhor dos Passos, que passava bem em frente à nossa casa, seguia rua abaixo, parando em um determinado local. Ali, uma moça entoava um canto sacro e mostrava um pano com as feições de Cristo. Era um momento de muita consternação. Minha avó me falava que aquela moça simbolizava Madalena, que havia enxugado o suor de Cristo no caminho do Calvário. Eu então pensava que estávamos na procissão errada, pois aquela era a do Senhor dos Passos. Mas entendia que, pelo fato de ela passar bem em frente à nossa casa, o calvário da longa caminhada para a minha avó era menor.

Roda-Viva

Maria Heloísa da Silva Ramos

Jardim Paulista, Zona Oeste

1968

Corria o ano de 1968. Eu e minhas colegas do 3º ano do curso normal do Colégio Assunção experimentávamos algumas das delícias da maioridade. Fazer 18 anos nos trazia a sensação de que, quase como num passe de mágica, ficávamos adultas, prontas para ver de perto a cara da liberdade (doce ilusão), conquistar o mundo, desafiá-lo, vencê-lo...

O auge foi o convite de Maria Alzira, nossa especial e queridíssima professora de Sociologia, para irmos com ela ao teatro a fim de assistir à polêmica peça *Roda-Viva*, proibida para menores de 18 anos, cuja música-título, também de Chico Buarque, ganhara o terceiro lugar em um dos festivais da TV Record.

As poucas alunas da classe ainda com 17, infelizmente, ficaram fora do programa. Uma delas, porém, insistindo em fazer parte do grupo, o que acertadamente não foi permitido por nossa professora, prometeu vingança.

A manchete do jornaleco metido a tabloide inglês do qual seu pai era o editor concretizou a ameaça: “PROFESSORA COMUNISTA DE COLÉGIO TRADICIONAL LEVA ALUNAS À PEÇA PORNOGRÁFICA DE CHICO BUARQUE”. Nessa história toda quem quase rodou foi nossa amada mestra. Correram boatos de que receberia o bilhete azul, ou seja, iria para o olho da rua...

Felizmente, as freiras do colégio eram suficientemente esclarecidas e, após pequena conversa com Maria Alzira, compreenderam que tudo não passara de mero sensacionalismo barato do jornalzinho classe Z.

Mas nós, alunas, inconformadas com o vexame pelo qual nossa futura paraninfa tinha passado, decidimos perpetrar um desagravo na Rádio Jovem Pan, no programa do Randal Juliano, que, pacientemente, nos deu espaço para “lavar a honra” da dileta mestra, repudiar publicamente a tal manchete do jornaleco e afirmar categoricamente que a peça não era pornográfica, e sim fazia críticas ferrenhas às instituições – o que naquela época era motivo suficiente para prisão.

O mais incrível foi que, pouco tempo depois, numa certa noite, o teatro foi invadido pelas forças da repressão enquanto a peça era encenada. Atores e público foram agredidos, e a encenação, interrompida.

Mais uma triste marca dessa época da ditadura militar pela qual passamos, mas que assim mesmo não conseguiu apagar nossa alegria, nossa juventude e nossa esperança em dias melhores.

“Roda mundo, roda-gigante, rodamoinho, roda pião, o tempo rodou num instante nas voltas do meu coração...”

O mooquês que vocês mi qué, non?

Lenicio Antonio Dias

Mooca, Zona Leste

[sem data definida]

Aôôô, meu, quando eu era pequeno a gente tinha umas vergonha, qui quando as mãe vinha chamá a gente pra pará as brincadeira da rua e tinha que vortá pra casa. Orra, meu, mi tinha vontade de mi enfiá as cabeça num sei onde, tanta era a vergonha, non?

Mas quem passava os maior aperto era o meu amigo Ulisses, o queridinho da *mamma*. A dona Novela, qui mi era mãe dele, má num parava de chamá o moleque e, pra piorá, mi chamava ele de “meu Li”. E era meu Li pra lá e meu Li pra cá. Aôôô, a dona Novela mi era triste, num parava de falá, porca miséria! Ela dizia pra nós: “Cadê o meu Li, o meu filhinho lindinho, cadê ele? Tá na hora do almoço. Ele tá muito sujo? Num pode. Cêis tão levando o meu filhote pra perdição. Cadê ele?”

– Liiiiiiiiiii, vem tomá banho, meu lindo!!!

E o Ulisses, pra num mi passá vergonha, ficava no armazém do Seo Genaro bem escondido, e, quando mi acabava o show da Novela, nós ia chamá ele.

Coitado do Li, digo, do Ulisses... Além da Novela, mi tinha também nós pra gozá da cara dele. Sofria o lindinho. Era muito engraçado – o Ulisses misturava o roxo do nervoso com o vermelho da vergonha, era a cor da revolta, meu...

O consolo do Li é qui ele mi desabafava com os palavrões dele, como filho de italiano. Mi era um belo dum boca suja... Ele, as irmã, os irmão e o pai, o seu Milano. A dona Novela num falava, mais qui pensava mi pensava, non? Aôôô, se pensava...

A dona Novela tem muita história, das briga na família, com os vizinho, das fofoca (ela sabia de tudo: a janela mi era o canto favorito), das bronca, do coração mole dela, das farsidade na feira, enfim, muita coisa, que depois eu mi conto e reconto.

Um beijo per tutti...

A Seleção de 70 treinou na Mooca, meu!

Lenicio Antonio Dias

Mooca, Zona Leste

1969

Eu morava na Rua dos Trilhos, na altura do numeral 644, no apartamento 3. Decorria, então, o ano de 1969. Da lavanderia ou do meu quarto, era possível divisar a metade do campo do Juventus (situado na Javari). Ou seja, dava para ver a partir do círculo central até as árvores da Creche Ninho Marina Crespi.

Na época eu tinha 14 anos, e o meu passatempo era ficar olhando os treinos e sonhando ser um craque de futebol. Quando era treino do “Juva”, ficava somente por alguns minutos e depois ia brincar. E quando era jogo oficial não dava pra ver nada, já que o público presente na arquibancada impedia a visão.

Isto posto, decorria aquele ano, não me lembro o mês, e estava eu lá na lavanderia observando o treino. Porém, naquele dia os jogadores não eram os mesmos; fiquei observando mais atentamente e vi que a vestimenta era mais vistosa, mais novinha.

Daí, subi no tanque para ver melhor e constatei um jogador que se destacava dos outros; era um loirinho que eu conhecia. Com certeza, pela elegância do toque de bola e por sua corrida tranquila, num grito contido falei: “É o Ademir da Guia!” Ah, era ele.

Saí de casa como um rojão. Com o coração ofegante, desci até a rua em segundos. Disparei até a Visconde de Laguna, voei até a Javari e cheguei ao estádio rapidinho. Nesse ínterim deu tempo para dois amigos se juntarem a mim só com o meu aviso: “O Ademir tá jogando!”

Meus amigos corriam comigo e não entendiam patavina.

Bom, chegamos. E por sorte o portão por onde adentravam os carros estava aberto e sem vigia. Entramos.

Não, mil vezes não! Não estávamos acreditando no que víamos. O treino tinha parado, e o primeiro jogador que vimos foi o Natal, ponta do Cruzeiro. Depois o Edu do Santos, o César do Palmeiras, Rivelino, Ado, Piazza, Tostão, Everaldo, Gerson, Joel, Claudio (goleiro do Santos), o Félix, o Brito do Vasco, o Divino Ademir da Guia, até o Dr. Paulo Machado de Carvalho, de terno marrom, o marechal da vitória. Parecia um sonho que seria completo se o Rei Pelé estivesse presente. Não estava.

Não havia quase ninguém nas arquibancadas. Apenas uns dez garotos, e só!

Depois de mais ou menos 10 minutos da nossa chegada, o treino recomeçara e durou uns 30 minutos. Depois disso, os atacantes treinaram chutes a gol e pênaltis, e os zagueiros, cabeceios. Não chegou público nenhum, e constatamos que o que estava ocorrendo era um treino secreto da seleção brasileira, no campo do Juventus e na Mooca, meu!

Não dormi de jeito nenhum, só pensando no sonho que tivemos “acordados”. Um privilégio! Grande ano, 1969. Dessa eu não me esqueço.

Uma deferência

Yvoty Macambira

Pinheiros, Zona Oeste

1968

Meu pai, Francisco Pereira Macambira, era um paraense de Santarém que veio para São Paulo nos primeiros anos do século XX, a fim de cursar Engenharia na recém-inaugurada Escola Politécnica.

Depois de se formar engenheiro civil, em 1912, já apaixonado pela cidade, decidiu viver aqui e nunca mais voltou à sua cidade natal.

Desde estudante assinou o jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1968, ao completar 84 anos, achou que não valia mais a pena assinar pelo ano seguinte, uma vez que estava convencido de que morreria em poucos meses, como tinha ocorrido com muitos de seus familiares, os quais não conseguiam completar 85 aniversários.

Na época só havia assinaturas anuais, que eram cobradas na residência do assinante por um funcionário do jornal.

Alguns dias após a recusa do meu pai em renovar a assinatura, um funcionário do *Estadão*, vestindo um avental azul de gráfico, toca a campainha e comunica ao “dr. Macambira” que os diretores haviam resolvido abrir uma exceção para aquele que sem dúvida era um dos assinantes mais antigos do jornal. A assinatura passaria a ser cobrada semestralmente.

Acontece que meu pai fez 85, depois 86, depois 87... e esse trato foi mantido até seu falecimento, aos 98 anos, em 1982. A cada seis meses, um recibo escrito a mão (pois o sistema só imprimia recibos anuais) era pontualmente entregue pelo funcionário de azul. Extraordinário que uma empresa desse porte, com centenas de milhares de assinantes, tenha tido essa delicadeza!

O imortal na pizzaria

Maria Heloísa da Silva Ramos

Jardim Paulista, Zona Oeste

1966

Ano de 1966. O poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos, meu tio, recém-eleito, acabara de tomar posse da cadeira nº 25 da Academia Paulista de Letras. Era o mais novo “imortal”.

A família, orgulhosa, se preparara entusiasmada para tão solene acontecimento. Nenhum detalhe fora esquecido. A cerimônia exigia que todos estivessem “na estica”. E assim foi. As mulheres, além de passarem o dia no cabeleireiro, preocuparam-se muito com a toilette. Ternos e sapatos impecáveis para os homens, inclusive para os mais novos, os fedelhos.

Ficaram todos lindos, de fazer inveja à família real britânica. Nosso querido acadêmico, então, era muito mais do que um nobre ao ostentar o tradicional fardão da Academia. Parecia um príncipe de conto de fadas. Chiquêrrimo!

A cerimônia de posse transcorreu como era de esperar. Tudo nos conformes, segundo a antiga tradição ditada pela casa do Largo do Arouche. No entanto, como o poeta só se tornara imortal nas letras, a família Silva Ramos decidira aplacar sua fome de recém-empossado. Aliás, todos estavam famintos. Então alguém perguntou:

– E, então, em que restaurante vamos comemorar?

Conversa vai, conversa vem, discute daqui, discute de lá; afinal de contas, tinha de ser um lugar muito especial. O mais novo membro da APL merecia comemorar sua posse em um restaurante sofisticado, de comida requintada, inesquecível!

Meus entusiasmados olhos de adolescente de 16 anos contemplam, então, uma conversinha meio ao pé do ouvido entre o poeta e meu pai. Só mais tarde, ao entrarmos na Pizzaria Camelo, na Rua Pamplona, é que entendi o porquê daquele papo entre os dois. Meu pai adorava a pizza de *mozzarella* de massa fina da Camelo. Sem dúvida influenciara tio Péricles, que, com sua simplicidade, não fizera a mínima questão de comemorar a data em restaurante sofisticado. Estava feliz com toda a família reunida. Era isso que lhe interessava.

E então lá ficamos nós, na pizza, no *chopp* e no guaraná, felizes da vida, sob os olhares curiosos de garçons e frequentadores, que certamente nunca tinham visto antes um imortal de fardão da APL numa pizzaria.

Frustrações de imigrante

Roberto Freire

Paraíso, Zona Sul

1965

Em 1965, por razões que não cabe aqui explicar, saí de São Paulo e vim para os Estados Unidos. Na época, com minha esposa ainda jovem e quatro filhos pequenos, foi, sem dúvida, uma grande aventura. Própria de quem não sabia calcular os riscos nem imaginar as consequências. Só 17 anos e meio mais tarde fui ter a oportunidade de voltar à minha terra para matar a saudade imensa.

Do caminho entre o aeroporto e a casa de minha mãe, onde me hospedaria, eu absorvia tudo que via. Não demorou muito para que chegasse à conclusão de que a São Paulo que eu tanto desejava reencontrar existia apenas em minha memória.

Depois de sei lá quanto tempo em um tráfego intenso, chegamos a uma avenida muito bonita. Calçadas largas, edifícios altos, estabelecimentos bancários, casas comerciais, escritórios... “Deve ser alguma avenida nova”, pensei. Olhei a placa para descobrir o nome: AVENIDA PAULISTA.

– Avenida Paulista?!? Mas onde estão os casarões e palacetes dos senhores donos das grandes plantações de café? Aquelas construções gigantescas e luxuosas, de uma arquitetura excepcional que eu admirava quando ainda criança e imaginava quão lindas e ricas deveriam ser por dentro? O que foi feito delas?

– Dois ou três sobraram – foi a simples informação que me deram.

Mamãe morava na Rua Manuel da Nóbrega, e eu sabia que, quando chegássemos lá, eu iria sem dúvida nenhuma reconhecer o lugar. Avistaria a bela estátua do Índio ali no cruzamento. Grande, forte, musculoso, de cabeça erguida, altivo, com um dos joelhos apoiado na terra, empunhando uma enorme lança na mão direita, como quem fora arremessá-la com ímpeto contra algo ou alguém, tudo deixado à imaginação do observador admirado com a figura imponente.

“Já estamos chegando”, me disseram. Viramos à direita. RUA MANUEL DA NÓBREGA, dizia a placa. “Mas... e o Índio?”, perguntei, frustrado.

Por alguma razão que talvez a prefeitura também não goste de explicar, a estátua havia sido transferida para outro local.

Dois ou três dias depois, passava eu pela Praça Oswaldo Cruz e, para minha surpresa, lá estava o monumento trasladado – o Índio. Grande, forte, musculoso, de cabeça erguida... “Quê?!?”, gritei. “Onde está a lança do Índio?” Aborreci-me. Que tristeza! “Roubaram a lança ao valente! Quem teria tido a ousadia de tão grande desatino?” Logo, não pude conter o riso. Achei engraçado. “Ora, imagine-se esta! Só mesmo na minha terra...”

Os guerrilheiros da Faculdade de Direito

Reinaldo Rocha Costa

Centro, Zona Central

1965

Ano de 1965. A Revolução de Março de 64 impunha seu ritmo, ditava suas regras. O desemprego naquele tempo – tal como hoje – corria solto. Com 20 anos de idade, ansioso pelo meu primeiro emprego, deixei pai, mãe e irmãos em Uberlândia e fui tentar a sorte em São Paulo. Arrumei ocupação em um banco estadual.

O salário era minguado. Em consequência disso, fui morar em um cortiço localizado quase em frente à república dos estudantes de Direito do Largo de São Francisco, localizado do lado direito da Avenida São João para quem sai da Praça do Correio.

Naquele tempo não havia Minhocão na avenida. Os bondes desciam no contrafluxo dos carros. A poluição expelida pelos veículos era terrível, a ponto de não permitir que as folhas permanecessem nas árvores, mesmo nos tempos de verão. Os colarinhos das camisas ficavam pretos de fuligem no fim da tarde.

Às sextas-feiras, por volta das 18 horas, os estudantes exteriorizavam seu inconformismo com o regime vigente. Fechavam a portaria do prédio. Subiam todos para o terraço do último andar e, de lá, uma voz poderosa, terrivelmente estridente, gritava: “Ô, Castelo Branco FDP”. O insulto se repetia várias vezes.

Era o suficiente para a polícia chegar e isolar o quarteirão (Rua Apa com Helvética, se não me engano). O brado de resistência engrossava e persistia noite adentro. Havia uma lei que proibia a polícia de entrar nas residências após as 18h. Mas ela se aproximava da portaria.

Os estudantes, armados com sacos plásticos cheio de água, atiravam-nos contra os policiais e eventuais transeuntes que por ali passavam. A explosão ressoava longe. Gargalhadas gerais quando conseguiam “ensopar” algum desavisado. O brado “Ô, Castelo Branco FDP” e outros impropérios eram repetidos noite adentro, não raras vezes até as 5 da madrugada de sábado.

Como todo bancário que se preze, eu pretendia passar em concurso do Banco do Brasil, um belo emprego da época. Sábado era o meu dia eleito para atualizar a matéria. A farra, porém, não me

permitia dormir. Um dia fui a Uberlândia e trouxe comigo alguns estilingues com uma “capanga” de pedras.

Quando a farra passava da meia-noite, eu invariavelmente decidia agir. E lá vai pedra. “Ô, Castelo Branco...” era substituído por “Ô, bancários FDP, proletários de gravata...” Entretanto, a partir desse horário, o silêncio aos poucos voltava. Os estilingues de Minas conseguiram o que a polícia, a despeito de ameaças, não conseguia...

No fundo, todos adoravam a farra. As pedras chegavam quase sem força ao destino. Era mesmo só para assustar. Todavia, a brava resistência daqueles jovens marcou profundamente os verdes anos de minha vida, dando-nos a todos um exemplo de coragem e brasilidade.

Memórias cavалares

Miguel Chammas

Cidade Jardim, Zona Sul

Aproximadamente 1960

No dia 25 de janeiro do ano passado eu me lembrei do Grande Prêmio São Paulo, que era disputado (será que ainda é?) no Jockey Club Paulistano.

Lembrança vai, lembrança vem, e, nesse embalo de lembranças, fui transportado aos meus tempos de frequentador e apostador assíduo do Jockey Club. Perdia tanto dinheiro que já me considerava um pouco proprietário do hipódromo paulistano.

Estávamos no final da década de 60, e, eu, como era useiro e vezeiro, estava completamente “duro”.

Era fim de janeiro. Eu, funcionário da empresa Auto Asbestos, desenvolvia minhas atividades no setor de Tesouraria, com salário pequeno. Além de pequeno, eu já tive saldo devedor de pelo menos o dobro de seu valor nominal – era realmente muito abuso da parte de alguns funcionários (entre eles, eu) que sacavam vales além dos salários e, no dia de pagamento, assinavam a quitação do mês, um vale da diferença devedora e, lógico, um novo vale para enfrentar os dias que viriam.

Era um moto-perpétuo. Então o sr. Amadeu, diretor administrativo e financeiro da empresa, resolveu não permitir novamente essas extravagâncias financeiras: baixou uma determinação de que todo vale, daquela data em diante, somente seria concedido depois de consultada a posição da conta corrente do funcionário, e com sua expressa aprovação representada por sua rubrica no referido vale.

Pronto, para mim foi um balde de água fria na cabeça. Fevereiro entrando, Carnaval chegando, e eu sem um trocado no bolso.

Por mais que desse tratos à bola, não conseguia encontrar um caminho para sair da enrascada. Então, o Candinho, que era o tesoureiro da firma e meu superior hierárquico, se chegou perto de mim e disse:

– Miguel, você sabe que estou para casar. Ontem fui entregar o convite ao padrinho de minha noiva e ele, me chamando para um canto, disse que o meu presente de aniversário estava no papelzinho que me passava sorrateiramente. Era o nome de uma égua

que iria correr no hipódromo de São Paulo no sábado de Carnaval e estava preparada para ganhar. Que eu deveria jogar tudo que pudesse arrecadar naquele cavalo.

Disse mais:

– Você sabe que eu não entendo nada desse jogo e que, pela minha função na empresa, nem posso me envolver em jogatinas. E eu sei também que você, embora tendo da empresa as mesmas restrições, sabe e continua jogando sempre que pode, então...

No mesmo instante eu me assanhei. O que ele dizia era música para mim. Perguntei:

– O que você quer que eu faça? Quer que eu jogue para você?

Ele anuiu, acenando com a cabeça, e eu concordei em ajudá-lo, desde que ele me arrumasse algum dinheiro para jogar. Ele concordou e, na segunda-feira antes do Carnaval, com os valores em mãos, eu me dirigi para a quitandinha do Jockey, na Rua Boa Vista, e formalizei as apostas em pules antecipadas.

A semana transcorreu, e eu, ainda “duro”, não me animava a fazer planos para os festejos de Momo. Como membro dos Duques de Piu-Piu, avisei a todos os demais integrantes sobre a barbada, e eles, tão “conhecedores” dos meandros do jogo, deram sonoras gargalhadas e me aconselharam a pedir emprestados uns binóculos para ver as pules antecipadas voarem para bem longe.

O sábado fatal chegou. O cavalo, que não era cavalo, era uma égua de nome Olaia, correria no terceiro páreo, por volta das 15h30. Nesse dia, com medo da decepção, não fui ao prado. Fiquei em casa e, munido do meu radinho Spica (lançamento recente no mercado), comecei a ouvir a transmissão, que era feita pelo famoso Vicente Chierigatti. Ele começou: “Atennnçãããooo, foi dada a partida para o terceiro páreo do programa. Tomando a Olaia, que vai se distanciando, nenhum animal com força para brigar com ela... Contornam a curva e iniciam a reta final. Olaia vem de passagem. O jockey já colocou o chicote debaixo do braço e vem tocando apenas com as rédeas. Olaia vai chegando, vai chegando, e cruza o disco final! Olaia, a azarona do páreo, deve pagar um caminhão...”

Eu saí de casa como estava: de camiseta, short (naquela época usava-se short, e não bermuda) e chinelos. Peguei um táxi na esquina de casa, avisando-lhe que iria me levar ao Jockey Club e me esperar na porta para receber a corrida. Lá chegando, entrei brincando com o porteiro e cheguei ao guichê pagador (a égua pagara uma dinheirama – nos dias de hoje seriam mais ou menos

500 reais por pule de 1 real), lá encontrando todos os nobres do Ducado de Piu-Piu.

Amigos, foi o maior Carnaval da minha vida. Fechei o 5^a Avenida Show, e levei todas as moçoilas para brincar nos Bailes do Clube Royal, que eram realizados no Cine Odeon, na Rua da Consolação, bebendo e pulando durante quatro noites espetaculares. Só voltei para casa na Quarta-feira de Cinzas, de manhã, sem um tostão no bolso. Do dinheiro ganho só restava a parte que eu havia dado de presente à minha mãe, no sábado, antes de sair para a farra.

O velho Brooklin Novo

Luiz Simões

Brooklin, Zona Sul

1962

Meu tio Sebastião, irmão de minha mãe, era um pé de boi. Professor de Educação Física, dava aulas em diversos clubes e colégios, em vários pontos da cidade. No Tênis Clube, no Mackenzie, na Casa Verde. Com isso, juntou algum dinheiro, comprou um terreno na Rua Texas, no Brooklin, e iniciou a construção de sua casa.

Era um terreno grande, de 500 metros quadrados, e o projeto, de autoria de um seu aluno, muito caprichado. Deu-lhe enormes despesas e preocupações, mas naqueles tempos as coisas eram bem mais fáceis.

A casa ficou pronta lá por 1962, e às vezes a visitávamos. Tinha de se pegar o ônibus no Anhangabaú, ou Praça das Bandeiras. Ele subia a Santo Amaro, e descia-se em um laboratório que existia junto à Rua dos Eucaliptos.

Atravessava-se a Santo Amaro, pegava-se a Rua Cabo Verde, da qual hoje resta só um toco, e descia-se. Onde é hoje a Avenida Bandeirantes era a Avenida Traição, um matagal, com o córrego do mesmo nome no meio, ladeado por uma favela que lhe acompanhava as águas.

Para chegar à Texas, tinha-se de cruzar o córrego e a favela. Cortava-se por uma pontezinha, e a favela, pacata, não assustava ninguém. Não me lembro de ver nenhum movimento ali, talvez uma discreta lavadeira cuidando de suas roupas.

A Rua Texas já tinha várias construções; algumas eram suntuosas, com grandes portões e palmeiras. O Brooklin estava em ascensão. Certa vez passei pelos portões de Erasmo Carlos. Mas não sei mais em que rua era.

Incansável, meu tio cultivava ainda uma horta nos fundos. Chegamos a comer couve e pitangas apanhadas do pé.

Voltando de lá, vejo-me cruzando a Santo Amaro toda arborizada, mais além o muro de pedra de uma churrascaria. Toda essa tranquilidade acabou com o “progresso”. A Avenida dos Bandeirantes irrompeu, demolindo tudo, poluindo tudo com sua fumaça e seu barulho. A Rua Texas, vizinha, passou a servir de alternativa nos imensos congestionamentos.

Apesar de até hoje não ser uma má rua, decaiu bastante de status. Meu tio aposentou-se e mudou-se para Piracicaba há uns 20 anos. Não é mais vivo, mas a casa da Rua Texas, sim, agora de muros fechados e bastante modificada. Na última vez que passei por lá, estava à venda. Não mais a conheço por dentro, mas ainda assim recomendo a quem interessar possa.

Solidariedade no trabalho

Edison Roberto Moraes

Centro, Zona Central

1964

Aos 15 anos de idade ingressei na Light, meu segundo emprego registrado, para trabalhar na Tesouraria.

A primeira coisa que me impressionou foi ver muitos empregados com mais de 40 anos de serviço. O tesoureiro, senhor Renato Prates Castanho, tinha 52 anos de Light na época.

Eu ficava impressionado em ver vários aposentados, muitos usando chapéu e com um jornal embaixo do braço, virem pela manhã para acompanhar a entrada dos empregados. Cumprimentavam seus conhecidos e, ao serem abertas as portas para atendimento ao público, ainda caminhavam um pouco no recinto dos caixas (onde hoje é o andar térreo do Shopping Light).

Logo depois iam embora, com um ar de tristeza, pois deixaram lá boa parte de suas vidas.

No fechamento do primeiro mês de trabalho não recebi salário, pois estava havia apenas duas semanas na empresa. O pessoal da Tesouraria então fez uma “vaquinha” e me presenteou com a arrecadação para que eu tivesse algo a receber no dia do pagamento.

Isso foi, para mim, uma das maiores demonstrações de solidariedade em empresa que vivenciei ao longo de 40 anos de trajetória profissional.

Pelos corredores do Martinelli

Luiz Simões

Centro, Zona Central

1960

O Edifício Martinelli, em 1960, era um burburinho, um entra-e-sai de pessoas sem o menor controle. Podia-se adentrar pela São Bento, pela Líbero Badaró ou pela São João, pela porta giratória do Hotel São Bento. Numa das vezes em que fui pela Rua São Bento, o ascensorista, desconhecido e sem uniforme (poderia ser um dos inquilinos), cantava a plenos pulmões Rosa, de Pixinguinha. E como cantava, lembrando Orlando Silva!

Nossa sala, a 1922, ficava num canto do 19º andar, na face que dava para o Anhangabaú. Saindo do elevador e dobrando à direita, cruzava-se um portal escuro, e ali ficava um conjunto de salas servidas por um banheiro em comum. Éramos quatro desenhistas, e nosso trabalho principal eram histórias em quadrinhos de terror para a editora Outubro. Nada mais apropriado, então, do que aquele ambiente soturno.

Fizemos amizade com alguns dos vizinhos. O dr. Moura, veterano dentista, ótima pessoa, mas cego como uma toupeira. Olhava uma boca toda cariada e achava perfeita. O alfaiate João Dias e o cego, mas espertíssimo Ito, comerciante de materiais de limpeza. Ito tinha sob sua custódia trabalhos paralelos, agregados que distribuíam seus produtos, e dois irmãos encanadores, que não sei por que se reportavam a ele. Eram baixinhos, mas de braços colossais, moradores de Ferraz de Vasconcelos. Um deles agenciava a própria mulher, que era prostituta. Não a conheci, mas ele se orgulhava da beleza e da competência da “patroa” na mais velha das profissões.

Eu era muito jovem e inexperiente, e o Martinelli parecia-me a Babilônia. Gays engravatados batiam à porta. Vendedoras de cafezinho vinham oferecer seu produto, e possivelmente serviços extras, também quentes.

Romances baratos inevitavelmente surgiam, pois éramos jovens e talentosos, e algumas garotas posavam como modelos para nossos desenhos. Apesar do clima de *bas-fond*, nunca tive medo dali. Algumas vezes trabalhava até altas horas. Ia pegar uma condução para a Barra Funda, onde morava, sem nenhuma preocupação. Ao sair pela Líbero Badaró, sempre me deparava

com o luminoso em neon da Salsicharia Especial, no qual dois porquinhos disputavam, para sempre, uma feira de salsichas.

Ganhava-se pouco, mas era muito pitoresco e divertido. Um de meus colegas, investigador bissexto da polícia, às vezes sacava seu 38 e disparava para o espaço, através das largas janelas. Outro deles, que morava na periferia de Santo André, sem dinheiro porque a editora atrasava o pagamento, dormiu por ali em algumas noites frias. Dobrava as roupas para que não amassassem, embrulhava-se em jornais e recolhia-se embaixo da prancheta, tentando evitar o vento gelado que subia pela São João. Prenunciava assim os sem-teto que viriam nas décadas seguintes. Felizmente seu trabalho e seu esforço tiveram sucesso mais tarde.

Embora muitas vezes almoçássemos fora, como no Restaurante Dom, bom e barato, na Rua Aurora, atrás da Praça da República, podia-se comer no prédio mesmo. Havia bares e lanchonetes, e não me lembro de ter passado mal com a comida.

Com tanta gente de dentro e de fora, ainda assim se sentia no Martinelli um clima de comunidade. Parecia existir uma estranha ligação entre pessoas tão diversas, um ar de compreensão e tolerância. O denominador comum era o Martinelli, naquele tempo ainda imponente e venerável. Sua presença majestosa e severa era o que dava a todos, abrigados à sua sombra, esse sentido de identidade.

Um cego de visão no Martinelli

Luiz Simões

Centro, Zona Central

1960

Quero neste momento me debruçar melhor sobre um personagem muito interessante com quem convivi quando trabalhei no Edifício Martinelli. Como já mostrei em relato anterior, o prédio todo era uma galeria de tipos excêntricos, mas a questão é que esse curioso vizinho era cego. O nome: Shoji Ito, mais conhecido como “Seu Jorge” pelos frequentadores do edifício.

Mesmo cego, agia com desenvoltura, nas profundezas de seu labirinto de escuridão.

Sondando o caminho com sua bengala branca, como o sonar de um morcego, nunca se perdia, com seus sentidos restantes agudíssimos. Inclusive para a percepção da personalidade dos outros. Ninguém o enganava.

Meus amigos e eu ficávamos boquiabertos ao vê-lo tirar o dinheiro, sempre exato, da carteira.

– Ô, Ito, você não é cego coisa nenhuma – eu lhe disse uma vez. Ele se limitava a rir; parecia sempre de bom humor. Tinha, porém, seus momentos de revolta contra a injustiça que a vida lhe infligira.

Não nascera assim. A cegueira se iniciara lá por volta dos 8 anos.

Então sabia o que estava perdendo, um mundo rico e colorido. Procurara consolo, inutilmente, em várias religiões.

De sua mesa, comandava um pelotão de agregados, que vendiam seus produtos de limpeza e vinham prestar-lhe contas. Ele começara nas ruas, vendendo vassouras e produtos, amparado por um ajudante. Ainda hoje existem cegos que trabalham assim.

Em sua equipe havia dois irmãos encanadores, Antenor e Dagmar. Baixinhos, mas com bíceps de Mike Tyson, eram também muito diferentes. Antenor era trabalhador e correto, e Dagmar, um malandrão, que cafetinava sua mulher, segundo ele uma meretriz de muita beleza e competência.

Coisas do velho Martinelli.

Ito conhecia todo mundo, inclusive, e intimamente, todas as mulheres do pedaço. Dava conselhos a mim e ao Shimamoto, colega de estúdio, ambos muito jovens e inexperientes:

– Com aquela ali, não! Aquilo não vale nada!

Às vezes nós o acompanhávamos até seu ponto de ônibus, na Cásper Líbero, defronte à Gazeta.

Ali, no Bar e Lanches Conceição, muitas vezes ele comia e tomava suas cervejinhas. Às vezes passava da conta, e os donos, simpáticos portugueses, colocavam-no no ônibus, onde o motorista, também seu conhecido, o deixava bem em casa, na Zona Norte.

Passei hoje por ali, vindo da Pinacoteca, e o Conceição continua, como há 40 e tantos anos atrás!

Quando a cizânia se instalou em nosso estúdio e Shimamoto e eu fomos expulsos, o bom Ito nos acolheu, com pranchetas e armários.

Logo a seguir, ousadamente, candidatou-se a deputado. Isso ocorreu em 1962, enquanto eu estava em Porto Alegre.

Não foi eleito, e deve ter sido um grande baque. Enquanto tomávamos outros rumos, Ito desapareceu. Não ouvi falar mais dele, até dois anos atrás.

Então, eis que ele me telefona! Pelo expediente de uma revista, tinha descoberto o Shimamoto, que lhe deu meu número. Casado e tranquilo, vive num condomínio em Cotia, aplicando acupuntura e a massagem Ama, tradicionalmente executada por cegos no Japão, aonde fora fazer o curso.

Dizem que o pior cego é o que não quer ver. Tanta gente com boa visão e que enxerga como uma toupeira, em comparação com o fabuloso Ito.

Festa junina

Cynara Lino de Mattos

Alto da Lapa, Distrito da Lapa, Zona Oeste

De 1966 a 1974

Hoje, Dia de São Pedro, relembro uma antiga história, escrita quando eu era ainda adolescente.

Há muitos anos, morávamos num bairro muito sossegado, de ruas sem asfalto. Parecia que a prefeitura nem sabia da existência da praça em frente à nossa casa, pois o mato crescia tanto que não víamos as casas do outro lado da rua. Mas, quando chegava o mês de junho, minha mãe reunia as vizinhas e cada uma pedia ao respectivo marido uma colaboração.

Aí era chamar seu João, o jardineiro, e pronto: o chão da praça ficava limpinho para a festa. Essa era a primeira etapa. Depois vinham as bandeirinhas coloridas feitas com papel de seda de cores variadas e intercaladas. Ficávamos horas e horas cortando papel, passando cola de farinha de trigo, para colá-las nos barba-netes e pendurá-las ao redor da praça e das duas ruas. Ficava lindo.

Fazíamos a festa sempre no dia 29, e todos os vizinhos participavam, levando pratinhos doces ou salgados. Dona Ruth fazia doce de leite; dona Marilene, canjica; dona Chiquinha, cocada; e minha mãe preparava paçoca. O mais divertido da paçoca era encher os canudinhos.

Os maridos compravam a pinga, e a dona Noêmia fazia o quentão, que nós, crianças, tomávamos às escondidas, porque “bebida pra criançada é Kisuco”, dizia mamãe na hora de organizar a festa.

Uma grande mesa com todas as comidas e bebidas era montada bem no meio da praça. As pessoas todas vestidas a caráter. A criançada soltando balões chinesinhos, riscando fósforos coloridos, a fogueira não muito grande, tudo iluminava aquela praça escura e abandonada e a nossa felicidade.

A animação era ainda maior quando surgia o conjunto de sanfoneiros da Vila Hamburguesa. Eles sempre chegavam tarde, e nós os chamávamos de “Os vai quem pode”. Aí começavam as improvisadas danças caipiras, e tudo era pura alegria, até cansar.

Um belo dia o progresso chegou. A prefeitura descobriu nosso pequeno mundo e mandou máquinas e tratores. Asfaltaram as ruas, gramaram tudo. Plantaram flores nos canteiros. Ficou lindo, mas a nossa festa acabou.

Outras celebrações vieram ao longo do tempo, até mais incrementadas e bonitas, mas ninguém jamais esqueceu as festas naquela pracinha abandonada em frente à nossa casa no Alto da Lapa.

O rádio e a televisão de casa

Jose Luiz Batista da Fonseca

Pinheiros, Zona Oeste

Início dos anos 1960

Uma das coisas mais marcantes da minha infância foi o rádio de casa. Não era o famoso “Capelinha”, que eu via na residência dos meus amigos, mas era igualmente de caixa de madeira brilhosa, muito bem envernizada, uma tela de tecido escondendo o alto-falante, dois botões grandes, um de sintonia e o outro de volume, com o dial de vidro, que, ao ligarmos o aparelho, se iluminava e mostrava os números escalonados das estações: ondas curtas, médias e longas. Não sei por que tinha todas essas escalas, pois só pegava as ondas médias. Acho que era para nos impressionar com todos aqueles números.

Demorava um pouco para começar a funcionar, pois tinha de esquentar as válvulas. Já havia os modelos de caixa plástica, baquelite, mas o nosso era ainda de madeira. E, pelo tamanho, era quase um móvel a compor o ambiente, contrapondo-se com a televisão recém-adquirida, do outro lado da sala.

Esse convívio, TV-rádio, lá em casa, sempre foi relativamente tranquilo. Eles se revezavam. Cada um tinha seu horário de atividade. O rádio dominava o dia. A tevê tomava conta do início da noite. Era ligada por volta das 18 horas, quando estávamos chegando da escola. Coincidia com o início das transmissões da programação diária. Havia um programa infantil que era patrocinado pelo Bolo Pullman e tinha um tal de Zé Fofinho (“Boa noite, Zé Fofinho!!!”).

Eu não deixava de assistir ao meu programa *Pim Pam Pum*, patrocinado pelos brinquedos Estrela. Era composto de desenhos animados e uma animadora (acho que era a Neide Alexandre), tipo Angélica, com crianças presentes no auditório, não muito diferente dos programas infantis atuais. Tinha o Arrelia e o Pimentinha, palhaços de que todos nós gostávamos.

Depois desse programa, passava o noticiário. Era o *Seu Repórter Esso*, competente jornalismo televisivo que marcou época, com âncoras de respeito, Eron Domingues e Kalil Filho. Lembro-me bem do Eron Domingues dando a notícia da morte do presidente norte-americano Kennedy. A narrativa cheia de emoção é com certeza um dos marcos do jornalismo brasileiro. Fizeram escola. Foram os mestres inspiradores do Cid Moreira, acredito eu.

Depois do noticiário, vinha a novela. O *Direito de Nascer* foi um dramalhão de grande sucesso que fez muito marmanjo chorar. Eu, como era muito pequeno, não acompanhei, pois criança naquela época ia pra cama cedo, ao som da propaganda dos cobertores Parahyba: “Já é hora de dormir / não espere mamãe mandar...”

A programação da TV acabava relativamente cedo. Não me recordo ao certo, mas acho que não passava das 11 da noite, com algum programa de humor. Esses primeiros programas humorísticos foram transplantados do rádio para a televisão. Um deles se chamava *Praça da Alegria*. Era encabeçado pelo Manoel de Nóbrega, pai do Carlos Alberto de Nóbrega, que herdou a praça, digo, o programa, e o rebatizou democraticamente de *A Praça É Nossa*, no canal do Silvio Santos, que um dia foi sócio do Manoel da Nóbrega no *Baú da Felicidade*... Que confusão!

No tardar da noite, voltava o rádio a funcionar, pelo menos em casa. Meu pai, que tinha sido músico de banda, gostava muito de ouvir a *Rádio Bandeirantes*, na qual havia o programa *Bandas e Marchas de Todos os Tempos*, apresentado pelo Morais Sarmento. Eu, embora deitado na cama, acabava também ouvindo os acordes das composições marciais, os hinos de John Phillip de Souza, tocados por bandas de todos os cantos do Brasil, que pairavam e tomavam conta de todos os cômodos de nossa casa, nas etéreas ondas sonoras.

Na manhã seguinte, lá estava novamente o rádio ligado, irradiando seu som, junto com o cheiro do café passado no coador de pano. Era o noticiário matinal com o Salomão Êsper, igualmente na *Bandeirantes*. E, salvo engano, vinha depois *A Hora do Trabuco*, com o Vicente Leporace, com seus comentários críticos dos atos do governo, uma versão original do Boris Casoy. Creio que esse noticioso era um dos de maior audiência nas barbearias. Pelo menos naquela em que meu avô cortava o cabelo e fazia a barba, o rádio estava sempre ligado nesse programa. Parecia até que o Vicente Leporace conversava com os barbeiros e seus clientes.

E, assim, cada um tinha seu espaço e sua importância, o rádio e a televisão. E nós, assíduos ouvintes e telespectadores, acabávamos amando muito tudo isso.

Carrinhos de rolimã na Vila Sônia

Ivan Malizia

Distrito do Butantã, Zona Oeste

[sem data definida]

Durante os anos 60, morávamos na Rua Guanás, na Vila Sônia. Uma ladeira de terra por onde velhos caminhões de feira subiam com grande sacrifício, emitindo verdadeiros lamentos e pedindo primeira marcha. Em dias de chuva, aquilo virava uma imensa enxurrada e, na seca, era uma poeira só, para desespero de minha avó, com suas roupas quarando no varal.

Era o tempo do amolador de facas, dos entregadores de pão e leite e também da deliciosa kombi dos Biscoitos Abaeté. “Diretamente da fábrica para o consumidor!”, dizia o motorista em seu alto-falante de som estridente. Quando as duas portas se abriam, revelavam o mundo mágico dos doces, bolachas, marias-moles e outras tentações gastronômicas de nossa infância.

Era na Rua Guanás que meus amigos e eu disputávamos sucessivas corridas de carrinho de rolimã, interrompidas vez ou outra por um veículo ou uma charrete que por ali transitava. As baterias eram emocionantes, ruidosas e sempre interrompidas por longos intervalos necessários à limpeza dos rolimãs, que sistematicamente “engripavam” de tanta poeira e terra absorvidas durante as provas.

Lembro-me daquele tempo com carinho e saudade das coisas simples que agregavam tanto valor à nossa infância paulistana!

A Casa do Ator

Jussara Walder

Vila Olímpia, Distrito de Itaim Bibi, Zona Sul
1968

Aos 16 anos eu ainda não havia pisado em um teatro.

Cursava, então, a Escola Normal no Colégio Alberto Conte, em Santo Amaro, e me foi designada uma segunda escola pública para o estágio, a qual ficava na Vila Olímpia.

Primeira tarde de estágio, eu a caminho da escola. Chamei-me a atenção uma imensa casa térrea e a bonita figura de uma velha senhora, parecendo uma cigana, a debruçar-se em uma das muitas janelas da casa, o olhar distante.

Sem que me desse conta, estava parada a fitá-la. Ela, aceitando, pedia que eu me aproximasse. Alguns segundos de conversa, e compreendi tratar-se de um retiro para artistas. Já dentro da casa, ela foi me apresentando àqueles que mostravam curiosidade (alguns já haviam cortado a conexão com o mundo).

Nenhum famoso. Mas todos queriam mostrar seus “roteiros”. Meu tempo era curto, expliquei. Saí. Mas não resisti. Passei a visitá-los toda semana, no dia do estágio. Não mais me interessava a tal Pedagogia.

Ao me chamarem para seus quartos, eles abriam as portas de seu mundo. Tudo muito simples. Quase nada. A sensação era a de que ninguém, ali, carregava nada além da riqueza de uma vida vivida. Fotos, algumas, aqui e ali, as quais eles olhavam com ternura; os olhos ganhando brilho, enquanto mostravam a vida de quem se permite sonhar e ser. Ali estavam a bailarina, a menina do arame e sua sombrinha, o vilão, a moça apaixonada, a cigana, a megera, o rei, o suicida, o louco.

Por seu encantamento, o que me mostravam era, com certeza, bem mais colorido do que eu podia percebê-lo.

Algumas senhoras ainda conservavam a delicadeza para um batom, um pó compacto e um *rouge*. Fragrâncias antigas, aquelas.

Acabei meu estágio. Segui meu caminho torto, atrás do dinheiro que o trabalho pudesse trazer, sem nenhuma satisfação naquilo que fazia. Com vergonha, confesso, eu me esqueci deles.

Não fui a única. Ontem, passando pela Avenida Santo Amaro, avistei a placa da Rua Casa do Ator e quis voltar lá. A casa não existe mais. No local, foi construída a sede da Faculdade Anhembí Morumbi.

Volto no tempo e, diferente deles, me pego sem ter o que mostrar ou contar, a não ser pelo fato de que faço teatro hoje. O que não esqueço jamais: aqueles quartos guardavam um pouco da magia e muito da solidão dos camarins.

Cuidado com o Peniquinho!

Gaspar Bissolotti Neto

Ipiranga, Zona Sul

Início dos anos 1960

No início da década de 60, quando eu tinha aproximadamente 10 anos, nossa família se mudou do bairro do Mandaqui – naquela época uma vila distante do Centro; hoje um bairro paulistano próspero – para o histórico Ipiranga.

Eu estava na 4ª série do Visconde de Itaúna, tradicional escola ipiranguista que ocupa um quarteirão inteiro entre as ruas Silva Bueno, General Lecor, Lino Coutinho e Almirante Lobo (no Ipiranga as ruas têm nomes históricos). Era aluno da professora Maria Aparecida, que morava na mesma rua que eu (a Almirante Lobo).

Depois, na 5ª série, fui aluno do maravilhoso e inesquecível professor Silas, competente, austero e sincero, mas que hoje teria problemas, pois não poderia dar seus famosos torniquetes e puxões de cabelo nos alunos menos quietos, como eu.

Nessa escola residia um guarda civil (acho que se chamava Varella) que era conhecido pela molecada como “Peniquinho”. Ele tinha esse apelido por causa do capacete branco que usava em serviço. Ajudava os estudantes a atravessar a rua, cuidava da segurança da escola e era guardião do campinho. Há muitos anos um muro acabou com esse campinho, que ficava na grande calçada da Rua Lino Coutinho, bem próximo ao prédio conhecido como “dispensário”, onde ficava o ambulatório odontológico da escola e cujas paredes à noite eram o local preferido dos casais de namorados, mas que hoje também está protegido por um muro.

As turminhas da Almirante Lobo e da General Lecor gostavam muito de, nos finais de tarde, bater bola ali, no campinho.

De vez em quando um jogador gritava: “Cuidado com o Peniquinho!” Em seguida, aparecia o guarda civil, com frequência descendo de um carro (acho que era um DKW ou um Gordini), e saía correndo atrás da gente.

Na maioria das vezes a molecada fazia a festa e escapava, mas uma vez eu estava no gol e, quando foi dado o alerta, já era tarde demais. Pimba! Ele me segurou forte e me levou para meu pai, que no mínimo deve ter-me presenteado com broncas e até palmadas, pois dessa parte da história já não consigo me lembrar (coisa ruim eu procuro esquecer...).

Seja como for, alguns dias depois estava eu lá novamente, jogando bola e alerta para não ser mais pego pelo Peniquinho.

Missa na TV Record

Gaspar Bissolotti Neto

Ipiranga, Zona Sul

Início dos anos 1960

Nos anos 60, a TV Record transmitia missas nos domingos pela manhã, assim como a Globo faz hoje. As missas eram celebradas na Capela de Nossa Senhora Aparecida, nas proximidades da Via Anchieta, na Vila Paulicéia, em São Bernardo do Campo, bem perto da divisa com São Paulo, na área que hoje pertence a uma empresa, acho que a Mercedes-Benz ou a Ford. A paróquia foi transferida para a Rua Álvaro Alvim com a Rua Pacaembu, na própria Paulicéia, e há até uma pracinha com a réplica da antiga capelinha.

A família da minha mãe mora há muito tempo naquele bairro e sempre participou da comunidade religiosa local. Por isso, tinha amizade com o vigário local, que, se minha memória não falha, chamava-se Padre Azurém (ou algo assim). Quem celebrava a missa aos domingos era o padre Anísio, um camiliano, que era o superior do Instituto Pio X, na Granja Viana, por quem fui levado ao seminário enquanto ficava pronto o dos Seculares em São Bernardo, para onde deveria ser transferido. Mas no final acabei não indo.

A missa atraía uma multidão, que ia todos os domingos para assisti-la e ficava na parte de fora, em um terreno enorme onde estava instalada a torre de transmissão da emissora, pois a capela era minúscula. Acho até que podemos considerar aquela missa como precursora das conduzidas pelo padre Marcelo Rossi, embora os rituais antigamente fossem despojados das coreografias atuais.

Meu colega Parker

Francisco Venegas Falsetti

República e Liberdade, Zona Central

1963

Na semana passada, recebi a notícia do passamento de Carlos Eduardo Tomanik Parker. O Parker, como era chamado pelos colegas de colégio, cursou comigo, de 1956 a 1959, o Instituto de Educação Caetano de Campos, que, na época, estava sediado na Praça da República.

Fomos também colegas, de 1960 a 1963, no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, na Rua São Joaquim, na Liberdade, onde cursamos o colegial.

O Parker se distinguiu por suas opiniões sempre moderadas e por seu nível intelectual, sempre superior ao dos seus colegas. Lembro dele com saudade. Certamente nos encontraremos na eternidade.

A partir das lembranças do amigo Parker, dei um breve salto para o passado. Todas as manhãs eu descia do bonde na Avenida São João, em frente do Cine Metro, e cruzava a Praça da República, com seus jardins sempre tão bem tratados, para chegar ao Caetano de Campos.

Via seus pequenos lagos com patos e pombas. Prosseguindo nessa viagem àqueles tempos, lembrei-me da saudosa Salada Paulista, com seus cachorros-quentes feitos com pães fresquinhos e crocantes e deliciosas salsichas do Frigorífico Santo Amaro.

Visitei a Doceria Cristallo, na Rua Dom José de Barros, com seus doces maravilhosos. Às vezes, meus colegas e eu nos contentávamos em olhar suas vitrines. Nossos bolsos eram curtos. Todavia, rendidos à tentação da gula, muitas vezes trocávamos o dinheiro da condução pelo doce ou pelo cachorro quente. Voltávamos a pé para casa.

Das andanças pelas chiques ruas do pedaço (Barão de Itapeatinga, 24 de Maio, Sete de Abril, Largo do Arouche, Vieira de Carvalho, entre outras), não poderia deixar de mencionar as frequentes visitas à Aero-Brás, uma loja de sonhos. Vivíamos fascinados com os aeromodelos e barquinhos, alguns já, àquela época, com controle remoto. Que luxo tão distante dos sonhos dos garotos filhos de uma classe média que já podia estudar!

Outro passatempo gostoso era visitar as companhias aéreas, cujo ponto principal em São Paulo era a elegantíssima Avenida São Luís. Pedíamos e ganhávamos folhetos turísticos. Era uma

fábrica de sonhos. A propósito da São Luís, vi, da minha sala de aula no Caetano de Campos, a demolição do casarão e a construção do Edifício Itália, marco imponente da italianidade paulistana.

Alguns anos depois, já estudante do Roosevelt, eu voltava à região da Praça da República, mas com minha namorada, Denise, com quem namoro desde o fim de 1961 (estamos casados há 35 anos), para ir aos cines Ipiranga, Metrô, Olido, Metrôpole. No final da tarde, íamos à Vienense, uma casa antiga, na Rua 24 de Maio, onde, ao som de piano, um gentil garçom de origem germânica, já bastante idoso, nos servia duas empadinhas e um guaraná.

Não posso deixar também de registrar o choque cultural da mudança de colégio, do qual, na época, não me apercebi. Deixei o Caetano de Campos em 1959, pois não havia ali o curso colegial. Fui para o Colégio Estadual Presidente Roosevelt, onde encontrei o Parker.

Voltamos à mesma classe. Deixamos o charme e a elegância da Praça da República e fomos viver, intensamente, o Bairro da Liberdade. Que fantástica experiência! Convivi com imigrantes e nisseis.

Que gente! Que garra! Que obstinação! Quanta amizade! Esses colegas orientais, a grande maioria de nisseis, apegavam-se ao dever de estudar como a uma missão, pois seus pais estavam dando duro para que eles pudessem se preparar para uma vida melhor. Era uma oportunidade única. Eu, de segunda geração, filho de pais severos, era, à luz dos orientais, frequentemente advertido de como deveria portar-me.

Fico por aqui. Embora com vontade de contar à Rádio Eldorado estes e outros episódios de minha vida nesta amada São Paulo, sentia-me embotado. Foi certamente o amigo e colega Parker que me instou a fazê-lo.

O Homem-Cavalo

Nivaldo Godoy

Lapa, Zona Oeste

Início dos anos 1960 até início dos anos 1970

Seu nome, poucos souberam, vez que não revelava, mas sua simpática figura foi marcante no Bairro da Lapa e adjacências. Seu apelido: “Homem-Cavalo”.

Com diversas ferraduras penduradas na cintura e laços de couro e se enfeitando ainda com um longo e maciço rabo de cavalo, feito de crina do animal, que descia por suas nádegas, a exótica figura sempre era vista andando na Lapa de Baixo, por entre os pontos de ônibus, ao lado da Estação Santos-Jundiaí.

O engraçado - se é que tal fato assim pode ser considerado -, ou o que ao menos causava risos, é que o Homem-Cavalo imitava o animal que pensava corporificar, relinchando em alto som, dando coices, trotando...

Há tempos que não mais o vejo circulando pela Lapa. Hoje ele teria uns 60, 62 anos. Teria morrido? Foi internado em algum hospício? Não sei. Só sei que conheci um homem chamado Cavalo, como ele próprio se autodenominava.

Aquele barulho agressor

Dalmir Ribeiro

Vila Industrial, Zona Leste
1968

Vila Industrial. Periferia de São Paulo, divisa com o município de Santo André. 1968. Eu tinha 9 anos.

Morávamos numa casa de dois cômodos, emprestada de um tio, em oito pessoas: meu pai, minha mãe e seis irmãos.

Muita pobreza. Meu pai era pedreiro. Não tínhamos água nem energia elétrica.

A mim era conferida a responsabilidade de obter esses dois insumos básicos para consumo de toda a família. A água para beber, lavar roupa, limpeza geral e tomar banho. A lenha para esquentar a água do banho e cozinhar o feijão, pois o gás era caro e tinha de ser economizado. O querosene para abastecer o lampião para iluminar a casa e o carvão para encher o enorme ferro de passar roupas.

De todos esses insumos, os mais difíceis de conseguir eram a lenha, a água e o querosene. A lenha, pela grande demanda; a água pelo local; e o querosene, pelos percalços que se precisava enfrentar devido à distância da “venda” que comercializava esse produto em relação à minha casa – eu tinha de lidar com a animosidade dos garotos maiores de outros bairros por invadir seus territórios e pagar-lhes um “pedágio” para transpor a ponte sobre o rio.

Eu saía todos os dias pelas ruas de diversos bairros com meu carrinho de rolimã em busca da escassa lenha. Em parte me valia do sr. Luiz, marceneiro do depósito próximo à nossa casa, que me fornecia lenha ou então serragem. Em troca e em segredo, eu buscava em uma adega uma garrafa de aguardente para seu consumo secreto durante o serviço, que ele escondia com muito cuidado no meio dos montes de madeiras.

Porém, não era sempre que o sr. Luiz podia me ajudar. E quando isso acontecia minha situação ficava difícil.

Hoje compreendo que, mesmo sem saber, eu estava diante de um grande desafio e que o assumia com vigor. Eram longas caminhadas com meu carrinho de rolimã em busca da rara madeira para queimar. E foi assim que um dia me deparei com uma escola estadual abandonada.

Consegui entrar e lá encontrei diversas salas de aula, todas com o piso de tacos de madeira. Vi ali minha salvação e meu porto seguro. Sinto até hoje a imensa alegria que tive pela descoberta que fiz. Era, de fato, uma fonte quase inesgotável de lenha que aliviaria por muito tempo minha responsabilidade e garantiria a necessidade da minha família. Já saía de casa com um martelo e uma talhadeira. Se não conseguia a lenha com o sr. Luiz, seguia imediatamente para a escola abandonada. Lá partia rapidamente para o trabalho de retirada dos tacos.

Passava um bom tempo nesse trabalho para juntar uma quantidade adequada para o consumo naquele dia.

Sinto ainda hoje a imensa tranquilidade e a paz que emanava do silêncio que vigorava naquela grande construção; porém, quando me lembro do eco que produzia aquele barulho agressor que soava das ferramentas que usava, acusando-me insistentemente, ainda sinto meu peito gelar.

Olho Vivo Erontex

Claudio Bassi Elias

Distrito de Água Rasa, Zona Leste

1967

Em 1967, havia na TV Tupi, no canal 4, um programa chamado Olho Vivo Erontex, apresentado pelo J. Silvestre e que ia ao ar no meio da semana à noite.

O Erontex era um carnê concorrente do Baú da Felicidade, e o programa não poderia ser diferente. Pessoas compradoras eram sorteadas e iam ao programa para responder a perguntas. À medida que acertavam, ganhavam prêmios, culminando com a pergunta mais difícil e concorrendo ao prêmio máximo. Caso erassem, estavam fora.

Um morador do meu bairro participou do programa, passou por todas as fases e foi à última pergunta. Não deu outra: acertou, ganhou todos os prêmios, além de um belíssimo Ford Galaxie (foi o ano de lançamento desse carro, e era raro ver um nas ruas).

A entrega dos prêmios, com transmissão ao vivo pela TV, ocorreu numa praça do bairro, na Vila Invernada, que fica entre a Água Rasa e o Jardim Anália Franco. Foi construído um palco onde houve um show com cantores de iê-iê-iê e animado pelo próprio J. Silvestre.

Eu tinha 9 anos e, junto com as outras crianças, não acreditava no que estava acontecendo: nós e nosso bairro aparecendo na televisão junto com todos aqueles artistas. Eu assistia a um pouco do show na praça e corria para casa para ver na televisão. Lembro-me de ter feito isso inúmeras vezes de tanta euforia – coisa de criança.

Os cantores faziam sucesso na época, e todos adorávamos. Teve uma cantora que era muito curiosa: a De Kalafe (acho que era assim que se escrevia), que cantava descalça e tinha um jeito meio hippie.

No final, foi feita a entrega dos prêmios. Todos ficaram encantados com o carro: um lindo Galaxie azul-claro que muitos ainda nem sequer tinham visto.

O ganhador era da família mais rica do bairro e morava numa bela casa. Eles desfilaram com o carro durante uns 15 dias, e depois o carro sumiu. Todos juravam que o carro foi devolvido e tudo não passou de uma encenação.

Nessa época o sr. Silvio Santos tinha bons concorrentes no carnê: Erontex, Seabra Consorte (este dava no final do pagamento um jogo de canetas Sheaffer como consolação) e, mais tarde, o carnê da Girafa.

A lasanha do Pelicano

Neuza Guerreiro de Carvalho

República, Zona Central

[sem data definida]

Começo da década de 60.

Éramos jovens, um casal bastante apaixonado, com dois filhos pequenos, de 6 e 3 anos, e dávamos muita atenção ao cuidado no nosso relacionamento.

Todas as sextas-feiras eu me “embonecava”, e deixávamos de lado os problemas domésticos e profissionais, os filhos com os avós, que esperavam ansiosos por esse dia, e saíamos para namorar. Sempre no Centro, carro estacionado na rua, na porta. Cinema, jantar romântico, olhos nos olhos para dizer o que já estava incorporado às nossas vidas, mas que nunca era demais repetir: “Eu te amo”, “Eu também...” Arremate da noite com flores da Praça da República em românticos buquês de violetas ou ervilhas (nem sei se essas flores existem mais), num gesto carinhoso de amor repetido.

Depois de uma noite tranquila, só nossa, no sábado de manhã continuávamos o fim de semana. Passeios pelo Centro, compras, procura de novidades para nossa casa, nossos filhos, nosso universo.

E, enfim, o almoço no Pelicano, na Praça da República, um misto de restaurante e lanchonete (nem se usava o termo na época), com bancos altos, balcão de mármore e a inesquecível lasanha. Sou capaz até de sentir o gosto, numa memória gustativa revivida. Era uma lasanha verde com muitas e muitas camadas de massa finíssima intercalada com molho à bolonhesa, num bloco de uns 10 centímetros de altura. Mal conseguíamos dar conta da gostosura que era aquilo.

A volta para casa, o repouso merecido, e então nossos filhos tinham nossa atenção absoluta. Um fim de semana só deles, com tudo a que tinham direito.

Depois de muitos anos reencontramos o Pelicano na Rua Conselheiro Crispiniano, mas era então uma sombra do que tinha sido. A lasanha nem mais era servida...

Lembranças de um tempo, de uma vida, de uma São Paulo diferente.

Interlagos

Silvana Boni

Distrito de Cidade Dutra, Zona Sul

Aproximadamente 1962

Um cavalo era o meu sonho de consumo e tudo que eu gostaria de ganhar de presente de Natal. Naqueles idos da década de 60, com a imaginação correndo solta pelos bairros tranquilos e recém implantados na cidade, entre os campos formados pelo desmatamento ou por terraplenagem, tudo era possível para mim. Até ganhar um cavalo!

Como não tínhamos espaço suficiente, meu pai burlava as minhas investidas e me levava, juntamente com os irmãos, para Interlagos, onde se podia alugar cavalos por hora para passeios pelo bairro, que era uma seguida interligação de várias porções de mata. Aqui e ali se viam casas enormes e bem-acabadas, o que indicava que era a região frequentada por famílias abastadas e com vontade de se isolar nos fins de semana.

À frente se via a Represa de Guarapiranga, que, neste ano de 2006, completa 100 anos. Era limpa, piscosa e atraente para mergulhos. O acesso ao bairro se dava pela ponte que ainda existe e que tem formato de arco, aos pés do autódromo da cidade. Dessa ponte sobre o Pinheiros se avistava toda a pista do autódromo, que nem cercado era, e também as adjacências formadas pela mata, até chegar à represa.

O entorno do autódromo era um campo com várias grutas formadas pela erosão, e ali onde hoje se construiu o Singapura podíamos chegar de carro e procurar a melhor vista do circuito. Havia uns pedaços de “muro” feitos com tábuas para evitar que automóveis chegassem perto da pista, mas os que quisessem chegar a pé poderiam fazê-lo facilmente, não importando o perigo que corressem durante uma corrida.

Como as corridas eram mais raras que os cavalos de aluguel, nosso caminho para a diversão semanal tinha como ponto final a represa. Andávamos a cavalo em torno da mesma e íamos até o Clube Castelo, atravessando riachinhos limpos em pontes de madeira, com muita vegetação típica da Mata Atlântica. Alguns eucaliptos já estavam plantados perto do clube, e sua sombra era esperada depois de um longo passeio sem chapéu.

Os cavalos ficavam amarrados na cerca de arame farpado que nos separava das águas da represa, e havia uns três ou quatro grupos de diferentes donos que passavam o dia todo à espera de fregueses. Para os mais ricos havia a Miss Jane, que cuidava de uns 30 cavalos alugáveis em suas baias, alugáveis também. Magrinha, baixinha, às vezes mal-humorada, ela fazia questão de usar sela inglesa, e isso lhe dava aquele ar aristocrático que se vê em pinturas de caça à raposa.

Um pouco de saudosismo

Alice Cardoso

Santa Cecília, Zona Central

[sem data definida]

Quando eu fazia o 2º ano do antigo curso normal, uma das professoras pediu que as alunas, divididas em grupos, realizassem uma entrevista com alguma pessoa conhecida e levassem para discussão e avaliação em classe.

O grupo do qual eu fazia parte, formado por quatro amigas, decidi entrevistar uma pessoa famosa no meio artístico e que estivesse em evidência em razão de algum feito de repercussão na sociedade. Não posso deixar de mencionar que vivíamos o período de ditadura, embora antes do AI-5.

Decidimos pedir ajuda ao apresentador Kalil Filho, que trabalhava na Rádio Panamericana, situada no Aeroporto, hoje Jovem Pan, que fica na Avenida Paulista. O apresentador foi receptivo, atencioso e, durante um dos intervalos do programa, nos atendeu e sugeriu que entrevistássemos Geraldo Vandré, cantor e compositor em evidência por causa das excepcionais músicas apresentadas nos festivais da TV Record.

Saímos da rádio com o telefone do artista. Ele então nos forneceu o endereço de sua casa, no bairro de Santa Cecília, para onde nos dirigimos numa tarde muito quente.

Chegamos ao apartamento, e o próprio Geraldo Vandré atendeu a porta e nos recebeu com uma garrafa de água gelada na mão. Estavam no local outros músicos, ensaiando para a apresentação que aconteceria à noite, no Festival Universitário da TV Tupi. Assim como Vandré, todos nos acolheram com respeito, paciência e atenção.

Fizemos várias perguntas sobre a carreira do compositor, os parceiros nas composições, as letras das músicas. Ele falou também sobre cultura, história e fez várias perguntas: quis saber o objetivo do trabalho escolar, em qual escola estudávamos, quais músicas apreciávamos. O encontro foi muito agradável, e Geraldo Vandré chegou a nos convidar para a apresentação daquela noite na televisão.

Deixamos o apartamento contentes, não só pelo trabalho escolar realizado, mas também pelos momentos tão agradáveis e instrutivos que vivemos, porém estranhamos quando nos despedimos e o compositor pediu a um dos músicos – justamente o cantor

que se apresentaria no festival – que nos acompanhasse até o ponto de ônibus. Ele orientou que deixássemos o prédio com rapidez e não parássemos para falar com estranhos.

Só entendemos sua preocupação ao saber que depois daquela tarde ele havia desaparecido... O cantor não chegou a se apresentar no festival.

A exposição do trabalho em classe emocionou não só as alunas, como também os professores, até porque naquela oportunidade desconhecíamos se um dia voltaríamos a ter notícias do artista.

Passados alguns anos, agora estudante na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, pude rever Geraldo Vandré no dia em que ele proferiu uma palestra sobre Direito Comercial.

Era outra pessoa, sem dúvida!

Bolão

Nivaldo Godoy

Centro, Zona Central

1967

Nos anos 60, Bolão, seu apelido e como era carinhosamente tratado, foi personagem marcante e conhecido na cidade de São Paulo, onde podia ser diariamente encontrado no Centro, ora na Rua Direita e imediações, ora na Barão de Itapetininga e 24 de Maio, na frente das lojas que o contratavam para fazer propaganda, chamando a atenção dos transeuntes pelo tamanho descomunal de sua pessoa, pois tinha quase 2 metros de altura e pesava uns 300 quilos. O Bolão era meu conhecido desde criança e morava próximo de minha casa, na Freguesia do Ó, quando eu lá residia.

Houve um tempo em que tomávamos o mesmo ônibus para trabalhar. Com sua indisfarçável voz rouca, ele era muito divertido, sempre alegre e brincalhão, amigo de toda a turma da vila. Houve uma época em que a linha de ônibus foi transferida para a Praça Ramos de Azevedo, ao lado do Theatro Municipal. A CMTC destacou uns pequenos coletivos para servi-la, do modelo Mercedes Benz, chamados de “cara chata”, em substituição aos grandes Alfa Romeo.

O Bolão era o último a adentrar no pequeno ônibus, que sempre saía lotado. A viagem de ida e de volta com sua presença era praticamente direta, sem paradas nos pontos para a subida de outros passageiros, pois ele se acomodava nos degraus da porta de entrada, único local onde podia ficar, vez que lhe era impossível passar pela catraca. Com sua subida o pequeno ônibus sofria rebaiamento na parte traseira, com a carroceria na lateral derivando para a direita, causando sensação.

O Bolão participava de diversos concursos de gastronomia em São Paulo e sempre era o vencedor. No último deles, promovido no conceituado Restaurante Star City, localizado na Alameda Barros, no bairro de Santa Cecília, foi o ganhador depois de consumir 14 feijoadas! Foi Rei Momo de Carnaval, e sua vida muito mudou, sem perder a humildade, quando foi premiado com a metade do valor de um automóvel Galaxie, zero quilômetro, em uma gincana promovida pela TV Record. Uma verdadeira fortuna, perto de 12 milhões de cruzeiros, em dinheiro de então.

O Bolão só tinha tamanho, e seu coração era maior do que ele. Bonachão, gozava do respeito de todos nós. Fazia parte da diretoria de nosso time amador de futebol da vila, o Alvorada, ainda hoje existente, com sede no Bar do Cidão, na Avenida Elísio Teixeira Leite, altura da Vila Timóteo, onde é possível ver diversas fotografias suas. Certa feita, já “rico”, em um bar localizado na Avenida Rio Pequeno, sede do time adversário, a Portuguesinha, cujo campo ficava em frente, foi muito divertido vê-lo apontar para uma bandeja repleta de grandes coxinhas e perguntar o preço, tendo o dono respondido o valor unitário, no que foi retrucado pelo Bolão:

– Todas, a bandeja inteira.

Pois é, comprou a bandeja inteira e, farta e pomposamente, comeu 32 coxinhas, que fizemos questão de contar, diante do proprietário do estabelecimento, que a tudo assistia espantado.

Constantemente era motivo de notícias de jornal por sua simpática figura. Infelizmente, as últimas não foram boas, para a tristeza de todos nós que o conhecíamos e desfrutávamos de sua companhia e amizade, pois informaram seu falecimento, no HC, onde se encontrava internado, vítima de uma briga com a qual ele nada tinha a ver e da qual não pôde safar-se, já que não tinha grande mobilidade e agilidade nos movimentos.

Seu enterro causou comoção na cidade de São Paulo, com o transporte de seu caixão, especialmente construído, em uma re-luzente viatura do Corpo de Bombeiros. Foi-se o Bolão, e aqui fica registrada minha homenagem a quem modestamente fez parte da história de nossa cidade. Viva São Paulo.

Cidade Dutra, 1966

Lidia Walder

Interlagos, Distrito de Cidade Dutra, Zona Sul
1966

Finalmente ficou pronta, e na Sexta-feira Santa conseguimos nos mudar para uma casa de nossa propriedade, construída em um loteamento no final da Avenida do Jangadeiro, ao lado do Autódromo de Interlagos, na Cidade Dutra.

O bairro, que recebeu esse nome em homenagem ao presidente Eurico Gaspar Dutra, era na época um imenso conjunto de casas térreas construídas para servir de residência aos funcionários da Light.

De topografia irregular, o relevo compunha, com aquelas casinhas geminadas erguidas no sobe e desce dos morros, uma paisagem de bicho-da-seda dos parques de diversões.

O centro do bairro ficava na parte baixa, próximo à avenida que leva ao Rio Bonito. Era formado por um cinema, um mercado e algumas casas comerciais menores. Na saída para o Autódromo, encontravam-se o Grupo Escolar e a igreja sede da paróquia.

Nossa casa foi a primeira construída naquele loteamento. Ficava na Rua B, nº 78, no topo de um morro, sem muros ou cercas. Rodeada por extensa área descampada, onde crescia um tipo de capim que, com suas flores molhadas pelo orvalho e iluminadas pelos primeiros raios de sol da manhã, dava à paisagem uma tonalidade rosa brilhante. Vista de uma certa distância, parecia uma pintura sobre o fundo de névoa que vinha da represa.

Poeira nos dias secos e muito barro após as chuvas, água de poço, aranhas dentro de casa e dez quarteirões de morros para fazer as compras empurrando o carrinho de bebê. Mas que saudade!

A vista era privilegiada. De um lado, no fim de um extenso vale verde, a Usina de Piratininga, na Pedreira, o Rio Pinheiros e o trem de carga que todas as tardes acompanhava seu curso arrastando pesadamente um sem-número de vagões.

Do outro lado, a visão plena e absoluta da Curva da Ferradura, no Autódromo. Para assistir às corridas, bastava uma cadeira na porta da cozinha.

Logo outras construções foram feitas. Erguemos um anexo onde por algum tempo funcionou a minha escola.

Ali nasceu minha filha.

Hoje o antigo loteamento é um denso aglomerado de residências de classe média, cortado pela avenida que leva ao Jardim Primavera. Minha casa ainda está lá pelo meio, difícil de ser localizada, como difícil é determinar onde começa e onde termina a Cidade Dutra.

Anos 1970

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Papai Noel no Brás

Valdemar Carvalheiro Filho

Brás, Zona Central

1971

Era antevéspera de Natal. Garoa fraca. Algumas pessoas ajudavam a freira a organizar a série enorme de presentes, doados por algumas lojas do Pari, voluntários e moradores, para a distribuição a ser feita no dia seguinte.

A porta semiaberta ilumina-se, passando por ela um Papai Noel, que sem cerimônia abre um enorme saco vermelho e despeja uma montanha de presentes, bonecas de pano e carrinhos de madeira. Acena para todos, deseja “feliz Natal” e vai se retirando. A freira pergunta:

– Senhor, muito obrigado. Não o conheço? Quem é o senhor?

– Eu sou o Papai Noel.

Todos nós rimos, paramos nossos trabalhos e começamos a observar mais atentamente a conversa.

– Claro, Papai Noel. Sei que é pelo menos de coração, mas... quem é o senhor?

– Papai Noel. Ora, a senhora não acredita em mim.

– Claro, meu bom homem, acredito sim, mas preciso de seu nome para a lista de contribuição.

– Bem, se a senhora insiste tanto, vou lhe dizer meu nome...

– Sim, vou buscar a caneta para anotar. Só um minutinho. Bem, aqui está. Seu nome, por favor...

– PAPAÍ NOEL.

Risos... A freira tira os óculos:

– Seu nome?

– PAPAÍ NOEL. Este é o nome que as crianças me dão...

A freira gesticulou a mão, intencionando saber o nome do senhor.

– Maria, olha bem pra mim. Não me reconhece? Sou Papai Noel.

Dos olhos da freira caíram algumas lágrimas. Todos nós calamos, e Papai Noel se retirou. Ela pediu a um colaborador que

corresse atrás daquele homem teimoso a fim de pegar o nome dele.
Dali a pouco o rapaz volta.

– Não há ninguém na rua...

Uma criança que ali ajudava comentou, séria:

– Você não olhou para o céu?

O suicida na 23 de Maio

Paulo R.

Aclimação, Distrito da Liberdade, Zona Central

[sem data definida]

Lembro-me bem da época em que a Avenida 23 de Maio foi construída, na região próxima ao Detran. Havia uma infinidade de campos de futebol de várzea, que desapareceram com a construção da avenida. Eu tinha uns 8 ou 9 anos e não poderia imaginar que nessa avenida ocorreria um incidente que me marcaria para sempre.

Tornei-me estudante de Medicina. Interno do 6º ano, cumpria plantões em um pronto-socorro público próximo da 23 de Maio. Era um sábado à noite de um mês de setembro; vários acidentes de trânsito com vítimas graves. A sala de sutura lotada. No meio dessa confusão, a polícia traz um rapaz de 25 anos:

– Doc, ele tava tentando se jogar da ponte na Avenida 23 de Maio quando conseguimos segurá-lo.

Fui examiná-lo. Um jovem franzino, que aparentava estar muito tranquilo com a situação. Antes que lhe perguntasse alguma coisa, foi falando:

– Deu bobeira. Não sei explicar! É a cidade! Desemprego, solidão...

Discuti o caso com o chefe de plantão, que retrucou:

– Dê um Diazepan e mande ele ir dormir em casa. Peça pra ele não vir mais encher o saco!

Fiz o recomendado. Tentei estabelecer algum vínculo com o rapaz, mas ele não estava a fim de conversa. Em uns 30 minutos, foi dispensado para sua residência. Após umas 2 horas, tempo suficiente para tê-lo esquecido, uma maca adentrou pelo corredor:

– Não precisa correr, é óbito! – gritou o enfermeiro.

Ao examinar o cadáver, para minha surpresa, lá estava o nosso paciente do início do plantão, que havia conseguido seu objetivo: um salto do Viaduto Tutóia. Revoltado, procurei o chefe do plantão:

– Calma, menino, isso é assim mesmo. Se fôssemos interinar todas as tentativas de suicídio, não iríamos ter lugar para colocar pacientes. Esqueça!

Não esqueci até hoje. Cumpri uma ordem superior, talvez a mais idiota de todas que tenha cumprido na vida.

Ainda nem estava formado e já sofria as consequências de uma cidade caótica e de uma profissão que não perdoa equívocos.

No tempo da delicadeza

Ellen Dawn Smith

República, Zona Central

[sem data definida]

Nos anos 70, eu cursava a faculdade de Letras na USP e fazia pesquisas para trabalhos de Literatura na Biblioteca Mário de Andrade, à noite.

Na época, a biblioteca fechava bem tarde, e eu ficava até quase a hora de fechar, quando saía para pegar o ônibus para casa, cujo ponto final ficava na Praça do Patriarca.

Para chegar à praça, precisava passar pelo Viaduto do Chá, onde, à noite, grupos de afrodescendentes postavam-se em fila dupla, deixando livre um espaço no meio, numa espécie de “corredor-polonês”. Ocupavam todo o viaduto, a Rua Direita e imediações.

Vestiam-se esmeradamente. Camisas brancas, calças, paletós e casacos longos e pretos, boinas, chapéus e até cartolas.

Eu tinha 18 anos, era loira, usava cabelo longo até a altura dos quadris, vestidos longos ao estilo hippie ou minissaias, como era a moda na época.

Como eu, muitas pessoas precisavam passar por esse “corredor”, e vi muitas delas, talvez com receio, desistirem da travessia, voltando do início do viaduto. Mas eu não tinha escolha.

Numa dessas travessias, um deles, muito esbelto, tirou a cartola e, curvando-se quase até o chão, disse em alto e bom som: “Boa noite, *my lady!*” Cheia de coragem, respondi no mesmo tom: “Boa noite, *my lord!*” Então a fila dupla toda foi repetindo o cumprimento, obtendo de mim a mesma resposta.

O episódio tornou a acontecer várias vezes, até que terminei as pesquisas e não mais passei pelo local.

Era assim São Paulo à noite, no tempo da delicadeza.

Augusta acarpetada

Daniela Brusco

Jardins, Zona Oeste

1973

Foi como um passe de mágica: Da noite para o dia, a Rua Augusta amanheceu acarpetada. Não posso precisar o ano, mas me lembro que era época de Natal. Da Rua Estados Unidos até a Avenida Paulista, o asfalto foi totalmente coberto por quadrados coloridos de carpete.

Era muito agradável passear por aquela imensa sala de estar colorida e a céu aberto.

Mas o mais interessante e surreal eram, sem dúvida, os sons. Tudo era abafado pelo carpete. Buzinas, freios e amortecedores, bem como vozes, ruídos de passos e portas de ferro das lojas. Muito civilizado.

Tão civilizado que não foram vândalos que estragaram a festa, e sim as chuvas de verão. Fizeram com que a princípio se descolassem e soltassem as pontas dos quadrados, e, por fim, todos os pedaços do gigantesco carpete.

Durante alguns anos, ao caminharmos pela charmosa Rua Augusta, ainda deparávamos com pedaços abandonados de tapete colorido, como pedaços de sonhos de uma grande colcha de retalhos.

História da prisão do nosso amigo

Zulmira Carvalheiro

Vila Diva, Zona Leste

1972

Comecinho da década de 70, uma bela manhã de domingo. As pessoas começavam a se levantar, e o nosso amigo Wagner estava ainda de pijama, no quintal de sua casa, quando viu um balão caindo.

Era costume dos rapazes correr atrás dos balões que caíam por perto, para impedir que pegassem fogo. Depois de alguns remendos e outros consertos, era solto novamente, para orgulho de quem tinha conseguido recuperá-lo.

Foi por isso que o Wagner saiu correndo atrás do balão, sem se incomodar com o fato de estar ainda com roupa de dormir. Naquelas redondezas todo mundo se conhecia e ninguém iria reparar nisso.

No meio da rua ele encontrou dois outros rapazes, correndo com a mesma finalidade. Estavam em plena disparada quando passaram ao lado de uma viatura de polícia. Foram detidos na mesma hora.

– Mas, seu guarda, a gente só estava correndo atrás do balão!

– Que balão, que nada! Cadê os seus documentos?

Difícilmente alguém, em plena manhã de domingo, a poucos metros de sua casa, se preocupa em carregar documentos. Muito menos o Wagner, que nem tinha trocado de roupa ainda. Foi o que os rapazes tentaram explicar, mas naqueles tempos de ditadura a lógica das pessoas comuns muitas vezes não fazia sentido para as autoridades...

O Wagner viu que sua irmã se aproximava e gritou:

– Solange, vai lá em casa buscar os meus documentos!

A Solange foi, mas, antes que voltasse, os rapazes foram colocados na viatura e levados para a delegacia mais próxima.

Esse fato causou grande comoção na vizinhança. Ninguém podia compreender como era possível que jovens direitos e trabalhadores como aqueles tivessem sido presos por estar sem documentos, num dia de descanso, na porta de suas casas!

Imediatamente foi organizada uma caravana para resgatá-los. Todo mundo sabia que a polícia da ditadura era violenta e que a tortura era uma prática comum. As mães, principalmente, estavam desesperadas.

Ao chegarem à delegacia, viram os meninos sentados em um banco, desamparados, aguardando aquilo que felizmente nunca vieram a descobrir o que seria. A caravana superlotou o local; o barulho do choro das mães e do protesto dos vizinhos encheu a atmosfera. Enquanto isso, lá na vizinhança, as pessoas estavam na expectativa dos acontecimentos.

Finalmente foi resolvida a pendência e todos voltaram para casa. Na chegada, encontraram a rua cheia de gente. Todos faziam questão de cumprimentar os rapazes a fim de manifestar sua solidariedade.

Houve muitos apertos de mão e muitos abraços. Eles foram recebidos como heróis, e esse calor humano certamente os ajudou a superar o susto por que passaram.

Às vezes a vida ficava bastante estranha naqueles anos da ditadura.

A repressão

Anna Boni

Campos Elíseos, Distrito de Santa Cecília, Zona Central

[sem data definida]

Anos 70. Totalmente (ou quase) alienada da política, eu queria mais era namorar, sair e curtir minha juventude.

Tinha um DKW novo, Belcar, azul-petróleo. Era um carrão!

Estava cursando a Faap, fazendo Comunicação Visual.

Nosso professor de Fotografia propôs que fizéssemos um levantamento imagético da cidade.

Saí a campo, armada de minha máquina.

Fotografei o Minhocão, o Castelinho da Brigadeiro Luís Antônio e outras curiosidades.

Ao passar pelo cruzamento da Alameda Casa Branca com a Alameda Santos, vi uma cena incrível: um tanque do Exército tinha abalroado um carro de passeio que estava totalmente achatado. Parecia uma visão! Mais do que depressa, meu espírito de repórter mandou que eu descesse do carro e registrasse o acontecido. Foi o que fiz. Pra quê?!? Em menos de 1 segundo estava cercada por soldados de armas em punho, querendo arrancar a máquina das minhas mãos.

Foi um sufoco! Queriam confiscá-la e que eu fosse retirar no quartel.

Sem alternativa, abri a câmera e velei o filme para conseguir sair daquela gelada!

Os domingos em Congonhas

Roberto Pina Rizzo

Campo Belo, Zona Sul

[sem data definida]

No início dos anos 70, quando shopping centers não existiam como hoje, o programa domingueiro de minha família era ir ao Aeroporto de Congonhas. Pegávamos um ônibus na Praça Marechal Deodoro e, após demorado percurso que passava pela Avenida Nove de Julho, chegávamos ao nosso destino.

Minha mãe levava pães e um frango assado comprado numa padaria perto de casa. O lanche era feito num parapeito perto de onde é hoje o terminal de check-in da Gol.

Na época, era possível chegar mais perto da pista, e lembro-me com nitidez do estrondo dos Boeing-727 decolando ou usando o reverso ao pousar. As aeronaves hoje são bem mais silenciosas.

O que eu mais gostava de acompanhar era o ritual dos Electra II, que faziam a ponte aérea. Um a um, os quatro motores da aeronave eram acionados. Com os quatro em pleno regime, com seu ruído vibrante, o avião se deslocava para a pista e, para meu encanto, ganhava os céus.

Antes de ir embora, eu folheava as revistas da banca que já na época havia no aeroporto, e me lembro de ter visto, na Fatos & Fotos, as cenas chocantes do acidente aéreo de Orly.

Eu só viria a embarcar em Congonhas, em um voo, cerca de 25 anos depois. E de dentro do avião, um Airbus A319, que se projetou no sentido da Avenida Faria Lima, pude imaginar o menino do outro lado assistindo à decolagem, encantado com aquele lugar que parecia mágico, de onde os Electra, Samurai e Viscount partiam e chegavam, a cada domingo.

O caso do Vitório

Roberto Pereira da Fonseca

Mooca, Zona Leste

[sem data definida]

Até o final da década de 60 só construí nas zonas Oeste e Sudoeste de São Paulo. Nossos operários eram todos nordestinos, fugidos da miséria, e moravam na própria obra ou na região Sul – Vila dos Remédios, Capão Redondo e adjacências.

Tinham grande disposição para o trabalho, eram capazes de esticar sua jornada até altas horas em dias de concretagem, o que lhes garantia mais uns caraminguás para mandar para a “patroa”. Eram, porém, em sua maioria, despreparados profissionalmente.

No início dos anos 70, tive oportunidade de construir um grupo de sobrados na Mooca. Iniciada a obra, começamos a contratar pessoal. Que diferença! A maioria descendentes de italianos, bem mais tranquilos, porém conhecedores da profissão.

Dentre eles se destacava o Vitório. Contratado como carpinteiro, logo passou a mestre de obras, tendo ficado conosco durante muitos anos.

Foi num desses anos que, em um fim de tarde, ele apareceu no escritório com seu caso:

– Sabe, dotô, faz uns seis meses, eu cheguei em casa cansado e morto de fome e a janta não estava pronta. Reclamei com a patroa, a coisa esquentou, e eu acabei lhe sapecando uns cascudos. Ela saiu de casa e voltou tarde da noite. Não perguntei nada, e ela nada falou. No dia seguinte fui recebido com uma bela janta, e tudo ficou em paz... Pois é. Naquela noite ela tinha ido dar queixa na polícia, se arrependeu, ficou bem quietinha, e o resultado, dotô, é que já está na NONA Vara!

Pela expressão do rosto pude sentir sua angústia, antevendo as varadas que iria levar.

O abacateiro e a taturana

Larimer Daniel

Campo Belo, Zona Sul

1969/1970

O número 1414 da Rua Barão de Jaceguai, no Campo Belo, não existe mais, mas é cenário de muitas lembranças da minha infância.

Na casa moravam avó materna, tios e meus primos; estes, os meus melhores amigos. A casa era comprida e toda encostada numa lateral do terreno, deixando um extenso quintal. À frente havia um jardim e, atrás, uma área maior onde reinava um lindo abacateiro.

Era uma árvore madura, frondosa. Tinha entre 20 e 30 metros de altura! O maior abacateiro que eu já vi. Seus galhos se espalhavam numa copa larga, os frutos eram muitos, e aqueles que não era possível colher, por causa da altura, despencavam sobre aquela parte do quintal e sobre a casa.

Em um sábado à tarde, daqueles anos pós-Jovem Guarda, entre 1969 e 1970, o grande abacateiro foi derrubado...

Lembro-me nitidamente da honrada árvore deitada em desamparo, seus galhos sendo cortados para possibilitar a remoção.

Como posso me lembrar com tanta nitidez de um acontecimento tão distante? É simples... Andando por entre os galhos, com sua massa de folhas, passei a ponta dos dedos da mão sobre uma taturana.

Em poucos instantes o efeito urticante do veneno da taturana se converteu em dor insistente... O meu gesto de agitar a mão por causa da dor foi confundido com uma dança. A família reunida na sala assistia na TV em branco e preto, no canal Record, ao programa mais popular da época, no qual se ouvia o ritmo do momento, o iê-iê-iê.

O mais curioso é que um primo, da mesma idade que eu, também foi picado pela taturana. Assim, em seguida, lá estávamos os dois, naquela dança improvisada, sem entender por que os outros riam e do que achavam graça...

Um detalhe de que não me recordo é se fomos medicados; acho que não... Enfim, não me lembro como a dor passou...

Mas lá se foram os anos.... Depois daquele dia o quintal onde brincávamos foi cimentado, outras árvores que havia, um caramanchão onde minha avó tinha chuchus, o jardim onde colhia erva-cidreira, as roseiras da parte da frente, tudo foi sumindo com o tempo. Com o tempo se foi também minha avó, dona Sebastiana...

Começaram a subir os condomínios verticais, e nunca mais pararam. A casa do 1414 deu lugar, décadas depois, a um desses condomínios.

Quanto ao abacateiro, nunca mais vi árvore tão bonita como aquela... Como nunca mais será possível ver um bairro como aquele em que passei a minha infância.

Tiroteio nas alturas

Larimer Daniel

Bela Vista, Zona Central

1973/1974

Não me lembro exatamente a época do ano, mas aconteceu no edifício em que morávamos, na Rua Martinho Prado. O ano era 1974, ou 1973. A Martinho Prado é curta – metade dela é o Viaduto Martinho Prado, sobre a Avenida 9 de Julho. O quarteirão seguinte tinha de tudo: o Ferro's Bar, acho que um dos primeiros bares GLS de Sampa (ainda não se usava a expressão GLS), a cantina Giovanni Brunni e uns tantos outros estabelecimentos. O final da rua, logo antes do entroncamento com a Martins Fontes e com o primeiro quarteirão da Augusta, era dominado por dois edifícios que formavam um conjunto grande, eternamente cinzento. Havia duas portarias. Sobre uma delas: “Edifício Donária”; na outra: “Edifício Liberato”. Morávamos neste último.

Um dia, no final da manhã, percebemos uma movimentação diferente na rua. Não tínhamos ideia do que se passava. Naquela época, com trauma devido ao incêndio no Edifício Joelma, qualquer sirene nos levava a procurar ver se o prédio não estava em chamas.

Uma multidão se juntara na rua, bem em frente aos edifícios, e ia crescendo. Ao avistarmos um caminhão dos bombeiros, minha mãe decidiu que devíamos descer. A portaria estava fechada, coisa que nunca ocorria. O porteiro estava nervoso e falava em assalto no edifício ao lado.

Sáímos e nos dirigimos à Praça Roosevelt, de onde víamos a movimentação e a multidão que crescia e parecia esperar alguma coisa.

Os fatos: uma quadrilha com quatro assaltantes tentara roubar um escritório no Edifício Donária. Talvez tenha havido alguma reação, talvez alguém tivesse chamado a polícia... Os assaltantes, em fuga, subiram para os andares mais altos, batendo na porta dos apartamentos. Consta que bateram em vários até que, no nono andar, uma criança abriu. Eles entraram e fizeram reféns a criança, a mãe e a empregada doméstica. Cercados, sem ter como sair, ameaçavam os reféns.

Chegou reforço policial, reforço de bombeiros, reportagens, ambulâncias de plantão, helicópteros rondavam. O trânsito na Augusta não era problema – normalmente era tão lento que alguns motoristas nem notaram a diferença...

As horas foram passando. Aumentava a tensão. Os assaltantes começaram a jogar objetos pelas janelas. Embaixo, a

multidão corria, mas retornava em seguida, fazendo algazarra... Parecia querer ver o circo, o prédio e toda a cidade pegar fogo mesmo.

De um edifício no lado oposto da rua, policiais mantinham contato com os assaltantes. A negociação não obtinha êxito. E a polícia decidiu agir.

Então um policial foi visto saindo, pela lateral do edifício, por uma janela ao lado daquela onde era possível visualizar os assaltantes. Numa ação impressionante, esse policial, farda de campanha e desarmado, pendurado a uma altura de nove andares, lançou uma granada de gás lacrimogêneo para dentro do apartamento invadido... Do lado oposto da rua, onde estavam até então os negociadores, atiradores da polícia abriram fogo! Isso mesmo, atiraram contra as janelas do apartamento onde estavam os bandidos. Ao mesmo tempo, por dentro do prédio, a porta do apartamento foi derrubada, e os policiais entraram atirando.

Tem que haver um Deus no céu e muitos anjos competentes nessa hora, porque, por incrível que pareça, ninguém, absolutamente ninguém, dentre os reféns, a polícia e a multidão que acompanhava tudo de perto, se feriu! Apenas um dos assaltantes levou um tiro não fatal. Soube-se depois que eles abriram fogo quando perceberam a invasão, o que dá uma ideia de quanto é incrível que não tenha havido vítimas...

A emoção foi grande. De volta para casa, no começo da noite, “grudamos” na televisão para ver os telejornais. “Centro de São Paulo transformado em praça de guerra.” Essa era uma manchete não sensacionalista acerca do evento... Descobrimos que a polícia tinha um certo COE, Comando de Operações Especiais, e que o soldado que saiu pela janela, e foi saudado como herói pela multidão, era um nissei chamado Luiz Nakaharada. Naquela tarde descobrimos que a violência ronda e chega perto, como nunca havia chegado antes. Descobrimos também que as multidões tendem a ser insensatas e se aproximar do perigo, em vez de se afastar dele.

Sobre a ação da polícia, saudada com ufanismo pela imprensa, penso em como foi absurdamente arriscada para os reféns, para a multidão, para os próprios policiais.

Quanto aos assaltantes, se não me engano eram todos muito jovens e, nas fotos dos jornais e imagens da televisão, no fim, pareciam uns desesperados... Acho que havia uma moça entre eles.

E foi assim, na tarde de um dia quase esquecido, que a cidade-monstro revelou uma de suas faces para mim, então entre os 10 e os 11 anos de idade. O mundo seguiu girando, e poucos dias depois ninguém falava mais sobre o ocorrido.

Joan Baez no Tuca

Ericat

Perdizes, Zona Oeste

[sem data definida]

As notícias iam chegando: “Joan Baez já está na cidade”. Para quem viveu a década de 70, ela era a cantora de protesto mais cultuada daquela nossa turma.

“Joan Baez chegou? Não, ainda no Rio? Canta, não canta? Será que ‘eles’ vão deixar?” Eu não sabia o que era política até estudar na PUC. Daí em diante foi impossível ignorar, difícil não participar.

As aulas foram suspensas, os estudantes lotaram o Tuca, muitos gritos, sussurros, boatos, revolta geral. O show havia sido programado, prometido, esperado, mas não confirmado. De concreto, nada. Só muitos boatos e uma excitação geral por todo o espaço da PUC, desde a Rua Monte Alegre até a Ministro Godói.

Finalmente, silêncio. Um apresentador sobe ao palco e avisa que, por questões burocráticas, falta de uma licença de não sei quê, que deveria ser concedida por não se sabe que serviço burocrático, o show não poderia acontecer. Os músicos, proibidos de ligar seus instrumentos; o microfone, desligado.

E finalmente a vimos, a Deusa! Joan Baez, miúda, morena, magrinha, em uma roupa cor de vinho, saia longa, bordada, meio hippie, meio indiana, a um canto da escadinha que levava ao palco. Alguém traduziu para ela o conteúdo da mensagem. A plateia, indignada, vaiava e gritava.

Ela não subiu ao palco. Pediu silêncio. Pediu microfone. Não podia. Um silêncio tenso e nervoso na plateia. Aí se revelou a grande artista ativista, nossa “ídola”: ela cantou sozinha, sem microfone nem nada, no peito e na raça, *Blowing in the Wind*, com sua sonoridade do mais puro cristal invadindo cada canto daquele teatro.

A canção termina, e, após um instante de profundo e respeitoso silêncio, aplausos e gritos. Mais um número. Joan já se despedia, não podia correr mais riscos. Foi quando, sem ninguém combinar, veio o grande e memorável final: todos os estudantes cantaram juntos, emocionadíssimos, a grande homenagem a ela: *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*, de Geraldo Vandré.

Nunca mais ouvi essa música sem chorar de emoção, lembrando-me de Joan Baez.

Era uma vez uma avenida...

Joana D'Arc de Oliveira

Bela Vista, Zona Central

1971

Era uma vez uma avenida chamada Brigadeiro Luís Antônio.

Corria nervoso o ano de 1971, e o janeiro tórrido bronzeava de ideologia as mentes que faziam daquela avenida a passarela de São Paulo.

Eu, adolescente de 15 anos, acabara de chegar dos cafundós de Uberaba e me instalei ali, como caixa em uma loja de sapatos, anexa ao Hotel Danúbio.

Desfilavam pela loja as mais célebres figuras dos anos 70: Caetano Veloso, Bethânia, Chico Anysio, Débora Duarte, Elaine Cristina, Agnaldo Timóteo e muitos outros.

O charme do Danúbio era sua sauna, e um frequentador assíduo era o cantor Antonio Marcos. Frequentavam também uns homens que iam com quatro escoltas, com metralhadoras nas mãos e que deixavam sobre a calçada um Opala preto, atrapalhando os transeuntes. Na placa do carro eu lia: Tribunal de Justiça Militar.

Nas tardes quentes de verão, meus olhos caipiras e curiosos desciam lentamente a Brigadeiro e eu via uma grande fila composta de mulheres histéricas e de minissaia. Era a entrada da antiga TV Tupi, onde, aos sábados, o apresentador Alfredo Borba apresentava o programa *Gaiola de Ouro*.

Muitas figuras ilustres faziam parte do júri de Borba, mas o principal era Waldick Soriano, junto com sua suposta namorada Claudia Barroso. Ambos eram muito jovens, ela loira e de coque com muito laquê e ele de camisa de voil ou seda, sem esquecer o grande chapéu e os óculos escuros.

Randal Juliano fazia o papel de bonzinho, não queimava os discos dos cantores da Copacabana nem os quebrava, como fazia Alfredo Borba, orientado pelo seu produtor de nome Sacomani.

O Silvio Santos tinha um Fusca verde e era muito magrelo; estava sempre acompanhado por seu fiel escudeiro Luciano Calegari, paixão das moças da fila.

Silvio era um jovem de um terno somente, e sempre disciplinado na gravação do programa *Cidade contra Cidade*. Ao chegar à TV Tupi, fazia parte de sua rotina compulsiva limpar o pó das cortinas do estúdio e esconder as partes remendadas. Tudo era muito

pobre e improvisado, e eu, com meus olhos matreiros, nunca imaginei que ali nascia um dos maiores impérios da comunicação.

Mas a verdadeira paixão das mocinhas, aquele que as induzia a desmaios, chamava-se Nilton Cesar e cantava *A Namorada que Sonhei e Férias na Índia*. É que existia um fetiche de que tal figura era padre – e ele tinha mesmo uma cara e um cabelo de coroinha que deixavam a mulherada doida. Minha prima era telemoça do Silvio e, anos depois, comentou comigo que Nilton era um bom rapaz...

A vida cultural, política e financeira desfilava a passos incógnitos pela Brigadeiro e parava no Danúbio para ver as moças do Concurso Miss Brasil, que lá se hospedavam. O povo fazia maratonas na porta do hotel simplesmente para pegar autógrafos do jogador Cafuringa ou de um jovem chamado Chico Buarque.

Recordo-me de um casal que era meu cliente na compra de sapatos na loja Irará Calçados. A beleza da moça chamava a atenção de todos. Eu não sabia o que faziam Eva Wilma e seu marido, Carlos Zara, e fiquei muito envergonhada quando me disseram que estavam gravando uma novela na Tupi. Eu perguntei a eles como tinham conseguido um emprego na televisão, e me responderam que bastava procurar o Marcio Paoletti, diretor geral.

Tempos depois, por intermédio da minha prima telemoça, conheci tal figura, um senhor tranquilo, educado, cercado de secretárias e morador no bairro da Pompeia. Todo o elenco artístico passava pelas mãos de seu Paoletti, como era conhecido.

Aos domingos eu gostava de caminhar a pé, descendo a Brigadeiro. Do lado direito, perto da Maria Paula, estava em reforma um imóvel antigo, imponente e de aparência medieval, que seria depois o Teatro Record, ou Paramount. Antes, eu ficava horas olhando as roupas na vitrine da Ducal, loja chique da época. Roupas para passeio, eu as comprava na Sears ou na Flipper, perto do Theatro Municipal.

Nas quintas-feiras, a sauna do Danúbio era para mulheres. No meio dos vapores do eucalipto, conheci uma jovem senhora e sempre conversamos muito. Eu, na minha inexperiência de vida adolescente, não entendia muito seus lamentos, suas confidências. Dizia que era cantora. Anos depois, reconheci pelos jornais sua foto, e a notícia era de morte acidental. Levei 35 anos para saber o que se passava na alma da cantora Maysa e para entender a angústia acinzentada que camuflava seus olhos verdes.

A minha vida passava rápido como a Corrida de São Silvestre, que descia pela Brigadeiro, e com certeza nunca me esquecerei do último show da Elis, *Trem Azul*, no Teatro Bandeirantes, e do

panetone da Confeitaria Confital, na esquina com a Major Diogo, local predileto dos artistas do Teatro Zóccaro e de seu jovem diretor Altair Lima.

Lembro-me também que, próximo ao Danúbio, ainda existe um prédio, onde o pai da jurada Gilmara Sanches e sua irmã Elaine Cristina era o zelador. Elaine era novata no mundo do teatro e, quando ia ao TBC da Major, fazia-o a pé.

Numa tarde (não me recordo o dia), apareceram vários camburões do Exército e fecharam a Brigadeiro, desde a Maria Paula até a Paulista. O povo foi se aglomerando na rua, além das faixas amarelas isolantes. Algo iria acontecer, e eu não sabia o quê. A imprensa teve de ficar nas esquinas e não tinha acesso livre.

Homens com fuzis e metralhadoras infestavam a Brigadeiro. Eu soube então que o julgamento de um “comunista terrorista” iria acontecer às 16 horas. Eu fiquei com muito medo de não sobreviver aos meus então 17 anos. Baixei as portas da loja, fui para o primeiro andar e fiquei olhando através dos vidros.

Por volta das 16h30, um camburão grande, como uma nave espacial, subiu a Brigadeiro, parou em frente a uma casa (existe até hoje) na altura do 1200, e a porta traseira foi aberta. Do interior, com as mãos algemadas para a frente, trajando calça Lee, chinelos e camisa xadrez azul e marrom, descia o perigoso “comunista terrorista” conhecido por Lula.

O citado réu permaneceu no interior daquela casa (o Tribunal Militar) por mais ou menos 1 hora e meia e depois foi colocado no camburão, da mesma forma que saíra, mas não sei se no mesmo estado em que entrou.

O importante para mim era que, após aquele evento, a Brigadeiro voltou à sua rotina glamourosa e minha vida seguiu o ritmo dos carros Galaxy que por ali transitavam, ou às vezes a dormência de um ou outro Simca ou SP2 que eram guinchados por estacionamento irregular.

Nos anos 80, Roberto Carlos, Ítalo Rossi, Nara Leão e Chico Buarque não mais se hospedavam no Danúbio. Não havia mais as misses nem as seleções de futebol.

Os irmãos Varam entraram em litígio na partilha de lucros do hotel, o velho Varam faleceu, e iniciou-se a derrocada da memória de uma São Paulo esplendorosa que enchia de luz e brilho os tapetes do Danúbio.

A sauna também foi fechada, e com ela as lembranças se quebraram, como os cacos de garrafas quebradas na borda da

piscina por artistas, atores, cantores cuja entrada foi ali proibida por terem se tornado *persona non grata* ao ambiente.

O Ermírio e o Waldemar, donos da Confital, também faleceram. E um pedaço do que foi minha adolescência, regada ao perfume do panetone, também morreu junto com os holofotes da TV Tupi.

Trinta e seis anos depois, na condição hoje de delegada de polícia, subo, desço e cruzo a Brigadeiro por motivos quase sempre profissionais. Porém, o que sempre me remete a ela é a saudade. Saudade das fotos que nunca tirei, dos julgamentos que nunca entendi, dos movimentos de que não participei.

Hoje, ao ver a fachada coberta, enegrecida e obscura do Hotel Danúbio, comprado por uma faculdade cujos diretores certamente não têm amor ou memória, sinto ainda o cheiro dos corredores, da lavanderia e da sauna.

Parodiando políticos e escritores, tenho certeza: eu era feliz e não sabia!

Esta é uma pequena homenagem que faço, porque, com certeza, pelo menos aquele que a ler saberá que a melhor parte da minha vida eu a vivi entre a multidão de anônimos e célebres que um dia passaram por um minuto pela Brigadeiro Luís Antônio.

Roleta russa na Rebouças

Flavio Tiné

Jardim Paulista, Zona Oeste

[sem data definida]

Na década de 70 eu costumava descer a Rebouças em direção ao Caxingui, onde morava, dirigindo o meu primeiro carro, um Dauphine 63. A avenida era de mão dupla e continha praticamente os mesmos faróis hoje existentes nos cruzamentos da Avenida Brasil e da Faria Lima, além de outros menos importantes.

O trajeto se iniciava na Rua Avanhadava, seguia pela Consolação, até atingir a Rebouças na altura do Hospital das Clínicas, onde não havia, ainda, o Instituto do Coração.

Normalmente eu só ia pra casa lá pelas 4 da madrugada, após a noite no bar de Carlos Paraná, frequentado pelos novos valores que despontavam na música popular brasileira, como Maria Bethânia, Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque, entre outros.

Antes de se instalar na Rua Avanhadava, o bar do Carlos Paraná funcionava na Galeria Metrôpole, em plena Avenida São Luís. O cantor-compositor ficara famoso após Roberto Carlos cantar sua *Maria* em um dos festivais da TV Record. O sucesso do bar era tão grande que obrigou o dono a abrir uma casa maior.

Naquela noite havia um motivo a mais para permanecer no pequeno recinto. Estava lá ninguém mais ninguém menos que o poetinha Vinicius de Moraes, que chegou a dar uma canja, após a apresentação do cantor “oficial” do bar, o próprio Carlos Paraná.

Não cheguei a pedir autógrafo nem sei se ele conseguiria assinar qualquer coisa, mas não hesitei em lhe transmitir minha admiração por seus poemas. Ao me despedir, dei-lhe um abraço carinhoso e saí feliz da vida no meu possante Dauphine. Fiquei preocupado com a pouca velocidade que o carro desenvolvia descendo a Rebouças. Olhava para o velocímetro, e ele não saía de 70, obrigando-me a acelerar cada vez mais.

Cheguei tranquilamente em casa, um sobradinho numa das transversais da Francisco Morato, guardei carinhosamente o carro na garagem e fui dormir. No dia seguinte, ainda preocupado porque o carro não desenvolvia uma velocidade maior, olhei o

velocímetro. Lá estava marcado, ainda, o número 70. Era nada mais nada menos que o painel do rádio, que se mantinha na Rádio Eldorado 70 KHz. O painel estava ligado, era preto, e o volume estava zerado, precisando apenas de um pequeno ajuste para ouvir minha emissora preferida.

Foi a única vez que fiz roleta russa no trânsito paulistano, que ainda não era como hoje, para minha sorte.

Nasce um palmeirense

Zeca Vilardaga

Pacaembu, Distrito da Consolação, Zona Central

[sem data definida]

Nasceu um menino. Pronto! Depois do nome, a segunda grande preocupação familiar é o futuro time do rebento. É quase um sobrenome.

Em algumas casas, imagino, tal questão é resolvida em acaloradas discussões das quais participam o pai, os avós, tios, primos e irmãos. Em outras, não há debate. A estranha e rara unanimidade familiar já decide praticamente tudo, pelo menos até a hora em que o moleque resolver quebrar a tradição.

No meu caso, existiam três núcleos de pressão.

Um era meu avô paterno, catalão veterano da Guerra Civil Espanhola e corintiano. Duro como uma rocha! A imagem de meu avô sentado no sofá de sua casa, impassível, com o radinho colado na orelha esquerda, é uma das mais recorrentes de minha infância. Obviamente, pouco atrativa. De fato, meu avô paterno perdeu a disputa, pois nem mesmo participou dela.

O segundo núcleo era meu pai. Espanhol de nascimento, adotou, ao chegar ao Brasil, o Santos de Pelé. Fácil e cômoda escolha. Na década de 70, quando a situação do time da Baixada piorou, meu pai abraçou o São Paulo. Creio que com razoável fervor. Suas investidas junto ao meu ainda indeciso coração de torcedor eram tímidas e titubeantes, mas um dia ele arriscou a cartada decisiva: levou-me a um jogo do Tricolor.

Lembro-me bem daquele dia. Alguns jogos do Campeonato Paulista aconteciam nas manhãs de domingo, às 10, 11 horas. Um calor infernal, estádio vazio, São Paulo e Noroeste, O a O. Fracasso total. Todas as esperanças de meu pai iam para o ralo. Lembro-me de que o mais gostoso daquele dia foi correr livremente pelas desertas arquibancadas do Morumbi. Um mundão, uma imensidão árida de concreto!

O terceiro núcleo vinha da agitada família italiana de minha mãe. Palmeirenses, todos! Meu avô, um pacato e elegante bicicletreiro, depois comerciante, atravessava a cidade a pé para assistir aos jogos do Palmeiras. Gostava muito de pegar o trem para Campinas e assistir aos duelos alviverdes do Palestra e do Guarani.

Dele, claro, veio a fonte de alegria e entusiasmo futebolístico que faltava para a minha decisão.

Suas investidas suaves, quase sem querer, iam me seduzindo. Um bonezinho aqui, um chaveirinho ali, uma radinho acolá, enfim, pequenos apetrechos que iam abrindo terreno. Então, quando eu menos esperava, ainda bem garoto, de calças curtas, sou convidado a assistir a um jogo no Pacaembu. Meu pai foi voto vencido, apesar de espernear bastante.

Não me lembro do jogo nem do adversário, mas me lembro que adorei o Pacaembu e a torcida agitada. Fiquei sentado durante horas, pois meu avô chegava cedo aos estádios, armado de seu radinho e de sua almofada. Ele ia me explicando as jogadas, os jogadores, a situação armada naquele cenário tão impressionante. Ótimo narrador!

Aberto o caminho, a ida aos estádios se transformou em rotina... Rotina quebrada com o teste final: assistir a um clássico! Palmeiras e Corinthians, no Morumbi, às 18 horas.

Aquilo parecia um desafio incrível. Mãe, avó, pai, todos alertavam sobre o perigo de levar um garoto a um jogo desses. As perspectivas mais catastróficas eram levantadas. Brigas, violência, pisoteamentos... Cheguei a temer, lá no fundo, pela minha pobre e curta vidinha. Mas meu avô foi firme! E contou com a preciosa colaboração de um de meus tios, que, do alto de sua coragem, afirmou: "Eu vou também". Pronto! A batalha estava vencida.

Lembro-me pouco da partida. 1 a 1. Gol do Corinthians no último minuto. Porém, naquela altura, pouco importava o resultado deste ou daquele jogo. Um amor incondicional nascia.

O resgate de objetos roubados

Francisco Eduardo Britto

Bela Vista, Zona Central

1971/1972

Conseguir resgatar objetos roubados, sem a ajuda de polícia ou afins, parece coisa impensável, mas vivi algo semelhante, e, quando recordo, parece que nem passei por aquilo. Felizmente minha mãe está viva para me recordar que, sim, aconteceu.

Dois preâmbulos rápidos: como minha mãe sempre trabalhou fora, fomos – os três irmãos – sempre cuidados por empregadas domésticas, contratadas das mais variadas formas, normalmente sem nenhuma indicação. Uma deixaram história. Outras, “histórias...” Outro aspecto é que desde pequeno tive grande interesse e habilidade com ruas e trajetos de ônibus. Enquanto umas crianças queriam brinquedos no Natal, eu queria o guia novo da cidade...

Bem, certa vez, já morando na 9 de Julho, eu devia ter uns 10 ou 11 anos, coisas começaram a desaparecer em casa. Roupas, lençóis, peças de cozinha. Isso no intervalo rápido de uma semana. Pois quando sumiram umas malhas de cashmere que minha mãe tinha trazido de uma excursão ao Paraguai, e a empregada da vez deixou de aparecer, a suspeita tornou-se convicção. Era ela!

Não sei como, porque nunca foi preocupada com isso desde que a “colaboradora” viesse diariamente socorrê-la, minha mãe tinha anotado o endereço da moça. Imaginem, era no distante bairro de São Miguel Paulista, 1971, 1972, por aí. Claro que o primogênito aqui logo quis ajudar, localizou as linhas que serviam a região, visualizou o bairro no mapa (creio que a rua em si não constava do guia), e toca Dona Quixote e seu filho Sanchinho Pança num domingo de manhã, de ônibus, em diligência para São Miguel, para o resgate das quinquilharias perdidas.

Poucas lembranças tenho, senão de algumas perguntas feitas ao motorista de ônibus, a chegada a uma região de ruas de terra, a localização da casa... E, pela janela, antes que nos atendessem, identificamos como “nossos” um lençol na cama e uma peça sobre uma cômoda. E a empregada estava lá. Lembro de minha mãe, Maria José, conversando com a mãe da empregada, e de retornarmos com algumas peças, não todas, que a moça escondia na máquina de

lavar roupas que ficava numa área fora do apartamento, e ao sair ali pegava para levar embora. Voltamos ilesos da aventura.

Naquela época minha mãe estava entrando na faculdade, em uma das primeiras turmas de Direito da FMU, era funcionária do Tribunal de Alçada Cível, sabia de cor tantos poemas brasileiros... Fico me perguntando o que a fez ter aquele gesto, hoje considerado temerário (senão amalucado), de diligenciar com o filho naquela lonjura, à procura de umas quinquilharias quase sem valor. Acho que já lhe perguntei, e nem ela soube dizer o porquê...

Uma história “king-size”

Francisco Eduardo Britto

Bela Vista, Zona Central

1974/1975

Colecionei de tudo na vida. Hoje quero colecionar livros novos, mas, pelo preço em que estão... Bem, uma coleção que deixou saudade foi a de marcas de cigarros, de maços vazios. Observávamos os menores detalhes entre os maços. Se havia alguma coisa diferente, ia para a coleção.

Todo mundo fazia. Foi uma “moda” entre a molecada do Bixiga, em 1974, 1975. Aqueles macinhos pequenos com três cigarros, réplica dos grandes Hollywood, Minister etc., que se ganhava nos aviões, eram os mais desejados. Maços de cigarros de todos os países, de todos os tamanhos, maços até de plástico...

Na Rua Santo Antônio tinha as casas de samba e boates, ainda muito frequentadas e não decadentes: Telecoteco na Paróquia, Igrejinha e outras. E tocava nós, garotos de 12, 13 anos, frequentarmos esses lugares... a partir das 8 da manhã: chegávamos antes das faxineiras, à procura dos maços deixados pelos clientes nas noitadas.

Um dia, um amigo, começou a aparecer com umas marcas de cigarro muito estranhas, estrangeiras, um delírio. Quem coleciona sabe como é encontrar um veio novo de oferta. Como ele conseguia aquilo? “Esprememos” o garoto, que confessou: ele fuçava o lixo do Grand Hotel Ca’d’Oro, até hoje ali na Augusta (mas naquela época a entrada oficial, creio, era na Rua Avanhandava). Lá no canto da garagem ficavam sacos enormes de lixo...

Resultado: um bando começou a frequentar o Ca’d’Oro só para escarafunchar o lixo do hotel. E que marcas de cigarro encontrávamos! Até que um dia, cansados de ver a bagunça que fazíamos, deram um jeito de nos deixar trancados na garagem. Só saímos daquela “prisão” com alvarás de soltura expedidos por nossas mães! Que tristeza perder aquele canal...

Minha coleção era vistosa, os amigos iam visitá-la e começaram a me furtar maços. Acho que me cansei da história e um dia quase parei o trânsito da Rua Santo Antônio, ao ficar de uma sacada, jogando os maços de minha coleção para um bando de amigos desesperados no térreo...

Praça Roosevelt

Francisco Eduardo Britto

República, Zona Central

[sem data definida]

As fotos que conheço da década de 40 e 50 mostram uma grande área de terra batida atrás da Igreja da Consolação, onde hoje é a Praça Roosevelt. O que era ali antes? Casarões foram derubados? Não sei. Nas fotos, a futura praça era um estacionamento com grandes carros antigos. Acho que foi no final da década de 1960 que ela surgiu, uma praça muito estranha, parecendo... não sei o quê, mas não parecia uma praça.

Por volta de 1970, ainda morando na Rua 25 de Março e frequentando atividades infantis no Sesc da Rua do Carmo, nossa professora, não sei por quê, nos levou de carro (acho que era um Corcel) para brincar lá longe, na “praça”. Lembro-me de ter ficado literalmente perdido ao brincar de esconde-esconde naquelas garagens subterrâneas...

Em 1972, com 9 anos, mudei para a Bela Vista, e a Praça Roosevelt começou a ficar íntima: ali havia um supermercado, o que sempre me causou estranheza, um supermercado dentro (no interior mesmo) da praça. Uma praça quase sem árvores. Cheia de concreto, de andares, de cantos e superfícies. Lembro que a McLaren do Fittipaldi ficou exposta lá, em um evento, quando eles fechavam o vão central com divisórias. Em outro, colocaram uma enorme maquete de Viena, e ficava tocando Bach em volta. Um luxo. Era um tempo ainda de ver idosos jogando milho para os muitos pombos que desciam das torres da Igreja da Consolação...

Em 1979, uma turma e eu descobrimos aquela superfície para a prática do skate. Fomos os pioneiros nesse uso (que ficou generalizado uma década depois). Descíamos os diversos caracóis de concreto da praça, principalmente o que dava para a Rua da Consolação, e que tinha (e tem ainda) um enorme buraco onde se vê... uma enorme avenida que passa embaixo dela. Quantas praças têm uma avenida de tantas faixas de trânsito passando embaixo? Acho que só a Roosevelt.

Ali na praça havia uma biblioteca circulante de bom movimento, onde hoje creio que seja um posto da Guarda Civil Metropolitana. Aliás, era (e é) uma praça cheia de reentrâncias. Atrás da igreja funcionou por muito tempo uma escola infantil, onde meus

irmãos estudaram. Na outra ponta, perto da Rua Augusta, outro salão tinha mostras culturais.

No “tampo” da praça, na parte alta que parece Brasília, havia feiras culturais no início dos anos 80, quando conheci a literatura marginal, Claudio Willer, Roberto Piva... Ali ao lado, na rua, havia o pequeno Cine Bijou, com filmes clássicos, um típico cinema cult.

Depois vieram os anos 90, e toda aquela imensa área rapidamente se deteriorou. Todo aquele concreto armado, cheio de andares, era propício para prostituição, tráfico de drogas, mendicância... e os skatistas fazendo uso de todo aquele concreto. As famílias passaram a evitá-la, e a Praça Roosevelt, com seu arrojo arquitetônico, ficou parecendo um túmulo urbano muito profanado.

Agora parece que vem verba internacional para recuperá-la. Estou curioso para ver as propostas.

Até o ponto final do ônibus Veleiros

Francisco Eduardo Britto

Bela Vista, Zona Central

Aproximadamente 1972

Só quando eu tinha 14 anos minha família adquiriu o primeiro carro. Um Fusca 77 bege. Antes disso, nossos passeios eram de ônibus. Até a casa dos parentes na Vila Carrão ou no Ipiranga era comum. Agora, tinha vezes em que minha mãe, sabendo que eu adorava guias da cidade e sabia de cor o número e o nome de todas as linhas, nos reunia no domingo de manhã para entrarmos no primeiro ônibus que passava na Avenida 9 de Julho rumo a um bairro.

Em uma das vezes pegamos o Veleiros, da viação Bola Branca (se não me engano). Bons tempos em que os pontos finais dos ônibus de periferia não eram sinônimos de perigo. E isso não faz 30 anos!

A cena de que me lembro mais foi o ônibus seguindo pela atual Avenida Presidente Kennedy (acho que na época tinha outro nome), reta e comprida, por onde dava para ver a represa em certos pontos. Poucos prédios, muitas árvores. A certa altura da avenida o ônibus virou numa rua à esquerda e uns 500 metros adiante parou no ponto final, onde havia uma feira. Lá minha mãe comprou uns biscoitinhos para mim e meus dois irmãos.

Em outra ocasião descemos bem antes, na Avenida Santo Amaro, na esquina com a atual Avenida Águas Espraiadas. Muitos vão se lembrar de que ali por muitos anos funcionou um parque de diversões. O dinheiro era tão curto que não me lembro se minha mãe pagou algum brinquedo para nós. A diversão era pegar o ônibus, ir até um certo ponto e depois voltar para almoçar macarrão com frango ou arroz de forno, iguarias de domingo.

O Geisel está chegando

Juliano Spyer

Vila Olímpia, Distrito de Itaim Bibi, Zona Sul

Aproximadamente 1976

Morávamos em uma vilinha simpática no fim da ladeira da Quatá, na Vila Olímpia. O mundo era a TV preto e branco sobre a estante improvisada da sala, a cachorra Porretinha, meu amigo Lufe e sua família, outros vizinhos, Vila Sésamo, *Ultraman*, *Tom e Jerry* no Iguatemi, a feira de domingo na porta da vila, a fábrica de muros altos onde ainda devem estar alguns brinquedos nossos, o Ibirapuera, Congonhas, o Bosque do Morumbi, injeções na farmácia do Pedro. Esses pedaços de lembranças.

Anos 70, tempos de ditadura. Eu tinha 4 ou 5 anos.

Meus pais, um casal jovem tentando a sorte na cidade. Ela, baiana, professora de dança; ele, mineiro, iniciando sua carreira de jornalista, recomeçando a vida após alguns anos de envolvimento com o movimento estudantil, viagens pelo Brasil, “aparelhos”, fugas, nomes de guerra, até prisão e violência.

Nada disso era assunto em casa. Mas eu sabia alguma coisa, devo ter percebido. Porque, uma vez por semana, passava o caminhão de gás buzinando aquelas buzinas de caminhão, feito dragão ou monstro, subindo a rua. E, apavorado, suando frio, eu cobria a cabeça ou me escondia embaixo da cama, pensando que o Geisel estava chegando.

Só muitos anos depois a ficha caiu, e meus pais, acho, nunca souberam dessa história.

Marrom, apelido do Elpídio

Nivaldo Godoy

Vila Pompeia, Zona Oeste

1975

“Marrom” era o apelido do baiano Elpídio, figura brejeira dos velhos tempos, muito conhecida e respeitada na Vila Pompeia e na Vila Cruz das Almas, lugares onde morou e fez história.

Bom de briga, não dispensava uma confusão.

Bom de jogo, não dispensava um carteadado, uma disputa de sinuca, de rolar dadinhos, de palito etc., sempre apostando um bom dinheiro.

Dado a pronunciar frases populares de efeito. Não esqueço uma delas: “A vida é um soutien, e quem quiser que meta os peitos”.

Malandro, gostava de usar roupa branca e sapato de duas cores, geralmente branco e preto.

Por muito tempo foi o técnico do time Brasil Unido, da Vila Cruz das Almas, que fez nome na várzea de São Paulo.

Vivia fazendo rifas, pedindo colaboração dos comerciantes e todo ano organizava um almoço em sua casa, tudo para arrecadar fundos para o time – o prato era um gostoso “mexido” preparado por sua mulher, Cida, uma bonita baiana.

Um fato curioso foi quando o Marrom se ofereceu para ser testemunha de defesa de um seu amigo, envolvido num processo por lesão corporal. Advertido na forma da lei, relatou ao juiz que fora ao local dos fatos para comprar uma pizza. Perguntado sobre a confusão propriamente dita, respondeu:

– Bem, doutor juiz, quando vi que o bicho ia pegar e o pau ia comer, passei a mão na minha pizza e dei no pé. Sou lá homem de se meter em confusão alheia?

Até hoje, quando encontro o advogado que promoveu a defesa, ele me reconta os fatos e damos boas risadas.

Marrom só não admitia que se duvidasse de sua conduta à frente do time do Brasil Unido, que defendia com unhas e dentes. Certa feita, na brincadeira, foi questionado pelos jogadores sobre as finanças do time, cobrança que o deixou furo da vida. Respondeu que a partir daquele momento o time deixava de existir e

retirou da parede da padaria onde nos reuníamos a lousa onde eram marcados os jogos.

Foi triste, para mim, ver no Centro Esportivo do Ibirapuera, no desfile de abertura da Copa Arizona de 1975, onde representava outro time em que jogava, o U.A. Cometa de Vila Cruz das Almas, as camisas do glorioso Brasil Unido sendo usadas por um time de Osasco, que se inscreveu no torneio com o mesmo nome. Pude reconhecer a que eu vestia. Marrom não só cumpriu sua promessa de acabar com o time como também vendeu seu fardamento.

No final dos anos 70, ele voltou a morar na Vila Pompeia e era cambista de jogo de bicho num bar do bairro da Lapa. Eu soube que faleceu há cerca de anos em sua terra natal, próximo de Salvador, na Bahia, para onde retornou depois de 50 anos, acometido de grave doença.

Anos de chumbo grosso

Nivaldo Godoy

Jaraguá, Zona Norte

Aproximadamente em 1960

No bairro do Jaraguá, próximo da estação da CPTM, antiga Santos–Jundiaí, de bela construção em alvenaria com tijolinhos vermelhos à vista, e ainda dotada de uma passarela de ferro fundido, obras de arte que ainda lá permanecem, feitas pelos ingleses da antiga São Paulo Railway Company, residia o sr. Oscar, artista especializado em pintar quadros de forma diminuta, sobre pequenos objetos e sementes, até que um dia, nos anos de chumbo grosso, foi visitado por agentes de segurança do sistema político então vigente.

As obras do sr. Oscar eram por ele feitas sobre cabeças de alfinetes, caixinhas de fósforos, grãos de arroz, de feijão etc., e só podiam ser vistas com lente de aumento.

Um dia, não se sabe por que, ele teve a brilhante ideia de pintar sobre o corpo de uma pulga a palavra “Rodox”, marca de um produto inseticida em forma de aerossol que estava sendo lançado no mercado consumidor.

Não contente, resolveu vender a referida pulga ao fabricante do produto. Para tanto, providenciou a publicação de anúncios em classificados de jornais que circulavam em São Paulo, mais ou menos assim: “Vende-se uma pulga pintada com a palavra ‘Rodox’”.

Não deu outra. Logo o sr. Oscar foi visitado pelos agentes de segurança política, que o prenderam e o conduziram até as dependências do DOPS, para as devidas explicações, vez que pensavam tratar-se os referidos anúncios de alguma mensagem em código dos chamados “terroristas”.

O mistério foi desvendado com a apresentação das obras de arte do sr. Oscar, principalmente a malfadada pulga, que foi devidamente apreendida, nos rigores da lei, e então se procedeu à devida soltura do preso.

O artista de pinturas miniaturizadas era Oscar Blois, e a escola estadual localizada na Rua Ângelo da Silva, no Jardim Panamericano, Vila Jaraguá, na Capital, recebeu seu nome em homenagem póstuma.

Anos 1980

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Fusquinha táxi

Valdemar Carvalheiro Filho

Aclimação, Distrito da Liberdade, Zona Central
[sem data definida]

No final dos anos 80, eu trabalhava como taxista com um Fusquinha, na região da Aclimação. Nem todos se sentiam muito atraídos pelo conforto e pelo tamanho do carro, mas quem tinha pressa acabava aceitando uma corrida.

Certa vez, acabei concordando com meu amigo Paulinho, um vizinho meu de 5 anos que brincava de ser meu “ajudante” de manutenção, em que ele fosse trabalhar comigo. Pai e mãe avisados, partimos para o trabalho.

Ele ficava sentadinho no banco de trás. Era pequeno, ninguém o via de fora, de sorte que não atrapalhava o bom andamento do serviço. Um ou outro passageiro perguntava o porquê da presença da criança, julgando ser fato inédito. E eu explicava que ele era diretor-presidente da firma e estava a trabalho, ou dizia que ele era fiscal do Detran e estava observando, e o menino morria de rir do que eu falava para os passageiros.

Alguns também achavam graça; outros nem tanto. O dia foi passando... Após o almoço, o guri sentiu sono e, por iniciativa própria, deitou-se atrás do encosto do banco, espaço que existe no Fusca, um pouco abaixo do vidro traseiro, local onde geralmente instalam som, alto-falantes etc.

O bichinho, tão pequenino, sumia lá atrás. Pegou no sono pesado. Estávamos subindo a Rua Santa Cruz, no sentido Domingos de Moraes, quando quatro jovens senhoritas deram o sinal (lotação máxima). A corrida era para o Shopping Ibirapuera.

As jovens falavam alto e riam muito. Resultado: acordaram o Paulinho, que, apavorado, pelo despertar em meio à gritaria, superou as garotas em muitos decibéis com um grito clássico de terror. As indefesas senhoritas se sobressaltaram e berraram ao ouvir o estridente protesto do menino, repetindo-se várias vezes o eloquente coral – ora Paulinho gritava, ora elas gritavam.

Serenadas as energias gritíferas, expliquei às passageiras o motivo da presença da estranha figura a bordo. Elas começaram a rir, e o Paulinho desatou a chorar, fato último resolvido com o punhado de balas que ele ganhou.

Continuamos nosso trabalho, com Paulinho sentado no banco... cantando as músicas da Xuxa.

Um peso na cabeça

Claudio Bassi Elias

Bela Vista, Zona Central

1983

Fui à Câmara Municipal numa noite para participar de uma reunião com um grupo de pessoas do bairro, a fim de tratar de problemas de transporte na região. Ocupávamos uma sala anexa ao gabinete de algum vereador, no 5º andar. Lá pelas tantas ouvimos um estrondo na rua, corremos até a janela e vimos uma aglomeração de pessoas em torno de um carro. Não demos atenção e continuamos a reunião.

Quando saímos, ao término da reunião, vimos um Fusca branco parado no meio da rua, bem junto da faixa do semáforo de pedestres que fica em frente à Câmara. O carro estava com o teto bastante afundado na direção do motorista.

Perguntamos a um policial que preservava o local o que havia acontecido, e ele relatou o fato:

– O Fusca parou no semáforo de pedestres e, enquanto aguardava, um travesti se jogou do alto do prédio Rosa, que fica no fim do Viaduto Nove de Julho. Na sua viagem até o chão, caiu sobre a rede de tróleibus, que amorteceu sua queda, voou novamente e caiu sobre o teto do carro parado no sinal.

Resultado: o travesti quase não se machucou, e o motorista do Fusca ficou em estado grave. Pode?

Os fliperamas: do submundo à glória

Roberto Pina Rizzo

Centro, Zona Central

1981

No princípio era o caos. As casas de diversões eletrônicas eram antros escuros e mal frequentados. Na Avenida Rio Branco, havia uma chamada Fliperama, com seus *pinballs* mecanoides. Provavelmente daí vem o nome dos lugares.

Nesses primórdios, era preciso coragem para entrar num lugar daqueles. Só os moleques mais “perdidos” se atreviam.

Depois veio o milagre tecnológico. As máquinas passaram a ter sons melhores, efeitos melhores e chegavam a falar. Os videogames, rústicos no início, vinham com telas coloridas e desafios mais deslumbrantes.

1981 foi o grande ano. Polaris, Pac-Man, Donkey Kong, Star Crest, Fire Action e Cavaleiro Negro chegaram quase que ao mesmo tempo, desbancando os já incríveis Space Invaders, Lunar Rescue, Circus, Shock, Meteor e Drakor. A rede Playtime espalhou-se pelo Centro da cidade. No Edifício Martinelli, bem na esquina da São João e da Líbero Badaró, uma dessas casas devorava centenas de fichas por dia.

Quantos *office-boys* vi chorando, sentados na guia, por terem tido suas pastas surrupiadas ao ser deixadas sobre as máquinas nas quais eles estavam jogando... Quantas mesadas estourei numa única hora...

Aquelas máquinas me motivaram a fazer engenharia para conhecer sua mágica. Elas saíram dos becos escuros e ganharam espaços nobres nos shopping centers.

Hoje os jogos estão dentro de casa. Os antigos fliperamas viraram cines pornô, estacionamento, casas de câmbio e igrejas. Um ou outro sobrevive. Assim, o ultramoderno da época virou história. Amanhã as *lan houses* serão lembradas da mesma forma. É o furacão de São Paulo – e do mundo.

O Ponto Chic e a blitz

Larimer Daniel

Perdizes, Zona Oeste

1983

Eu tinha um grande amigo chamado Osmar. Noites de sexta e sábado, zero de namoradas, adquirimos o hábito de jogar sinuca. Não sabíamos jogar, mas existia um salão no Largo de Pinheiros, de boa frequência, que eu tinha conhecido em companhia do meu irmão e da minha cunhada. Era um lugar ótimo para tomar uma cerveja, diferente de um bar comum, tinha música, e naquele tempo não havia tanto rigor quanto ao fumo em locais públicos... Então rolava o papo, cerveja, cigarro, boas risadas pelas tacadas perdidas e risadas ainda melhores por aquelas raras tacadas “espíritas”, quando a bola mais impossível acabava encontrando o caminho mais improvável para a caçapa.

Depois de cansar de tentar aprender a jogar, eu sempre sugeria que passássemos em algum lugar pra comer alguma coisa. Uma vez fomos ao Ponto Chic das Perdizes. Famoso pelo bauru, o Ponto Chic tinha muitas outras coisas interessantes. Na primeira vez que fomos lá, marcou-me um pudim de leite, isso mesmo, uma combinação tão improvável quanto nossas bolas na caçapa: madrugada e pudim de leite... Delicioso.

Certa vez fomos repetir a dose. Sinuca, madrugada, Ponto Chic. Não me lembro em que rua foi, mas meu amigo decidira cortar caminho. O fato é que estávamos numa via escura e chovia (sempre chove nessas horas). Em sentido oposto, surgiu à nossa frente uma viatura da Rota... Faróis acesos, lanternas na nossa cara, armas na mão, os policiais nos mandam descer do carro (um Fusquinha “meia alguma coisa” que o Osmar dirigia).

Revistados (felizmente sem violência), um dos policiais ficou conversando comigo, enquanto outro ficava conversando com meu amigo:

– Olha, eu sei que vocês estavam fumando maconha... Tá na cara. Teus olhos estão vermelhos...

– Nós estávamos em Pinheiros, seu guarda, jogando sinuca...

– Por que você está olhando para o seu amigo? Ele tá sempre lá na delegacia. É conhecido nosso... Ele não vai te ajudar.

E assim foi. Depois de passados alguns minutos naquela tentativa de obter uma confissão, os policiais nos disseram que devíamos acompanhá-los à delegacia, nos mandaram entrar no nosso carro e segui-los.

Entramos no carro e ficamos absolutamente imóveis e silenciosos. Osmar esperava que os caras na viatura ligassem o motor. Não trocamos palavra. Longos segundos de silêncio. Na viatura os policiais nos observavam. Até que aquele que tinha conversado comigo (era um sargento) me mandou sair do carro e me aproximar da viatura. Pela janela ele vociferou entre dentes:

– Essa vai ficar na engorda... Eu sei que você é maconheiro. Eu vou te pegar. Vai embora, some daqui... Não quero te ver de novo.

Entre novamente no carro. Osmar saiu devagarinho e seguimos até o Ponto Chic. Uma vez lá, mais uma cerveja para aliviar o stress da longa madrugada... Cumprimentamo-nos pela frieza e autocontrole. Foi bem por essa hora que me dei conta de como estava apavorado. A noite terminou com um pudim de leite pra arrematar, que ninguém é de ferro.

Então São Paulo também é isso... “Nunca saia de casa sem seus documentos”, dizia minha mãe. Você pode precisar provar que não é um bandido. A polícia pode te fazer muito mal. Mas também tem um ótimo pudim de leite de madrugada pra espantar os teus fantasmas.

O santo vai dar uma força

Jose Luiz Batista da Fonseca

Pari, Zona Leste

Meados dos anos 1980

Mais um domingo. Acordo e olho pela janela. O dia está bem nublado, e a previsão é de frio. Deu ontem na tevê. Mas não é esse friozinho que vai estragar meu programa dominical!

Sempre que posso vou ao Ibirapuera para fazer minha corrida e encontrar meus abnegados amigos atletas de fim de semana, como eu. Tomo o elevador, e de repente ele para no oitavo andar.

– Tudo bem, dona Vera? Quanto tempo, hein? Pensei que tivessem mudado do prédio!

– Pois é, é a correria do dia a dia... Anda, Sílvia, vai logo! Vamos perder a hora da missa – ela diz para sua filha, segurando a porta do elevador e olhando para seu apartamento.

– Olá, Sílvia. Tudo bem? Aonde vão as duas bonitonas desse jeito? – cumprimento a filha.

– Nem te falo... – antecipa a filha. – Esta aqui cismou que tínhamos que ir à Igreja de Santo Antônio, lá no Pari.

– Esta ou você? – pergunto, brincando.

– Lógico que ela! – responde rápido a filha.

– É, mas bem que você gostou da ideia... – retruca a mãe.

Começo a achar graça na história. E lembro que Santo Antônio desfruta da popular fama de casamenteiro. E tanto mãe como filha estão solteiras, penso eu. Aliás, dona Vera ficou viúva há uns cinco anos e continua formosa. Agora, então, mais ainda, pois o marido deixou uma polpuda economia e pensão para ela. O Nildo, porteiro do prédio, é que me contou. Quanto a Sílvia, fico pensando, como pode uma moça interessante como ela estar só?!? Bonita, jovem, espirituosa, bom emprego... Vai saber!

– Mas quem vai pagar promessa? – pergunto.

– Promessa, não. Pedido. Vou pedir pro santo arrumar um genro pra mim – diz a mãe.

– Genro ou namorado para a senhora? Você não estava namorando, Sílvia?

– Não, genro mesmo! Quero ver se desencalho essa desnaturada – a mãe fala, olhando para a filha, que ri, levando na esportiva.

– É nada, é namorado pra ela mesma! – observa a filha, que continua. – Vai renovar o pedido do ano passado. Este ano ela teve o disparate de colocar o santo de cabeça pra baixo na lata de açúcar. E nós vamos à igreja para ver se desvirmos o santo.

– É, mas bem que ela vai aproveitar pra fazer o pedido dela também...

– Lógico. Já que vou lá, não custa mesmo.

– Mas, Sílvia, vem cá, não tem ninguém no teu pedaço? – pergunto.

– Ah, tinha um aí... Mas o cara era meio complicado demais.

– É, meu filho, a coisa tá preta. A mercadoria tá em falta na praça – diz a mãe. – E, quando aparece algum interessado, é só tranqueira querendo se encostar!

– Ah, vocês é que são muito exigentes! O cara tem que ser um príncipe pra vocês. Ser bonito, rico etc. Aí é isso! Fica todo mundo esperando o homem dos sonhos, que não existe. Coisa de Hollywood.

– Que nada! Ninguém faz tanta exigência, mas também tem que ter um mínimo, não é, não? Não tô aqui pra arrumar mais encrenca pro meu lado. Se é problema, melhor só do que mal acompanhada. – fala a mãe.

Bem, o elevador chega ao térreo. Dona Vera se despede e diz à filha que se apresse, que já estão atrasadas, no que eu observo que deve ter missa o dia inteiro.

– Eu sei. – ela responde. E continua. – Mas é que à tarde a gente vai pra Paulista, ver a Parada Gay.

– Ah, é mesmo! Este ano coincidiu o dia do santo com a tal Parada do Orgulho LGBT. Bom passeio, então, pra vocês. E quem sabe o santo já começa a ajudar hoje mesmo! – digo, brincando.

– Do jeito que as coisas andam, pode até ser. E, se acontecer, te convido para padrinho! – responde Sílvia, sempre brincalhona.

Miss Minhocão

Volney Faustini

Barra Funda, Zona Oeste

[sem data definida]

Descobri Miss Minhocão com um amigo. Flavinho conhecia todas as quebradas e peculiaridades desde a Praça Roosevelt até os lados da Lapa. Estávamos andando pelo Minhocão. Eu dirigindo, ele no passageiro. Sentido Palmeiras.

Tomo um baita susto quando ele começa a gritar com entusiasmo: “Miss Minhocão! Miss Minhocão!” Imediatamente põe a cabeça para fora do Fusca e, com os dois braços se articulando, envia beijos à figura mais famosa do Elevado. “Eu te amo, eu te amo!”, ele gritava.

Miss Minhocão era mais que um dos folclores da cidade que mais crescia no mundo. Ela fazia parte do cenário e era personagem atuante. Debruçava-se na janela com o decote à mostra. Colocava um travesseiro gordo para apoiar seus braços (igualmente fortes). Ficava horas plantada como uma vitrine viva. O vai e vem dos carros acelerava o pêndulo de suas tardes. Quantos encontros e desencontros ela assegurou em sua rotina disciplinada?

Entrava a noite, e lá estava ela, entre sombras de seu quarto iluminado e os faróis dos carros vencendo o rush de volta para casa ou simplesmente para mais um compromisso na cidade que não dorme.

Não adiantava passar de manhã, ou mesmo na hora do almoço. Você poderia até encontrar o travesseiro assentado no peitoral (e que peitoral!) da janela. Mas depois das 3 da tarde e até de madrugada tínhamos sempre uma chance de flertar com ela com um buzinação.

Certa vez, a caminho do trabalho, indo no sentido Centro, reparo que um cidadão estaciona seu Fusquinha em frente à janela e passa a levar altos papos com Miss Minhocão. Altos porque o barulho ali sempre foi ensurdecedor. Foi só pensar no perigo e no risco de um acidente que ouço aquela freada brusca. Olho pelo retrovisor. Miss Minhocão ganhou mais um cortejador.

Vila Brasília vai virar condomínio de luxo

Silvia Regina Angerami

Pinheiros, Zona Oeste

De 1980 a 1993

Almoçar fora significava levar a mesa para o pátio central e organizar macarronadas em dia de jogo do Brasil. Esconder ovos de Páscoa entre os canteiros de plantas. Plantamos árvores acompanhando o caminho de paralelepípedos que levava ao coração da vila. Como éramos felizes!

Criamos a Associação de Moradores da Rua João Moura e adjacências (incluindo a Rua Alcides Pertiga e a nossa própria vila, que sempre teve vida e luz próprias) para tirar a bagunçada feira livre que atrapalhava nossas terças-feiras. Como sonhávamos!

Moramos lá durante dez, 15 anos. As famílias, consternadas, se reuniram novamente neste ano, pois as casinhas seriam demolidas. E foram. No lugar, vai aparecer um condomínio de luxo, cada apê com quatro suítes. Coisa impensável para aquelas felizes e “duras” famílias que dividiam o espaço em comum. Como ficamos tristes! Mesmo assim, fizemos um churrasco num domingo frio e nublado, revimos fotos dos bons tempos e relembramos o passado.

Tudo ruiu. Os tijolos que testemunharam a nossa virada de adolescentes para adultos se foram... Restaram uma jabuticabeira, que ficava no quintal da casa 1, onde existia também uma marcenaria – mais conhecida como “marcê” –, e um coqueiro, onde antes era o quintal da casa 4.

A Sônia, que ainda passa por ali quase todos os dias, comentou que, ainda assim, o local guarda um certo astral positivo, de vidas bem vividas, infâncias bem aproveitadas, amizades consolidadas que não se desmancham assim tão facilmente...

Uma canção iluminada

Larimer Daniel

Vila Mariana, Zona Sul

1982

Naquele ano a festa do aniversário de São Paulo foi no Parque do Ibirapuera. Um grande palco foi armado em seu centro, voltado para o enorme espaço gramado que ali se abre. Decidimos comparecer, eu e uma namorada da época... Para variar o dia transcorreu com céu nublado e ameaçando chover. Era um sábado, se bem me recordo.

O show musical foi dos melhores, misturando estilos para todos os gostos e públicos.

Erasmo Carlos trouxe sua energia e seus “hits” de época, como *Pega na Mentira* e outras. Premeditando o Breque (para quem não sabe, precursores dos Mamonas na linha do rock-humor escrachado) trouxe sua imbatível *São Paulo, São Paulo* (“Na periferia a fábrica escurece o dia...”).

Alceu Valença “enfrentou” o público, que, à medida que crescia, comprimia as pessoas mais próximas contra o palco. Lembro-me dele dizendo: “Se vocês empurrarem o povo daí pra cá, eu vou aí e empurro vocês pra lá”.

O show seguia animado. No tempo frio, a turma do rock e do forró elétrico do Alceu “esquentou” a multidão.

Depois de uma pausa, surgem no palco ninguém mais ninguém menos que Adoniran Barbosa e os Demônios da Garoa. Emocionante ver gente muito jovem aplaudindo aquele tão venerado ícone da nossa cultura musical tipicamente paulistana, mas universal.

Ao Adoniran, no palco, se juntou a grande Beth Carvalho. Vestido branco, como sempre, serena e forte, voz marcante, trouxe consigo um clima de contemplação e paz...

Apresentava os números musicais um radialista da época, se não me engano era Dárcio Campos (acho que é assim que se escreve).

Foi então que Beth Carvalho parou no palco. Silenciaram os instrumentos, o público foi silenciando também, e a expectativa cresceu em meio a assobios esparsos, palmas solitárias, um ou outro grito... A chuva nesse exato momento começou a ficar um pouco mais forte. Beth Carvalho sentou-se num banco, o silêncio perdurava... Foi então que os acordes da inesquecível *Andanças* (de Edmundo Souto, Paulinho Tapajós e Danilo Caymmi) começaram

a brotar de um violão competente e solitário que quase não se via na penumbra que tomava conta do parque ao cair da noite.

“Vim, tanta areia andei
Da lua cheia eu sei
Uma saudade imensa
Vagando em verso eu vim
Vestido de cetim
Na mão direita, rosas vou levar...”

A multidão foi se transformando num imenso coral, à medida que ia reconhecendo a canção e recordando, além da letra, a nostalgia de sentimentos vividos e sonhados, e compartilhando um momento que se ia tornando mágico.

“Olha a lua mansa a se derramar
Ao luar descansa meu caminhar
Meu olhar em festa se fez feliz
Lembrando a seresta que um dia eu fiz”

À medida que a canção ganhava força na interpretação emocionada de Beth Carvalho, a chuva também se adensava, a multidão embalava ritmada, entoando em coro a segunda voz, gritando a plenos pulmões: “Me leva, amor... Amor... Me leva, amor... Por onde for, quero ser seu par...”

Foi então que alguém na iluminação do show teve a fantástica ideia de dirigir os holofotes na direção da chuva que caía. A cena, curta como um instante, mas eterna em sua intensidade, era deslumbrante: o espetáculo da chuva caindo iluminada, a multidão cantando em harmonia e a interpretação de uma artista tão querida por todos. E os versos tão emocionantes de uma canção popular!

E assim foi até os últimos acordes, quando o público irrompeu efusivamente em aplausos, lágrimas, abraços. Casais de namorados viveram romances inteiros bem ali, ao som da canção e sob a chuva de luz... Inesquecível.

Terminado o show, hora de voltar para casa. Ônibus, a chuva apertada, faz frio, e a cidade segue adiante, como sempre. Entretanto, nós que presenciamos aquela cena não somos mais os mesmos, pois agora temos tais imagens conosco em nosso coração.

Dona Ana Maria

Yvoty Macambira

Pinheiros, Zona Oeste

Início dos anos 1980

Em São Paulo, tudo é grande e excessivo: população, trânsito, pobreza. Queixamo-nos da falta de solidariedade, da desumanidade, da solidão. Acho que é por causa dessa grandiosidade que acabamos encontrando o lado bom de São Paulo somente no passado, na nossa infância, nos tempos que não voltam mais. Tudo o que hoje parece nos oprimir revela o encanto da cidade quando visto no passado: a infância passada nas ruas, a camaradagem das pessoas, a diversidade de nacionalidades e de culturas, o movimento, o trânsito. Com isso nos sentimos perdidos em uma selva de pedra onde cada dia parece mais um obstáculo a ser vencido do que simplesmente um momento a ser vivido.

Vou contar um caso recente de amizade e solidariedade desinteressada. No início dos anos 80, mudei-me para a Rua Capote Valente, no bairro de Pinheiros. Ali, quase na esquina da Avenida Rebouças, ainda se vivia como numa cidade do interior. Todo mundo conhecia todo mundo, havia inúmeros predinhos com poucos andares, muitos sem elevador ou garagem, morada de jovens estudantes, na maioria alunos da Faculdade de Medicina da USP, localizada logo ao lado. Havia também a Atlético, o clube da faculdade, com sua piscina, famosa, revestida de mármore de Carrara, orgulho dos estudantes e garantia de muitas festas e paqueras.

Vizinhos dessa juventude viviam os antigos moradores do bairro, pequenos comerciantes, prestadores de serviços, aposentados. Muitas casas ainda tinham na parte do fundo do terreno inacreditáveis pomares, que sobreviviam apesar da poluição trazida pela Rebouças.

Mais adiante, na esquina das ruas Arthur de Azevedo e Cristiano Viana, havia uma farmácia já antiga, talvez até um pouco decadente, toda revestida de prateleiras, vitrines e portas pintadas de branco, que lembrava muito ilustrações da primeira metade do século 20. Para reforçar o tom nostálgico que o ambiente transmitia, os proprietários eram um casal de espanhóis já idosos. Do nome do marido infelizmente não me lembro mais; a senhora, farmacêutica formada, chamava-se Ana Maria, e é sobre ela que quero contar esta história.

O casal tocava sua farmácia ladeado por três imensos e negríssimos pastores-belgas. Logo que os conheci, perguntei à dona

Ana Maria por que aqueles cães tão enormes e assustadores ficavam o dia todo ali rondando. Ela me contou que a farmácia já tinha sido assaltada diversas vezes, e por isso providenciaram os cães, que foram treinados para protegê-los.

Apesar da aparência tenebrosa, os bichos não se incomodavam com ninguém: ficavam por trás do balcão ou se esparramavam na calçada em frente. Porém, bastava um cliente mais distraído debruçar-se sobre o balcão da loja, ou entrar na pequena saleta onde se aplicavam injeções sem consentimento dos proprietários, para que os pastores se colocassem ostensivamente em alerta, e, embora nunca os tenha visto atacar ninguém, não duvido que fossem capazes de fazer um grande estrago caso necessário.

Os cães, que por sinal eram belíssimos, cumpriam plenamente seu papel – depois de sua chegada nunca mais houve um assalto. Assim, a farmácia ia sendo tocada. O casal morava em um apartamento em cima da loja. Tinham um filho que havia estudado Medicina na USP e depois se mudou para o interior de São Paulo, mas, durante os anos em que frequentei a farmácia, jamais conheci esse filho. Falava-se também que dona Ana Maria e o marido haviam combatido na Guerra Civil Espanhola e depois emigrado para o Brasil.

Todos os dias, logo cedo, ela já estava por trás do balcão ou se dirigindo à casa de um cliente para aplicar injeções, com seu uniforme branco e seus cabelos também brancos, que conservava sem nenhuma tintura, impecavelmente penteados e enrolados em um pequeno coque bem no alto da cabeça. Atendia a todos com muita sobriedade, falando com aquele delicioso sotaque sibilado dos espanhóis que faz arrastar as sílabas.

Acontece que eu sofria de intensas crises de enxaqueca, dores paralisantes que em geral me custavam um dia inteiro na cama, passando muito mal. As crises de enjoo e vômito só eram contidas, ao fim de muitas horas, com dolorosíssimas injeções de um remédio chamado Dramin.

Nas primeiras vezes fui à farmácia para tomar a injeção que aliviava a dor. Aprendi que essa medicação provocava um enorme mal-estar, acompanhado de sono intenso. Muitas vezes eu precisava ficar algum tempo sentada, lá mesmo, antes de poder voltar para casa e para minha cama. Numa dessas crises, dona Ana Maria, penalizada, me disse para não mais ir até lá quando tivesse crises; eu deveria telefonar, e ela iria até minha casa a fim de aplicar a injeção, assim aliviando parte do meu sofrimento.

Por quase dez anos, toda vez que eu ligava para a farmácia, ao me ouvir chamá-la pelo nome, dona Ana Maria respondia: “Já

estou indo. Não se preocupe”. Chegamos a um grau de cumplicidade em que ela reconhecia minha voz imediatamente, mesmo antes de eu me identificar; eu precisava simplesmente dizer o nome dela para que em poucos minutos minha amiga e benfeitora chegasse com o remédio salvador. E que mãos tinha essa senhora! Aplicada por ela, a tal injeção era quase indolor: eram mãos de fada mesmo.

Para completar, eu tinha um pequeno cão SRD (sem raça definida) chamado Moleque, que implicava com a senhora, provavelmente por sentir nela o cheiro dos guardiões da farmácia. Com isso, para me socorrer, a boa mulher ainda precisava ter um prévio entendimento com meu cão, que só a deixava chegar perto da minha cama depois de muita discussão.

Quando, anos depois, mudei-me para o bairro das Perdizes, dona Ana Maria ainda por algum tempo continuou vindo me aplicar a medicação. Quando meu marido não podia buscá-la, tomava um táxi, que ficava esperando na porta para levá-la de volta enquanto a injeção salvadora era aplicada.

O tempo foi passando, surgiram novas drogas para combater as crises de dor, tornado dispensável o uso das injeções de Dramin. E assim fui perdendo contato com tão querida personagem. Um dia, soube que o marido havia falecido e lhe fiz uma visita. Falando sobre como iria tocar a vida depois de uma perda tão dolorosa, dona Ana Maria contou que o filho queria que ela se mudasse para perto dele, mas que preferia continuar a vida independente, ali no seu cantinho na Arthur de Azevedo; confiava em que os cães continuariam a protegê-la. E foi assim que sua vida prosseguiu.

Mesmo não morando mais no bairro, a esquina onde ficava a farmácia era local obrigatório de passagem para mim várias vezes na semana; sempre que parava no sinal, tratava de acenar do carro para ela. Com o passar dos anos, a figura que via do carro parecia cada vez mais distante, triste, quase desaparecida por trás dos balcões, sempre usando o uniforme branco e os cabelos impecáveis. Eu via uma figura solitária, muitas vezes difícil de encarar, porque essa imagem me entristecia.

Nosso último encontro foi há quatro ou cinco anos, quando meu filho enfiou uma minúscula lasca de madeira por baixo da unha. O dedo estava começando a infeccionar, e ele não queria nem ouvir falar em mexer na ferida. Então tive a ideia de levá-lo até a farmácia de dona Ana Maria.

Como eu já previa, em poucos segundos ela dobrou o moleque apavorado, desviando a atenção dele para os cachorros e contando histórias com aquele sotaque musical e agradável: sem que ele percebesse, lá se foi para fora a intrusa lasca de madeira.

Saí da farmácia com meu filho portando um curativo no dedo e triste por perceber que o local já não tinha quase movimento, que não havia quase remédios nas prateleiras e que muito provavelmente ela abria a farmácia mais por hábito, para se ocupar, do que para qualquer outra coisa. A solidão que a velhice parece trazer é muito triste, pensei. Confesso, envergonhada, que logo abstraí dessas reflexões e continuei na minha correria diária.

Um dia desses, passei pela esquina e a farmácia estava fechada. Depois de algumas semanas, constatei que o prédio estava sendo reformado. Ao final de algum tempo, onde um dia existiu uma farmácia de verdade passou a funcionar um bar muito feio, com decoração de mau gosto. E, para minha maior tristeza, na parte de cima do prédio, onde moravam a farmacêutica e seu marido, foi instalada a extensão do bar: um restaurante por quilo.

Que final deprimente para uma história tão querida! Confesso que nunca me dei ao trabalho de parar o carro e procurar saber o que aconteceu com a velha senhora, se morreu, ou se finalmente foi viver com o filho e a nora. Não tive coragem...

Ainda hoje, aquela esquina continua fazendo parte do meu trajeto diário, e não consigo passar por ali sem sentir um aperto no coração. Penso se não poderia ter dado mais atenção àquela pessoa, que tanto me confortou em outra fase da minha vida.

Escrever sobre essa personagem, sobre quem sei tão pouco, e que mesmo assim tanto me emocionou, faz com que eu me sinta de alguma forma a homenageando e saudando, em parte, uma dívida afetiva. Quantas outras “donas Anas Marias” de alguma maneira fazem parte das nossas vidas e não nos damos conta das histórias intensas que temos com essas pessoas! Pois, afinal, quem torna a cidade desumana somos nós mesmos.

A pescada boa do Ipiranga

Irson Marchetti

Ipiranga, Zona Sul

1982

Em abril daquele ano, meu pai, no primeiro dia em que estava pintando a casa que acabara de comprar, por uma bênção de Deus, disse: “Filho, a Rua Ribeirão Bonito, onde irás morar, é maravilhosa e tem uma pescada boa”. Não dei a menor importância a que tivéssemos pescada boa na Ribeirão, pensando que meu pai, gozador, estava aprontando das suas.

Agora, passados 22 anos (infelizmente meu pai não lerá esta história), quero dizer que o pescador da “pescada boa do Ipiranga” é o seu Zé, que há mais de 40 anos atende a região, desde o Museu até o Moinho Velho, trazendo na sua Kombi peixes, camarões, lulas etc. Assim, seu Zé nos deixa mal-acostumados, pois sua clientela só come peixe quando ele passa. Tanto que, quando ficou doente, nós não comemos peixe por alguns meses.

Quem o conhece sabe do carinho e da atenção que demonstra nas vendas de seus peixes e o identifica como uma pessoa bela e sensacional. Por isso, conquistou toda a nossa região, e em especial a nossa família.

Minha mulher começou a comer peixe depois do seu Zé. Eu e meus filhos “exigimos” a peixada semanal. De forma particular, meu filho Bruno, um jovem especial de 23 anos, portador de paralisia cerebral grave, quando ouve da rua, de forma forte e afinada, a expressão “Pescada boooa... Pescada boooa.... Pescada boooa....”, avisa à sua mãe, com toda a sua limitação, que o seu Zé chegou.

Rodeada de pássaros e árvores

Claudia Moura Leite Ribeiro

Vila Mariana, Zona Sul

[sem data definida]

Há quem duvide de que, nesta cidade “de pedra”, eu, uma paulistana de 39 anos e que só morou em São Paulo, possa sempre ter vivido rodeada de pássaros e árvores.

Até me casar, morei na mesma casa em que nasci, na Vila Mariana. Uma casa grande e espaçosa construída em 1928, numa rua sem saída, a Professor Frontino Guimarães.

Meu pai, mineiro de São João del-Rei, o engenheiro Larterte Ribeiro, sempre ensinou aos filhos o amor à natureza e plantou no quintal dessa casa, em 1955, quando se casou, várias árvores frutíferas, tais como abacateiro, jambeiro, goiabeira, cana, pitangueira, araçazeiro, entre outras, como a amoreira que nasceu espontaneamente e cuja semente provavelmente foi trazida por algum passarinho.

Depois do falecimento de minha mãe, em 1999, e com os filhos já casados, o espaço ficou grande demais para meu pai – que hoje mora no bairro do Paraíso. Atualmente a casa se encontra alugada, mas nossas queridas árvores continuam lá, protegidas por uma cláusula que incluímos no contrato de locação, o qual estabelece que nenhuma árvore pode ser cortada ou mesmo podada sem a nossa autorização, sob pena de multa pesada.

Hoje moro com meu marido na Avenida Odila, conhecida também como Rua do Pomar. Na década de 80, por iniciativa de alguns moradores, foram plantadas, com o auxílio da prefeitura, mudas de limoeiros, romãzeiras, jabuticabeiras, mangueiras, abacateiros, jambeiros, goiabeiras, amoreiras, entre outras. Há inclusive uma parreira cultivada por um morador na porta de sua casa.

Várias famílias, assim como eu, colocam em seus jardins e suas varandas pedaços de frutas e bebedouros para os inúmeros passarinhos que visitam e moram na minha rua.

Graças a essa excelente iniciativa, sinto como se não tivesse saído do meu quintal e me sinto muito privilegiada por morar cercada de natureza e da alegria dos pássaros nas manhãs de sol.

A Vó e o pinheiro

Claudia Freire

Vila Mariana, Zona Sul

1988

Minha avó morava num casarão na Rua Manuel da Nóbrega, nas imediações da Avenida Paulista. Ao se mudar para lá (meu pai ainda era criança), levou consigo uma muda de árvore, que plantou no quintal. Passaram-se os anos, e a muda se transformou em um pinheiro enorme que ultrapassava a altura da casa. Um marco. Um orgulho. Uma beleza, especialmente para ela, que amava o verde. Uma avó ecologicamente correta.

Ali ao lado, cuidava com muito carinho de uma estufa forrada de espécimes com as quais ela até conversava, assim, como se fossem gente. Didi, cabecinha branca, com a bengalinha, aquela delicadeza e aquele cuidado, se isolava no meio das suas “plantinhas” com todo aquele capricho.

Quando ela faleceu, em 1988 (eu tinha 15 anos), além de nosso natural pesar e saudade, veio o pensamento: “Será que a árvore e a estufa e a casa e tudo que se refere a ela será destruído para dar lugar a um prédio?” Qual não foi nossa feliz surpresa ao sabermos que a residência em que a Vó viveu durante tanto tempo ficou intacta e acabou virando a sede da SOS Mata Atlântica, que prontamente adotou o pinheiro por muitos anos mais!

Mais à frente o pinheiro infelizmente teve de ser removido, pois ficou doente e oferecia risco de acidente. Se eu acreditasse em alma, diria até que a dele foi lá se juntar com a da Vó. Se eu não acreditasse em coincidências, não estaria aqui contando essa história.

Fica, portanto, minha homenagem à Vó Didi, que me ensinou a amar tudo que é vivo e me mostrou que, no meio do caos da cidade, é possível ter um pouco de paz.

Anos 1990

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Felizes Anos-Novos

Maria Asunción Corazzina

Jardim Paulista, Zona Oeste

1999

Naquele dia 31 de dezembro, enquanto milhões de pessoas estavam se preparando para a festa da passagem do século, Germano e eu estávamos perdidos com o resultado de um exame médico que dentro do meu bolso ficava inútil, na impossibilidade de ter um médico para interpretá-lo.

Meio que adivinhando, decidimos ir ao Hospital Brigadeiro. Não havia ninguém para nos atender. Ficamos sabendo que um residente da equipe do meu médico estava de plantão no 5º andar. Assim, lá fomos nós.

O coitado do residente, louco por ter de ficar trabalhando naquele final de ano, estava de muito mau humor e não queria me receber nem olhar o resultado dos exames. Por fim, vendo que não saíramos de lá nunca, decidi me atender:

– Quer saber mesmo?

– Quero.

– Então, tá. Tem um tumor maligno no intestino e tem seis meses de vida.

Não sei como conseguimos descer até o térreo. Só nos vimos na porta do hospital e sem noção de direção. Tomamos um táxi para casa.

Minha filha na Espanha, telefonando para desejar feliz Ano-Novo; meu filho em Curitiba chamando à meia-noite com igual propósito; a gente não falou nada e desejou feliz Ano-Novo também.

O meu medo não era morrer (que não tenho medo); o pavor era ser enterrada viva. E no mesmo instante começou a operação desmanche: venderíamos o apartamento que estava alugado para enfrentar as despesas do tratamento, passaríamos o apartamento em que morávamos para o nome dos dois filhos.

A minha revolta não era morrer; era ficar sem os 18 alunos particulares, acima de tudo amigos, e a renda das aulas, que me dava a sensação de segurança para a velhice; e deixar a minha casinha, que com tanto esforço conseguimos; o nosso futuro – e com 66 anos.

Começou o tratamento, que todo mundo pode imaginar que não é fácil. Eu desmontando, desmontando, desmontando... Até hoje sigo desmontando, preocupada com meus netos, minhas viagens, minhas tortillas, minhas pinturas. E já faz seis anos! Felizes Anos-Novos!

Um amigo soropositivo

Zuleide Oliveira Monteiro de Castro

Tatuapé, Zona Leste

Aproximadamente 1995

Minha filha Livia adora sair à noite. Quando era adolescente, eu a levava às festas e danceterias e depois ia buscá-la. Durante alguns anos fui a “condutora” da sua turminha de garotas. Fazia isso com prazer – também gosto de divertir-me – e não poderia negar esse direito à minha menina.

Com o passar do tempo elas foram adquirindo autonomia. As maiores de 18 anos dirigiam seu próprio carro e, assim, não mais precisavam da minha “carona”.

Sempre foi permitido à Livia sair, claro que com algumas recomendações: preciso saber aonde vai, com quem vai e, caso a amiga ou o amigo motorista se excedesse na “bebidinha”, ela deveria telefonar, que eu iria buscá-las fosse onde fosse e a qualquer hora.

É costume dela aproveitar a noite ao máximo. Sempre muito cansada da minha lida diária e como sou absolutamente otimista e confio na garota, durmo tranquila, até perceber que ela chegou, isso lá pelas 6 da manhã.

Pois bem, certa noite Livia saiu com sua amiga Cassandra com destino a uma cervejaria na Mooca. Acordei um pouco depois das 6 horas e ela não chegara. Comecei a ficar preocupada. Não mais dormi, esperando por sua volta.

As horas foram passando e, claro, minha preocupação aumentando. Lá pelas 7 resolvemos ligar para a tal cervejaria. Fomos informados de que naquela noite o movimento estava fraco e a casa fechara por volta das 2 e meia da madrugada.

Os minutos começaram a passar cada vez mais devagar, e eu a pensar onde iria procurá-la, sempre com a certeza de que nada de mau havia acontecido. Notícia ruim corre depressa. Meu marido já estava em pânico, e eu rezava e mentalizava minha menininha, tentando comunicar-me com ela, para que se lembrasse de dar notícias. O desespero era grande, mas a esperança de que estivesse bem era muito maior.

Por volta das 8 e meia o telefone tocou. Era ela. Ouvi sua voz alegre do outro lado, e meu coração se aquietou. Claro que “não deixei barato”:

– Onde você está? O que aconteceu? Por que não ligou antes? Quer me deixar maluca?!?

– Calma, mãe! Tô aqui no café, na Praça Sílvio Romero. A cervejaria estava uma porcaria. Não ficamos lá, voltamos para o Tatuapé, deixamos o carro da Cassandra na garagem. Não telefonei porque nós saímos a pé mesmo. Fomos comer uma esfiha bem pertinho de casa, depois fomos para a cervejaria na Emília Marengo, depois viemos a pé para cá pra tomar café da manhã... Eu nem tô de carro!

Claro que comecei a esbravejar:

– Que falta de responsabilidade! Não tinha telefone pelo caminho?

Ela continuou falando comigo, muito feliz:

– Ah, mãe, já tô indo! Foi uma noite maravilhosa! “Mó” lição de vida! Conheci um cara fantástico. Ele tem uns 35 anos e tem Aids. Foi “mó” legal! Quando chegar em casa conto tudinho pra você.

Desligou o telefone!

Fiquei parada, pasma! Procurei criar meus filhos com toda a liberdade e confiança, mas...

Meu marido olhava-me curioso. Comecei a rir dizendo:

– Que faço agora? Não sei se devo rir ou chorar! Sabe o que a Livia me disse? Que conheceu um cara fantástico que tem uns 35 anos e tem Aids! Minha menininha só tem 18!

Quando Livia chegou, veio direto ao meu quarto, na ânsia de contar sua experiência. Ouvi toda a história do rapaz.

Quase dez anos se passaram, o amigo soropositivo hoje é amigo da família e está muito bem, graças a Deus.

Há alguns dias me ligou para saber sobre a minha saúde. Conversamos bastante, como sempre. Terminei por contar-lhe o ocorrido no dia em que conhecera minha filha e fiquei emocionada com a resposta:

– A Livia e a Cassandra são dois anjos que salvaram a minha vida. Fizeram mais por mim do que os remédios que hoje utilizo. Eu estava realmente me sentindo um lixo. Perdera minha mulher com a doença e só então descobrira que era soropositivo. De repente aquelas duas meninas belíssimas interessaram-se em conversar comigo. Todos me olhavam, e eu me senti o máximo diante do olhar de inveja dos garotos que nos circundavam. Não havia qualquer outra intenção a não ser a de encontrar quem me ouvisse sem preconceito. A vontade de viver voltou-me e trouxe-me garra para abraçar a luta pela vida!

O Palácio das Princesas

Maria Asunción Corazzina

Bixiga, Região Central

Meados dos anos 1990

Teria sido uma madrugada escaldante de 1992? Liguei a tevê. Não gostava do *Comando da Madrugada*, um programa sensacionalista do jornalista Goulart de Andrade, mas era a única opção naquele horário. A reportagem mostrava uma casa na Rua Major Diogo, número 779, no Bixiga, onde travestis colocavam silicone industrial a fim de se embelezar.

Pelo programa, fiquei sabendo ainda que aquela casa fora uma pensão de travestis e agora tinha virado uma casa de apoio a doentes de Aids, que naquelas alturas era conhecida como “a peste gay”. A proprietária era uma travesti, Brenda Lee, nome de guerra de Cícero Caetano Leonardo.

Eu havia ganhado 1.000 quilos de panetones no programa *Porta da Esperança*, do Silvio Santos, para levar para um abrigo para doentes de hanseníase em Pirapitingui, perto de Itu, e resolvi oferecer alguns deles para a casa de apoio mencionada no programa do Goulart.

Na segunda-feira fui conhecer o local. De cara fiquei impressionada com a fachada, que tinha uma parede de mármore preto e um portão dourado. Era o sonho da Brenda ter um palácio. A garagem havia sido transformada em um salão de beleza pelas próprias travestis que habitavam a casa.

Toquei a campainha. Uma enfermeira travesti de 2 metros de altura apareceu para me receber, a Vanessa, trajando saia em um uniforme branco. Foi amor à primeira vista! Viramos amignonas. Era ela quem resolvia pepinos do Palácio para não sobrecarregar a Brenda.

Brenda não estava na minha primeira visita, mas Vanessa me mostrou a casa, um verdadeiro labirinto de escadas e quartos construídos conforme a necessidade. O quarto principal era o da Brenda, com um banheiro anexo construído Deus sabe como. Essa habitação era escritório e o cantinho onde ela resolvia problemas particulares e fofocas. Mas, quando chegavam doentes que a Secretaria da Saúde encaminhava, Brenda largava sua própria cama para acomodar o paciente e ela mesma ocupava o sofá de tijolos bem na porta de entrada.

Voltando ao primeiro encontro. Marcamos que eu iria no dia seguinte para levar os panetones e conhecer a Brenda. Do meu lado, foi paixão imediata, mas ela estava desconfiada de todos os religiosos que apareciam para “salvar” os doentes, e eu sou espírita. Mesmo assim me autorizou a frequentar a casa e dar um passe energético em quem me pedisse.

Comecei a ir todas as quartas-feiras depois do meu trabalho na Federação Espírita. Meu marido não sabia de nada porque eu aproveitava a hora do almoço, quando ele estava trabalhando, para essas visitas.

Fiz amizade com todo mundo e ajudava no que podia. A partir dessa experiência vi como era verdadeiro o slogan da campanha do governo que dizia: “Aids mata”. Todas as semanas mudavam os atendidos. Eles tinham partido e deixado o lugar para outros garotos travestis que também iriam morrer naquela semana.

Brenda não deixava de procurar dinheiro para as despesas, que nunca tinham fim. Algumas travestis que voltavam da Europa ajudavam um pouco, mas não era o suficiente. A minha ajuda sempre foi de carinho, que nunca faltou entre nós.

Nunca dei meu telefone a ninguém da casa, exceto à Vanessa, a enfermeira. Um dia ela me ligou perguntando:

– Tia, você sabe da Brenda? Saiu ontem de noite e não voltou.

Ficamos três dias procurando. Na madrugada do terceiro dia me ligam:

– Tia, encontraram a Brenda.

O corpo estava dentro de uma Kombi em um lixão na divisa de São Paulo com Mairiporã.

Ao receber a notícia, não me importei em esconder meus sentimentos. Meu marido soube de tudo e respeitou a minha dor.

Um ato heroico

Douglas Fabretti

Vila Maria, Zona Norte

Início dos anos 1990

Numa tarde de sábado, no início dos anos 90, estávamos eu e Eliane, minha esposa, nos dirigindo a um hipermercado da Vila Maria, localizado na Marginal do Tietê (cujo nome oficial nesse trecho é Avenida Morvan Dias de Figueiredo). As crianças, Fábio, nosso filho mais velho, e Laís, a caçula, iam no banco de trás.

Como moramos no Jardim Guanica, bairro de São Paulo quase limítrofe a Guarulhos, nos fins de semana e fora do horário de pico, costumo acessar as marginais no ponto próximo ao término da Via Dutra, por ser mais rápido.

Pois bem, estávamos na Rua Carmópolis de Minas, via de tráfego ligeiro paralela à rodovia, quando Eliane, distraída a meu lado, se assusta com a brusca desaceleração que sou forçado a submeter o veículo. Nossos filhos (ainda pequenos) tombam sem saber o que está acontecendo.

O que ocorrera é que um bebê de fraldas passara sozinho, correndo cambaleante, à nossa frente, atravessando a rua e prestes a ganhar a pista da rodovia através de um rombo, sem dúvida promovido por moradores, no muro de proteção que separa rua e rodovia.

Não havia tempo a perder; um segundo que titubeássemos seria fatal.

Rapidamente paro o carro do jeito que dá, junto ao meio-fio. Não poderíamos sair ambos para tentar o resgate do garoto, que estava prestes a viver seus últimos segundos antes de ser esmagado por pesadas rodas sobre seu frágil corpo. E, mesmo que eu travasse as portas, Fábio saberia como abri-las, e com certeza ele e a irmã nos seguiriam, além do fato de nosso carro parado ali também oferecer riscos a outros motoristas.

Como eu e Eliane nos conhecemos muito bem, bastou um olhar meu para que ela percebesse que a vida do bebê estava em suas mãos e a ação tinha de ser rápida, muito rápida!

Bravamente, em uma fração de segundo, arriscando a própria vida, rumou para a estrada, fazendo sinal para caminhões, carros e ônibus que vinham em grande velocidade desviarem. Já no meio da pista, alcançou o bebê e o trouxe nos braços, ouvindo dos caminhoneiros que por ali passavam sem se preocupar em reduzir a velocidade gritos com frases como:

– Sua louca!

– Tá querendo morrer, dona?

Dali a alguns instantes apareceu a mãe do menino, uma senhora com aparência sofrida, que, ralhando com o menino, que nada entendia, comentou que ele fugira sem que ela se desse conta. Sem ao menos agradecer, tomou a criança e sumiu rua adentro. A noite começava a cair.

Fomos embora contentes e com a alma leve por Deus nos colocar ali no exato momento em que pudéssemos servir como Seu instrumento.

Até hoje, quando passo pelo local e noto o remendo no muro consertado, lembro-me do menino, que deve estar um rapagão. A cena vem à tona e passa como em câmera lenta de Eliane, numa atitude heroica, enfrentando sozinha os monstros de aço.

Uma arma desconhecida

Maria Darci de Faria

Sé, Zona Central

Aproximadamente 1994

O relógio da igreja de São Gonçalo, na Praça João Mendes, marcava 21 horas e 16 minutos. Desci do ônibus que havia tomado na Rua da Consolação, onde fazia um curso, e, antes de pegar outro que me deixaria na porta de casa, no bairro da Mooca, resolvi atravessar a praça e comprar pãezinhos na Padaria Santa Thereza, a mais antiga da capital.

Quando atravessava a rua que separa a praça da padaria, vieram ao meu encontro dois garotos. Um deles tinha aproximadamente minha altura (meço 1,72 m, sem sapatos), e o outro, bem pequenininho, 1 metro e meio, talvez.

O menorzinho dirigiu-se a mim e pediu: “Tia, dá 1 real?” Eu respondi: “Meu pãozinho de queijo, se eu tivesse 1 real, adotaria vocês dois”, e, carinhosamente, apertei as bochechas dele.

Nisso, não sei se para me amedrontar ou me chocar, ele, o pequenininho, esticou os bracinhos encardidos e colocou-os nos meus ombros. Não tive dúvidas: abracei-me a ele e, naquele ato íntimo, sob os olhares atônitos das prostitutas que lá fazem ponto, atravessamos a rua, como se fôssemos mãe e filho ou amigos de longa data. O mais alto seguiu do nosso lado. Antes de entrar na padaria, perguntei-lhes se queriam pão. Ambos responderam que não.

Peguei os pãezinhos e voltei para o ponto do ônibus, que logo passou, e 15 minutos depois estava em casa.

Nas costas de meu casaco de linho clarinho ainda tinha as marcas das mãozinhas sujas.

Hoje, quando me lembro dessa história, passada há uns dez anos, penso que a arma usada por mim contra aquelas crianças miseráveis foi talvez a única que eles não conheciam.

Polícia, 190!

Lidia Walder

Paraíso, Distrito de Vila Mariana, Zona Sul

1999

Fim da década de 90. De repente, vozes alteradas e gritos de mulheres quebram o silêncio da Rua Tutoia. São 4 da madrugada.

Com a proximidade de uma danceteria, as sessões “Corujão” envolvendo gritos, tapas e beijos são corriqueiras. Desta vez, é diferente: os gritos são de pavor. Vou até a janela.

Um grupo persegue um rapaz que em vão tenta escapar. Mais gritos, e logo dois do grupo seguram a vítima, enquanto os demais a espancam impiedosamente.

Sem defesa, ele é derrubado e, ao som dos gritos frenéticos das mulheres, recomeça a sessão de selvageria, agora com pontapés por todo o corpo.

Do andar alto onde me encontro, vejo a cena, mas não distingo as feições.

Corro ao telefone. Disco 190.

Do outro lado, uma voz de mulher, rouca e monótona, atende:

– Copom. Boa noite.

Sem responder ao cumprimento, tento expor com aflição e brevidade a ocorrência, o local, e solicito providências com a urgência que a situação exige.

– Calma, calma. Fale mais devagar – estou cadastrando! – repreende a mulher do Copom. – Seu nome, endereço, telefone. Onde fica essa rua? Ponto de referência mais próximo...

Enquanto respondo ao interrogatório, os gritos continuam.

Volto à janela. Silêncio. Uma roda se forma em volta do rapaz, que jaz imóvel no chão. Murmúrios velados, e alguém teimando em chamar:

– Wagner! Wagner! Wagner!

– Nada. Silêncio.

O grupo dispersa-se e as pessoas se dirigem para diferentes veículos estacionados no meio-fio. Não entram nos carros. Vão e vêm desordenadamente de uma calçada à outra.

De repente, dirigem-se ao corpo estendido no chão; dois deles o erguem pelos braços e pernas e o colocam em um dos carros, que arranca com velocidade, cantando pneus.

As janelas dos edifícios se fecham. As luzes se apagam, e os espectadores retomam seus sonhos, de onde foram interrompidos.

Vozes novamente na rua. Volto à janela. Numa viatura, parada no meio da rua, o policial ao volante conversa com o jornalista que acaba de chegar e nada tem a informar.

Galos na madrugada

Lilu Aguiar

Aclimação, Distrito da Liberdade, Zona Central
1998

É isso aí! Em plena São Paulo, na madrugada se pode ouvir galos cantarem. Onde? No meu bairro. Aclimação, perto do parque.

Moro em frente a um matagal e um conjunto de casinhas que mais parecem uma chacinha.

E logo cedo – digo, *beeem* cedinho –, no começo da manhã, os galos cantam. Galos porque são vários mesmo dando aquele bom dia a todos. É muito simpático ouvi-los. A gente se sente “no mato”, e a cabeça viaja lá pra longe, onde não tem fumaça, poluição, estresse, correria.

Só sossego, natureza, paz.

Nessa hora o ônibus elétrico já começa a circular com seu “mi bemol” bem longo, sem pressa e tranquilo.

As pessoas ainda estão acordando. E que bom dia terão com esse prelúdio matinal, hein?

Neste matagal já pude observar uma vaquinha, um boi e um bezerrinho pastando. Pode? Em plena metrópole?!? Pena que não tirei uma foto!

Há uns dez anos, observando na janela, pude ver um ônibus parado fora do ponto. Por que será? Quebrou? Não. Estava esperando a “dona pata e seus patinhos” atravessarem a rua!

É ou não é de se espantar, e se alegrar, pelo pitoresco fato, aqui em São Paulo, no coração da cidade?

Natal na casa da sogra

Maria Helena de Oliveira

Chora Menino, Distrito de Santana, Zona Norte

1991

Minha ex-sogra dona Conchetta – já falecida – era italiana, teve nove filhos, que a chamavam de *mamma*, 14 netos e vários bis-netos, que a chamavam de *nonna*, e morava no bairro do Chora Menino, na Zona Norte. Na parte de baixo de sua casa havia mais uma residência, um quintal enorme onde uma parte era cimentada e a outra tinha pé de abacate, manjericão, salsinha, flores etc.

Aos domingos o almoço era macarronada ao molho de tomate e braciola de músculo. Aos sábados, no jantar, pizza frita com mussarela e manjericão. Sempre vinham alguns filhos e netos, todos falavam muito alto, e quem escutava da rua achava que estávamos sempre brigando.

O Natal era uma ocasião muito especial na qual a família toda e mais os amigos se reuniam. Todos traziam um prato salgado ou doce e as bebidas, fazíamos uma mesa enorme no quintal, as músicas eram aquelas italianas lindas, e nos divertíamos muito.

Em 1991, quando meu filho Leonardo tinha 5 anos, eu morava na casa de baixo. Ele pediu ao Papai Noel uma bicicleta. Nós a compramos e deixamos desmontada na caixa atrás do armário. No dia de Natal, montamos e deixamos escondida na casa da *nonna*. Mais tarde descemos e colocamos na nossa sala. Meu ex-marido sempre se vestia de Papai Noel, entregava os presentes, e era uma bagunça total: ele ficava no alto da escada que vinha da casa de cima e dava para o quintal. Meu filho já estava desesperado, pois a tal bicicleta não caberia no saco do Bom Velhinho. Quando terminou a entrega dos presentes, o Papai Noel disse que talvez o presente estivesse dentro da nossa casa. Quando ele saiu com a bicicleta nas mãos, vi um brilho tão intenso nos olhos de meu filho, sua felicidade, que chorei de emoção. Meu filho não entendia como a bicicleta foi parar dentro de casa, já que havia grades nas janelas e o Papai Noel tinha descido pela escada sem ela. Tal interrogação permaneceu por muitos anos. Esse Natal foi um dos mais felizes que passei, com toda aquela inocência, aquela alegria, que nunca deu para esquecer.

Hoje meu filho está com 20 anos, não temos mais aqueles Natais no quintal da casa da *nonna*, aquele Papai Noel também não vem mais, só telefona... Nosso Natal mudou de endereço e ultimamente tem sido em Santos, na casa de minha sobrinha. Também é muito divertido, pois ela tem o Gustavo, de 6 anos, que espera o Papai Noel com a mesma expectativa e alegria e tem o mesmo brilho no olhar ao ganhar os presentes tão esperados.

Jammal, um brasileiro

Jose Luiz Batista da Fonseca

Zonal Leste

1996 ou 1997

Jammal Ahmed Mulayed, apesar do nome de origem árabe, era brasileiro como muitos de nós com nomes estrangeiros somos. Porém, deixem-me explicar. Jammal era filho de libaneses emigrados para o Brasil nos anos 60. Ele nasceu em São Paulo em 1962 e aqui passou sua tenra infância e juventude.

Em meados dos anos 90, Jammal, diante da falta de melhores perspectivas, resolveu fazer o caminho inverso de seus pais. Retornou ao Líbano.

As coisas por aqui não andavam bem. Ele possuía um pequeno comércio na periferia da cidade, mas não via jeito de desenvolver seu negócio. O movimento do estabelecimento não crescia. O faturamento mal dava para pagar fornecedores e os poucos empregados. Era muito trabalho para um retorno minguido no final do mês.

Por outro lado, as notícias de que o Líbano estava em franco progresso, com o fim da guerra civil, tornaram-se um atrativo na cabeça de Jammal. Ele, que sempre se identificara com a cultura dos pais, que sempre ouvia as histórias da terra deles, se sentia um verdadeiro libanês.

E, realmente, seus primos e amigos que vinham visitá-los de tempos em tempos confirmavam todas essas notícias. O Líbano estava se reconstruindo e em questão de poucos anos as lembranças de terra devastada seriam esquecidas. O Líbano voltaria a ser o oásis de progresso, e Beirute, a bela cidade, que sempre foi, do Oriente Médio. Talvez a cidade mais francesa de terras além-França.

Assim, movido por coragem e sonhos, Jammal, com sua mulher e seus três filhos, resolveu fazer as malas rumo ao Líbano. E lá foi bem acolhido a ponto de se sentir em casa, no seio de seus parentes e muitos amigos, que, como ele, haviam retornado à terra de seus ancestrais.

Tudo corria bem. Ele havia montado um comércio, garantindo o sustento da família e lhe proporcionando um conforto maior do que usufruía no Brasil.

Com poucos anos de trabalho já comprara um apartamento. Tanto ele como sua mulher possuíam automóvel. As crianças, na verdade, adolescentes, estudavam nas melhores escolas da

cidade. As coisas iam de vento em popa, num ritmo de conquistas que jamais conseguiria por aqui.

Até que o Líbano veio novamente a sofrer com a guerra. E dessa vez, talvez, uma guerra que não fosse sua, mas que viria a destroçar seu território. Que atormentaria a vida de milhares, milhões de inocentes civis, dentre os quais Jammal e sua família.

E talvez ele se considerasse um sujeito de sorte. O fato de ter duas nacionalidades, num momento difícil como aquele, lhe dava a possibilidade de uma opção, de uma saída, de uma rota de fuga, literalmente. Situação muito diferente da enfrentada pela maioria da população, que sofria com bombardeios diários, em constante pânico com a perspectiva de estar vivendo seus últimos segundos de vida.

E assim foi. Jammal novamente reúne sua família e às pressas foge em seu carro para um local seguro, longe do alcance dos mísseis, onde se reuniam refugiados. E nesse local soube que partiria um comboio em direção a um aeroporto de onde voariam de volta para o Brasil.

Atravessaram o território libanês de ônibus. Passaram por muitas cidades completamente abandonadas devido ao temor das bombas. Longas horas de apreensão até chegarem ao aeroporto na Turquia, de onde partiriam em um avião mandado pelo governo brasileiro.

Os pais aqui no Brasil já os aguardavam com grande expectativa. Eles, que acompanhavam no rádio e na TV todos os movimentos da guerra, sofriam com cada informação de novos ataques. E oravam para que Alah protegesse seu filho e seus familiares. Sentiram-se aliviados quando souberam que estariam a caminho e chegariam num voo que pousaria no dia seguinte.

E assim partiram para o aeroporto a fim de aguardá-los, tamanha era a ansiedade de vê-los. Até que o portão se abriu, junto com sorrisos e choros de alegria e tristeza, uma sensação de não sei o quê. Estava ali o filho querido, com sua mulher e seus netos, não mais aquelas crianças que um dia, lá no passado, partiram carregadas no colo.

E com muita festa acabaram sendo recebidos na rua em que moravam. Teriam de retomar seus destinos, truncados no passado. Jammal voltaria a trabalhar em seu comércio, que durante sua ausência foi conduzido por seu irmão mais novo.

Porém, algo havia acontecido por ali. O bairro havia crescido. Novas ruas, uma avenida larga nas proximidades, novas linhas de ônibus. Mais gente morava na região. Havia um ar de certo

desenvolvimento. Até o comércio deles havia crescido, parece que acompanhando todo esse progresso.

Jammal retomaria seu lugar, agora ao lado do irmão. Era a opção que se apresentava, e ele a encarava, novamente, com coragem e resignação. As lembranças dos últimos dias no Líbano lhe mostravam que o destino nos prega essas peças.

Ontem, faria 40 dias que Jammal retornara com sua família. E exatamente ontem sua vida foi ceifada em um assalto em seu comércio. Jammal, sobrevivente da guerra no Líbano, não sobreviveu aos golpes de uma faca nas mãos de um delinquente que entrou em seu comércio para roubar míseros cento e poucos reais do caixa.

A família de Jammal chora a morte de um grande filho e de um carinhoso pai.

Esta é mais uma triste história nas páginas policiais. Mais uma história da guerra da violência que nos assola. Da guerra que a gente enfrenta no dia a dia, no temor da ação de um transgressor, no temor de vermos nossos entes queridos vítimas de uma mente doentia.

Essa é a peça que o destino nos prega, infelizmente!

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Danilo Martire

Vila Guarani, Jabaquara, Zona Sul

1991

Um belo dia, lá estava ela. A placa que mudaria, para mim, a história da Vila Guarani, um bairro do Jabaquara, na Zona Sul de São Paulo. Ninguém sabe dizer o porquê e também acho que ninguém teve interesse suficiente para ir atrás desse porquê. Simplesmente foi aceito: a Rua Marcelo Vieira Barbosa passou a chamar-se Borboletas Psicodélicas.

Não lembro bem quando, pois eu era muito novo (faz pelo menos uns 15 anos). O fato é que na época continuávamos (eu e meus amigos) a brincar de descer e subir de bicicleta a minha rua, pois ela forma um grande “U”, sem nos importarmos muito.

Com o tempo, fui me acostumando com o nome da rua e com os rostos surpresos toda vez que tinha de pronunciá-lo. Muita gente achava que eu estava brincando, portanto passei a andar com uma foto da placa na carteira, para ninguém ter mais dúvida.

Engraçado que a gente passa a se identificar tanto com algo assim que começa a se sentir diferente em relação às outras pessoas. Afinal, com um nome desses...

No meu trabalho (estou lá há 12 anos), tem gente que não se lembra do meu nome, mas se lembra do nome da rua. Outro dia, no corredor, um colega que não encontrava havia muito tempo me cumprimentou dizendo: “O cara que mora na Rua Borboletas Psicodélicas!!!” Depois teve de olhar no meu crachá para relembrar meu nome...

Hoje faz três anos que não moro mais lá. Meus pais continuam no mesmo endereço. Alguns amigos continuam também, outros não. Fica mais fácil dizer que o endereço pertence agora a meus pais e me livrar das brincadeiras e piadinhas, mas a identificação com a rua e as lembranças ainda permanece.

Meu amigo Marajá

Douglas Fabretti

Jardim Guanca, Distrito de Vila Medeiros, Zona Norte
1993

Há alguns anos surgiu em nossas vidas, minha e de minha esposa, um cão. Na verdade, um “temível doberman” já quase adulto (talvez adolescente), com um nome interessante, pouco usual: Marajá. O nome fazia referência ao então presidente Collor ser conhecido como o “caçador de marajás”.

No início, maltratado e subnutrido, mal parava de pé. Eram frequentes suas quedas por não conseguir manter o equilíbrio. O coitadinho vinha de uma família vizinha à minha sogra. Não lhe davam atenção e mantinham-no amarrado a correntes!

Ao se mudarem, os antigos donos o abandonaram preso. Minha esposa, penalizada, o recolheu.

A intenção original não era a de ficar com ele, pois já tínhamos dois cães, mas sim conseguir um novo lar para aquele cachorro grande e desajeitado. O tempo passou e, como ninguém quis a “fera”, o Marajá acabou ficando; para desespero de Bianca, nossa pastor-alemão, que simplesmente não o suportava. Para Preta, nossa pequena vira-lata, a presença de Marajá era tolerável, já que o enorme quintal dispunha de espaço suficiente para os três.

Forte, valente e imponente, ele metia medo em todos que não o conhecessem; porém, seu temperamento era dócil e brincalhão. Gostava de fazer longas caminhadas. Imponente ao meu lado, com a guia no pescoço e de cabeça erguida, não se cansava nunca.

Um dos poucos defeitos do Marajá é que, ao menor descuido, ao abrir um dos portões, lá estava ele a correr pelas ruas do bairro. Seu resgate era sempre demorado, pois ele tinha energia de sobra e, brincando, sempre corria para mais longe.

Certa vez, numa dessas raras escapadas, não conseguimos acompanhá-lo e o perdemos de vista.

Por muitos dias procuramos por todo o bairro. Faixas de “procura-se” foram espalhadas em locais estratégicos, e nada do Marajá.

Após semanas tivemos a primeira pista “quente”: ele fora levado para o vizinho município de Guarulhos e estaria numa chácara próxima à Rodovia Fernão Dias. Lá fomos eu e Eliane, minha esposa, para o local indicado.

Ao chegar à chácara, o caseiro nos informou que estivera ali um doberman, mas o animal, extremamente habilidoso, não chegou a ficar uma noite inteira, pois, com maestria, se livrara da coleira e das correntes (habilidade que desenvolvera de tão traumatizado quando filhote).

Novas faixas foram afixadas no município vizinho. Mais alguns dias se passaram, e já não tínhamos esperanças de rever nosso cão, até que, numa fria manhã de domingo, o telefone toca, interrompendo nosso sono. Do outro lado da linha, alguém nos informa que surgira por ali um cão com as características do anúncio, mas estava muito mal.

Rapidamente pulamos da cama, pegamos as crianças e nos dirigimos ao local informado. Lá encontramos o fujão, com muitas feridas, desfalecido, estirado ao chão.

Nos dias que se seguiram, após muitas visitas ao veterinário e muito soro, Marajá se recuperou. Havíamos salvado sua vida pela segunda vez.

Essa aventura ficou tão marcada para as crianças que Fábio, meu filho mais velho, na época com cerca de 3 anos, por muito tempo teve o maior cuidado com as portas da casa e, quando um dos carros era retirado da garagem, inocentemente bradava a todos:

- Cuidado com o portão, senão o Marajá pode morrer de novo!

Anos 2000

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

25 de Março ontem e hoje

Marcia Lawant Atik

Sé, Zona Central

2005

Filha e neta de imigrantes árabes com muito amor pelo sangue fluido dos meus ancestrais, sempre fui bastante ligada às minhas raízes.

E uma das lembranças mais queridas era quando, nas férias de inverno, moradora de Santos que era e sou, eu ia passá-las com meus avós em São Paulo.

Eles quase não falavam português, e eu quase nada de falar árabe, mas a comunicação fluía, milagres do amor, sem explicação. E nessas férias, além dos banhos escaldantes que minha avó dava com um grosso esfregão, para que eu me tornasse branca como a neve, ideal de beleza dela, havia também os passeios até a Rua 25 de Março, onde meu avô trabalhava.

Além dos cheiros e sons que calavam profundo, tinha a esfiha da dona Vitória na hora da fome, servida pela própria, e depois, quando voltava para o escritório, meu avô entrava atrás de uma cortininha que disfarçava uma cozinha improvisada e, com um pequeno fogareiro, fazia seu café turco numa panelinha especial de cabo longo, sem coar. Não sei se por causa da cortininha que evocava um pouco de mistério, mas aquele simples ato de preparar um café se revestia de uma ritualidade incrível aos meus olhos. Pois bem: as minhas lembranças vão por aí. Muito sensoriais e profundamente emocionais.

Neste ano, quase quatro décadas depois daquela época, minha netinha, também Vitória (será que por causa das esfihas?), me pediu de aniversário uma visita à 25 de Março. Fiquei eufórica, pois revisitaria um pedaço da minha vida com minha neta – apesar de saber íntima e claramente que o motivo que a movia a fazer essa excursão eram muito mais as Hello Kitty e bugigangas que compraria por baixo preço. Mas me deixei enganar. E fui levá-la.

Como já disse Einstein, na hora da crise só a imaginação salva. Então, lá fui eu imaginando uma volta aos tempos. E consegui ouvir sons árabes quando era interpelada pelos vendedores chineses falando um dialeto incompreensível para mim; pude saborear uma esfiha folhada dos deuses, com quibe quentinho recém-assado – pois o frito só é feito pelo chinês da pastelaria. (Na

verdade, o cheiro que invadia a rua era da quentinha dos bravos chineses que ocuparam esse espaço antes ocupado por outro povo que também falava uma língua estranha e que conseguiu vencer.)

Pois é, não sei se fiquei muito triste pelas mudanças radicais, pois a 25 de Março da minha infância está intacta nas minhas melhores lembranças. São novos tempos. Então, vamos lá, vamos enfrentá-los com coragem, alegria e muita memória.

A feira do rolo

José Waldomiro

República, Zona Central
2004

Moro na Avenida Senador Queirós, na quadra que tem à frente à Praça Alfredo Issa, ao lado da Avenida Cásper Líbero e da garagem do Deic. Ali já foi um belíssimo lugar, apesar do trânsito intenso da Senador Queirós.

De uns tempos para cá, um pessoal miserável se instalou ali. Alcoólatras, indigentes, moradores de rua se misturam na tal “feira do rolo”. Vende-se de tudo, tudo mesmo: relógios de origem desconhecida, sapatos usados, roupas velhas, discos antigos, doses de cachaca e um sem-número de bugigangas, ocupando toda a calçada.

Esse pessoal já esteve instalado em frente à Igreja de Santa Ifigênia, mas o padre de lá, com seu poder de convicção, próprio das pessoas dedicadas ao serviço de Deus, e um abaixo-assinado, conseguiu a instalação de um posto policial. Então essas pessoas se deslocaram para a frente do nosso prédio, do Banco Itaú e da Caixa Econômica Federal.

São pobres, quase às raias da indigência, desempregados que precisam sobreviver, contudo o direito dos moradores de ir e vir sem ser molestados e a liberdade de trânsito ficam tolhidos.

Diariamente a polícia é chamada ao local. Ela aparece, e o pessoal desaparece por alguns minutos, retornando logo em seguida e instalando novamente a desordem.

Tenho ouvido falar em revitalização do Centro. Fico pensando que, se os cargos públicos fossem ocupados por administradores, em vez de políticos, se as faculdades fossem chamadas a colaborar, a região central da nossa querida São Paulo se revestiria de dignidade e atrairia turistas sequiosos de desfrutar a paz, a tradição, a beleza e a história que a pujança e a força de nossos antepassados tão bem souberam construir.

Comidinhas indigestas

Anna Boni

Centro, Zona Central

2004

No Centrão, a “capital da gastronomia” se revela nas mais diversas etnias e possibilidades econômicas. Escolha a sua! Lá ninguém almoça em casa: não dá tempo. Muitos levam marmitas para o trabalho, e mesmo assim um mar de gente come nos restaurantes, bares, botecos, carrinhos, trailers, onde o dinheiro der!

Naquele pedacinho por onde eu circulo, existe uma grande oferta de comidas e bebidas para todos os gostos e bolsos.

Começemos pela 25 de Março, onde uma multidão circula constantemente, atraindo todo tipo de iniciativa comercial. Lá, nas galerias, você pode degustar um delicioso yakissoba ou uma comidinha chinesa por quilo bem saborosa. Na Abdo Chain, temos o Empório Sírio, um templo da comida árabe, de deixar Ali Babá babando... Ingredientes, especiarias perfumadas, narguilés e muito charme decadente nos balcões e prateleiras antigos, de madeira escura. Esfihas deliciosas, quibe frito, doces... Uma perdição.

Temos na mesma 25 de Março a Esfiha do Jacó, lugar só conhecido por quem realmente entende da região.

Bom, muito bom mesmo, e sui generis, é o Restaurante do Trabalhador: uma Kombi velha, enferrujada, ostentando na lateral um faixa com esses dizeres, que percorre o pedaço com sua carga guardada em caixas de isopor gigantes e abarrotadas de quentinhas, apregoando seu almoço por 2,50 reais! Acompanha um suco. Num instante uma multidão se acotovela, disputando o almoço do trabalhador.

Indo pelo Vale do Anhangabaú, temos outras opções: churasco grego, com dois sucos, por R\$ 0,70; x-burger com um suco, R\$ 1,00, e o incrível x-miséria, sem suco, por R\$ 0,40, que é o pão, esfregado na chapa quente besuntada da gordura de sanduíches mais bem-dotados... Hot-dog com tudo dentro, duas salsichas, purê de batata, milho, maionese, ketchup e mostarda, com um suco, R\$ 0,70.

Na Rua Sete de Abril, que com certeza conheceu dias melhores, uma Brasília de porta-malas aberto e bancos abaixados ostenta diversos tabuleiros com enormes bolos retangulares, de

vários sabores, a R\$ 1,50 o pedaço. E é um pedaço! Na mesma calçada, uma velha picape Willis é transformada em casa de sucos naturais, com uma centrifuga, um espremedor de laranjas e dois liquidificadores, tudo funcionando a todo o vapor! Um real o copão! Continuando pela mesma calçada, uma lanchonete instalada em uma Kombi faz sanduíches na hora e empestia o ar com a gordura que espirra da chapa quente! E temos também o vendedor de queijos: dois Minas e uma goiabada por R\$ 5,00.

Mais tranquila, quase zen, uma bonita mulata faz suas tapiocas em um fogareiro, em cima de uma mesa muito limpa e coberta com uma toalha branca. Ela ocupa uma pontinha da calçada da Xavier de Toledo, disputando a preferência dos fregueses com um trailer cheio de sacos de salgadinhos, que vende sanduíches quentes, pão de queijo e sucos naturais.

E, para quem quiser uma verdadeira praça de alimentação, há a famosa Galeria da Fumaça, que sai da Barão de Itapetininga e desemboca na 24 de Maio, quase em frente à Galeria do Rock! Seu nome se deve à total falta de janelas ou ventilação, sendo a circulação do ar feita pelas duas portas, nas extremidades. Isso, somado a um grande número de restaurantes, a maioria improvisada no espaço que deveria ser de lojas, e todos cheios, cria um clima quase irreal. Realismo fantástico!

Mortadela à vinagrete, sanduíche de jabá, mocotó às segundas-feiras; virado à paulista e feijoada às quartas; macarronada na quinta. Ou uma marmitta com muito arroz com feijão, chuchu e um pouco ou nada de mistura, comida na escada do Teatro Municipal... Tudo isso faz de São Paulo a capital da gastronomia!

Uma cena lastimável, ou: Como meu personagem vigia a praça da Biblioteca Municipal

Anna Boni

República, Zona Central

2003

O nome verdadeiro eu não sei – e provavelmente nunca saberei. É um morador da Praça Dom José Gaspar e tem um cachorro de estimação que dorme no cobertor, enquanto ele o faz no chão.

É um tipo de “segurança” da praça, cuidando de carros que estacionam todos os dias e expulsando sem dó nem piedade os “noias” que aparecem no pedaço. Será que é para preservar o cachorro?

Tem uma cicatriz de queimadura do lado esquerdo do rosto, e o olho esquerdo é torto e provavelmente cego. Jovem, magro, musculoso, desdentado, sempre de boné, usa roupas no estilo grunge, muito surradas e sujas. Às vezes amarra a camiseta na cabeça como um turbante e fica com uma aparência ameaçadora de guerrilheiro da Al-Fatah.

Por que eu dediquei tanta atenção a ele, sinceramente não sei. Talvez pelo seu jeito agressivo, falando alto e enxotando e ameaçando os motoboys, talvez por ser uma pessoa que está sempre no meu trajeto diário, de e para o trabalho. Só sei que, com o passar do tempo, fui criando um personagem e acabei até batizando-o! Para mim, era o Yago.

Nas rodinhas que se formam entre os flanelinhas e os motoboys, um dia ouvi sua fala, em alto e bom som: “Pra eu *apagá* um *num* *pricisa* nada. É pá-pum!”

Ontem, presenciei uma cena inesquecível, no limite entre o absurdo e o grotesco.

Saindo da Galeria Ypê, que desemboca na Rua Bráulio Gomes, vínhamos, eu e Victoria, conversando tranquilas e combinando uma ida ao shopping mais tarde. Viramos à esquerda e andamos um ou dois passos, quando vi dois meninos de rua, daqueles bem “noia”, enrolados em cobertores velhos, sujos e assustadores. Nas mãos, a garrafa com solvente: dava para perceber quanto estavam dopados com a droga. Por trás dele, rindo, aproximou-se

Yago, e, com o objetivo de assustá-los, exibiu uma ratazana morta, que pendia pelo rabo, balançando.

Puxei a Victoria pelo braço, e voltamos depressa para a galeria, de onde ficamos olhando a cena escabrosa. Os moleques relutaram em fugir, e Yago esfregou o bicho morto na cara deles. Aí o efeito do thinner passou de vez e eles desembestaram numa carreira em direção à Rua da Consolação. Yago ia em seu encalço, e os meninos, para se safar, fizeram uma curva estratégica e correram para a Xavier de Toledo, onde os perdi de vista.

Com uma mistura de nojo e revolta, coração batendo forte, criamos coragem de sair para a calçada e fomos rápido para o estacionamento. Este é um retrato do Centro da cidade, do qual tanto se fala e pouco se sabe...

PsIU!

Jose Luiz Batista da Fonseca

Vila Madalena, Zona Oeste

Início dos anos 2000

Fiquei pensando outro dia sobre o privilégio que é ouvir o canto dos pássaros de madrugada, mesmo que sejam pássaros desorientados em seus ciclos biológicos, iludidos pelas lâmpadas de mercúrio.

Eu infelizmente não tenho essa chance. Primeiro, por morar em apartamento em andar alto, onde dificilmente pássaros aparecem, nem mesmo os desorientados com a altitude. Segundo, por morar em uma região infestada por bares e casas noturnas, que tranquilamente afastariam todos os pássaros, até aqueles com deficiência auditiva.

Assim, a única sorte que tenho é a de ouvir alguma canção tocada nesses bares e que me agrade o ouvido, mas ultimamente, com o advento do Techno, só me resta ouvir escutar bate-estaca que dizem que é música. E não há PsIU (política municipal fiscalizadora do barulho noturno) que resolva.

Acho que todo morador do meu prédio, quiçá de todos os prédios da rua, tem o telefone do PsIU para esses eventuais, na verdade constantes, momentos. Tô até pensando em mandar fazer um lote de ímãs de geladeira com o tal telefone para distribuir pela região. Quem sabe assim, com todos os moradores ligando no bendito órgão, conseguimos ter noites de sono total, com um maior rigor no controle dessa poluição sonora, ou talvez, ao menos, nos mandem protetores auriculares.

Não bastante os órgãos municipais serem ineptos em sua atribuição fiscalizadora da coisa, outro dia, digo, noite, acordei sobressaltado com um barulho infernal. E não era de nenhuma casa noturna, não! Não era nenhuma criação de DJ lançando algum novo cantor pop, não! Era simplesmente uma britadeira, bem às 3 da madrugada! Uma britadeira de uma concessionária de serviço público, portanto a serviço da própria prefeitura.

Olhei bem no relógio. Não, não pode ser! A essa hora, às 3! Não, o relógio deve ter parado e eu perdi a hora! Mas abri a janela e o dia continuava noite, escuro. Nisso se sucedeu uma gritaria que vinha das sacadas de outros apartamentos. Era um tal de vizinho xingando. Uns xingavam o operador da famigerada britadeira.

Outros resolveram homenagear a mãe de nossa digníssima prefeita. Mais outros proferindo impropérios para o Lula. Na gritaria geral acho que sobrou até pro Bush, presidente do país de origem da empresa que ganhou a concessão do tal serviço público.

Quando menos se percebeu, a metade do prédio estava se manifestando de forma espontânea, sincera e calorosa. Eu fiquei pensando como o ser humano se revela nesses momentos de total euforia. Quanta afabilidade e carinho! Quanto civilismo! Quanta educação! Também, pudera, às 3 da madrugada, tem é mais!!!

Entretanto, pouco adiantou o clamor geral. Não sei se por total descaso do pessoal da empresa concessionária ou se pela surdez infernal causada por aquele equipamento furador de asfalto e de tímpanos, que os impedia de ouvir nossa cordial manifestação...

Sei que a coisa só foi solucionada quando vi, da sacada do meu apartamento, nosso sequioso síndico atravessando a rua na direção dos laboriosos notívagos, acompanhado por uma viatura da polícia. Que grande poder de persuasão tem o nosso digno representante condominial! Que argumentação irrefutável!

Bem, pensei em voltar para a cama, mas aí já eram 5 e pouco e eu logo teria de estar de pé para trabalhar, de modo que só me restou ligar para a portaria a fim de saber se já tinham entregado o jornal e fazer café.

Como o jornal ainda não tinha chegado, fiquei pensando que ele poderia trazer a seguinte manchete:

“Tumulto e morte de madrugada: moradores exaltados matam operário e o enterram no buraco por ele próprio cavado!”

Salvem os passarinhos insanos madrugadores!

O menino cor de cola

Anna Boni

Sé, Zona Central

2004

Foi a última vez que subi a Ladeira da Memória.

Lá estava ele: o menino cor de cola. Tudo nele tinha a mesma cor: a pele, os cabelos, a roupa, o saco plástico que levava à boca e aspirava com força.

Impossível não notá-lo. Impossível fingir que não viu.

A figurinha esquelética, feia e suja aspirava a cola com força, como se fosse sua razão de viver. Aspirava repetidamente, cambaleava, abria os braços, fingindo voar. Talvez voasse: eu é que não conseguia ver.

Aquela cena me constrangeu muito. Nunca mais saiu de minha memória.

Nunca mais tive coragem de subir a Ladeira da Memória. E chorei muito ao escrever este texto.

Batizado boliviano em SP

Anna Boni

Liberdade, Zona Central

2003

Dagli Appenini alle Ande.

Este título é incompreensível para a maioria dos leitores, mas ele tem uma razão de ser, e eu explico.

Quer dizer “Dos Apeninos aos Andes” e é o título de um conto do escritor italiano De Amicis que relata o drama de um imigrante italiano que estava na Argentina e passava por grandes dificuldades.

Essa frase me veio à mente quando, num domingo desses, eu assistia ao batizado do filho de um funcionário, imigrante boliviano, celebrado na Igreja de Nossa Senhora da Paz, na Rua do Glicério, então conhecida como Igreja dos Italianos, hoje Igreja dos Imigrantes.

Fiz minha primeira comunhão lá e estava feliz em rever a igreja, da qual me lembrava muito pouco. Construída com o dinheiro da colônia italiana, especialmente da família Matarazzo, hoje tem missas em espanhol e em italiano, uma espécie de ONU das igrejas. Os hispânicos são principalmente bolivianos e peruanos, chilenos e paraguaios.

Chegamos, e a família já estava na porta da igreja, esperando os convidados. Uma missa em português estava em curso, e assistimos ao final enquanto esperávamos.

Observei a beleza dos afrescos pintados por Fulvio Pennacchi – que foi professor de Desenho de minha mãe no Dante Alighieri – e das estátuas de Galileo Emendabili, o famoso escultor do Obelisco aos Heróis de 32.

A igreja é uma bela obra de arte, moderna e ao mesmo tempo clássica. Muitos bolivianos iam chegando, e nada do padre aparecer. O padre era hispano, um colombiano, e ia celebrar o batizado no intervalo de duas missas. Portanto, o tempo era curto, e o pessoal estava ficando preocupado. Tinham preparado a festa, contratado um bufê, e o padre, nada!

A igreja ia ficando cheia de tipos chiques, de roupas visivelmente caras, as senhoras com belos símbolos de status: sapatos,

bolsas e joias de qualidade. Era a rica colônia italiana se reunindo para a missa.

Olhavam com ar de desdém para os bolivianos, de feições indígenas, talhadas a machado, cabelos duros e negros, criando um clima insustentável para a permanência deles no local.

Os bolivianos em São Paulo são muitos, aproximadamente 300 mil. A maioria trabalha com confecção de roupas e comércio, são muito dedicados e bem-sucedidos economicamente. À saída pude ver que todos, sem exceção, tinham belos carros zero-quilômetro, picapes e vans, inclusive meu funcionário, que, além de trabalhar conosco, tem também uma confecção e uma loja na Rua Oriente, antigamente reduto de árabes, hoje território totalmente dominado pelos bolitas, como são chamados.

Finalmente o padre aparece, dando uma bronca no pessoal pelo atraso, visto que ele estava esperando na porta lateral, e nós na da frente. Desencontro esclarecido, foi pedir ao padre italiano que retardasse a missa por uns minutos para que pudesse ser celebrado o batizado. O padre negou de maneira irredutível. Que batizassem a criança outro dia!

E aí, o que fazer? Na perspectiva de ver todos os preparativos ruírem por terra, acharam um quartinho nos fundos da sacristia, cheio de escrivatinhas velhas, computadores desmontados, um lugar que era um depósito de velharias!

O padre improvisou a pia batismal com uma vasilha, e apenas os pais e padrinhos puderam entrar. O resto das pessoas ficou do lado de fora, espiando pela porta.

E assim, lá no meio do depósito de velharias da sociedade europeia, eu assisti ao batizado de um indígena, paulistano, celebrado em espanhol, numa igreja construída por italianos!

É um retrato da colonização brasileira. E um triste relato do racismo e da prepotência que ainda existem nos dias de hoje, mesmo dentro da Igreja, que prega justamente o contrário!

Vizinhos: uma convivência primitiva?

Andréia Barreto

Pinheiros, Zona Oeste

2005

Vizinho é assunto na cidade de São Paulo. Já me surpreendi com a presença, no centro da sala, de uma senhora muito sisuda que aproveitou o descuido de uma porta aberta para entrar e conferir o sinteco refeito no dia anterior.

Já vivi a surpresa de me mudar no mesmo dia que uma amiga que trabalha na mesma escola, sem que nenhuma nem outra desconfiassem que estávamos indo para o mesmo endereço, em apartamentos diferentes.

No entanto, teve um episódio recente que me chamou atenção.

Passo pouco tempo em casa, e quem costuma me dar notícias do prédio é a pessoa que trabalha aqui em casa. Geralmente estou concentrada em outra coisa e, como desconheço os personagens, nem sempre acompanho a narrativa.

Mas aquela me impressionou. Um casal de jornalistas conhecido estava vivendo uma crise pública. A mulher teria ido parar em um desses programas da tarde para contar “cobras e lagartos” do marido. Dizia-se impedida de trabalhar, precisava de tratamento para dependência química, denunciou maus-tratos e uma sucessão de detalhes sórdidos que não vale a pena destrinchar. Tudo a exatamente quatro andares acima do meu.

Era uma enxurrada de informações que me dividia entre a perplexidade e o constrangimento de imaginar aquele homem exposto daquela maneira. Ao mesmo tempo, a falta de proximidade do caso me permitia não pensar no assunto nem formar opinião.

Mais tarde eu me surpreenderia ao ter uma reação inusitada diante dele. O distanciamento é, de certa forma, ilusório.

Antes de sair apressada para o trabalho, enchi uma torrada com *muuuuuito* requeijão. Quando se abriu a porta do elevador, fui surpreendida pela presença do “moço”. Entrei e imediatamente virei a torrada no peito. Foram minutos intermináveis de silêncio. Ele, parado no canto, me olhando, e eu, com a ridícula torrada colada no peito e a melequeira escorrendo na blusa. Não dissemos nada um para o outro.

Descemos imóveis os últimos quatro andares.

Se a história deles era verdade, não tenho como saber, mas, que eu vivi essa cena bizarra, eu vivi.

Coisas que acontecem nas metrópoles

Hiroto Hanaoka

Cambuci, Zona Central

2004

No dia 24 de agosto de 2004, fui levar minha mulher ao Hospital Cruz Azul, no Cambuci, em São Paulo, onde ela faz tratamento pós-operatório.

Depois de deixá-la naquela casa de saúde, segui para uma rua próxima a fim de estacionar o carro, porque lá dentro tenho de pagar 5 reais pela primeira hora mais 1,50 real pelas demais horas. Se fosse esporádica a visita ao médico, tudo bem, mas quase todos os dias fica caro, não dá.

Estacionei o carro às 9 horas e voltei para pegar 1 hora e meia depois – e não mais encontrei a minha Parati com apenas 6 mil quilômetros rodados.

Imediatamente fui para o 6º Distrito Policial do Cambuci e registrei a ocorrência. Voltei para casa de ônibus, com o devido B.O. em mãos. Enviei cópias desse B.O. para a seguradora, juntamente com a cópia do documento do carro, e aguardei o processo de liberação do prêmio a que tenho direito.

Após dez dias, felizmente recebi a notícia de que o valor correspondente já estava disponível no banco. Bem, fui a uma outra concessionária para comprar um novo carro, agora de outra marca, porque modelos VW são bastante visados pelos ladrões e o valor do seguro sobe muito.

Adquiri um Corsa Classic e estava tranquilo com o novo veículo. Eis que aparece em casa uma notificação da prefeitura de Santo André de que o meu carro passou às 10h51 por uma avenida a 81 km/h, onde é tráfego a 60 km/h.

Enviei àquela repartição cópias dos documentos justificando que fui vítima de furto e por esse motivo solicitei o cancelamento da penalidade. Entretanto, ignoraram a justificativa e me mandaram a multa no valor de mais de 500 reais.

Nem estou ligando para ela em si, pois a Parati não me pertence mais, agora está em nome da seguradora e talvez já nem exista, tenho ido para algum desmanche... Só me resta arcar com os 7 pontos negativos na carteira de habilitação, que vão desaparecer no mês de agosto próximo.

Coisas que acontecem nas grandes metrópoles ou em quaisquer cidades deste querido Brasil.

Meu último tiquinho do Ibirapuera

Edson Martins

Vila Mariana, Zona Sul

2004

Quando meu amigo recifense Ialdo soube quanto eu havia pagado pelo meu minúsculo apartamento de 58 metros quadrados na Vila Mariana, quase teve uma pilora. Chamou-me de todos os impro-périos regionais – ababacado, tabacudo, abestado – e arengou muito comigo. Não conseguia entender como um sujeito como eu, que não era nem um pouco estribado, o mais pirangueiro que ele já tinha conhecido, havia tido a coragem de comprar um “apartamento”, que nem alcatifa tinha, por um preço tão exorbitante.

Se ainda fosse em Boa Viagem, de frente para o mar, vá lá, mas em São Paulo, uma cidade que mais parece um “ar-condicionado gigante”, onde o povo tem que vestir camadas de roupa para fugir do frio?!? Segundo ele, eu deveria passar o resto da minha vida tangendo bode na caatinga* (*ver final do texto*).

Realmente o apartamento novo, além de mais caro e menor do que o anterior, à primeira vista parecia um péssimo negócio. Mas havia sido amor à primeira vista, fazer o quê? Ou melhor, “amor pela vista”, uma vez que as imensas janelas da sala davam para toda a região sul da cidade, com uma visão total até o Aeroporto de Congonhas (imaginem o que isso significa para um aeronauta!). Do quarto eu podia ver todo o bairro do Paraíso e, bem lá no fundo, a Serra da Cantareira, imponente e azul (aliás, alguém pode me explicar por que as montanhas no horizonte são azuis, se as árvores são verdes?).

A vista mais privilegiada, no entanto, era a da janela da cozinha, de onde eu podia ver o rosado Instituto Biológico e sua arquitetura art déco em primeiro plano, o Hospital Albert Einstein lá longe e, entre eles, denso e dramático, o Parque do Ibirapuera. A Oca, o Prédio da Bienal, o Obelisco, estavam todos lá para meu deleite e para a admiração dos amigos que me vêm visitar. Eu nem precisava ir ao parque todos os dias, mas, só de saber que ele estava ali, sem necessidade de binóculo para observá-lo, me dava uma felicidade imensa, acho que a mesma sensação que devem ter os moradores de cidades praieiras que nem sequer põem os pés na areia, mas que ficam reconfortados em saber que o mar está logo ali, à disposição. Ou então daquelas pessoas que sonham toda uma vida em morar num lugar com piscina e, quando se mudam para um que tenha, até esquecem que ela existe.

Na semana passada, vi os caibros e os andaimes de uma nova construção. De um dia para o outro, subiram o primeiro andar, e agora mesmo, enquanto escrevo, o segundo já está bem adiantado. Estão tirando o meu último tiquinho do Ibirapuera. Nos últimos anos, fui perdendo o privilégio, e aquela era a última brecha que restava, revelando uma pontinha branca da Oca entre os galhos das árvores.

Assim como as pessoas que amamos, só damos verdadeira importância às vistas especiais quando as perdemos. Adeus, meu tiquinho de Ibirapuera.

Uma vizinha muito especial

Lilu Aguiar

Aclimação, Distrito da Liberdade, Zona Central
2003

Tenho uma amiga que tem uma vizinha muito especial. Na verdade, a vizinha passa o dia inteiro fora e deixa a “pobre doméstica” sem nada na casa e quer que ela cozinhe, lave, passe etc...

O fato é que toda hora essa moça, a doméstica, toca a campainha da casa da minha amiga e:

– A senhora tem um pouco de óleo?

– A senhora pode me emprestar o ferro de passar, que o da minha patroa quebrou?

– A senhora tem um Bombril, que a minha patroa esqueceu de comprar?

E aí passa o dia inteiro, a semana inteira, e minha amiga, entre agradar e fugir desse dilema, vai levando.

Uma certa manhã, a moça tocou a campainha e perguntou:

– A senhora tem salsinha?

Minha amiga, muito simples e gentil, respondeu:

– Não! Eu ainda não fui à feira hoje.

Duas horas depois a moça toca a campainha e:

– A senhora já comprou a salsinha?

Casamento na ZêLê

Anna Boni

Vila Progresso, Zona Leste

2004

Matrimônio na ZL. Santo Antônio, ao que parece, não estava de brincadeira no dia em que o padre Santi benzeu o escritório!

O convite de casamento nos foi entregue em mãos pela nossa mais antiga funcionária, radiante de alegria. Não podíamos deixar de ir, apesar de saber que seria uma viagem. Radial Leste, Mooca, Brás e daí por diante, não necessariamente nessa ordem, Artur Alvim, Itaquera, São Miguel, A.E. Carvalho e finalmente Vila Progresso. Trajeto longo, mas bem sinalizado, pista de asfalto novo, poucos buracos, e muitos carros velhos, cada vez mais velhos...

Um caminhão-reboque passa com um carro na caçamba e mais dois amarrados por cordas, formando uma fila indiana! As casas, em sua maioria sobrados, sem reboco, mostrando suas paredes de bloco ou tijolo baiano, sempre com uma antena de TV no telhado e uma laje na frente, onde um cachorro monta guarda.

Muitos bares, cheios, e muita gente andando a pé. Mesas de sinuca na frente dos botequins e fila nos orelhões. A igreja, católica, com uma cruz de neon azulão no telhado, domina a paisagem no topo do morro e tem uma escadaria alta, um sufoco para subir de salto alto e debaixo de chuva...

O portal é formado por um arco de resina branco, meio translúcido, todo coberto de flores artificiais, de pano rosa-forte. O caminho dos noivos, todo cercado por tiras de tule branco e vasilhinhos de flores encimando os laços que arrematavam as colunas entre os bancos. Lá fora, o cortejo aguarda: a mãe do noivo não chega, e já estamos com 40 minutos de atraso.

Assim, decidem prosseguir com o casamento. O noivo entra de braços dados com a sogra, e depois vem o séquito de 24 padrinhos! As mulheres de longos vestidos bordados, esvoaçantes, e os homens de terno escuro. Apliques de Kanekalon para as mulheres e cabelos raspados ou tingidos de loiro para os homens.

Abrem-se as portas pela segunda vez, e lá vem a noiva, de braço com o cunhado, radiante em seu vestido branco bordado de fios prateados, coroa de strass nos cabelos salpicados de glitter, luvas longas bordadas de lantejoulas, e nas mãos o buquê de rosas

vermelhas. A tradicional *Marcha Nupcial* substitui as músicas americanas dos Bee Gees, que tocavam quando da entrada dos padrinhos.

À frente vai uma daminha de honra de vestido branco longo, com um cesto de pétalas, que vai jogando no caminho da noiva.

Um São Sebastião em tamanho natural, todo crivado de flechas, ladeia o altar, a ele consagrado.

O padre dá andamento à cerimônia e, dedo em riste, faz um sermão inspirado sobre amor e família. As crianças, muitas, não param, e o padre reclama... Finalmente, os noivos dizem o esperado sim, muito mais entusiasmado por parte da noiva. E, depois, o beijo, um, dois, três, ninguém entendia por que tantos beijos. Depois veio a explicação: acima dos noivos, uma cestinha pendia do forro, presa a um barbante, o qual, puxado pelo sacristão, deveria fazer uma chuva de pétalas cair sobre os noivos. Enquanto a chuva não caiu, os dois continuaram num beijo congelado, na expectativa do momento exato para tirar foto. Finalmente as pétalas caíram, e uma salva de palmas irrompeu na igreja.

Ao som de uma música do Padre Marcelo, que, pelo visto, todos conheciam, porque acompanhavam cantando, o casal saiu solenemente da igreja e aguardou os convidados do lado de fora. Cumprimentos, abraços, e a noiva recomendando: “Eu vou naquele Passat. Me segure até o bufê para não se perder!” E lá fomos nós, comboiando a noiva, juntamente com uma dezena de carros apinhados, nos quais o pessoal que veio a pé se ajeitou como pôde para chegar mais depressa à festa.

Na saída, os vasinhos de flores que decoravam a igreja foram disputados pelos presentes, e não sobrou um!

Embaixo, uma oficina mecânica, em cima o Bufê Sonhos Dourados, na Avenida Pires do Rio. Subimos pela escada, passamos pelo portal de acrílico iluminado. A luz no salão era azul, as mesas e cadeiras estavam encapadas com um tecido branco, e, no centro, um arranjo de flores. Um pessoal que foi diretamente à festa já nos guardara lugar. “É por causa do garoto”, disse o pai, dando uma desculpa esfarrapada, apontando para um lindo menino, mulatinho de olhos enormes, que mal completara 1 ano e já estava tomando uns golinhos de cerveja do pai, sob o olhar orgulhoso da mãe, toda elegante em seu vestido decotado e com sua peruca frisada, batendo quase na cintura: “Esse é *hômme* mesmo! Já gosta de uma cerveja!”

Os salgadinhos estavam bons, quentinhos e feitos na hora, e a cerveja, gelada. "Comprei 17 caixas e ganhei mais duas", contou a noiva. Esfuziante, ia de mesa em mesa para cumprimentar os convidados, seguida pelo noivo, meio arrastado, com jeitão de quem estaria mais à vontade de calção e chinelo... Mas, *noblesse oblige*, manteve a compostura e foi até o fim. Vendeu pedaços de sua gravata aos amigos, o que lhe rendeu uns bons trocados, certamente gastos na lua de mel, uma semana em Santos, no apartamento do patrão do noivo.

Um palco é improvisado, e chega o esperado conjunto musical. Depois de alguns acertos com a dona do bufê, que não queria permitir a apresentação, o forró rolou solto e o povo se esbaldou! Eu mesma comecei dançando com o menino de 1 aninho, depois passei para um jovem namorado de uma conhecida e acabei a noite dançando com uma amiga, cujo marido, assim como o meu, não gosta de dançar...

Pela 1 da madrugada decidimos ir embora, mesmo sem esperar pelo bolo, que a noiva, orgulhosa, dizia ter 20 quilos! Demos carona ao zelador do prédio do escritório e a um amigo dele e chegamos em casa comentando o capricho com que a festa foi programada e a felicidade que as pessoas têm em proporcionar momentos de alegria aos amigos.

Foi um casamento bem à moda da Zona Leste de São Paulo, o bairro mais nordestino do que o próprio Nordeste.

E, na segunda-feira, não sei como, uma lembrancinha do casamento estava em cima da minha mesa de trabalho...

Mais festa na Zona Leste

Anna Boni

Ferraz de Vasconcelos, Região Metropolitana
2004

Vira e mexe vamos participar de algum evento na Zona Leste. Devo confessar que me divirto muito, como aconteceu na festa de 1 aninho do filho do encarregado da oficina, aquele que foi meu par no forró do casamento na ZêLê.

O aniversário já foi há algum tempo, e a ideia ficou fermentando na minha cabeça. Acho que agora chegou a hora de pôr esse bolo no forno...

Às vezes, reluto. Não quero que interpretem mal as minhas observações. É apenas um relato, não vai aí nenhum juízo de valor. É a visão de um universo diferente para mim, assim como se eu fosse uma aborígene descendo na Praça da Sé!

Começa a viagem: Radial Leste, recém-ampliada, até o fim. E isso quer dizer um trajeto de 1 hora ou mais... Bairros se sucedem, anunciados pelas placas das estações do metrô: da Mooca até Artur Alvim, numa sequência que minha memória não registrou.

No fim da linha do metrô, a linha do trem. E vamos embora, mais uma meia hora de percurso até Ferraz de Vasconcelos, nosso destino.

Pelo celular, pedimos ajuda ao dono da festa, que manda o filho mais velho nos encontrar. Lá está ele, ao lado da padaria, no Santana branco. Seguimos o carro por várias ruas sem asfalto, cada vez mais estreitas.

A casa, igual a todas, tem a fachada rebocada, e o resto mostra despidoradamente o esqueleto de bloco e argamassa. Janelas com esquadrias de alumínio conferem status ao morador. E a infalível laje, abrigo do carro e área de lazer da casa.

De um dos lados da construção, um corredor estreito, de mais ou menos 1 metro e meio de largura, é onde rola a festa.

Na sala da frente, sobre a mesa que domina o espaço, um bolo enorme, azul-turquesa, com a foto do garoto em cima. Paredes cobertas de bexigas azuis, e o Mickey e a Minnie, com suas cabeças de pelúcia enormes, parceiros de foto muito disputados pelas crianças. Um senhor, com uma filmadora de vídeo enorme, parecendo uma câmera de TV, registra tudo em detalhes com o zoom...

É impossível calcular o número de pessoas. O entra e sai é agitado. No fundo do corredor, a churrasqueira improvisada, feita de blocos e tijolos baianos empilhados, exala um cheirinho apetitoso.

O churrasqueiro, PM que mora ao lado, sujeito boa praça e supereducado, se esmera no cuidado com as carnes, as linguças e as asas de frango.

Numa assadeira de alumínio que passa de mão em mão, uma cama de farinha de mandioca acolhe os pedaços de carne, que vão sendo comidos com as mãos.

O corredor se transforma em um replicado vagão de trem: lotado, corpos se esfregando, suor e cerveja. Crianças correm para todo lado.

O dono da casa, visivelmente alterado devido à cerveja e à excitação da festa, que para ele já estava rolando desde a noite anterior, exhibe o filho, orgulhoso, ao lado da mãe, mulata bonita com uma peruca de Kanekalon que lhe chega à cintura. O garoto passa de um colo para outro, muito elegante com suspensórios e gravatinha-borboleta.

Lá pelas 23 horas decidimos voltar, que a viagem é longa. Em comboio com mais alguns carros, fomos guiados pelo solícito rapaz do Santana. Na volta parece que o caminho é mais curto, e logo estávamos vendo paisagens conhecidas, cruzando o Centro, pegando a Consolação e desembarcando num barzinho lotado da Vila Madalena para tomar um café, este mesmo bar tão lotado quanto o corredor da festa...

Cruzando a cidade

Lilian Solá Santiago

Perdizes, Zona Oeste

2001

Mudei muitas e tantas vezes que tenho preguiça de parar para contar quantas foram exatamente. Isso não me desagrada: gosto de novidade, novos ares, poder mudar quando quiser, apesar de morar em São Paulo significar para mim não sair da Zona Oeste, mais precisamente no perímetro dos “3 PPPs” – Pinheiros/Perdizes/Pompeia. O quarto P é show (Pacaembu), mas é muita areia pro meu caminhãozinho classe média.

Nem sempre foi assim, e na minha infância as mudanças eram sempre dolorosas, porque eu não tinha nenhuma voz para escolher onde iria morar e vivia na dependência da escolha dos meus pais, motivadas por razões que eu não conseguia entender.

Quando nasci, morávamos na Cachoeirinha, periferia da Zona Oeste. Dos 4 aos 7 anos moramos na Pedreira, na periferia da periferia da Zona Sul. A rua era de chão de terra. Poucas casas tinham um quintal só para elas, e a minha não era dessas. Dividíamos o quintal (que para minha escala era imenso, quase um Ibirapuera) com outras casas, e na frente tinha um terreno baldio, que era o “campinho”, onde eu e as outras crianças da rua, da rua de cima e da rua de baixo, empinávamos pipa e brincávamos de muitas coisas, pular corda, pega-pega, passa-anel, bafo etc. Adorávamos passar por debaixo da cerca do vizinho, pela plantação de mandioca e batatas, para comprar chup-chup, geleia rosa e amarela, deliciosas porcarias do tabuleiro da dona Lourdes, e brincar de cavalinho no seu jabuti.

Hoje eu poderia dizer que éramos muito pobres, mas eu não tinha essa dimensão, porque possuíamos o mesmo poder aquisitivo que todo mundo em volta de nós, e realmente parecia que o mundo não tinha desigualdade nenhuma.

Mas, um dia, meu pai falou que íamos mudar para as Perdizes, um “bairro muito bom”, segundo minha mãe. Eu teria um quarto só para mim, e era perto do Playcenter, o parque de diversões que eu adorava. Fiquei animada com a mudança e, feliz, me despedi dos amigos da rua e da escola. Ia morar perto do Playcenter, algo como dizer que eu iria morar perto do céu.

Na casa nova, na Rua Turiassú, eu nunca podia sair sozinha, passava ônibus, e não havia nada parecido com um campinho nem se viam crianças. Tinha um casal de irmãos quase da minha idade, vizinhos, mas demorei um ano para conhecê-los – só tive um motivo para falar com eles, no meu aniversário do ano seguinte, porque, ao contrário da Pedreira, nas Perdizes os colegas da escola (todos mais ricos que eu) viajavam nas férias de janeiro, que é quando faço aniversário, e, se eu não os chamasse, não haveria “quórum” para uma festa de criança! Comecei a achar minha vida muito triste e solitária e a gostar da companhia (possível) dos livros. O tempo passou, muitas outras mudanças vieram, e é claro que me adaptei. Hoje sou novamente uma feliz moradora das Perdizes e juro que é por livre e espontânea vontade.

Poucos anos atrás fui para Carapicuíba e resolvi voltar para São Paulo pela Zona Sul, passando pela periferia (Capão Redondo, Santo Amaro), em vez de vir pela BR-116. Era um domingo de manhã ensolarado, e havia uma feira mais colorida que a outra a cada três ou quatro quarteirões. Aquela paisagem de morros preenchidos como formigueiros pela autoconstrução – os bairros “perigosos” de São Paulo, os bairros dos pobres. Resolvi parar.

Parei numa feira a pretexto de comer um pastel e tomar um caldo de cana. Ao meu lado, num campinho, um monte de crianças se esbaldavam brincando de todas aquelas coisas que me davam tanto prazer na infância, ao ar livre, com aquele céuzão sobre a cabeça, com muitas pipas se entrelaçando.

A vida é engraçada. Pela primeira vez fiquei com pena das “pobres crianças ricas” dos 3 PPPs, que nunca brincaram na poeira da rua nem comeram batata-doce assada no barranco nas festas juninas. Hoje, para eu morar na cidade de São Paulo com qualidade de vida, preciso de muito dinheiro (quanto mais, melhor), para poder morar “bem”, andar de carro, comer em restaurantes, ir ao cinema, ao teatro, enfim, ter prazer nos aparelhos culturais da cidade, que são aquilo de que mais gosto nela. Nesse dia, entretanto, percebi, sem demagogia e sem relevar a terrível desigualdade, que a qualidade de vida para criança é outra coisa. E agradei (pasmem) pela “dureza” dos meus pais migrantes e iletrados, que me proporcionaram uma infância simplesmente maravilhosa.

A muralha

Anna Boni

Alto de Pinheiros, Zona Oeste

2005

Nesta nossa cidade tão violenta, os muros altos nos dão aquela sensação de aconchego e segurança. Em nosso castelo cercado por um fosso cheio de jacarés, tal qual princesa medieval, só mesmo um príncipe encantado em seu cavalo branco para atravessar os portões e entrar no burgo protegido...

Estamos num tranquilo entardecer de domingo, o céu muito limpo e claro. A Lua já aparecendo, e com ela a estrela-d'alva, que não é estrela, e sim o planeta Vênus, da deusa da beleza. O jardim está meio ressecado, inverno é época de seca, e a gente entrou numas de economizar água – coitadas das plantas, sofrendo ao sabor do clima maluco deste nosso planeta, que já está todo de ponta-cabeça...

E por aí vamos conjecturando, minha mãe, meu pai e eu, observando as plantas e os insetos, quando um tumulto começa na rua: um bando de homens, todos muito mal-encarados, com paus, correntes e cordas nas mãos, olham para cima e correm em direção de nossa casa.

No céu está o objeto de tanta confusão: um enorme balão de muitas cores, já com a tocha apagada, descendo lentamente em direção ao jardim de casa.

De um salto eles pularam o muro, gritando, um exortando o outro. Eram a turma do resgate, e sua missão tinha de ser cumprida: levar o balão de volta, intacto, para ser solto novamente!

Em questão de segundos, um bando de gente invadiu nosso jardim, amassou as plantas, pisou nos canteiros e saiu do mesmo jeito que entrou: pulando o muro com a maior facilidade, sem pedir licença nem desculpas... Por sorte a tocha estava apagada e a grama seca do jardim não pegou fogo.

Eles foram embora levando o enorme balão ainda fumegante e nos deixando de boca aberta, sem ter o que fazer, a não ser questionar mais tarde a eficiência da nossa “muralha”!

Malucos e maluquices

Anna Boni

Centro, Zona Central

2004

A diversidade de tipos humanos em São Paulo encanta. Um em particular chama atenção: os malucos.

Malucos de todo tipo, beleza ou não, povoam esta nossa cidade.

Há os que simplesmente se encolhem num canto da calçada, aguardando o Juízo Final; outros gritam e xingam a humanidade, ou aqueles que exprimem sua maluquice por meio do modo de se vestir.

Um desses malucos, figura notória no Centro, tal qual um Arthur Bispo do Rosário ainda mais pobre e mais louco, circula pela rua com uma roupa feita de linha de todas as cores, um trabalho ao menos curioso e, eu diria, se conseguisse me recuperar do espanto, bonito mesmo!"

O Maluco Chique prendeu na roupa pregadores de roupa de todas as cores, um ao lado do outro, dezenas deles. Circula com a elegância de um manequim na passarela, exibindo seu modelito.

Tem o Maluco Cantor: veste-se com uma roupa toda de paetês, cabelos curtos e oxigenados, na boca desdentada um carregado batom vermelho. Até que bem afinadinho, imita Ângela Maria, cantando *Babalú* a um microfone ligado a um amplificador portátil. Sabe Deus onde conseguiu o equipamento!

O Maluco Zen, este todo paz interior, mora em frente ao prédio do escritório. Fuma as bitucas que recolhe na calçada e fica balançando o corpo ao som do rock que emana dos aparelhos expostos nas Casas Bahia. Quando dá, espia uma partida de futebol nas TVs da vitrine. Sempre sorrindo...

Tem o Maluco Pelado, um velho, barbas brancas, pelado mesmo! Anda por todo lado enrolado em um saco de lixo preto, daqueles grandes. Esteja o frio que for, nada o faz mudar a indumentária!

O Maluco Antiamericano, remanescente dos anos 70, certamente ressurgido na Era Bush, de calça de guerrilheiro camuflada, coturno e boina, onde se misturam o bordado de uma folha de maconha e a estrela do PT. Grita alguma coisa sobre

sementes transgênicas e globalização, em frente a uma bandeira norte-americana estendida na calçada. Cada vez que alguém anda sobre ela, pula de contentamento e grita: “Yankees go home!”

Os Malucos Vegetarianos enchem as calçadas de cartazes, provando que o homem não nasceu para comer carne. Organizados e limpos, são uma classe especial de malucos. Um *upgrade* na maluquice.

O Maluco da Praça Dom José Gaspar, rapaz novo, morador de rua, com seu inseparável cachorro, para o qual reserva o usufruto de todo o seu patrimônio: um pedaço de espuma desencapada, encardido, um cobertor sujo e uma cadeira de plástico. É lá, na cadeira, que arma a cama para o cachorro em dias de chuva. Já o vi, quando chego bem cedinho ao Centro, dormindo no chão, encolhido, e o cachorro todo refestelado no colchão e no cobertor...

Os Malucos Evangélicos, uma dupla, muito asseados, terno remendado e gravata, com a Bíblia na mão, se revezam, louvando a Deus, gritando e maldizendo a humanidade, Satanás, as meretrizes e os fariseus. Querem exorcizar os demônios dos transeuntes e jogam a Bíblia no chão com força, pescoço inchado e olhos injetados!

Outra maluca notória, moradora da Vila Madalena, é uma senhora muito clara, olhos azuis e longos cabelos brancos. Dorme sob os beirais das casas e passa o dia inteiro andando pela rua com sua sacolinha. Dizem que mora nas ruas porque quer. É de família rica, a qual, desistindo de tentar convencê-la a ficar em casa, leva dinheiro e roupas limpas para ela.

E no trânsito, então? Malucos falando sozinhos, gesticulando... Isso tem de monte!

Há até um grupo de malucos que se reúne uma vez por mês para contar histórias e de vez em quando organizam passeios a pé pela cidade! Em São Paulo, mais do que em outro lugar, de médico e de louco todos temos um pouco...

Ruas mortas

Luiz Ramos

Pinheiros, Zona Oeste

2007

Dia desses, vindo da Faria Lima – via Rebouças –, emboquei na Alameda Santos.

Trânsito lento até o Trianon. No entanto, consegui trocar a irritabilidade que a lentidão desperta pelas paisagens boas que essa lentidão nos traz: mulheres bonitas, bares – cerveja espumando nos copos –, mulheres, bares, mulheres.

A tarde caía sossegada. Na Cultura AM, Bebel Gilberto ronronava. E, num átimo, tudo foi gira-girando – não na girândola da ausência em si, mas na voragem do pensamento alucinado, mnemônico, aquele que faz sofrer e arrebenta, pois foi ali, onde termina a Alameda Santos e começa a Rua Cubatão, que me bateu uma saudade doída. Foi ali que um frio na alma me trouxe de volta o ano de 1983. Porque, dentro de instantes, eu passaria defronte ao Hospital Santa Rita, local onde teve início o fim do meu pai sobre esta terra.

Passei, passou. Na confluência com a Domingos de Moraes eu já estava refeito. Tudo passa e, em assim sendo, voltei a olhar as passantes. Tornei a olhar com gulodice os copos transbordantes e as passantes.

Entrei no sentido Cambuci – uma feira livre me tolheu –, embarafustei no sentido Ipiranga e nas ruas mortas me perdi.

A história deste livro

*Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.*

Carlos Drummond de Andrade, no poema *Memória*

O projeto **Viva São Paulo** começou a receber histórias a partir de 2003 como parte das celebrações do aniversário de 450 anos da fundação da vila que eventualmente se converteu em capital paulista. Ele existiu em parceria com as rádios paulistanas Eldorado AM e FM entre 2003 e 2006 e, depois disso, sobreviveu na memória e nos vínculos de amizade de seus participantes, mantidos com a ajuda de redes sociais online. Agora ele retorna para concluir seu ciclo produtivo legando para a sociedade uma coletânea com 164 dos cerca de 8 mil textos recolhidos durante seus anos de atividade.

A maioria das ações culturais realizadas para o aniversário de 450 anos de São Paulo levou o produto de algum especialista - acadêmico, artista ou jornalista - para ser usufruído por uma audiência na forma de shows, exposições, concertos, peças e exhibições de filmes. O **VivaSP** se diferenciou dessas outras atividades - talvez por inspiração do inconformismo da Semana de Arte Moderna de 1922 - ao transpor a convenção que separa o palco da plateia. E assim afirmar que os milhares de paulistanos nativos e migrantes, aborígenes e estrangeiros que habitam a cidade hoje são mais do que observadores silenciosos da cidade e de sua história; todos nós somos seus herdeiros e cocriadores.

Este texto final registra algumas das ideias e tecnologias que permitiram que o **VivaSP** e agora este livro existam.

Rádio e internet

No final dos anos 1990, o escritor estadunidense Paul Auster criou um programa de rádio no qual lia histórias enviadas por ouvintes. A produção da emissora tinha duas regras para pré-selecionar o material a ser encaminhado a Auster: os textos deveriam ser curtos e narrar casos verídicos vividos por seus autores. O programa, batizado de *National Story Project*, recolheu alguns milhares de relatos e quando a iniciativa saiu do ar, Auster selecionou as

melhores participações a fim de publicá-las em livro. O projeto **Viva São Paulo** foi inspirado nesse modelo de programa feito a partir de conteúdo gerado por ouvintes.

O **Viva São Paulo** incorporou uma novidade em relação ao *National Story Project* de Paul Auster. A audiência do programa estadunidense participava mandando seus textos de muitas maneiras, inclusive e-mail, fax, fitas gravadas, mas principalmente pelo correio. No nosso caso, o único meio para o envio de histórias ao projeto foi um site (que já saiu do ar), e essa particularidade produziu duas consequências além da de simplificar o recebimento do conteúdo dos ouvintes.

Em primeiro lugar, o uso da internet ampliou a visibilidade das histórias enviadas para o **VivaSP**. No programa de Auster, milhares de participações de ouvintes que estavam dentro dos critérios editoriais não foram ao ar nem fizeram parte do livro lançado posteriormente. Isso aconteceu porque o programa radiofônico tem tempo de duração limitado (Auster tinha 15 minutos por semana) e uma coletânea impressa geralmente tem umas poucas centenas de páginas. Já um site comporta uma quantidade praticamente infinita de conteúdo. Graças a isso, todo o texto que eu recebi e que estava dentro dos padrões estabelecidos ficou disponível para ser encontrado e lido online.

A outra consequência da utilização dos recursos digitais foi estimular a formação de uma rede de relacionamentos entre as pessoas que chegavam ao site do projeto. Funcionava assim: as histórias transmitidas pelo rádio mobilizavam ouvintes a visitar a nossa página online. Lá, eles e elas conheciam e interagiam com outros participantes pelas áreas de comentários de cada texto. A partir dessa experiência alguns deles passavam a acompanhar regularmente o conteúdo do site e eventualmente ganhavam confiança para publicar suas próprias histórias. Esses relatos geravam novos boletins de rádio e o processo se repetia, trazendo sempre participantes novos para explorar o site.

História oral

Podemos dar um passo para trás a fim de conhecer reflexões acadêmicas que influenciaram este projeto. Na década de 1990, o professor José Carlos Sebe Bom Meihy, do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), apresentou a seus alunos uma metodologia de pesquisa para produzir registros históricos a partir de entrevistas gravadas e trabalhadas por historiadores/as. O que conhecemos sobre as populações iletradas do passado é aquilo que seus contemporâneos alfabetizados escreveram a

respeito delas. A proposta da história oral é registrar as experiências de grupos da sociedade que, por ausência de outras fontes documentais, ficam em segundo plano nas análises históricas.

A ideia de fazer um programa de rádio baseado no conteúdo enviado pelo ouvinte, e não no trabalho do jornalista, ecoa as conversas sobre história oral propostas pelo professor Sebe. Os participantes do **VivaSP** geralmente não eram sociólogos, demógrafos, geógrafos, filósofos, urbanistas ou historiadores, e, apesar disso, sua colaboração também era motivada pelo desejo de debater sobre a cidade. Cada autor podia escrever sobre aquilo que considerava importante. Relações de gênero, temas raciais, valores familiares, diferenças entre gerações - cada história indica a percepção de paulistanos sobre a cidade, seus habitantes e suas transformações.

Este livro não é uma “História de São Paulo”, assim, com “H” maiúsculo. Também não é um tratado sociológico que examina criteriosamente evidências para explicar questões “relevantes” da cidade. Mas ele vai além de ser apenas um livro de crônicas produzidas e selecionadas aleatoriamente. Por terem sido escritos em um contexto de diálogo e interação grupal e dentro do mesmo espaço de convívio, os textos desta coletânea produzem um “efeito coral” em que as vozes dos participantes em cada um dos textos se aproximam e “conversam” com as de outros colaboradores.

Esta amostra do material reunido no **VivaSP** exemplifica o efeito desse experimento de conversação coletiva. Considerando que serviços de comunicação online estão baratos e acessíveis, novos projetos de história oral podem explorar as possibilidades de a interlocução durante a pesquisa não se limitar à do historiador com o entrevistado, mas de ser realizada também em um contexto de participação grupal, além de envolver e impactar mais pessoas.

As coisas findas

Os três anos em que o site **VivaSP** recebeu e publicou histórias em meados dos anos 2000 agora existem dentro de uma “cápsula” compacta e fácil de circular. Ela carrega apenas uma amostra de um universo muito maior e mais diversificado de relatos, mas em contrapartida o livro permitirá que essas experiências e o projeto em si continuem sendo descobertos.

É esta a história contada nestes 164 relatos: a de paulistanos natos ou adotivos, de idades e origens diversas, que não se conheciam e se aproximaram por meio de um programa de rádio e de site. O interesse por falar de si falando sobre São Paulo brotou desse encontro. Suas histórias eventualmente ganharam outros

destinos, apareceram em outras publicações, viajaram pelas redes digitais, circularam por e-mails, se espalharam por meio de boletins de rádios e se tornaram assunto de conversas dentro e fora da internet. Muitos anos depois de terem sido escritas e publicadas no mesmo site, elas se reencontram aqui. Agora que este livro existe, a nossa missão está cumprida.

Juliano Spyer, junho de 2020

Nota sobre direitos autorais e sobre opiniões dos autores

Todos os autores cujos textos fazem parte desta coletânea deram seu consentimento ao enviar seus relatos para o projeto **Viva São Paulo**, autorizando que fossem utilizados para qualquer finalidade de publicação. Apesar disso, mantêm os direitos de uso sobre seus textos e podem utilizá-los para outras finalidades.

Nenhuma das versões desta obra, nem a digital, que será oferecida como prêmio aos participantes da arrecadação, nem o livro impresso em papel, requereu pagamento de direito autoral aos autores ou ao organizador deste livro.

Ideias e conceitos expressos pelos autores em suas crônicas não representam necessariamente a opinião do organizador ou da editora de conteúdo.

Índice de lugares retratados em nossas crônicas

Zona Central

Aclimação, Distrito da Liberdade

- O suicida na 23 de Maio 209
- Fusquinha táxi 243
- Galos na madrugada 273
- Uma vizinha muito especial 299

Bela Vista

- Ladeira quebra-bunda 84
- A lasagna da Cantina Veneto 153
- Tiroteio nas alturas 219
- Era uma vez uma avenida... 222
- O resgate de objetos roubados 230
- Uma história “king-size” 232
- Até o ponto final do ônibus Veleiros 235
- Um peso na cabeça 244

Bixiga

- O Palácio das Princesas 266

Bom Retiro

- Memórias do vendedor de lingerie 64
- Uma gaúcha no Bom Retiro 126

Brás

- Para, Cosme! 104
- Papai Noel no Brás 207

Cambuci

- Coisas que acontecem nas metrópoles 296

Campos Elíseos, Distrito de Santa Cecília

- A repressão 214

Centro

- A Esquina do Pecado 79
- O velho Mappin 128
- Os guerrilheiros da Faculdade de Direito 170
- Solidariedade no trabalho 177
- Pelos corredores do Martinelli 178

- Um cego de visão no Martineli 180
- Bolão 201
- Os fliperamas: do submundo à glória 245
- Comidinhas indigestas 286
- Malucos e maluquices 308
- Consolação
 - O primeiro porre 60
 - Não tive a mínima culpa 117
- Liberdade
 - Velório na Esquina do Pecado 93
 - Batizado boliviano em SP 293
- Pacaembu, Distrito da Consolação
 - Nasce um palmeirense 228
- República
 - Comprinhas em 35 39
 - Lembranças do Mappin 59
 - Os passeios da minha mãe 82
 - Mulher de calça comprida 105
 - Meu colega Parker 190
 - A lasanha do Pelicano 196
 - No tempo da delicadeza 210
 - Praça Roosevelt 233
 - A feira do rolo 285
 - Uma cena lastimável, ou: Como meu personagem vigia a praça da Biblioteca Municipal 288
- Santa Cecília
 - Saltar do bonde 75
 - Um pouco de saudosismo 199
- Sé
 - O passeio até a Galeria Prestes Maia 157
 - Uma arma desconhecida 270
 - 25 de Março ontem e hoje 283
 - O menino cor de cola 292
- Vila Buarque, Distrito da República
 - Rego Freitas na década de 40 78

Zona Leste

Zona Leste

Jammal, um brasileiro 275

Distrito da Água Rasa

Olho Vivo Erontex 195

Itaim Paulista

A chácara 72

Mooca

Vovó e a revolução 27

A grande família 70

O mooquês que vocês mi qué, non? 163

A Seleção de 70 treinou na Mooca, meu! 164

O caso do Vitório 216

Pari

O turco bobo 26

O santo vai dar uma força 248

Tatuapé

As calçolas da *mamma* 91

Um amigo soropositivo 264

Vila Diva

Circo-teatro do Zé Coqueiro 149

História da prisão do nosso amigo 212

Vila Guilherme

Sequestro do televisinho 102

Vila Industrial

Aquele barulho agressor 193

Vila Progresso

Casamento na ZêLê 300

Vila Prudente

Escola na Ilha dos Sapos 40

Zona Norte

- Alto de Vila Maria
O ladrão fica na delegacia 156
- Chora Menino, Distrito de Santana
Natal na casa da sogra 274
- Freguesia do Ó
Uma história de amor 29
O soldado constitucionalista 107
Moleque de rua 144
Dia dos Pais 146
- Jaraguá
Piquenique nos anos 50 112
Anos de chumbo grosso 239
- Jardim Guanca, Distrito de Vila Medeiros
Meu amigo Marajá 279
- Ponte Pequena
Banho no Tietê 125
- Vila Lório
A história de N. 115
A Turma do Tarantão 145
- Vila Maria
Um ato heroico 268
- Vila Pirituba
Vovô Zacharias 110

Zona Sul

- Brooklin
Vila Carmem, sem luz nem água 133
Maria Louca 135
O velho Brooklin Novo 175
- Brooklin Velho
Rã à milanesa 109

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Campo Belo

Os domingos em Congonhas 215

O abacateiro e a taturana 217

Cidade Jardim

Memórias cavalares 172

Ibirapuera

Teje preso! 139

Interlagos, Distrito de Cidade Dutra

Férias em Interlagos 44

Interlagos 197

Cidade Dutra, 1966 203

Ipiranga

Piracema no Ipiranga 33

Nossa rotina dominical 80

Cuidado com o Peniquinho! 188

Missa na TV Record 189

A pescada boa do Ipiranga 258

Jardim Lusitânia, Distrito de Moema

O tarado se deu mal 122

Moema

Ano-Velho, Ano-Novo 57

Paraíso, Distrito da Vila Mariana

Recordações de São Paulo 25

Estouro da boiada no Paraíso 35

Vizinhos espiões 63

A derrota 129

Meu cunhado e Os Mutantes na Avenida Paulista 147

Frustrações de imigrante 168

Polícia, 190! 271

Vila Guarani, Jabaquara

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas 278

Vila Gumerindo

O respeitado guarda civil 95

Vila Mariana

Atropelamento em 1946 66

A mestra do dedinho torto 74

A montanha-russa 106
Rachas no Ibirapuera 108
Passeiozinho! 113
Uma canção iluminada 252
Rodeada de pássaros e árvores 259
A Vó e o pinheiro 260
Meu último tiquinho do Ibirapuera 297

Vila Nova Conceição
Memórias da Vila Nova Conceição 100

Vila Olímpia, Distrito de Itaim Bibi
A Casa do Ator 186
O Geisel está chegando 236

Zona Oeste

Água Branca, Distrito da Barra Funda
A várzea do Tietê 67

Alto da Lapa, Distrito da Lapa
Festa junina 182

Alto de Pinheiros
Maravilhosa década de 50 97
Hoje a garotada diz que agita 119
A muralha 307

Barra Funda
O melancólico final do autor de *Macunaíma* 55
A velha “Cidade Nova” 76
Miss Minhocão 250

Butantã
Vim ao mundo no Instituto Butantã 46
Andarilhos da Vital Brasil – os músicos 48
Andarilhos da Vital Brasil– os mascates 50
Carrinhos de rolimã na Vila Sônia 185

Jardim Paulista
Com a boca na botija 37
O frango de domingo 136
Travessuras e balas de coco 142
Roda-Viva 161
O imortal na pizzeria 167
Roleta russa na Rebouças 226

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Felizes Anos-Novos 263

Jardins

Augusta acarpetada 211

Lapa

Os compadres da Lapa 42

Nas tardes quentes 123

O Homem-Cavalo 192

Perdizes

Minha rua 28

Corrida de aviões 34

Joan Baez no Tuca 221

O Ponto Chic e a blitz 246

Cruzando a cidade 305

Pinheiros

O frangueiro, o “compra roupa”, o amolador de facas
e outros heróis quixotescos 155

Procissões da Sexta-Feira Santa 158

Uma deferência 166

O rádio e a televisão de casa 183

Vila Brasília vai virar condomínio de luxo 251

Dona Ana Maria 254

Vizinhos: uma convivência primitiva? 295

Ruas mortas 310

Pompeia

Ribeiro de Barros asfaltada 131

Marrom, apelido do Elpidio 237

Rio Pequeno

Passarinhada de pardais 89

Vila Jaguara

A brincadeira do fogareiro 152

Vila Madalena

Psiu! 290

Região Metropolitana

Ferraz de Vasconcelos

Mais festa na Zona Leste 303

Índice temático

Agitos

A Esquina do Pecado	Anos 1940	Pág. 79
Hoje a garotada diz que agita	Anos 1950	Pág. 119
A lasagna da Cantina Veneto	Anos 1960	Pág. 153
Memórias cavaleares	Anos 1960	Pág. 172
Mais festa na Zona Leste	Anos 2000	Pág. 303

Amor

Uma história de amor	Anos 1920	Pág. 29
Nossa rotina dominical	Anos 1940	Pág. 80
Maravilhosa década de 50	Anos 1950	Pág. 97
A lasanha do Pelicano	Anos 1960	Pág. 196
No tempo da delicadeza	Anos 1970	Pág. 210
O santo vai dar uma força	Anos 1980	Pág. 248

Brincadeiras e aventuras

Com a boca na botija	Anos 1930	Pág. 37
Saltar do bonde	Anos 1940	Pág. 75
As calçolas da <i>mamma</i>	Anos 1950	Pág. 91
Velório na Esquina do Pecado	Anos 1950	Pág. 93
Rachas no Ibirapuera	Anos 1950	Pág. 108
Não tive a mínima culpa	Anos 1950	Pág. 117
Teje preso!	Anos 1960	Pág. 139
Travessuras e balas de coco	Anos 1960	Pág. 142
A brincadeira do fogareiro	Anos 1960	Pág. 152
Carrinhos de rolimã na Vila Sônia	Anos 1960	Pág. 185

Comidas

Passarinhada de pardais	Anos 1950	Pág. 89
Rã à milanesa	Anos 1950	Pág. 109
O frango de domingo	Anos 1950	Pág. 136
O imortal na pizzeria	Anos 1960	Pág. 167
Comidinhas indigestas	Anos 2000	Pág. 286

Cotidiano

Estouro da boiada no Paraíso	Anos 1930	Pág. 35
Para, Cosme!	Anos 1950	Pág. 104
Piquenique nos anos 50	Anos 1950	Pág. 112
Missa na TV Record	Anos 1960	Pág. 189

Conflitos

Vovó e a revolução	Anos 1920	Pág. 27
Vizinhos espíões	Anos 1940	Pág. 63
Sequestro do televizinho	Anos 1950	Pág. 102
O tarado se deu mal	Anos 1950	Pág. 122
Moleque de rua	Anos 1960	Pág. 144
A Turma do Tarantão	Anos 1960	Pág. 145
O ladrão fica na delegacia	Anos 1960	Pág. 156
O caso do Vitória	Anos 1970	Pág. 216
O resgate de objetos roubados	Anos 1970	Pág. 230
Um ato heroico	Anos 1990	Pág. 268
Uma arma desconhecida	Anos 1990	Pág. 270
Polícia, 190!	Anos 1990	Pág. 271
Jammal, um brasileiro	Anos 1990	Pág. 275
A feira do rolo	Anos 2000	Pág. 285
Psui!	Anos 2000	Pág. 290
Vizinhos: uma convivência primitiva?	Anos 2000	Pág. 295
Coisas que acontecem nas metrópoles	Anos 2000	Pág. 296
Uma vizinha muito especial	Anos 2000	Pág. 299
A muralha	Anos 2000	Pág. 307

Costumes

Mulher de calça comprida	Anos 1950	Pág. 105
A derrota	Anos 1950	Pág. 129

Dor e solidão

O melancólico final do autor de Macunaíma	Anos 1940	Pág. 55
A história de N.	Anos 1950	Pág. 115
O suicida na 23 de Maio	Anos 1970	Pág. 209
Roleta russa na Rebouças	Anos 1970	Pág. 226
Um peso na cabeça	Anos 1980	Pág. 244
Felizes Anos-Novos	Anos 1990	Pág. 263
Uma cena lastimável, ou: Como meu personagem vigia a praça da Biblioteca Municipal	Anos 2000	Pág. 288
O menino cor de cola	Anos 2000	Pág. 292
Ruas mortas	Anos 2000	Pág. 310

Ditadura

Roda-Viva	Anos 1960	Pág. 161
Os guerrilheiros da Faculdade de Direito	Anos 1960	Pág. 170
Um pouco de saudosismo	Anos 1960	Pág. 199

História da prisão do nosso amigo	Anos 1970	Pág. 212
A repressão	Anos 1970	Pág. 214
Tiroteio nas alturas	Anos 1970	Pág. 219
Joan Baez no Tuca	Anos 1970	Pág. 221
O Geisel está chegando	Anos 1970	Pág. 236
Anos de chumbo grosso	Anos 1970	Pág. 239
O Ponto Chic e a blitz	Anos 1980	Pág. 246

Eventos

Corrida de aviões	Anos 1930	Pág. 34
Procissões da Sexta-Feira Santa	Anos 1960	Pág. 158
Augusta acarpetada	Anos 1970	Pág. 211
Uma canção iluminada	Anos 1980	Pág. 252

Família e amigos

O turco bobo	Anos 1920	Pág. 26
Os compadres da Lapa	Anos 1930	Pág. 42
A grande família	Anos 1940	Pág. 70
A velha “Cidade Nova”	Anos 1940	Pág. 76
Vovô Zacharias	Anos 1950	Pág. 110
Dia dos Pais	Anos 1960	Pág. 146
Nasce um palmeirense	Anos 1970	Pág. 228
Um amigo soropositivo	Anos 1990	Pág. 264
Natal na casa da sogra	Anos 1990	Pág. 274
Meu amigo Marajá	Anos 1990	Pág. 279
Batizado boliviano em SP	Anos 2000	Pág. 293
Casamento na ZêLê	Anos 2000	Pág. 300

Infância e adolescência

Recordações de São Paulo	Anos 1920	Pág. 25
O primeiro porre	Anos 1940	Pág. 60
Atropelamento em 1946	Anos 1940	Pág. 66
A mestra do dedinho torto	Anos 1940	Pág. 74
A montanha-russa	Anos 1950	Pág. 106
O mooquês que vocês mi qué, non?	Anos 1960	Pág. 163
O rádio e a televisão de casa	Anos 1960	Pág. 183
O abacateiro e a taturana	Anos 1970	Pág. 217
Uma história “king-size”	Anos 1970	Pág. 232
Os fliperamas: do submundo à glória	Anos 1980	Pág. 245
Uma rua chamada Borboletas		
Psicodélicas	Anos 1990	Pág. 278

Marcos da cidade

Lembranças do Mappin	Anos 1940	Pág. 59
----------------------	-----------	---------

Ladeira quebra-bunda	Anos 1940	Pág. 84
O velho Mappin	Anos 1950	Pág. 128
Mooca, meu!	Anos 1960	Pág. 164
Pelos corredores do Martinelli	Anos 1960	Pág. 178
A Casa do Ator	Anos 1960	Pág. 186
A Seleção de 70 treinou na Mooca, meu!	Anos 1960	Pág. 164
Olho Vivo Erontex	Anos 1960	Pág. 195
Praça Roosevelt	Anos 1970	Pág. 233
25 de Março ontem e hoje	Anos 2000	Pág. 283

Natureza

Piracema no Ipiranga	Anos 1930	Pág. 33
Escola na Ilha dos Sapos	Anos 1930	Pág. 40
A várzea do Tietê	Anos 1940	Pág. 67
A chácara	Anos 1940	Pág. 72
Banho no Tietê	Anos 1950	Pág. 125
Rodeada de pássaros e árvores	Anos 1980	Pág. 259
A Vó e o pinheiro	Anos 1980	Pág. 260
Galos na madrugada	Anos 1990	Pág. 273
Meu último tiquinho do Ibirapuera	Anos 2000	Pág. 297

Passeios

Comprinhas em 35	Anos 1930	Pág. 39
Férias em Interlagos	Anos 1930	Pág. 44
Os passeios da minha mãe	Anos 1940	Pág. 82
Passeiozinho!	Anos 1950	Pág. 113
O passeio até a Galeria Prestes Maia	Anos 1960	Pág. 157
Meu colega Parker	Anos 1960	Pág. 190
Interlagos	Anos 1960	Pág. 197
Os domingos em Congonhas	Anos 1970	Pág. 215
Até o ponto final do ônibus Veleiros	Anos 1970	Pág. 235

Personagens cotidianos

Andarilhos da Vital Brasil		
– os músicos	Anos 1930	Pág. 48
Andarilhos da Vital Brasil		
– os mascates	Anos 1930	Pág. 50
O respeitado guarda civil	Anos 1950	Pág. 95
O frangeiro, o “compra roupa”, o amolador de facas e outros heróis quixotescos	Anos 1960	Pág. 155
A pescada boa do Ipiranga	Anos 1980	Pág. 258

Personagens peculiares

Ano-Velho, Ano-Novo	Anos 1940	Pág. 57
O soldado constitucionalista	Anos 1950	Pág. 107
Maria Louca	Anos 1950	Pág. 135
Meu cunhado e Os Mutantes na Av. Paulista	Anos 1960	Pág. 147
Circo-Teatro do Zé Coqueiro	Anos 1960	Pág. 149
Um cego de visão no Martinelli	Anos 1960	Pág. 180
Cuidado com o Peniquinho!	Anos 1960	Pág. 188
O Homem-Cavalo	Anos 1960	Pág. 192
Bolão	Anos 1960	Pág. 201
Papai Noel no Brás	Anos 1970	Pág. 207
Marrom, apelido do Elpidio	Anos 1970	Pág. 237
Miss Minhocão	Anos 1980	Pág. 250
Dona Ana Maria	Anos 1980	Pág. 254
O Palácio das Princesas	Anos 1990	Pág. 266
Malucos e maluquices	Anos 2000	Pág. 308

Trabalho

Memórias do vendedor de lingerie	Anos 1940	Pág. 64
Uma deferência	Anos 1960	Pág. 166
Solidariedade no trabalho	Anos 1960	Pág. 177
Aquele barulho agressor	Anos 1960	Pág. 193
Fusquinha táxi	Anos 1980	Pág. 243

Vizinhança

Minha rua	Anos 1920	Pág. 28
Vim ao mundo no Instituto Butantan	Anos 1930	Pág. 46
Rego Freitas na década de 40	Anos 1940	Pág. 78
Memórias da Vila Nova Conceição	Anos 1950	Pág. 100
Nas tardes quentes	Anos 1950	Pág. 123
Uma gaúcha no Bom Retiro	Anos 1950	Pág. 126
Ribeiro de Barros asfaltada	Anos 1950	Pág. 131
Vila Carmem, sem luz nem água	Anos 1950	Pág. 133
Frustrações de imigrante	Anos 1960	Pág. 168
O velho Brooklin Novo	Anos 1960	Pág. 175
Festa junina	Anos 1960	Pág. 182
Cidade Dutra, 1966	Anos 1960	Pág. 203
Era uma vez uma avenida...	Anos 1970	Pág. 222
Vila Brasília vai virar condomínio de luxo	Anos 1980	Pág. 251
Cruzando a cidade	Anos 2000	Pág. 305

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Créditos e agradecimentos

Este livro nasceu do amor e da generosidade de muitas pessoas que ajudaram a divulgar e contribuíram com a campanha de arrecadação de fundos feita pelo site catarse.me.

Gostaríamos de agradecer muito especialmente a Anna Maria Corbetta Boni e Silvana Corbetta Boni de Souza, pois participaram do VivaSP.com desde os primeiros dias e foram sempre ativas no site, nos eventos presenciais e nos passeios. Sem seu encorajamento, sua dedicação e seu apoio, este projeto continuaria existindo no campo dos sonhos. Obrigado a vocês e às empresas Héctor Albertazzi e Integral Trust Serviços, que foram patrocinadoras do livro.

Queremos também manifestar nossa imensa gratidão aos apoiadores “patronos” do projeto que doaram R\$ 200. A contribuição de vocês representa dois terços do valor arrecadado. Obrigado por essa demonstração de confiança, em nome de todos, a:

Adriana Saba
André Martin Simões
Ana Maria Miranda
Armando Boni
Claudia Freire
Cristina Almeida de Souza
David Nemer
Drica Guzzi
Edison Roberto Morais
Esther Saba
Francisco Eduardo Britto
Gaspar Bissolotti Neto
Juliano Andrade Spyer
Lady Lina Traldi
Mauricio de Almeida Prado
Marcos Wilson Spyer Rezende
Nivaldo Godoy
Paulo Spyer
Roberto Sampaio Miranda
Tiago Abrao Setrak Sowmy
Uiran Gebara da Silva

Temos gratidão também pelos apoiadores que nos ofereceram R\$ 50 ou mais. É uma longa lista de colaboradores:

Andre Passamani dos Santos

Bruno Scartozzoni
Dalmir Ribeiro
Eduardo Acquarone
Emanuel Stipanivic Spyer Rezende
Evandro Costa dos Santos
Gabriela Dias
Helena Lenzi
Hiro Kozaka
Jose Luiz Goldfarb
Julia Park
Lidia Aparecida Walder
Lili Santa Rosa
Marcia Lawant Atik
Marcio Almeida
Maria Asunción Corazzina
Maria Cristina Tavares Lacerda Mansur Paixão
Maria Heloísa da Silva Ramos
Natália Tosi
Sandra Melo Rosa
Sandra Simões
Silvia L. Prado Mutarelli
Sylvia Saba

Dizem que “o universo conspira quando é o tempo certo” para as coisas acontecerem. Isso foi verdadeiro para este projeto. Esperamos 15 anos para obter os recursos para que este sonho esteja agora nas mãos de leitores, mas isso só foi possível porque o dinheiro arrecadado chegou acompanhado das colaborações de Rosângela Silva Ducati, Isabela Casellato e Antônio Hércules Junior.

Como editora de conteúdo e revisora, Rosângela impôs a si mesma e, por consequência, a mim também que nós nos superássemos para que a qualidade editorial ficasse à altura da beleza singela das histórias que compõem esta publicação. Seu trabalho foi dificultado pelo desafio de fazer mudanças que não alterassem o estilo de escrita (a “voz” particular) de dezenas de pessoas que, antes do VivaSP, não haviam produzido ou publicado textos profissionalmente. Se o livro que está em suas mãos agora tem qualidade compatível com a de produções comerciais, uma fatia significativa dessa realização resultou do rigor com que a Rosângela corrigiu a linguagem e checkou as informações de cada contribuição.

Isabela Casellato secretariou a produção do livro com dedicação e comprometimento muito maiores do que o nosso orçamento limitado poderia ter exigido de um profissional. Ela fez o

“trabalho pesado” de organizar inicialmente o conteúdo em ordem cronológica, interagir com as dezenas de autores, produzir o índice segundo a localização geográfica dos eventos mencionados nas histórias e intermediar uma parte das tarefas burocráticas na relação com a equipe da editora.

Somos gratos à editora PerSe e a seu fundador, Antônio Hércules Junior, pela atenção e pela disponibilidade ofertadas para que este livro saísse com a melhor qualidade gráfica possível e também com o preço mais acessível para a versão impressa. Em um momento no qual editoras comerciais estão fechando ou reduzindo suas atividades, a visão de negócio do Antônio, que facilita e simplifica a produção, a impressão e a venda de livros, é um sinal de que essa indústria tem condições de se reerguer.

É um privilégio ter produzido três livros com capas feitas pelo artista gráfico Pedro Albuquerque. O livro contou também com a precisa e competente consultoria tipográfica de Cosimo Lupo. Agradeço aos dois pelo tempo que dedicaram voluntariamente para o aprimoramento deste trabalho.

Também sou grato a Gabriela Dias e Eduardo Acquarone. Ele é um amigo e interlocutor desde tempos remotos em que internet e celulares não existiam. Ela acompanhou o VivaSP desde sua idealização, me ajudou a pensar sobre arquitetura da informação e a dinâmica de funcionamento do projeto, e me apresentou o Rafael Mumme, o programador que construiu o “motor” do nosso site.

Alguns participantes do VivaSP se mantiveram em contato desde o início do projeto. Eles são movidos pela amizade entre si e pelo carinho pelo projeto. Nos últimos anos, animados pelo plano de finalmente trazer o “nosso livro” ao mundo, fizemos reuniões, gravamos vídeos, interagimos online, e eles estiveram à frente da promoção da campanha que viabilizou a produção do livro. Obrigado, Maria Heloísa da Silva Ramos, Esther Saba, Lidia Walder, Maria Asunción Corazzina, Gaspar Bissolotti Neto, Silvana Boni e Anna Boni.

Thais, obrigado por apoiar e abraçar meus muitos projetos e por fazer isso da forma mais generosa possível.

J.S.

Nossos autores e seus textos

Alice Cardoso

Um pouco de saudosismo 199

Andréia Barreto

Vizinhos: uma convivência primitiva? 295

Anna Boni

O tarado se deu mal 122

A repressão 214

Comidinhas indigestas 286

Uma cena lastimável, ou: Como meu personagem
vigia a praça da Biblioteca Municipal 288

O menino cor de cola 292

Batizado boliviano em SP 293

Casamento na ZêLê 300

Mais festa na Zona Leste 303

A muralha 307

Malucos e maluquices 308

Armando Boni

Teje preso! 139

Carmen F. Lino de Mattos

Os compadres da Lapa 42

A Esquina do Pecado 79

Os passeios da minha mãe 82

Sequestro do televisinho 102

Célio Debes

Estouro da boiada no Paraíso 35

Claudia de Moura Leite Ribeiro

Rodeada de pássaros e árvores 259

Claudia Freire

A Vó e o pinheiro 260

Claudio Bassi Elias

Olho Vivo Erontex 195

Um peso na cabeça 244

Cynara Lino de Mattos

Festa junina 182

Dalmir Ribeiro

Aquele barulho agressor 193

Daniela Brusco

Augusta acarpetada 211

Danilo Martire

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas 278

Douglas Fabretti

O ladrão fica na delegacia 156

Um ato heroico 268

Meu amigo Marajá 279

Edison Roberto Moraes

Solidariedade no trabalho 177

Edson Martins

Meu último tiquinho do Ibirapuera 297

Edson Toscano

Ribeiro de Barros asfaltada 131

Ellen Dawn Smith

No tempo da delicadeza 210

Ericat

Joan Baez no Tuca 221

Esther Saba

Vovó e a revolução 27

A grande família 70

A chácara 72
A derrota 129

Evaldo Xavier da Cunha
Para, Cosme! 104

Flávio Tiné
Roleta russa na Rebouças 226

Francisco Eduardo Britto
O resgate de objetos roubados 230
Uma história “king-size” 232
Praça Roosevelt 233
Até o ponto final do ônibus Veleiros 235

Francisco Venegas Falsetti
Meu colega Parker 190

Gaspar Bissolotti Neto
Cuidado com o Peniquinho! 188
Missa na TV Record 189

Helena Lenzi
Férias em Interlagos 44
O velho Mappin 128

Hiroto Hanaoka (*in memoriam*)
Coisas que acontecem nas metrópoles 296

Ida Grunspan
Uma gaúcha no Bom Retiro 126

Irson Marchetti
A pescada boa do Ipiranga 258

Ismael Leite Penteado
A mestra do dedinho torto 74

Ivan Malizia
Carrinhos de rolimã na Vila Sônia 185

Jair de Alencar Freire

Saltar do bonde 75

A montanha-russa 106

Banho no Tietê 125

Joana D'Arc de Oliveira

Era uma vez uma avenida... 222

Jorge Zodbi

O turco bobo 26

Jose Luiz Batista da Fonseca

O frangueiro, o “compra roupa”, o amolador de facas
e outros heróis quixotescos 155

Procissões da Sexta-Feira Santa 158

O rádio e a televisão de casa 183

O santo vai dar uma força 248

Jammal, um brasileiro 275

Psiu! 290

José Waldomiro (*in memoriam*)

A feira do rolo 285

Juliano Spyer

O Geisel está chegando 236

Jussara Walder

A Casa do Ator 186

Larimer Daniel

O abacateiro e a taturana 217

Tiroteio nas alturas 219

O Ponto Chic e a blitz 246

Uma canção iluminada 252

Lenicio Antonio Dias

O mooquês que vocês mi qué, non? 163

A Seleção de 70 treinou na Mooca, meu! 164

Lidia Walder

Ano-Velho, Ano-Novo 57
Rã à milanesa 109
Vila Carmem, sem luz nem água 133
Maria Louca 135
Cidade Dutra, 1966 203
Polícia, 190! 271

Lilian Solá Santiago

Cruzando a cidade 305

Lilu Aguiar

Galos na madrugada 273
Uma vizinha muito especial 299

Luiz C.S. Dutra

Velório na Esquina do Pecado 93

Luiz Correia da Fonseca

Rego Freitas na década de 40

Luiz Ramos

Ruas mortas 310

Luiz Simões

A velha “Cidade Nova” 76
O velho Brooklin Novo 175
Pelos corredores do Martinelli 178
Um cego de visão no Martinelli 180

Madalena Garcia Lima

O frango de domingo 136

Manoel J. Maria

O respeitado guarda civil 95

Manoel Valente Barbas (*in memoriam*)

Com a boca na botija 37
O melancólico final do autor de *Macunaíma* 55
Meu cunhado e Os Mutantes na Avenida Paulista 147

Marcia Lawant Atik

Atropelamento em 1946 66

25 de Março ontem e hoje 283

Marcos H. Valenti

Nas tardes quentes 123

Maria Asunción Corazzina

Felizes Anos-Novos 263

O Palácio das Princesas 266

Maria Darci de Faria

Uma arma desconhecida 270

Maria de Lourdes Bifoni

Vovô Zacharias 110

Piquenique nos anos 50 112

Maria do Carmo de Medeiros

Vim ao mundo no Instituto Butantan 46

Andarilhos da Vital Brasil – os músicos 48

Andarilhos da Vital Brasil – os mascates 50

Maria Helena de Oliveira

Natal na casa da sogra 274

Maria Heloísa da Silva Ramos

Travessuras e balas de coco 142

Roda-Viva 161

O imortal na pizzeria 167

Mário Escobar Marmo

Maravilhosa década de 50 97

Hoje a garotada diz que agita 119

Miguel Chammas

O primeiro porre 60

Memórias do vendedor de lingerie 64

Passarinhada de pardais 89

Não tive a mínima culpa 117

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

A lasagna da Cantina Veneto 153

Memórias cavалares 172

Nelly Bolliger Lane (*in memoriam*)

Comprinhas em 35 39

Neuza Guerreiro de Carvalho

Nossa rotina dominical 80

A lasanha do Pelicano 196

Neusa Longo

Mulher de calça comprida 105

Nivaldo Godoy

O soldado constitucionalista 107

A história de N. 115

Moleque de rua 144

A Turma do Tarantão 145

Dia dos Pais 146

O Homem-Cavalo 192

Bolão 201

Marrom, apelido do Elpídio 237

Anos de chumbo grosso 239

Oscar Munhoz

Piracema no Ipiranga 33

Escola na Ilha dos Sapos 40

Osnir Geraldo Santa Rosa

A brincadeira do fogareiro 152

Oswaldo Sansone Rodrigues

Vizinhos espiões 63

Paulo R.

O suicida na 23 de Maio 209

Reinaldo Rocha Costa

Os guerrilheiros da Faculdade de Direito 170

Ricardo Ferreira

Uma história de amor 29

Roberto Freire

Frustrações de imigrante 168

Roberto Machado de Campos Filho

Memórias da Vila Nova Conceição 100

Roberto Pereira da Fonseca

Minha rua 28

Corrida de aviões 34

O caso do Vitório 216

Roberto Pina Rizzo

Os domingos em Congonhas 215

Os fliperamas: do submundo à glória 245

Rosa Aquino Pereira

Lembranças do Mappin 59

Rubens Cano de Medeiros

Passeiozinho! 113

Sérgio Darcy Munhoz

O passeio até a Galeria Prestes Maia 157

Silvana Boni

Interlagos 197

Silvia Regina Angerami

Vila Brasília vai virar condomínio de luxo 251

Sylvio Cimino

Rachas no Ibirapuera 108

Valdemar Carvalheiro Filho (*in memoriam*)

Papai Noel no Brás 207

Fusquinha táxi 243

Uma rua chamada Borboletas Psicodélicas

Volney Faustini

Miss Minhocão 250

Walter Santos Macedo

A várzea do Tietê 67

Wilma Maria Anna Romano

Ladeira quebra-bunda 84

Yonne Sophia Forcellini (*in memoriam*)

Recordações de São Paulo 25

Yvoty Macambira

Uma deferência 166

Dona Ana Maria 254

Zeca Vilardaga

Nasce um palmeirense 228

Zuleide Oliveira Monteiro de Castro

As calçolas da *mamma* 91

Um amigo soropositivo 264

Zulmira Carvalheiro

Circo-Teatro do Zé Coqueiro 149

História da prisão do nosso amigo 212



Mário de Andrade bêbado no bonde, um estouro da boiada em pleno bairro do Paraíso, aviões bombardeando o Centro de São Paulo, um jantar de rãs caçadas nos fundos de casa, um tanque de guerra esmagando um carro nos Jardins. E uma via pacata que um dia se tornou Rua Borboletas Psicodélicas. Parece fantasia, mas todas estas cenas fizeram parte do dia a dia na cidade.

As histórias reunidas neste livro também têm uma história. Era o ano de 2003, véspera do aniversário de 450 anos de São Paulo. Uma turma com paulistanos de de idades diversas e origens diferentes se encontrou online para compartilhar lembranças da Paulicéia. Uma história foi puxando outras e o resultado foi uma biografia caleidoscópica da cidade, registrando o cotidiano às vezes singelo, às vezes cruel, às vezes surreal da maior metrópole da América do Sul.

Este livro reúne as 164 melhores crônicas entre as mais de 8 mil publicadas online no projeto VIVA SÃO PAULO. Elas cobrem lembranças de eventos cotidianos acontecidos em São Paulo entre os anos de 1920 e 2000.

ISBN 978-65-06045-10-9



EBOOK - P